

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**UNIVERSIDADE DA BORGONHA (UB)
CENTRO DE CLIMATOLOGIA UMR CNRS 521/ DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
ESCOLA DE DOUTORADO *ENVIRONNEMENTS2SANTÉ* (E2S)**

TESE EM COTUTELA

IVANIRA FALCADE

A PAISAGEM COMO REPRESENTAÇÃO ESPACIAL

**A PAISAGEM VITÍCOLA COMO SÍMBOLO DAS INDICAÇÕES DE
PROCEDÊNCIA DE VINHOS DAS REGIÕES VALE DOS VINHEDOS, PINTO
BANDEIRA E MONTE BELO (BRASIL)**

PORTO ALEGRE, 2011

IVANIRA FALCADE

A PAISAGEM COMO REPRESENTAÇÃO ESPACIAL

**A PAISAGEM VITÍCOLA COMO SÍMBOLO DAS INDICAÇÕES DE
PROCEDÊNCIA DE VINHOS DAS REGIÕES VALE DOS VINHEDOS, PINTO
BANDEIRA E MONTE BELO (BRASIL)**

Tese apresentada em cotutela como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, e na *Escole Doctorale Environnements2Santé* da Universidade da Borgonha, Dijon, França.

Orientadora UFRGS: Profa. Dra. Rosa Maria Vieira Medeiros

Orientadora UB: Profa. Dra. Jocelyne Pérard

PORTO ALEGRE, 2011

Falcade, Ivanira

A paisagem como representação espacial: a paisagem vitícola como símbolo das indicações de procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo (Brasil). Ivanira Falcade. – Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2011.

[309 f.]. il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, Brasil, 2011.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Vieira Medeiros

Tese em cotutela com a Universidade da Borgonha. Centro de Climatologia UMR CNRS 521. Departamento de Geografia. Escola de Doutorado Environments2Santé (E2S). Dijon, França, 2011.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Jocelyne Pérard

1. Representação espacial. 2. Paisagem vitícola. 3. Indicações de procedência. 4. Vale dos Vinhedos-Pinto Bandeira-Monte Belo. 5. Enoturismo. I. Título.

Catálogo na Publicação
Biblioteca do Instituto de Geociências – UFRGS
Miriam Alves CRB 10/1947

IVANIRA FALCADE

A PAISAGEM COMO REPRESENTAÇÃO ESPACIAL

**A PAISAGEM VITÍCOLA COMO SÍMBOLO DAS INDICAÇÕES DE
PROCEDÊNCIA DE VINHOS DAS REGIÕES VALE DOS VINHEDOS, PINTO
BANDEIRA E MONTE BELO (BRASIL)**

Tese apresentada, em cotutela, como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, e na *Escole Doctorale Environnements2Santé* da Universidade da Borgonha, Dijon, França.

Banca Examinadora

Professor Dr. Gláucio MARAFON
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Parecerista/Examinador

Professor Dr. Roberto VERDUM
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – Examinador

Pesquisador Dr. Jorge TONIETTO
Embrapa Uva e Vinho, Bento Gonçalves – Examinador

Professor Dr. Yves BOUQUET
Universidade da Borgonha, Dijon – Examinador

Professora Dra. Jocelyne PÉRARD
Universidade da Borgonha, Dijon – Orientadora, Examinadora

Professora Dra. Rosa Maria Vieira MEDEIROS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Orientadora – Coordenadora

Professor Dr. Gérard BELTRANDO
Universidade Denis Diderot, Paris VII – Parecerista

PORTO ALEGRE, 1º DE JULHO DE 2011

CONFISSÃO

Venho começar a poda.
Venho inventar os cachos de uva
 com sol imenso
 dos primeiros meses do ano
Venho trançar as cestas de vime
 de todos os versos
Venho ativar em mim mesmo
a vindima que na palavra havia.
 Quero é colher
 com rústico ofício
 a uva pacífica
 e o múltiplo amor.

O nosso poema começou
aqui, onde o vento
anuncia a vindima.

Eis as uvas nos versos que faço.

Oscar Bettholdo, Bento Gonçalves, 1970

AGRADECIMENTOS

*"O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.
Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis".*

Fernando Pessoa

Faço minhas as palavras de Pessoa: agradeço a muitos, penso que a lista é infinita. Se esquecer de alguém, peço desculpas. Saibam todos, desde logo, que sou grata por tudo: incentivos, conselhos, críticas, apoio, colaboração, compreensão, reza, amizade, companheirismo, amor, enfim, tudo. E agradeço particularmente:

- à Professora Rosa Maria Vieira Medeiros, orientadora, por sua competência, pelos caminhos que indicou, pelas portas que abriu, pelo estímulo à cotutela; pelo companheirismo na visita à Cahors e nos seminários em Dijon, Paris, Toulouse e Le Mans; pela confiança e apoio, particularmente nos momentos mais difíceis; por acreditar que eu faria a “travessia”; por me respeitar como colega;
- à Professora Jocelyne Pérard, co-orientadora, pelo convite à cotutela e por ter viabilizado o estágio na Université de Bourgogne, pelas críticas que indicaram e corrigiram rumos, pelos trabalhos de campo, pelas oportunidades em Dijon e na França, abrindo portas importantes; por compartilhar seu conhecimento; pelo respeito e confiança, quando eu quase naufragava na dor;
- ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sua coordenação, meus professores Roberto Verdum e Nelson Rego, pelo incentivo; à secretária Zélia Zaghetto, pela colaboração; à Pró-reitoria de Pós-Graduação, especialmente, à Sub-reitora Lia Silva, pelo apoio na cotutela; aos colegas do curso, pelo estímulo e companheirismo;
- à Université de Bourgogne, à *Chaire UNESCO Culture et Traditions du Vin*, ao Centro de Climatologia, ao Departamento de Geografia, ao Instituto Jules Guyot, ao Programa de Doutorado E2S – Meio Ambiente e Saúde, pelo acolhimento e pela viabilidade da cotutela; aos professores Bernard Fontaine, Yves Boquet, Michèle Guilloux-Benatier, Jean Pierre Chabin, Maryvonne Perrot e aos colaboradores Olivier Jacquet e Michele

Dalby, e também Serge Grappin, pela atenção e apoio, por responderem as minhas infinitas perguntas;

- à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pelo apoio da bolsa para o estágio na França;
- ao Prof. Dr. Jean-Robert Pitte, da Université de Paris I, por abrir um espaço em sua agenda de reitor, pelo estímulo;
- à Universidade de Caxias do Sul, particularmente, às autoridades que contribuíram para meu estágio na França: Izidoro Zorzi, Reitor; José Clemente Pozenato, Pró-reitor de Pesquisa, e Maurício Silva, Coordenador de Pesquisa; Nilva Stédile, Pró-reitoria de Graduação; Silvana Marcon, Diretora do Centro de Ciências Humanas (Caxias do Sul); Bernardete Caprara, do Centro Ciências Humanas e Educação (Bento Gonçalves); Roberto Radunz, Chefe do Departamento de História e Geografia; Adriano Troleis, Sub-coordenador do Curso de Geografia; pelo apoio na licença remunerada;
- aos muitos professores que me substituíram nas aulas na UCS: Adriano Troleis, Bernardete Caprara, Gisele Laitano, Cícero Castelo Branco, Rozalia B. Torres, Siclério Ahlert, Antonio Nodari, Cecil Zinani, Liane Dorneles, Magda Colao, Margarete Lucca, Marília Conforto, Rogério Tessari, Vander Valduga, Vânia Herédia e Vitor Travi. Sem eles, não teria realizado o estágio na França; obrigada pelo apoio e colaboração, pela amizade e companheirismo, especialmente, os colegas do curso de Geografia;
- às (aos) alunas (os) do curso de Geografia da Universidade de Caxias do Sul, pelo incentivo e compreensão nas minhas ausências;
- aos colegas das pesquisas nas quais trabalho: Siclério Ahlert (UCS), Jorge Tonietto e Rosemary Hoff (Embrapa Uva e Vinho), meus anjos socorristas, pelo apoio, colaboração, críticas, companheirismo e amizade; Celito Guerra e Mauro Zanuz (Embrapa Uva e Vinho), Heinrich Hasenach (UFRGS), pelo incentivo e pelo apoio;
- às (aos) bolsistas nas pesquisas: Maurício Tusset, Jaqueline R. Schlindwein, Nara L.C.Franzen, Patrícia A. Bortoncello, Guilherme Menezes e Rafael M. Torri, pela colaboração, especialmente às *gurias* que se desdobraram com os mapas de uso e cobertura do solo;

- à Associação de Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), em especial a seu diretor-executivo Jaime Milan; à Associação de Produtores de Vinhos de Pinto Bandeira (ASPROVINHO); e à Associação dos Vitivinicultores de Monte Belo do Sul (APROBELO), e aos muitos vinicultores que forneceram informações, pela colaboração, apoio e estímulo;
- às empresas que aplicaram os questionários aos turistas: Casa de Madeira; Casa Valduga; Hotel Vila Michelin; Vinícola Battistello; Vinícola Cavaleri; Vinícola Chandon; Vinícola Cordelier; Vinícola Don Laurindo; Vinícola Marco Luigi; Vinícola Miolo; Vinícola Pizzato; Vinícola Valontano; Vinícola Geisse; Vinhedos, Vinhos e Pousada Don Giovanni (particularmente à Sra Beatriz Dreher Giovannini pelo empréstimo de fotografias da família); Vinícola Valmarino; Vinícola Calza;
- aos professores Julio Suzuki (USP), Herve Thery (USP/CNRS, França), Gláucio Marafon (UERJ), Marcos Aurélio Saquet (UNIOESTE), Paulo Luiz Zugno (UCS, pela tradução do latim); Martine Guibert (Toulouse-Le Mirail), amigos conhecidos, pelo estímulo ; ao professor Carlos Murad (UFRJ), aos pesquisadores Giuliano E. Pereira (CPTSA) e Áurea Breitbach (FEE-RS) e a estudante Mariana Oliveira (UNICAMP), pela colaboração;
- às irmãs e irmãos do coração, Angela e *Giovani* (Castogiovanni), Elisa Rodrigues, Jorge Tonietto, Tetê Mazzon, Valdeni Zani, e às outras amigas e amigos, pelo apoio, incentivo, amor e até reza forte; à família Medeiros, especialmente, ao Antonio, a Cris, a Aline e ao Raphael, pelo carinho e incentivo;
- à família Falcade: mãe, irmãs, irmãos/cunhadas, sobrinhos, pelo apoio, carinho, compreensão, amor e reza muuuuito forte, fundamentais na minha vida;
- ao Miguel Brito (*in memorian*), onde sua alma estiver, minha gratidão pelo encorajamento e apoio ao doutorado, por nosso amor e pelo companheirismo nos oito anos em que compartilhamos a vida (com boas taças de vinho ...).

NOTA EXPLICATIVA

A tese tem sua estrutura principal elaborada segundo as normas definidas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, local da sua defesa. No entanto, como foi desenvolvida em cotutela, tem uma segunda versão, um pouco reduzida no texto, mas com as ilustrações e organização adaptada às normas da Universidade da Borgonha.

A divisão administrativa do Brasil tem dois níveis principais: os estados e os municípios (equivalentes às regiões e aos departamentos da França), e a administração localizada na cidade que há em cada município. Os municípios podem (ou não) ser divididos em distritos, que tem uma vila, e ter também comunidades na área rural. Na versão em francês, os nomes próprios de lugares, os gentílicos e os nomes de organismos públicos foram mantidos em português, assim como as palavras que não possuem uma versão com sentido igual, como, por exemplo:

- ❖ Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira, Monte Belo;
- ❖ Gaúcho, Catarinense;
- ❖ Espumante: tipo de vinho efervescente, elaborado segundo o método tradicional ou o método *charmat*;
- ❖ Espumante Moscatel: tipo de vinho efervescente, elaborado segundo o método Asti e a partir de variedades Moscatel;
- ❖ Portaria: norma legal do tipo decreto, assinado por ministro;

A lista de abreviaturas apresenta o significado em português e, em francês, na versão da tese. Quando usado por extenso no texto, foi mantida a grafia em português. As ilustrações estão divididas em figuras, fotos/croquis, gráficos, mapas, quadros e tabelas, sendo sua numeração independente e identificada na lista correspondente. As citações em outro idioma foram traduzidas para o português e o original em nota de rodapé, como ocorreu, inversamente, na tese em francês.

A bibliografia foi redigida segundo o documento Recomendações da Biblioteca do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, baseadas nas Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT - NBR 6023, 6028, 14724, entre outras, incluindo as atualizações de 2011), tendo sido mantida essa formatação também no texto em francês.

A PAISAGEM COMO REPRESENTAÇÃO ESPACIAL

A PAISAGEM VITÍCOLA COMO SÍMBOLO DAS INDICAÇÕES DE PROCEDÊNCIA DE VINHOS DAS REGIÕES VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO (BRASIL)

RESUMO

O tema da tese é a paisagem em sua especificidade vitícola, analisada como representação espacial no processo de construção do espaço geográfico da vitivinicultura e no uso da imagem da paisagem vitícola como imagem espacial dos vinhos das regiões das Indicações de Procedência (IP's) Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, Brasil. O objetivo foi explicar a paisagem vitícola como representação espacial das regiões e analisar a imagem da paisagem vitícola como símbolo espacial para os vinhos das IP's, cujas bases teóricas estão na Geografia Crítica e na Geografia Cultural. A organização do espaço geográfico das regiões das IP's insere-se no contexto da colonização italiana, da qual a vitivinicultura é elemento cultural. O desenvolvimento da vitivinicultura regional levou à implementação de IP's e ao uso de imagens de paisagens vitícolas, pelas associações de produtores, para construir o vínculo espaço/região-topônimo-vinho. A análise das paisagens das regiões revelou seis tipos e um subtipo em duas formas de paisagens vitícolas tradicionais e cinco tipos de paisagens vitícolas modernas, incluindo elementos emblemáticos naturais e construídos, entre os quais se destaca a *Araucaria angustifolia* e o uso do *Platanus acerifolia* para sustentar os vinhedos, herança da tradição vitícola etrusca. A análise das imagens de paisagens vitícolas usadas pelas associações evidenciou que há diferenças significativas sendo, a maioria, de paisagens vitícolas tradicionais. As associações das IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo estabeleceram vínculos diretos entre espaço/vinho/paisagem, mas não IP Pinto Bandeira. A pesquisa evidenciou que a paisagem vitícola é um símbolo representacional do espaço regional e do vinho das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo.

Palavras-chave: Paisagem Vitícola, Representação Espacial, Região, Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo.

LE PAYSAGE COMME REPRÉSENTATION SPACIALE

LE PAYSAGE VITICOLE COMME SYMBOLE DES INDICATIONS DE PROVENANCE DES VINS DES RÉGIONS VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA ET MONTE BELO (BRÉSIL)

RÉSUMÉ

Le sujet de cette thèse est le paysage dans sa spécificité viticole analysée comme représentation spatiale dans le processus de construction de l'espace géographique de la vitiviniculture et aussi dans l'utilisation des images du paysage viticole comme l'image spatiale des vins des régions des Indications de Provenance (IP's) Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira et Monte Belo (Brésil). Les sources théoriques sont en lien avec la Géographie Critique et la Géographie Culturelle. L'objectif a été d'expliquer le paysage viticole comme représentation spatiale des régions et d'analyser l'image du paysage viticole comme symbole spatial pour les vins des IP's. L'organisation de l'espace géographique des régions de IP's s'insère dans le contexte de la colonisation italienne. Le développement de la vitiviniculture régionale a occasionné des conditions de mise en œuvre des IP's, dont les associations de producteurs ont utilisé des images de paysages viticoles pour construire le lien espace-région-toponyme-vin. L'analyse des paysages a révélé six types et un sous-type avec deux formes de paysages viticoles traditionnels et cinq types de paysages viticoles modernes, y compris les éléments emblématiques naturels et construits, entre lesquels se remarquent l'*Araucaria angustifolia*, et l'usage des *Platanus acerifolia* pour soutenir les vignobles, héritage de la tradition viticole étrusque. L'analyse des images des paysages viticoles utilisées par les associations a montré qu'il y a des différences significatives et la majorité sont paysages viticoles traditionnels. Les IP Vale dos Vinhedos et IP Monte Belo ont établi des liaisons directes entre espace-vin-paysage, mais non celle de IP Pinto Bandeira. La recherche a montré que le paysage viticole est un symbole de la représentation de l'espace régional et du vin des IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira et Monte Belo.

Mots-clés: Paysage viticole, Représentation Spaciale, Région, Indications de Provenance Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira et Monte Belo.

THE LANDSCAPE AS A SPATIAL REPRESENTATION

THE LANDSCAPE OF VINEYARD AS SPATIAL SYMBOL FOR GEOGRAPHICAL INDICATION OF THE WINES RÉGIONS VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA AND MONTE BELO (BRAZIL)

ABSTRACT

The theme of this thesis is the landscape in its specificity vineyard analyzed as a spatial representation in the building process of the geographical area of viticulture growing and the use of image of vineyard landscape as spatial landscape of the wine of the regions of Geographical Indication (GI's) Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira and Monte Belo, Brazil. The objective was to explain the use of vineyard landscape as spatial representation and the images of vineyard landscape as spatial symbol for the wines of GI's. The theoretical sources to analyze are related to the Critical geography and with the Cultural geography. The organization of the geographic area of the regions of GI's comes within the context of the Italian colonization process in which its culture was part of the cultivation of vines. The vineyard regional industry development took the conditions of implementation of GI's, whose producers associations begun to use images of landscape wine to build wine-region-toponym. The landscape analysis revealed six types of traditional wine-growing landscapes and a subtype of landscapes and five types of modern wine landscapes, occurring in both natural and constructed features characteristic among these was the *Araucaria angustifolia* and the use of *Platanus acerifolia* in support of the vineyards, and is the Etruscan wine growing tradition. The analysis of the landscape vine images used by associations showed that there are significant differences; the most are images of traditional vine landscape. The association of GI's Vale dos Vinhedos and Monte Belo established direct links of wine-region- landscape, but not IG Pinto Bandeira. The survey showed that landscape is a representational symbol of regional area and of the wine of GI's from Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira and Monte Belo.

Keywords: Vineyard Landscape, Representation Spatial, Region, Geographical Indication of Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira and Monte Belo.

LISTA DE SIGLAS

SIGLA	SIGNIFICADO
ABE	Associação Brasileira de Enologia
ACAVITIS	Associação Catarinense dos Produtores de Vinhos Finos de Altitude
ADPIC	Acordo Relativo aos Aspectos do Direito da Propriedade Intelectual Relacionados com o Comércio
AGAVI	Associação Gaúcha dos Viticultores
APROBELO	Associação dos Vitivinicultores de Monte Belo do Sul
APROVALE	Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos
ASCAR	Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
ASPROVINHO	Associação dos Produtores de Vinhos de Pinto Bandeira
BG	Bento Gonçalves
BR	Brasil
CERVIM	Centro di Ricerca, Studi, Salvaguardia, Coordinamento e Valorizzazione per la Viticoltura Montana
CIG	Coordenadoria de Incentivo à IG de Produtos Agropecuários
DO	Denominação de Origem
DPITA	Departamento de Propriedade Intelectual e Tecnologia Agropecuária
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA UVA E VINHO	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro Nacional de Pesquisa em Uva e Vinho
FA	Farroupilha
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
FECOVINHO	Federação das Cooperativas de Vinho do RS
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos (Ministério de Ciência e Tecnologia)
FUNDOVITIS	Fundo de Desenvolvimento da Vitivinicultura do RS
GA	Garibaldi
GATT	Acordo Geral de Tarifas e Troca
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAVIN	Instituto Brasileiro do Vinho
IG (IG's)	Indicação Geográfica (Indicações Geográficas)
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
IP (IP's)	Indicação de Procedência (Indicações de Procedência)
IPMB	Indicação de Procedência Monte Belo (em estudo)
IPPB	Indicação de Procedência Pinto Bandeira
IPVV	Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MB	Monte Belo

MBS	Município de Monte Belo do Sul
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OIV	Organização Internacional da Uva e do Vinho
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMPI	Organização Mundial da Propriedade Intelectual
PB	Pinto Bandeira
RCI	Região Colonial Italiana (Região de Colonização Italiana) no NE do RS
RS	Rio Grande do Sul
SAPPA	Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio
SDC	Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo
SIG	Sistema de Informações Geográficas
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TRIPS	Agreement on Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights
UB	Université de Bourgogne
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UVIBRA	União Brasileira de Vitivinicultura
VV	Vale dos Vinhedos

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Grupos climáticos	62
FIGURA 2	Região da IP Vale dos Vinhedos: os lotes coloniais na paisagem	70
FIGURA 3	Certificado de premiação de vinhos da Vinícola Dreher na exposição agroindustrial do Rio de Janeiro, 1919	78
FIGURA 4	Topoclimas da viticultura na Serra Gaúcha	143
FIGURA 5	Representações de videiras sustentadas por tutores vivos: frisa da casa <i>Vettii</i> , em Pompéia	204
FIGURA 6	Representações de videiras sustentadas por tutores vivos: <i>Autumn: harvest in Sorrento</i> de Jacob Philipp Hackert	204
FIGURA 7	Representações de videiras sustentadas por tutores vivos: Ilustrações de Aldo Borgonzoni	204
FIGURA 8	Representações de videiras sustentadas por tutores vivos: Ilustrações de Aldo Borgonzoni	204
FIGURA 9	Identificação das folhas das espécies de plátanos	206
FIGURA 10	Capa do primeiro folheto da APROVALE	232
FIGURA 11	Capa do segundo folheto da APROVALE	232
FIGURA 12	Logomarca da APROVALE	232
FIGURA 13	Selo da IPVV	232
FIGURA 14	Foto disponível na página da APROVALE na internet	232
FIGURA 15	Capas do segundo folheto da ASPROVINHO	236
FIGURA 16	Primeira logomarca da ASPROVINHO	236
FIGURA 17	Capa e partes internas do terceiro folheto da ASPROVINHO	236
FIGURA 18	Logomarca atual da ASPROVINHO	236
FIGURA 19	Selo da IPPB	236
FIGURA 20	Capa do folheto da APROBELO	240
FIGURA 21	Parte interna do folheto da APROBELO	240
FIGURA 22	Logomarca e selo utilizados pelas vinícolas e pela APROBELO	240

LISTA DE FOTOS E CROQUIS

FOTO 1	Lote 43 da Linha Leopoldina, Vale dos Vinhedos	70
FOTO 2, 3, 4 e 5	Bento Gonçalves e vinhedos no entorno da cidade	82
FOTOS 6, 7, 8 e 9	Paisagens fechadas nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Banderia e Monte Belo	187
FOTO 10 e CROQUI 1	Paisagem vitícola tradicional tipo 1	191
FOTO 11 e CROQUI 2	Paisagem vitícola tradicional tipo 2	192
FOTO 13 e CROQUI 3	Paisagem vitícola tradicional tipo 3	193
FOTO 13 e CROQUI 4	Paisagem vitícola tradicional tipo 3	194
FOTO 14 e CROQUI 5	Paisagem vitícola tradicional tipo 3	195
FOTO 15 e CROQUI 6	Paisagem vitícola tradicional tipo 4	196
FOTO 16 e CROQUI 7	Paisagem vitícola tradicional tipo 5	197
FOTO 17 e CROQUI 8	Paisagem vitícola tradicional tipo 6	198
FOTOS 18, 19 e 20	Paisagens da viticultura tradicional: sustentação dos vinhedos com taipas, pilares em pedra e com plátanos	200
FOTOS 21, 22, 23 e 24	Paisagem da viticultura tradicional: vinhedos sustentados por tutores vivos com plátanos	201
FOTOS 25, 26, 27, 28 e 29	Paisagens vitícolas tradicionais nas regiões dos vinhos Asprinio de Aversa (Itália) e Vinhos Verdes (Portugal)	205
FOTO 30	IP Vale dos Vinhedos: paisagem vitícola tradicional sustentada por plátanos nas encostas da Linha Leopoldina; em primeiro plano, folhas do <i>Platanus acerifolia</i>	206
FOTOS 31, 32, 33, 34 e 35	Paisagens vitícolas em mosaico com outras frutíferas na região da IP Pinto Bandeira	208
FOTOS 36, 37 e 38	Paisagens vitícolas tradicionais com elementos construtivos e frutíferas no entorno dos vinhedos	209

FOTO 39 e CROQUI 9	Paisagem vitícola moderna tipo 1	211
FOTO 40 e CROQUI 10	Paisagem vitícola moderna tipo 2	212
FOTO 41 e CROQUI 11	Paisagem vitícola moderna tipo 3	213
FOTO 42 e CROQUI 12	Paisagem vitícola moderna tipo 4	214
FOTO 43 e CROQUI 13	Paisagem vitícola moderna tipo 5	215
FOTOS 44, 45, 46, 47, 48 e 49	Paisagens da viticultura moderna: ciência, tecnologia e mão-de-obra qualificada	217
FOTOS 50, 51, 52, 53 e 54	Paisagens da viticultura moderna: tecnologia e modernidade com tradição nas vinícolas	218
FOTOS 55, 56, 57 e 58	Paisagens da Cote D'Or, Borgonha, França	220
FOTOS 59, 60, 61 e 62	Paisagem vitícola em transformação: a evolução da vitivinicultura no espaço e na paisagem (Vale dos Vinhedos)	222
FOTOS 63, 64, 65, 66 e 67	Paisagens vitícola tradicional que se transforma em moderna e os sítios arqueológicos	223
FOTOS 68, 69, 70 e 71	A percepção de paisagens vitícolas e a relação com a escala do espaço observado	224
FOTOS 72, 73, 74, 75, 76 e 77	Paisagem vitícola e outros elementos do patrimônio natural e construído ..	226
FOTOS 78, 79, 80, 81, 82, 83 e 84	A vitivinicultura em representações simbólicas nas regiões das IP's	230
FOTOS 85, 86, 87 e 88	Enoturismo nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo	243

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Uvas processadas pelas empresas do Rio Grande do Sul, milhões kg, 2004-2009	106
GRÁFICO 2	Vinhos e derivados elaborados no Rio Grande do Sul, milhões de litros, 2004-2009	106
GRÁFICO 3	Comercialização de vinhos por empresas do Rio Grande do Sul, milhões de litros, 2004-2009	106
GRÁFICO 4	Comercialização de vinhos finos e espumantes por empresas do Rio Grande do Sul, por categoria, período 2004-2009	107
GRÁFICO 5	Precipitação pluviométrica total (P mm) e temperaturas mínima, média e máxima do ar (T °C) na rede de postos meteorológicos da Embrapa Uva e Vinho, Bento Gonçalves, médias de 1987 a 2008	140
GRÁFICO 6	Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: renda familiar mensal dos visitantes (%), 2010	247
GRÁFICO 7	Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: fonte de informações sobre o local da visita (%), 2010	247
GRÁFICO 8	Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: conhecimento prévio das paisagens das regiões (%), 2010	248
GRÁFICO 9	Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: ordem de importância de alguns fatores na escolha do destino turístico (%), 2010	248
GRÁFICO 10	Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: imagem associada ao vinho (%), 2010	249

LISTA DE MAPAS

MAPA 1	Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo no contexto da Serra Gaúcha	28
MAPA 2	Zonas vitícolas temperadas e localização das regiões estudadas no contexto climático mundial	61
MAPA 3	Brasil: principais estados de introdução e distribuição de <i>Vitis vinifera</i> , séculos XVI a XX, segundo Inglês de Sousa	64
MAPA 4	Brasil: regiões brasileiras produtoras de uvas de vinhos finos, 2010	96
MAPA 5	RS: hipsometria e localização das regiões vitivinícolas	100
MAPA 6	RS: temperatura média anual	100
MAPA 7	RS: pluviosidade média anual	100
MAPA 8	Système CCM Géoviticole : Indice Héliothermique (IH), Rio Grande do Sul, Brésil	101
MAPA 9	Système CCM Géoviticole : Indice de Sécheresse (IS), Rio Grande do Sul, Brésil	101
MAPA 10	Rio Grande do Sul: área de vinhedos (ha), 2009	105
MAPA 11	Rio Grande do Sul: valor da produção da uva (mil R\$), 2009	105
MAPA 12	Serra Gaúcha: contexto morfológico das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo	117
MAPA 13	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: localização, limites e vinícolas, 2010	124
MAPA 14	Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: localização, limites e vinícolas, 2010	125
MAPA 15	Região da Indicação de Procedência Monte Belo: localização, limites e vinícolas, 2010	126
MAPA 16	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: altimetria	130
MAPA 17	Região da Indicação de Procedência Pinto: altimetria	131
MAPA 18	Região da Indicação de Procedência Monte Belo: altimetria	132
MAPA 19	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: declividade	133
MAPA 20	Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: declividade	134
MAPA 21	Região da Indicação de Procedência Monte Belo: declividade	135

MAPA 22	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: orientação das vertentes	136
MAPA 23	Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: orientação das vertentes ...	137
MAPA 24	Região da Indicação de Procedência Monte Belo: orientação das vertentes	138
MAPA 25	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: distribuição da temperatura mínima estimada, período 1987-2008	144
MAPA 26	Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: distribuição da temperatura mínima estimada, período 1987-2008	145
MAPA 27	Região da Indicação de Procedência Monte Belo: distribuição da temperatura mínima estimada, período 1987-2008	146
MAPA 28	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: distribuição da temperatura média estimada, período 1987-2008	147
MAPA 29	Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: distribuição da temperatura média estimada, período 1987-2008	148
MAPA 30	Região da Indicação de Procedência Monte Belo: distribuição da temperatura média estimada, período 1987-2008	149
MAPA 31	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: distribuição da temperatura máxima estimada, período 1987-2008	150
MAPA 32	Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: distribuição da temperatura máxima estimada, período 1987-200	151
MAPA 33	Região da Indicação de Procedência Monte Belo: distribuição da temperatura máxima estimada, período 1987-2008	152
MAPA 34	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: uso e cobertura do solo, 2005	156
MAPA 35	Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: uso e cobertura do solo, 2007	157
MAPA 36	Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: uso e cobertura do solo, 2005	158
MAPA 37	Vale dos Vinhedos: distribuição dos lotes coloniais	227

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Marcos no cultivo de <i>Vitis vinifera</i> , na produção e mercado dos vinhos na região da Serra Gaúcha	91
QUADRO 2	Legislação sobre a vitivinicultura em nível estadual e nacional	92
QUADRO 3	Rio Grande do Sul: início dos principais eventos da vitivinicultura regional	92
QUADRO 4	Rio Grande do Sul: organização setorial da vitivinicultura	93
QUADRO 5	Evolução institucional do ensino e pesquisa vitivinícola no Rio Grande do Sul	94
QUADRO 6	Área do recorte para localização das IP's: coordenadas geográficas e UTM ..	121
QUADRO 7	Classes de declividade e formas de relevo	121
QUADRO 8	Classes e orientação das vertentes	121
QUADRO 9	Classificação das paisagens vitícolas das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, com base em Joliet e Carbonneau & Cargnello	188
QUADRO 10	Elementos e tipologia das paisagens vitícolas das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo	188

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Locais e nº de questionários para levantamento de informações com turistas, 2010	34
TABELA 2	Brasil: viticultura, 2005-2009	95
TABELA 3	Campanha: Campanha: área de vinhedos (ha), produção (t) e valor da produção de uvas (R\$), 2009	107
TABELA 4	Serra do Sudeste: área de vinhedos (ha), produção (t) e valor da produção de uvas (R\$), 2009	108
TABELA 5	Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi e Monte Belo do Sul: área (ha), produção (t) e valor da produção (R\$) da lavoura, 2009	109
TABELA 6	Número de empregados no ramo de bebidas, classe de atividade econômica fabricação de vinho, nos municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi e Monte Belo do Sul, 2009	110
TABELA 7	Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi e Monte Belo do Sul: valor adicionado bruto, por setor e PIB, 2007 (mil reais e %)	110
TABELA 8	IP's Vale dos Vinhedos, Pinto bandeira e Monte Belo: altitude (m), por classe (ha e %)	128
TABELA 9	IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: declividade (%), por classe de área (ha e %)	129
TABELA 10	IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: orientação das vertentes, por classe de área (ha e %)	129
TABELA 11	IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: temperatura mínima anual estimada (°C), por classe de área (ha e %), a partir de observações no período 1987 a 2008	141
TABELA 12	IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: temperatura média anual estimada (°C), por classe de área (ha e %), a partir de observações no período 1987 a 2008	142
TABELA 13	IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: temperatura máxima anual estimada (°C), por classe de área (ha e %), a partir de observações no período 1987 a 2008	142
TABELA 14	IP's Vale dos Vinhedos (2005), Pinto Bandeira (2007) e Monte Belo (2005): uso e cobertura do solo por classe de área (ha e %)	153
TABELA 15	IP Vale dos Vinhedos: fundação das vinícolas da APROVALE, período 1931-2010	164
TABELA 16	IP Vale dos Vinhedos: filiação das vinícolas na APROVALE, período 1995-2010	165

TABELA 17	IP Vale dos Vinhedos: vinícolas, produção total de vinhos finos de associados da APROVALE, volume de vinhos com solicitação e volume de vinhos aprovados para a Indicação de Procedência, em litros, período 2001-2010 ...	166
TABELA 18	IP Vale dos Vinhedos: premiações de vinhos de vinícolas da APROVALE, em concursos internacionais, no exterior, período 1995-2009	167
TABELA 19	IP Vale dos Vinhedos: vinhos de vinícolas da APROVALE, premiados em concursos internacionais, no exterior, período 2002-2009	167
TABELA 20	IP Vale dos Vinhedos: estimativa de visitantes, período 2001-2009	169
TABELA 21	IP Vale dos Vinhedos: notícias sobre vitivinicultura e enoturismo, em jornais e revistas impressos, segundo o local de impressão, período 1995-2002	170
TABELA 22	IP Pinto Bandeira: premiações de vinhos de vinícolas da ASPROVINHO, em concursos internacionais, no exterior, período de 1995-2009	174
TABELA 23	IP Pinto Bandeira: visitantes recebidos nas vinícolas, período 2000-2010	175
TABELA 24	Região da IP Vale dos Vinhedos: imagem associada à identidade do vinho, pelos turistas, 2010	252
TABELA 25	Região da IP Vale dos Vinhedos: paisagens, mudanças e a referência espacial do vinho, 2010	253
TABELA 26	Região da IP Pinto Bandeira : paisagem associada à identidade do vinho, pelos turistas, 2010	254
TABELA 27	Região da IP Pinto Bandeira: paisagens, mudanças e a referência espacial do vinho, 2010	255
TABELA 28	Região da IP Monte Belo do Sul: imagem associada à identidade do vinho, pelos turistas, 2010	256
TABELA 29	Região da IP Monte Belo: paisagens, mudanças e referência espacial do vinho, 2010	257

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
1.1	METODOLOGIA	29
2	REFERENCIAL TEÓRICO	37
2.1	INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: CRIANDO UM TIPO PARTICULAR DE REGIÃO	51
3	A VITIVINICULTURA E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	59
3.1	INTRODUÇÃO	59
3.2	PANORAMA GERAL DA VITIVINICULTURA BRASILEIRA: DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XX	63
	3.2.1 A Vitivinicultura no Estado do Rio Grande do Sul, em Particular na Região da Serra Gaúcha (Século XIX e XX)	67
	3.2.1.1 Primeiro período: a policultura	76
	3.2.1.2 Segundo período: a expansão da vitivinicultura	79
	3.2.1.3 Terceiro período: a especialização da vitivinicultura	83
	3.2.1.4 Quarto período: a espacialização da vitivinicultura	87
3.3	REGIÕES BRASILEIRAS PRODUTORAS DE UVAS PARA VINHOS FINOS ATUAIS	94
3.4	SÍNTESE DAS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DAS INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS PARA VINHOS	112
4	AS INDICAÇÕES DE PROCEDÊNCIA PARA VINHOS VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO	115
4.1	DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO	116
	4.1.1 Metodologia da Delimitação e Caracterização das Regiões das IP's	117
	4.1.2 Caracterização das Regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo	123
4.2	IMPLEMENTAÇÃO DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS E PINTO BANDEIRA	159
	4.2.1 Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos	163
	4.2.2 Indicação de Procedência Pinto Bandeira	173

4.2.3	Indicação de Procedência Monte Belo (em estudo)	175
4.3	TRANSFORMAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DAS REGIÕES DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS E PINTO BANDEIRA	176
5	AS PAISAGENS VITÍCOLAS DAS REGIÕES DAS INDICAÇÕES DE PROCEDÊNCIA VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO	182
5.1	LER A PAISAGEM VITÍCOLA	182
5.2	AS PAISAGENS VITÍCOLAS DAS REGIÕES DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO	185
5.2.1	Tipologia da Paisagem Vitícola nas Regiões das IP's	188
5.2.1.1	Paisagens vitícolas tradicionais	189
5.2.1.2	Paisagens vitícolas modernas	210
6	AS PAISAGENS VITÍCOLAS COMO SIMBOLO DAS INDICAÇÕES DE PROCEDÊNCIA VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO	231
6.1	AS PAISAGENS VITÍCOLAS E A CONSTRUÇÃO DE UM SÍMBOLO	231
6.2	O ENOTURISMO, A PAISAGEM VITÍCOLA E A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DAS IP'S	242
7	CONCLUSÕES, PERSPECTIVAS, RECOMENDAÇÕES	258
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	265
	APÊNDICES	299
	APÊNDICE A – ORIENTAÇÕES PARA A PESQUISA SOBRE ENOTURISMO	300
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA SOBRE ENOTURISMO	301
	ANEXOS	303
	ANEXO 1 – MAPA 38 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: geologia	304
	ANEXO 2 – MAPA 39 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: geologia	305
	ANEXO 3 – MAPA 40 - Região da Indicação de Procedência Monte Belo: geologia	306
	ANEXO 4 – MAPA 41 - Levantamento Semidetalhado de Solos. Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos	307
	ANEXO 5 – MAPA 42 - Levantamento Semidetalhado de Solos. Indicação de Procedência Pinto Bandeira	308
	ANEXO 6 – MAPA 43 - Levantamento Semidetalhado de Solos. Indicação de Procedência Monte Belo	309

1 INTRODUÇÃO

O objeto da tese é a paisagem como representação espacial, analisada no processo de construção do espaço geográfico da vitivinicultura e no uso da paisagem vitícola como imagem espacial dos vinhos das regiões das Indicações de Procedência (IP's) Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, Brasil.

Pesquisas sobre a vitivinicultura, no âmbito da Geografia, são frequentes em diversos países da Europa, como, por exemplo, na França, na Itália, na Espanha e em Portugal. Existem pesquisas, inclusive, sobre a paisagem, mas poucas sobre a construção da imagem espacial de uma indicação geográfica. Estudos sobre a vitivinicultura brasileira são mais numerosos do ponto de vista agrônomo e enológico. Contudo, à medida que a vitivinicultura brasileira organizou espaços, construiu territórios, instituiu uma cultura, em que cresceu a importância socioeconômica e os produtos alcançaram qualidade e reconhecimento nacional e internacional, os estudos da geografia da vitivinicultura brasileira aumentaram. Entretanto, ainda é novo o estudo da paisagem vitícola relacionada ao seu uso na construção de uma imagem espacial para vinhos de indicações geográficas¹.

A vitivinicultura foi trazida ao Brasil no século XVI, pelos portugueses no lado marítimo e, pelos espanhóis, no lado continental. Entre os séculos XVI a XVIII, os portugueses cultivaram videiras, nos estados de São Paulo, Pernambuco e Bahia; os espanhóis, no Paraná e Rio Grande do Sul. Esta viticultura era para consumo próprio e da Igreja. No século XIX, com o Brasil independente e a vinda de imigrantes - primeiro alemães, depois italianos - a viticultura adquiriu relevância. Essa viticultura construiu territórios, deixou marcas na paisagem. Em alguns locais, essas marcas são mais significativas, como nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo, do Paraná, do Espírito Santo, onde esses imigrantes se fixaram. Em outros estados a influência foi menor. No nordeste do Rio Grande do Sul, na região da Serra Gaúcha a vitivinicultura teve seu maior crescimento, com

¹ O conceito aqui é usado no sentido da legislação brasileira, que define dois tipos de Indicações Geográficas: as Indicações de Procedência e as Denominações de Origem, conforme será detalhado posteriormente.

importância econômica para milhares de produtores. Nesse contexto, localizam-se as indicações de procedência para vinhos Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira, e a área em estudo para implementação de uma IP para vinhos Monte Belo, *locus* de análise da tese.

A escolha do tema da paisagem vitícola das indicações geográficas para este estudo está associada, também, a uma trajetória pessoal, de vida e de trabalho. Como bisneta de imigrantes italianos, agricultores da região do Vêneto, e neta de pequenos agricultores de Bento Gonçalves e Cotiporã, tive a vinha e o vinho como parte da minha vida, desde criança. Minha primeira lembrança de um vinhedo está relacionada ao período que tinha quatro anos. Num domingo, antes do almoço, o *nonno*² Luiz me convidou para acompanhá-lo, pois iria até a roça, verificar se as uvas estavam maduras para a colheita. Lá, ele me ensinou a primeira lição sobre a diferença entre uva para vinho e uva para comer. A segunda lembrança é a enorme família reunida nos almoços e jantares, onde os adultos tomavam *un bicier de vino*³. Nós, as crianças... só podíamos tomar enquanto ‘o vinho era doce’⁴. Fui crescendo e meus pais continuaram a me ensinar o consumo saudável do vinho.

Na escola, as referências ao mundo do vinho sempre estiveram presentes, no contexto regional. Depois, na universidade, este mundo se ampliou, ganhou a escala internacional e a identidade rural encontrou guarida na Geografia Agrária. E como não há agricultura sem olhar para o céu (entre outras coisas), o professor Gilberto Lazare da Rocha orientou-me na ligação dos dois. Fiz, então, minha primeira pesquisa: “A influência da insolação sobre a qualidade da uva”⁵. Alguns anos depois, decorrente desta pesquisa desenvolvi, na Cooperativa Vinícola Aurora, o mapa de uso do solo com viticultura da região do Vale Aurora (Bento Gonçalves), trabalho que contribuiu para a exportação de vinhos para os EUA.

Logo, comecei a trabalhar na Universidade de Caxias do Sul. No início ministrava aulas, mas a convite de colegas participei de uma pesquisa sobre o

² Avô, em italiano.

³ Copo de vinho, em italiano.

⁴ Na região, vinho doce é o mosto da uva que ainda não fermentou ou está no início do processo de fermentação, isto é, sem ou com pouco álcool. Não é vinho com adição de açúcar, é natural.

⁵ Monografia realizada como exigência parcial para o Curso de Bacharel em Geografia, então denominado Trabalho de Graduação (de conclusão).

espaço rural da região, o que iniciou uma especificidade na vida profissional: a pesquisa sobre a vitivinicultura brasileira. A constituição do MERCOSUL e a necessidade de definição e mapeamento das regiões vitivinícolas brasileiras para a Norma Vitivinícola, me levaram a pesquisar em parceria com o Dr. Jorge Tonietto (Embrapa Uva e Vinho) e, na sequência, a desenvolver o tema das indicações geográficas para vinhos. Os vínculos com o mundo da uva e do vinho se aprofundaram, se ampliaram e, há 10 anos, resgataram um aspecto que sempre foi muito especial: a paisagem. Assim, o tema do mestrado esteve relacionado às indicações geográficas (IG's) e o doutorado só poderia ser o da paisagem vitícola.

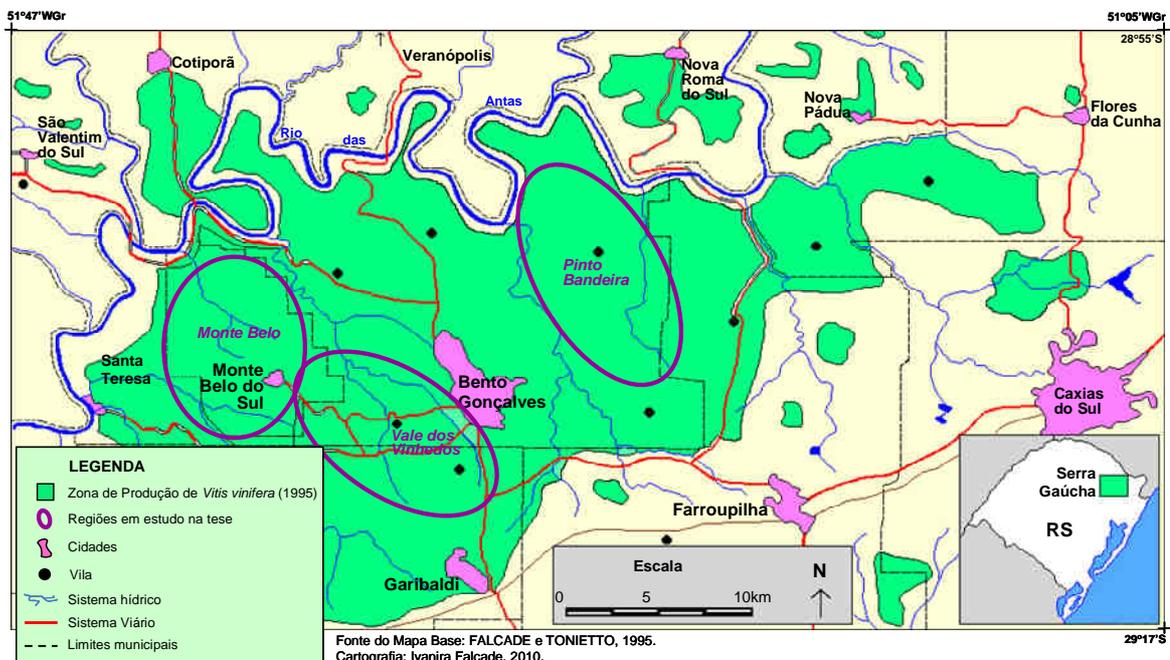
No processo de construção desta tese, o estágio na Universidade da Borgonha, em Dijon/França, foi de particular importância, em razão da reflexão feita com diversos professores, do acesso ao acervo das bibliotecas e à realização de trabalhos de campo, para identificar e analisar paisagens vitícolas. A experiência de mergulhar numa realidade onde o mundo da vinha e do vinho é intrínseco àquela sociedade me proporcionou o distanciamento necessário da área de estudo, para compreendê-la com mais profundidade, para vê-la noutra perspectiva.

O tema da tese é a paisagem, em sua especificidade vitícola, nas regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira, e na área em estudo para implementação de uma indicação de procedência para vinhos Monte Belo, localizadas em parte dos municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi, Monte Belo do Sul e Farroupilha (Mapa 1). Do ponto de vista temporal, a contextualização reflete a introdução/expansão da vitivinicultura no Brasil, mas a análise das áreas específicas compreende o período de 1995 a 2010. As IG's de vinhos são somente de produtos elaborados a partir de variedades *Vitis vinifera*, isto é, aqueles denominados vinhos finos⁶, mas a vitivinicultura com outras espécies também faz parte da análise.

⁶ Segundo a legislação brasileira, vinho é a bebida obtida pela fermentação alcoólica do mosto de uva sã, fresca e madura. O vinho fino é obtido de variedades de *Vitis vinifera* do grupo nobre e o vinho de mesa é obtido a partir de quaisquer variedades, ambos com volume alcoólico entre 8,6% e 14%. Os vinhos podem ser genéricos ou varietais. Os vinhos genéricos são obtidos de cortes de diferentes variedades, enquanto que os vinhos varietais são aqueles que, na sua composição, apresentam preponderância ou totalidade da variedade indicada. Quanto à cor, os vinhos podem ser tintos, rosados ou brancos; quanto aos teores de açúcar residual, variam desde secos a doces. Os vinhos espumantes naturais são aqueles que sofrem uma segunda fermentação alcoólica em garrafa (método tradicional) ou em grande recipiente (método *charmat*), tendo um mínimo 4 atmosferas e de 10 a 14% de álcool. Podem ser brancos e rosados e de secos a doces. O vinho moscatel espumante é resultado de uma única fermentação alcoólica do mosto de uvas moscateis, em garrafa ou grande recipiente, pelo método Asti, com mínimo de 20g de açúcar residual, o que lhe confere a característica doce, com um mínimo 4 atmosferas e de 7 a 10% de teor de álcool.

O objetivo geral da tese é explicar a paisagem vitícola como representação espacial das regiões das Indicações de Procedência (IP's) e a imagem da paisagem vitícola como símbolo espacial para os vinhos. Para execução da pesquisa, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) explicar a evolução da vitivinicultura da Serra Gaúcha e sua contribuição na organização do espaço; b) identificar e analisar as transformações espaciais e na vitivinicultura com a implementação das IP's; c) identificar a paisagem vitícola das IP's e explicar sua relação com a identidade espacial das IP's; d) avaliar o uso da paisagem vitícola como símbolo representacional das IP's e seus vinhos.

MAPA 1 – Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo no contexto da Serra Gaúcha



O espaço rural da Serra Gaúcha sofreu alterações, especialmente em relação à vitivinicultura (FALCADE, 2005), quando, nas últimas décadas, o interesse dos agentes econômicos locais foi modificando o perfil tradicional da produção do vinho. A imagem da vitivinicultura tradicional, no entanto, permaneceu associada à identidade daquele espaço, relacionada ao grupo social de origem italiana, com valores de alta positividade. O sistema socioeconômico das IG's é regulado por mecanismos que ultrapassam o quadro estritamente econômico ou técnico. A dimensão cultural do vinho afirma-se em domínios variados, nos quais a imagem dada pela paisagem é a mais sensível (MABY, 2003).

Assim, as questões que nortearam esta pesquisa foram: o que caracteriza o espaço geográfico das IP's Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e Monte Belo? Como as IP's transformam o espaço? Quais são as paisagens vitícolas das regiões das IP's? As paisagens vitícolas usadas pelas associações na construção da imagem das IP's simbolizam o espaço e o vinho das IP's? Como a paisagem vitícola tem sido usada na construção da imagem das IP's Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e Monte Belo?

Com o alcance dos objetivos, das respostas às perguntas do problema, haveria a possibilidade de comprovar, ou não, as seguintes hipóteses:

1. A paisagem vitícola nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo é uma expressão da identidade espacial/territorial/cultural, relacionada aos imigrantes italianos e aos seus descendentes.
2. As paisagens vitícolas nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo expressam os diferentes estágios de implementação das IP's, com transformações no espaço geográfico e no território.
3. A implementação das IP's construiu e difundiu o (re)conhecimento das regiões e de seus vinhos, em escalas espaciais variadas, e lhes associou imagens de paisagens vitícolas como símbolo espacial.

1.1 METODOLOGIA

As hipóteses têm como núcleo afirmativo a paisagem como categoria que expressa identidade, cultura, transformação e reconhecimento do espaço geográfico. Desse modo, para o alcance dos objetivos, foram usadas, como fundamentação as proposições de Berque (1990, 1995, 1998) e de Donadieu & Périgord (2005) que indicam a necessidade de compreender os processos de formação da paisagem; os princípios de seu funcionamento; os potenciais evolutivos e os potenciais finais dos sistemas paisagísticos. Assim como as proposições de Maby (1998, 2002, 2003, 2005) que distinguem três níveis de abordagens: a

organização e funcionamento, objetivando a gestão; a gênese e dinâmica; e os significados e associações simbólicas, que apoiam a valorização do território e dos produtos vitícolas, através dos meios de comunicação social.

A partir destes autores e de suas orientações metodológicas, foram buscadas referências para formarem o alicerce teórico dos conceitos básicos. Estes foram encontrados na (re)leitura de geógrafos brasileiros, como Milton Santos, Iná E. de Castro, Paulo C. da C. Gomes, Roberto L. Correa e Zeni Rozendhal; e anglosaxões como Edward Soja, Carl Sauer, Denis Cosgrove, James Duncan e franceses como Augustin Berque, Jacques Maby, Paul Claval, Michel Périgord, Pierre Donadieu, Yves Lacoste, entre outros.

Além de geógrafos, teóricos de outras áreas, como Charles Pierce (2000), Roland Barthes (1982, 1984) e Ruben Oliven (1992, 2002, 2006) foram importantes para o entendimento dos conceitos/categorias de análise, bem como da ênfase analisada na tese. Para a especificidade da paisagem vitícola, as referências teóricas foram Carine Hervin e Joel Rochard (2006), Jean-Paul Pigeat (2000), Roger Dion (1990) e Mario Fregoni (1990) e as metodológicas de Fabianne Joliet (2005) e Alan Carbonneau & Giovanni Cargnello (2003).

As matrizes da base conceitual geográfica estão, essencialmente, nos contextos filosóficos relacionados ao materialismo histórico-dialético e à fenomenologia de diferentes matizes.

Os geógrafos (ou não) buscaram na concepção do materialismo histórico-dialético⁷ a superação da dicotomia sujeito-objeto – geografia humana x geografia física ou paisagem cultural x paisagem natural; a compreensão das relações sociais, como as coisas e os Homens dialogam (ou não) e como exercem o poder. Na concepção fenomenológica⁸, a perspectiva foi compreender a consciência intencional do ser, a essência, a percepção, a imaginação do fenômeno.

⁷ A lógica dialética compreende a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. Assim o método dialético de G. Friedrich Hegel tem como base o princípio da contradição (uma coisa é e não é ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto) e o método materialista-histórico de Karl Marx tem por base a análise das relações sociais de produção em sua evolução histórica.

⁸ Como exemplo do entendimento da base filosófica fenomenológica pode ser citado Merleau-Ponty segundo o qual “[...] no espaço ele mesmo e sem a presença de um sujeito psicofísico não há nenhuma direção, nenhum dentro, nenhum fora” (1999, p.273) e sobre a paisagem “o problema é compreender essas relações singulares que se tecem entre as partes da paisagem ou entre a paisagem e mim enquanto sujeito encarnado” (1999, p.86). E também Bachelard para quem “só a

A identificação e a caracterização da organização do espaço geográfico das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, assim como ocorreu no contexto nacional, tiveram por base o levantamento da ocupação relacionada à vitivinicultura. O contexto nacional abrangeu o período colonial/imperial e o contexto local o período de 1875 até meados dos anos 1990. Essas informações foram coletadas em fontes secundárias, de análise histórica, econômica, sociológica, antropológica, disponíveis nas bibliotecas da Universidade de Caxias do Sul e da Embrapa Uva e Vinho. Foram pesquisadas, ainda, bibliotecas virtuais, como a da Universidade de Chicago e da Universidade de Siena, assim como periódicos *on-line*, que possibilitaram o acesso a textos da e sobre a Antiguidade Clássica. Estes, juntamente com outros de arqueologia da paisagem e da história da vitivinicultura mundial, foram fontes de informação sobre um dos elementos mais característicos da paisagem vitícola das regiões do Vale dos Vinhedos e de Monte Belo. A sistematização das informações formou o panorama geral da vitivinicultura brasileira e regional.

A vitivinicultura nacional e regional dos últimos anos foi levantada em fontes secundárias e/ou de elaboração própria, especialmente em publicações de pesquisadores da Embrapa Uva e Vinho, de artigos apresentados nos Congressos Brasileiros de Viticultura e Enologia, disponíveis nas bibliotecas ou nas páginas da web da Embrapa Uva e Vinho, do IBRAVIN, da ABE, do IBGE, entre outros. Os dados da produção foram obtidos nas páginas do IBGE, do IBRAVIN, da Embrapa Uva e Vinho e da UVIBRA, (re)organizados em tabelas e mapa⁹.

Para a contextualização e a localização das informações foram adaptados e/ou elaborados mapas, em pequena escala, a partir de bases como o IBGE (2011) e a Base Cartográfica Vetorial Contínua do Rio Grande do Sul (2010), e também foram selecionadas fotografias e desenhos dos diferentes períodos históricos para ilustrar.

Os critérios para a delimitação, os métodos para a elaboração e as informações que caracterizam ambientalmente as IP's Vale dos Vinhedos, Pinto

fenomenologia – isto é, a consideração do início da imagem numa consciência individual – pode ajudar-nos a reconstituir as subjetividades das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transsubjetividade da imagem" (1989, p.3), que considera toda paisagem uma experiência onírica.

⁹ Endereços: <http://www.cnpuv.embrapa.br>; <http://www.ibge.gov.br>; <http://www.ibravin.org.br>; <http://www.uvibra.com.br>.

Bandeira e Monte Belo estão detalhados no capítulo quatro e resultam da pesquisa desenvolvida como professora/pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul, em parceria com a Embrapa Uva e Vinho. Em linhas gerais, aplicando o conceito de Indicação de Procedência¹⁰, na delimitação do Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e de Monte Belo, foram usados critérios naturais, como o divisor de águas, o talvegue, a geologia, a declividade e a cobertura do solo¹¹, mas também critérios humanos, como o uso do solo. A cartografia das regiões das IP's tem por base aerolevantamentos realizados em 2005, para o Vale dos Vinhedos e Monte Belo, e em 2006, para Pinto Bandeira.

Para a caracterização das regiões, foram elaborados diversos mapas, em ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG), como o de localização, altimetria, declividade, orientação das vertentes, de uso e cobertura do solo, para os quais se calculou a área de cada classe (ha e %). Foram usados também mapas de geologia e de solos, elaborados por colegas da equipe de pesquisa, conforme indicado. Para a análise climática, foram usados dados meteorológicos, publicados por Mandelli, Tonietto e Zatt (2009); e diagramas elaborados por Jorge Tonietto (2004, 2006). O aerolevantamento realizado em 2005 não foi totalmente restituído, razão pela qual a área pré-indicada pela pesquisa para a Indicação de Procedência Monte Belo (TONIETTO et al., 2008), nesta tese, é 7,5% menor.

As transformações na organização do espaço do Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e de Monte Belo, nos últimos anos, são identificadas qualitativamente, a partir de levantamento realizado com as associações e com a observação *in loco*, durante as atividades de campo, para a realização dos registros fotográficos e das pesquisas, nos últimos 15 anos. Também foram analisadas dissertações e teses sobre o Vale dos Vinhedos, com enfoques nas áreas de Enologia, Política, Sociologia, Administração, Geografia, Turismo, Economia, etc. (BLUME, 2008; FALCADE, 2005, 2007; FLORES, 2007; GUIMARÃES, 2009; LAVANDOVSKI, 2008; MARQUES, 2007; TONIETTO, 2002, 2006; TONINI, 2008; VALDUGA, 2007).

¹⁰ A legislação e os conceitos estão detalhados no item 2.1, a partir da página 51.

¹¹ Entendo por cobertura do solo a vegetação nativa e por uso do solo as áreas cultivadas (temporárias e permanentes), para uso da pecuária e de construções.

Foram considerados diversos aspectos, tais como, a organização de associações de produtores, as mudanças na vitivinicultura e na paisagem, a valorização da produção e da propriedade, a instalação de infra-estrutura para o turismo nas vinícolas, além de pousadas e hotéis, o aumento do número de turistas e de empregos, a diversificação das atividades econômicas, a pavimentação de rodovias, o cuidado e o embelezamento do entorno das residências, vinícolas e estradas. Muitos desses aspectos são ilustrados por imagens fotográficas nos capítulos cinco e seis.

Para avaliar a opinião dos visitantes sobre a paisagem vitícola, foi elaborado um questionário, adaptado a cada uma das IP's, e aplicado em janeiro de 2010 (APÊNDICES A e B). A seleção dos 16 locais para aplicação dos questionários, assim como a definição do número de questionários por vinícola (Tabela 1), foi resultado de decisão subjetiva e contemplou diversos critérios tais como: tamanho das vinícolas quanto ao volume de produção, tempo de inserção no segmento do enoturismo, número de visitantes e localização em relação às principais rodovias. O questionário possuía questões para identificar o perfil dos visitantes (12), seus conhecimentos da vitivinicultura regional (4) e questões sobre paisagem vitícola (6), sendo que as últimas questões com imagens de paisagens foram impressas coloridas, em folha separada e plastificada, de modo que cada respondente pudesse consultá-la e assinalar a resposta, na folha do questionário.

Após autorização dos proprietários, os questionários foram entregues no setor de turismo, com a folha de orientações e a urna para deposição dos questionários respondidos, e a metodologia explicada para o (a) responsável. Na metade do período de aplicação dos questionários, em visita aos locais, foi constatado que, na maioria, o fluxo de visitantes era menor que nos anos anteriores. Para obter dados representativos, ficou estabelecido que seriam usadas as informações dos locais que tivessem, no mínimo, 20% de questionários respondidos em relação ao proposto. No final do período, foram recolhidos os questionários não aplicados e as urnas que, abertas, contabilizaram os resultados apresentados na tabela 1. Para a caracterização do visitante das regiões e sua opinião sobre a paisagem, foram consideradas as respostas em 415 questionários aplicados em seis vinícolas do Vale dos Vinhedos, em três de Pinto Bandeira e em uma de Monte Belo. Os dados foram tabulados em planilhas, a partir das quais foram elaboradas tabelas e gráficos.

TABELA 1 – Locais e nº de questionários para levantamento de informações com turistas, 2010

IP	Local	2 Questionários/dia	3 Questionários/dia	Questionários Propostos	Questionários Respondidos	% de Questionários Respondidos	
Vale dos Vinhedos	Casa e Pousada Valduga		X	93	71	69	
	Vinícola Miolo		X	93	87	93	
	Vinícola Chandon	X		62	18	29	
	Vinícola Don Laurindo	X		62	51	82	
	Adega Cavalleri	X		62	37	60	
	Casa de Madeira	X		62	20	32	
	Vinícola Battistello	X		62	11	18	
	Vinícola Cordelier			X	93	16	17
	Vinícola Valontano	X		93	4	6	
	Hotel Vila Michelin	X		62	5	8	
	Vinícola Marco Luigui	X		62	0	0	
	Pizzatto Vinhas e Vinhos	X		62	0	0	
Subtotal	12	9	3	868	320	37	
Pinto Bandeira	Vinhedos, Vinícola e Pousada Don Giovanni		X	93	43	46	
	Vinícola Geisse	X		93	30	32	
	Vinícola Valmarino	X		62	34	55	
Subtotal	3	2	1	248	107	43	
Monte Belo	Vinícola Calza Jr	X		62	24	39	
TOTAL	16	12	4	1.178	451	39	

Fonte: FALCADE, Ivanira, 2010.

Na identificação e classificação das paisagens vitícolas do Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e de Monte Belo, foram usados os métodos e a nomenclatura propostos por Fabiane Joliet (2005) e Alain Carbonneau & Giovanni Cargnello (2003) e, quando necessário, foram criados ou especificados novos elementos ou tipos. Os métodos foram aplicados em fotografias feitas entre 1995 e 2010. Entre mais de 5 mil fotografias coloridas, de vistas gerais e detalhes, foram selecionadas, aproximadamente, 300, que representavam a diversidade de paisagens vitícolas, nas três regiões. Destas, foram selecionadas 13 paisagens, vistas em uma ou no conjunto de diversas fotos, que representam as paisagens vitícolas do Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e de Monte Belo. Foram elaborados desenhos das paisagens vitícolas, identificando as linhas básicas das formas de relevo, os elementos visíveis na área dos vinhedos, os elementos emblemáticos e outros usos.

Esses dados definiram a classificação das paisagens vitícolas em determinada tipologia.

O uso de imagens de paisagens vitícolas foi levantado tanto na folhetaria da APROVALE, ASPROVINHO E APROBELO, como nos folhetos das vinícolas onde foram aplicados os questionários. Também foram consultadas as páginas web das associações e das vinícolas, com exceção da APROBELO e quase todas as vinícolas de Monte Belo não possuem página na internet. Por isso optou-se por analisar somente imagens dos folhetos das associações, embora se faça referência às imagens das páginas da internet. As imagens das paisagens dos folhetos foram escaneadas, armazenadas em meio digital, analisadas e selecionadas as mais significativas inseridas na tese. Estas foram comparadas com aquelas da tipologia das paisagens vitícolas das IP's Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e de Monte Belo, e associadas à opinião dos visitantes que responderam aos questionários. A análise procurou explicar em que medida as paisagens usadas nos folhetos simbolizam o espaço regional das IP's e sua contribuição na construção da imagem da região e dos vinhos da IP's.

A formatação do texto da tese tem por base as normas da ABNT, explicitadas pela Biblioteca do Instituto de Geociências (2006) e pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da PUC/Paraná (2010).

A tese está organizada em seis capítulos. O primeiro é a introdução onde, além da apresentação geral da tese, consta o problema da pesquisa, bem como os objetivos, as hipóteses, as fontes de dados e os métodos de trabalho. O segundo capítulo é o referencial teórico, em que são explicitados conceitos básicos como espaço geográfico, região, paisagem, além de signo e indicações geográficas, entre outros, que constituem os eixos norteadores. O terceiro capítulo trata do processo de introdução da vitivinicultura no Brasil, das regiões produtoras de uvas para vinhos finos atuais e das condições favoráveis à implementação das indicações geográficas. O quarto capítulo se refere às IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, explicando a delimitação e caracterizando-as, bem como os processos de implementação das IP's e as transformações espaciais decorrentes. O quinto capítulo apresenta as paisagens vitícolas classificadas em uma tipologia, explicando-as. No sexto capítulo, foram analisadas as imagens de paisagens

vitícolas usadas pelas associações e correlacionando-as com a visão de turistas a cerca da paisagem vitícola nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo. E, finalizando, o sétimo capítulo traz as conclusões, os limites dos resultados, as perspectivas e recomendações da pesquisa.

A produção desta tese ocorreu no contexto teórico-metodológico da liberdade da multiplicidade de enfoques, no 'des-conhecer', de ser o um e ser o todo, do antigo e do novo, de estar dentro e estar fora, do vir a ser enquanto fazia. Assim, como afirmou Antonio Machado "*se hace camino al andar...*".

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Há dezenas de autores, geógrafos ou não, que dissertaram sobre conceitos como espaço geográfico, região, território, lugar, paisagem, entre outros. Explicaram sua evolução, analisando-os, comparando-os, identificando relações, demonstrando sua complexidade, propondo novas definições e concepções metodológicas. A reflexão conceitual e teórica é relevante, mas não é o objeto central dessa tese; no entanto, permitiu estabelecer um entendimento sobre os conceitos que fundamentam a análise da realidade pesquisada¹².

A realidade é complexa e sua compreensão essencialmente inacabada, aberta e em permanente transformação. É pessoal, contextual e sujeita a novas leituras. Aqui os conceitos e métodos da Geografia Crítica e Cultural, inspirados no Materialismo Histórico-Dialético e na Fenomenologia, são usados como complementares.

Os conceitos de espaço geográfico e de organização do espaço geográfico, não são sinônimos, ainda que, em muitos casos, sejam assim considerados. Trata-se, contudo, do verso e o anverso do espaço. O espaço geográfico é a materialidade, condição necessária à existência humana, que apresenta determinada organização, resultado das atividades da sociedade, o que lhe confere certa forma e função, consubstanciadas em determinadas estruturas e processos (SANTOS, 1985).

Entendido desse modo, o espaço geográfico está em constante transformação e, portanto, em constante reorganização, o que evidencia a dinâmica da sociedade. Segundo Milton Santos (1985), analisado dialeticamente, o processo permite compreender a evolução da organização do espaço, fundamental para estabelecer a relação entre a forma (aparência do espaço e responsável pela

¹² Entre os textos, teóricos e/ou aplicados, destacam-se aqueles de Milton Santos (1985, 1986, 1988, 1994, 1999, 2002); Marcos Saquet (2007); Iná Castro *et al.* (2000); Augustin Berque (1990, 1992, 1994, 1995, 1998); Jacques Maby (2003, 2004, 2005); Paul Claval (1999, 2004) Pierre Donadieu e Michel Périgord (2005, 2007); Pierre Raffestin (1993, 2007); Roland Barthes (1982, 1984, 1999); Antonio Oliveira Jr (2007).

execução de determinada função) e a função que ele assume (atividade de uma forma), marcadas pela estrutura vigente (modo de organização), que, em conjunto, permitem construir/analisar a totalidade espacial.

Para Santos (1985), é a sociedade que dá valor a uma forma, que é determinada pelas suas necessidades. Este valor está relacionado à estrutura socioeconômica, portanto, um fator social e um resultado. Quando muda a estrutura, muda o valor da forma. As mudanças, as diferenciações, não se dão na mesma velocidade e intensidade em todos os lugares, pois, em diferentes tempos há um conjunto de técnicas e modos de fazer e produzir espaço (SANTOS, 1988). As formas espaciais de um tempo anterior, que permanecem num tempo posterior, são rugosidades, “[...] *restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados*” (SANTOS, 1986, p.138). Milton Santos complementa afirmando que “*Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos*” (1988, p. 34. Grifo do autor).

Já Corrêa (2000) entende o espaço como espaço de vida, marcado por sinais da produção e da cultura de uma sociedade. Esta age seletivamente, ao decidir o que fazer em determinado espaço, em função das possibilidades que o espaço apresenta. Entre a objetividade e a subjetividade, a sociedade implementa determinadas práticas espaciais, que conferem ao espaço um caráter multidimensional. Na dimensão política, a sociedade age de modo a exercer o controle sobre o espaço, dividindo-o, de modo que o estado e/ou as organizações o controlem. Nele, são encontrados símbolos que expressam, além da produção, as diversas formas de manifestação da cultura. Através dessas práticas, a sociedade garante o alcance dos objetivos. Assim, decifrar o espaço geográfico é decifrar essas práticas sociais. Segundo Corrêa a sociedade implementa

[...] uma atividade em um dado local antes que as condições favoráveis tenham sido satisfeitas [...o que...] significa reserva de território, significa garantir para o futuro próximo o controle de uma dada organização espacial, garantindo, assim, as possibilidades, via ampliação do espaço de atuação, da reprodução de suas condições de produção (2000, p. 39).

Tanto Milton Santos (1982, 1986) quanto Roberto Lobato Corrêa (1987, 2000) entendem que espaço é uma categoria universal da ciência e que, ao usarem o termo espaço, ambos se referem ao espaço geográfico.

A produção e as práticas sociais promovem uma diferenciação regional para a qual “[...] *concorrerão a história do lugar, as condições existentes no momento da internalização [...] e o jogo e as relações que se estabelece entre o que chega e o que preexiste*” (SANTOS, 1988, p. 47). Soja (1993) e Harvey (1993) entendem que o espaço local e regional mostra a evolução geograficamente diferenciada da existência humana. Na expressão de Soja “*Todos os processos sociais, desenvolvem-se desigualmente no tempo e no espaço e, desse modo, inscrevem geografias históricas bem diferentes nas diferentes formações sociais regionais*” (1993, p. 37).

Assim, sendo o espaço o *locus* intrínseco da produção, o espaço regional é resultado de uma forma particular de produção, de uma parte da sociedade. Para Sandra Pesavento é o setor hegemônico que amplia e estende a ideia de região para a sociedade, usando especialmente aspectos de “[...] *identidade cultural, fronteiras geográficas e um auto-reconhecimento da singularidade daquele espaço delimitado*” (1994, p.4), de modo que a base territorial da região sirva de referência.

Neste sentido, a região faz parte do conjunto de signos representacionais com os quais a sociedade se identifica e comunica e, ao mesmo tempo, exerce seu poder (RICQ, 1983; POCHE, 1983; BORDIEU, 1989; CHARTIER, 1990; 1991). Para Gomes “[...] *na afirmação de uma regionalidade há sempre uma proposição política, vista sob um ângulo territorial*” (2000, p. 72). Em outras palavras, ao concluir sua análise detalhada sobre a evolução do conceito de região, o autor afirma que o “[...] *dado essencial [é] o fundamento político, de controle e gestão de um território*” (GOMES, 2000, p.73).

A região como escala espacial, isto é, como abordagem do real, pode ser vista como uma estratégia de aproximação do real, que enfrenta a questão da extensão e, com a adequada estrutura conceitual, permite a análise da complexidade do espaço geográfico (CASTRO, 2000).

A paisagem e sua representação tem sido objeto de estudos de diversas áreas do conhecimento e há muito tempo. Na Geografia foi entendida, inclusive, como objeto da ciência. Para fundamentar o tema da paisagem para a tese, antes de abordar os estudos e conceitos, algumas considerações sobre o mecanismo físico-mental usado para a apreensão e a percepção da paisagem.

No final do século XVIII, Immanuel Kant explicou o mecanismo físico do conhecimento¹³ e Carl Jung aplicou-o à Psicologia, explicando que o ser humano tem mecanismos psíquicos, os arquétipos, que propiciam a formação da imagem, isto é, potencialidades, acionadas a partir dos elementos psicológicos individuais e do contexto (da cultura) que, estimulados pelos sentidos, formam a imagem.

Para o ser humano, o mundo exterior se torna interior, através dos estímulos aos sentidos que, seletiva, instantânea e concomitantemente, promovem a sensação. As sensações, filtradas pela cultura individual, se tornam percepção no córtex cerebral. A contínua atividade perceptiva bidirecional, entre a percepção e a inteligência, promove a cognição e a imagem mental, o correlato do objeto. Uma imagem, uma palavra, uma coisa, isto é, uma representação, se torna símbolo, quando evoca (consciente ou não) mais que seu significado estrito. Segundo Merleau-Ponty “[...] *perceber no sentido pleno da palavra, que se opõe a imaginar, não é julgar, é apreender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo*” (1999, p. 63). Já a representação “[...] *é a capacidade de evocar por um signo ou símbolo o objeto ausente ou a atividade realizada, independente da percepção*” (OLIVEIRA, 2009, p.154).

No ocidente, os historiadores consideram a carta de Petrarca (século XIII/XIV, Itália), sobre sua subida ao Monte Ventoux, a primeira descrição de paisagem. No entanto, gregos e latinos, como Hipócrates, Plínio o Velho, Cícero e Vetrúvio, já tinham descrito paisagens (*topiaria opera*) em suas obras, entendendo a descrição dos territórios como a análise da *thesis* (posição) e da *phisis* (natureza) ou da *positio* (posição) ou *sitius* (sítio, situação) e da *natura* (natureza).

Nos séculos XV-XVI, o vocábulo para pintura de paisagem era o mesmo utilizado para descrever as representações geográficas; contudo a origem dessa

¹³ Em Crítica da Razão Pura, de 1781.

analogia foi de Ptolomeu (BESSE, 2006; DONADIEU; PÉRIGORD, 2005). Alain Roger (1997) refere divergências quanto a quem teria pintado a primeira paisagem. Ele explica que isso ocorre porque há diferentes entendimentos, em relação ao que era considerado paisagem. Além disso, o autor ressalta a importância da janela para a evolução da paisagem, pois a janela enquadrava a paisagem e instituiu o *pays*¹⁴ na paisagem (Grifo do autor).

Nas pinturas renascentistas que apresentavam uma cena da natureza, a paisagem apareceu com o uso do ponto de fuga e da perspectiva¹⁵. Depois, a paisagem foi o tema central da representação. Nesse período, a pintura de paisagem e a geografia (cosmografia, estudo da terra) eram entendidas como sinônimos. Não havia diferenciação dos “gêneros disciplinares”. Na Itália, Alemanha e Países Baixos, artistas faziam mapas e pintavam paisagens; às vezes, pintavam paisagens sobre mapas ou nos mapas, “[...] *o olhar do pintor e o olhar do cartógrafo não estão separados, mesmo que eles não se confundam*” (BESSE, 2006, p.18).

Para Lacoste (2003, p. 288), a palavra paisagem “[...] *aparece no século XVI ao mesmo tempo que as primeiras representações pictóricas de verdadeiras paisagens (e não de imagens inspiradas pela Bíblia ou a história santa)*”¹⁶. Essas verdadeiras paisagens são, no entender de Alain Roger (1997), as representações autônomas das paisagens, laicizadas.

No nascimento de um gênero de pintura, de uma estética, a palavra paisagem designava também o objeto de sua representação, isto é, significava, antes de tudo, o espaço. Só depois é que viria a ser entendida, pela história da pintura, como a vista abarcada por um sujeito. Esse sujeito tem uma apreensão particular do objeto, se move, vê e representa o território por ângulos diferentes, não necessariamente fiéis à realidade¹⁷.

¹⁴ Pode ser traduzido como região, pátria, país.

¹⁵ Possível graças à aplicação da Matemática de Euclides, especialmente à Geometria.

¹⁶ Tradução livre de “[...] apparaît au XVIe siècle em même temps que les premières représentations picturales de vrais paysages (et non d’images inspirées par la Bible ou l’histoire sainte)”.

¹⁷ Para exemplificar: são bem conhecidas as pinturas que Jean Baptiste Debray fez da vida cotidiana, de paisagens do Brasil das primeiras décadas do século XIX. A alguns anos, Físicos evidenciaram que o escravo nunca conseguiria moer a cana na pintura Pequena Moenda, pois o mecanismo gira ao contrário. E Botânicos explicaram a mistura de espécies vegetais de regiões diferentes em uma mesma cena.

Claval (2004) mostra que a falta de palavras para descrever as paisagens, dificultava o trabalho dos geógrafos, o que era, até certo ponto, compensado com gravuras. Na segunda metade do século XVIII, com a taxonomia de Lineu (entre outros vocábulos das ciências em geral), houve um avanço considerável. A evolução das técnicas e equipamentos também facilitou os registros dos geógrafos (viajantes ou não): primeiro a litografia, depois a fotografia.

Nas primeiras décadas da Geografia como ciência, a descrição da paisagem tem tal importância que *“Não é de espantar, portanto, que, por volta de 1900, sejam numerosos os geógrafos que definem sua disciplina como uma ciência da paisagem ou das paisagens”* (CLAVAL, 2004, p. 22). Esta época marca também um processo de distanciamento entre as representações dos pintores e dos geógrafos. Enquanto os pintores eram livres para criarem, os geógrafos aprenderam a descrever as paisagens de muitos pontos de vista, inclusive a visão vertical e, conseqüentemente, a possibilidade da paisagem ser cartografada (a representação em mapas de uso do solo). Foram, então, criando novos vocábulos como, por exemplo, paisagem rural e paisagem urbana. O aprimoramento das técnicas e a multiplicidade de pontos de vista permitiram compreender melhor as paisagens – seja de uso rural, urbano ou natural.

A visão positivista da paisagem perdurou até os anos 1960, centrada na análise/interpretação da sua gênese, da sua funcionalidade, da arqueologia da paisagem e do olhar cultural dos signos e símbolos. Segundo Claval essas *“[...] maneiras de ler as paisagens [...] fizeram com que se tomasse consciência das relações íntimas que unem os aspectos físicos, os componentes biológicos e as realidades nos ambientes sociais que os homens construíram”* (2004, p.47).

Mudanças importantes já haviam iniciado na Geografia Tradicional e, especificamente, no entendimento da paisagem, com os novos arcabouços teórico-metodológicos, advindos da Fenomenologia e do Materialismo Histórico. Essas mudanças se intensificaram, a partir dos anos 1980, no contexto da Geografia Cultural, de concepção fenomenológica. Segundo Dardel, a paisagem não é apenas o que é visto, mas representa a *“[...] inserção do homem no mundo [...] a manifestação de seu ser para com os outros, a base do seu ser social”* (1986, p. 44). Posicionamento semelhante de Roger quando afirma: *“[...] a paisagem é,*

portanto, uma aparência e uma representação [...] só é paisagem quando percebida (1997, p.337. Grifo do autor).

Claval reflete sobre os planejadores ou criadores de espaços e imagens, que antes pensam e depois executam, referindo-se a eles como uma espécie de pintores do Renascimento, cujos “[...] *desenhos acabaram por transformar o mundo* (2004, p.56)”. Igualmente, o autor considera como os estudos da paisagem do cotidiano, a paisagem das pessoas comuns, a leitura do que não está na paisagem pelo que está, mostram esse novo olhar dos geógrafos nessas últimas décadas.

Para Milton Santos (1988), a paisagem é a forma material que o espaço geográfico assume em determinado momento, diferente, portanto, do espaço geográfico propriamente dito, que, além desta materialidade, contém o movimento, a dinâmica da sociedade. Na sua concepção, estes conceitos se relacionam dialeticamente, isto é, se complementam e, ao mesmo tempo, são opostos – a paisagem é a fixação do espaço, em determinado tempo, e o espaço é a concretude da ação social, materializada na paisagem, em constante mutação. Esta relação dialética é mediatizada pelo mercado e pelo Estado, em todas as escalas e níveis.

Segundo o autor, a paisagem é composta por espaços construídos em diferentes tempos: como a totalidade espacial não se modifica toda por igual, as ações dessas mudanças, ao se materializarem, constroem novos espaços, que assumem diferentes movimentos e ritmos para novas mudanças. As mudanças dependem da sociedade que constrói o espaço e das relações entre o que permanece e o que é novo - o que é intrínseco e interno, e o que é extrínseco e externo a esses espaços geograficamente diferenciados. No entender de Santos

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (1985, p. 37).

Para Brunet, Ferras et Théry o espaço é matéria e o território é matéria mais relações. Considerando os elementos naturais do espaço geográfico, ao se referir à paisagem, o autor afirma “*Alguns de seus elementos não aguardaram a humanidade para existir mas, se compõem uma paisagem, é sob a condição de serem olhados. Somente a representação os faz paisagem*” (1992, p.337).

Recentemente, Saquet (2007), analisando obra de Raffestin (2005), afirma que, para o autor, a paisagem é uma representação do território e, portanto, subjetiva, relativa ao mundo das sensações, mediada pelos sentidos. Em conferência para planejadores, Raffestin reitera que

A paisagem é a imagem e, somente, a imagem do território [...] O referente é um produto da história e assim da sociedade e, por esta razão, em constante evolução. Em certo sentido, a paisagem não existe! ... O que cria o território é o trabalho no sentido da palavra alemã *Handarbeit* (trabalho manual) ou *körperliche Arbeit* (trabalho físico), enquanto o *Geistesarbeit* (trabalho intelectual) ou *geistige Arbeit* (trabalho espiritual) cria a paisagem: 'o trabalho manual cria objetos dos quais o pensamento teórico contempla somente a "aparência" (2007, p.2. Grifo do autor).¹⁸

Quando Bertrand explanava sobre a paisagem, em 2003, questionava também sobre como estudá-la, como sair da armadilha de *ou isso ou aquilo*, isto é, ou o enfoque físico-ecológico ou o enfoque fenomenológico. O autor afirmou

A paisagem não existe nela mesma. Quando um olhar cruza um território, é um processo entre qualquer um que olha e, sobretudo, que vê uma paisagem, que coloca sua memória em funcionamento e que a traduz na sua materialidade, faz uma paisagem. A questão é saber como combinar esta subjetividade com a materialidade de um território (BERTRAND, 2003, p.2).¹⁹

Para Augustin Berque a paisagem não é só o que vemos do ambiente real, nem um reflexo, é concreta, mas pode ser imaginada, representada, por isso não pode ser completamente dissociada da maneira como a representamos. Para ele

A paisagem não reside nem somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa dos dois. Esta relação que coloca em jogo diversas escalas de tempo e de espaço, não implica menos a instituição mental da realidade que a constituição material das coisas. E é na complexidade mesma deste cruzamento que se fixa o estudo paisagístico (BERQUE, 1994, p.5).²⁰

¹⁸ Tradução livre de "Il paesaggio è l'immagine e, soltanto, l'immagine del territorio [...] Il referente è un prodotto della storia e dunque della società e, per questa ragione, in costante evoluzione. In un certo senso, il paesaggio non esiste! [...] Ciò che crea il territorio è il lavoro nel senso delle parole tedesche *Handarbeit* (lavoro manuale) o *körperliche Arbeit* (lavoro fisico); mentre il *Geistesarbeit* (lavoro intellettuale) o *geistige Arbeit* (lavoro spirituale) crea il paesaggio: "Il lavoro manuale crea oggetti dei quali il pensiero teoretico contempla solo l' "appareanza" (Raffestin, 2007).

¹⁹ Tradução livre de "Le paysage n'existe pas en lui-même. Quand un regard croise un territoire, c'est un processus entre quelqu'un qui regarde et surtout qui voit un paysage, qui met sa mémoire en marche et qui le traduit dans sa matérialité, en fait un paysage. La question est de savoir comment combiner cette subjectivité avec la matérialité d'un territoire".

²⁰ Tradução livre de "le paysage ne réside ni seulement dans l'objet, ni seulement dans le sujet, mais dans l'interaction complexe de ce deux termes. Ce rapport, que met en jeu diverses échelles de temps et d'espace, n'implique pas moins l'institution mentale de la réalité que la constitution matérielle des choses. Et c'est à la complexité même de ce croisement que s'attache l'étude paysagère".

Segundo Berque (1995), a paisagem é realidade, pois é constituída de coisas reais; mas é também aparência, na medida em que estas coisas se manifestam apenas pela interpretação dos nossos sentidos. O autor explica que um turista, um fotógrafo e um pintor representarão a mesma paisagem de forma diferente, porque esta representação depende da interferência das estruturas pessoais, depende de informações que estão na memória e não somente do ambiente objetivo e do arranjo morfológico dos constituintes do ambiente. A representação, neste sentido, resulta do acoplamento estrutural do sujeito que percebe e do ambiente percebido.

No entender de Berque (1995), a paisagem é, ao mesmo tempo, ecológica e simbólica. As dimensões ecológicas ou ambientais, em escala histórica, visam as características da organização que a sociedade faz do seu meio. Na dimensão simbólica, a paisagem e seus elementos “[...] *chegam à condição paisagística apenas onde um conjunto de representações os configuram num modelo estético explicitamente paisagístico*” (BERQUE, 1995, p.33-34)²¹. Para o autor as representações da paisagem são feitas em quatro dimensões: lingüística, literária (oral ou escrita), pictórica e em jardins ornamentais.

Berque lembrou que nem todas as civilizações são paisagísticas e propôs, em 1990, o conceito *médiance* para apreender a relação ambivalente da sociedade com o meio-ambiente, pois

A médiance evidencia ao mesmo tempo a dimensão física e fenomênica, ecológica e simbólica, fatural e sensível. É o sentido do meio, sentido que é simultaneamente significação, percepção, sensação, orientação e tendência efetiva deste meio enquanto relação (BERQUE, 1995, p.36).²²

A paisagem é impregnada de *médiance* e de historicidade sendo, portanto, resultado de certa cultura e de certa época. Assim, para Berque

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno (1998, p.84-85. Grifos do autor).

²¹ Tradução livre de “[...] ils n'accèdent véritablement à la condition paysagère qu'à partir du moment où un certain ensemble de représentations les configure en un schème esthétique explicitement paysager”.

²² Tradução livre de “La médiance relève à la fois du physique et du phénoménal, de l'écologique et du symbolique, du factuel et du sensible. C'est le *sens d'un milieu*, sens que est simultanément signification, perception, sensation, orientation et tendance effective de ce milieu en tant que relation”.

Para Jacques Maby (2003), a paisagem pode ser compreendida como o visível de um recorte do espaço e está no olhar, portanto subjetiva, sujeita a interpretações sócio-culturais, individuais ou coletivas. Enquanto objeto das artes, da pintura e da literatura, o autor afirma que a paisagem apresenta um entendimento estético, qualitativo, contudo, ao mesmo tempo, é possível um entendimento cartesiano da paisagem, ou seja, é possível entendê-la segundo diferentes esferas da cognição. Ela pode ser objetivada, considerando critérios determinados. Os elementos que compõem uma paisagem podem ser identificados e explicados sócio-historicamente, pois a maneira como cada sociedade, em cada tempo e no cotidiano, se relaciona com a natureza reflete o imaginário social e seus padrões culturais e estéticos, as quais influenciarão as transformações de formas antigas e a construção de novas formas (MABY, 2003, 2005).

Segundo Maby (2003), há quatro princípios para interpretar o sentido na paisagem: a *indeterminação afetiva* - polissemia; a *diversidade humana* - (re)conexão com os outros e consigo; a *ética* - além da estética, a possibilidade de interpretação moral das formas, pois a ética permite graduar a estética; o *simbolismo* - a paisagem é antes uma função simbólica, que permite transmitir valores comuns.

Por sua vez, René Renou, presidente do Institut National d'Appellation d'Origine Contrôlée (INAO, França), ao referir-se à identidade da paisagem vitícola, afirmou que “a paisagem é a alma das AOC (2003)”²³. No mesmo sentido, Jacques Maby afirma “[...] a noção de alma remete a anima latina, isto é, o sopro da vida, a existência do ser e sua identidade [...]”. Maby, então, se pergunta: “o que é um vinho? Ou mais simplesmente: em última instância, o que constitui a identidade do vinho? (MABY, 2003, p.276)”²⁴. Após dizer o que não é, o autor afirma

[...] a verdadeira permanência de um vinho, aquela que permite reconhecer sua unicidade, é seu território, isto é, o que constitui a sua inscrição espacial [...] que, por sua vez, autentica-o, singulariza-o. [...] O espaço constitui indubitavelmente a essência da identidade de qualquer produto da terra.

²³ Tradução livre de “Le paysage, c'est l'âme des AOC”. Manifestação oral, no colóquio sobre “Paisagens de Vinhedos e Vinhos”, realizado em Angers, França, em 2003.

²⁴ Tradução livre de “La notion d'âme renvoie à l'anima latine, c'est-à-dire le souffle de la vie, l'existence de l'être et son identité ... qu'est-ce que l'être d'un vin ? ou plus simplement: qu'est-ce qui en dernier ressort constitue l'identité du vin?”

Se o espaço identifica o vinho, a paisagem, que identifica o espaço, pode, portanto, servir de referência identitária (MABY, 2003, p.277).²⁵

Analisando estudos de paisagens Duncan afirma que as paisagens “[...] *raramente foram reconhecidas como elementos constituintes na evolução dos processos sociopolíticos de reprodução e transformação cultural...* (2004, p.92)”. O autor cita Martin Jay, para quem o visto foi “*construído tanto linguisticamente como visualmente*” (apud DUNCAN, 2004, p. 99). Segundo Duncan a paisagem cria significação, possui uma retórica e “[...] *é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois... age como um sistema de criação de signos...* (2004, p.106)”. A cultura cria signos, através dos quais o grupo se mantém, se reproduz e, cada indivíduo, se reconhece.

Duncan propõe dois caminhos para entender a paisagem. O primeiro é analisar *o impacto da objetivação*, isto é, analisar a eficácia da ideologia da forma e conteúdo da paisagem. O segundo é examinar a *natureza dos tropos*²⁶ (alegoria, sinédoque, metonímia, por exemplo), inscritos na paisagem, além dos textos e da intertextualidade, isto é, a relação entre a linguagem textual e a imagética, como as paisagens, e a textualização das práticas espaciais (DUNCAN, 2004, p.110-122).

Para Cosgrove a paisagem é um conceito complexo. O autor a entende como um texto cultural, passível, portanto, de múltiplos enfoques, todos com igual valor. Afirma que “[...] *revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira autoconsciente e, então, re-presentar essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos*” (2004, p.104). O autor lembra que as relações sociais, de toda natureza, produção, etnia, sexo, etc, estão mais ou menos impregnadas nas paisagens que expressam o poder do grupo hegemônico, que se mantém na reprodução da cultura. Segundo Cosgrove

Para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da linguagem empregada: os símbolos e o seu significado nessa cultura. Todas as paisagens são

²⁵ Tradução livre de “La véritable permanence d'un vin, celle qui permet de le reconnaître dans son unicité, c'est son territoire, c'est-à-dire ce qui constitue son inscription spatiale... Le caractère identitaire d'un vin est constitué par son lieu de production, qui à la fois l'authentifie, le singularise et rend compte de son être unique... Un espace constitue assurément l'essence identitaire de tout produit de la terre. Si l'espace identifie le vin, le paysage, qui identifie l'espace, peut donc servir de référence identitaire”.

²⁶ Figura de linguagem onde ocorre mudança de significado, em nível de pensamento ou de palavra.

simbólicas, apesar da ligação entre o símbolo e o que ele representa (seu referente) poder parecer muito tênue (2004, p.106. Grifo do autor).

A questão é como decodificar e entender, geograficamente, esses símbolos. Para Cosgrove (2004), o geógrafo deve ter um profundo conhecimento da área de estudo, através de trabalho de campo, onde busque os significados contidos na paisagem, em evidências livres da distorção consciente e através da elaboração e interpretação de mapas. Há outras fontes, como pinturas, poemas, romances, músicas, fotografias, etc, além das fontes tradicionais, como documentos, mapas, depoimentos, etc. Segundo COSGROVE *“Acima de tudo, é essencial uma sensibilidade histórica e contextual, por parte do geógrafo. Devemos resistir à tentação de deslocar a paisagem de seu contexto de tempo e espaço (2004, p.110)”*. Os estudos resultam em textos e mapas, que também são códigos simbólicos, através dos quais re-presentamos esses significados.

Paul Claval (2005) explica que os geógrafos só abordaram o papel das paisagens, na construção das identidades espaciais, e seu significado, no final do século XIX. Mesmo assim, eram poucos estudos, que só aumentaram nas últimas décadas, nos quais se destacam os temas da preservação das paisagens, da paisagem para a consciência social e a percepção da temporalidade. O autor afirma que a maioria dos geógrafos mostra que as paisagens são dinâmicas. Por isso, são favoráveis a preservar apenas as partes, *“[...] que tornaram as paisagens do passado interessantes, variadas e plenas de sentido para aqueles que as habitaram”* (CLAVAL, 2005, p.15)²⁷.

Do ponto de vista das imagens de paisagens, uma questão importante é: até que escala geográfica, que detalhamento do espaço geográfico, do território, uma imagem é uma imagem de paisagem?

Das referências consultadas, Donadieu e Périgord (2005) foram os únicos que apontaram uma referência tradicional, para diferenciar uma imagem de paisagem de uma imagem de um lugar. Afirmam que, no senso comum, imagem de paisagem seria aquela que contivesse a linha do horizonte, porém contestam essa visão *“[...] porque existem representações sem horizonte (p.88) [...] Pode, portanto, existir*

²⁷ Tradução livre de “qui rendaient les paysages du passé si intéressants, variés et pleins de sens pour ceux qui les habitaient”.

imagens do céu, do mar, da terra, sem outro horizonte que o imaginário de uma cultura. O horizonte é metafórico (DONADIEU; PÉRIGORD, 2005, p.91)”²⁸. Segundo os autores, a paisagem é expressão da relação do homem com o espaço e

Representação de uma percepção do mundo, a imagem da paisagem é a representação de uma representação mental [...] A imagem da paisagem exprime a relação com o mundo de um indivíduo. Representação de uma representação individual, a análise de imagens de paisagem (descrição, esquematização, modelização) deve ultrapassar o quadro da imagem e considerar a personalidade do seu autor na medida que a imagem veicula valores, idéias ou estratégias de desenvolvimento (DONADIEU; PÉRIGORD, 2005, p.43-44)²⁹.

Ao analisar a paisagem nas pinturas de Guignard³⁰ como dimensão simbólica do espaço, Fígoli (2007) afirma que

O sentido de uma obra, literária ou pictórica [...] não se pode reduzir às estruturas psicológicas do seu autor, a sua biografia, como ensaiaram alguns psicanalistas, nem exclusivamente aos dados sociais e históricos, como defende alguma sociologia da arte, nem mesmo ao sistema mecânico de formas [...] como quer certo estruturalismo [...] se faz necessário dar primazia à própria obra [...] como universo que ordena e articula valores de origem mítica [...] (FÍGOLI, 2007, p.6-7).

A análise que Fígoli faz do conteúdo, dos temas, das formas, das cores, nas obras de Guignard evidencia que a paisagem é “[...] uma temática que evolui para um mundo imaginário, para o arquétipo [...] suporte figurativo de todo um regionalismo que se encontrava em vias de transformação (2007, p. 8)”. O autor afirma que esta paisagem apresenta-se como a configuração única do paradoxo: passado e presente, tradição e modernidade, local e universal, representadas pelo antagonismo visível na temática social da paisagem. Para Fígoli “[...] desaparece assim a possibilidade de uma hipotética novidade absoluta, como criação ex-nihilo: a autêntica obra de arte é sempre recriação, recorrência, ressurreição do mito” (2007, p.11. Grifo do autor).

²⁸ Tradução livre de "car il existe des représentation sans horizon [...] Il peut donc exister des images de ciel, de mer, de terre, sans horizon autre que l'imaginaire d'une culture. L'horizon est métaphorique".

²⁹ Tradução livre de "Représentation d'une perception du monde, l'image de paysage est la représentation d'une représentation mentale ... L'image de paysage exprime le rapport au monde d'un individu. Représentation d'une représentation individuelle, l'analyse des images de paysage (description, schématisation, modélisation) doit dépasser le cadre de l'image et prendre en compte la personnalité de son concepteur dans la mesure où l'image véhicule des valeurs, des idées, ou des stratégies de développement".

³⁰ Alberto da Veiga Guignard nasceu no estado do Rio de Janeiro, em 1896. Depois de morar e estudar pintura em diversos países europeus retorna ao Brasil, em 1929. Transfere-se para Belo Horizonte, em 1944, a convite do prefeito Juscelino Kubistchek. Segundo Fígoli (2007, p. 1) “[...] suas representações do espaço regional têm a paisagem como um símbolo dominante”.

No passado, os meios mais usados na representação de paisagens foram a pintura, o desenho e a gravura. Embora permaneçam, nas últimas décadas, a fotografia tem sido cada vez mais relevante. Analisando a produção de sentido na paisagem fotográfica, Antonio Oliveira Jr (2007) afirma que ela sintetiza a relação entre o fotógrafo, o signo e a paisagem. Por isso mesmo, o autor salienta que a fotografia revela o juízo de quem a fez e seu contexto espaço-temporal. Para Oliveira Jr (2007), as fotografias de paisagem representam uma expressão da paisagem, dos lugares, dos objetos e “[...] *uma produção consciente do olhar [...] o signo fotográfico como uma forma de expressão que efetivamente comunica algo, de modo consciente ou não, e que pode se constituir em criação artística*” (OLIVEIRA JR, 2007, p.99).

Assim, considerando a paisagem como signo, que contém outros signos que servem de símbolo, tanto a paisagem como os outros signos são símbolos que têm o poder de “[...] *construção da realidade [...] o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)*” (BOURDIEU, 2001, p.9).

Jacques Maby, fazendo uma análise da importância da paisagem vitícola, na promoção do vinho, questiona: “[...] *como os caracteres da paisagem interferem naqueles do produto ao ponto construir-lhe uma identidade?* (2003, p.277)” A resposta de Maby é que a sociedade contemporânea está baseada em imagens “*Parece que deixamos gradualmente uma cultura dominante baseada no discurso (logosfera) para uma cultura dominante baseada na imagem (videosfera)* (2003, p.277)”³¹. E a paisagem, segundo o autor, responde magnificamente à dupla preocupação de identidade e de visibilidade.

Sintetizando, este estudo refletiu sobre a paisagem a partir da representação lingüística (topônimo) e pictórica (fotografia) de um espaço regional construído por uma sociedade vitivinícola e do uso da imagem da paisagem vitícola como símbolo que permite transmitir valores nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo.

³¹ Tradução livre de “comment les caracteres du paysage interfèrent-ils avec ceux du produit, au point de lui construire une identité ? [...] Il semble que nous quittons peu à peu une culture dominante fondée sur le discours (logosphère) pour une culture dominante fondée sur l'image (vidéosphère).”

2.1 INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: CRIANDO UM TIPO PARTICULAR DE REGIÃO

Uma indicação geográfica é o uso de um topônimo para referir a origem geográfica de um produto, mas também para designar o produto, de tal modo que, quando o uso tiver promovido a simbiose completa do produto com o topônimo, este passa a denominar o produto³². Como foi visto anteriormente, aplicando Duncan (2004), pode-se dizer que é uma sinédoque, no caso, o signo pela coisa. A referência não é somente em termos de localização, mas de ser o resultado daquela geografia específica.

Do ponto de vista jurídico, as indicações geográficas são

[...] direitos relativos à propriedade industrial que atuam como signos distintivos, diferenciando os produtos e serviços por sua origem geográfica [...] [atestando] determinada qualidade ou característica essencialmente vinculada com o meio geográfico (LOCATELLI, 2008, p. 63).

Considerando-se a referência à procedência do conteúdo encontrada em achados arqueológicos, como em ânforas, por exemplo, o uso da indicação da origem da produção remonta à Antiguidade (Larrousse, 2000). Mas nos tempos modernos, a sinalização da origem adquiriu grande importância, na medida em que agregou valor econômico aos produtos. A mais antiga dessas indicações modernas é a do vinho do Porto, criada pelo Marquês de Pombal, em 1756 (PINA, 1997). As regras e leis que definem essa temática receberam muitas mudanças desde essa época.

Atualmente, em diferentes regiões e países, existem diversas formas, critérios e níveis de exigência, para identificar a origem de muitos produtos. Em muitos países europeus são identificados vinhos, frutas, óleos, queijos, embutidos, mel, carnes, cereais, cervejas, água mineral, relógios, entre outros produtos. No setor vitivinícola, a origem dos produtos é reconhecida mundialmente como um fator de identidade associado ao conceito de qualidade³³. Essa qualidade é devida, entre

³² Um exemplo bastante conhecido é o do champanhe. Uma frase usual é: “vou tomar um champanhe ou um porto”, no lugar de “vou tomar um vinho originário da região de Champagne” ou “vou tomar um vinho originário da região do Douro, envelhecido na cidade de Vila Nova de Gaia, vizinha da cidade do Porto”.

³³ Segundo Guerra e Zanuz (2007, p185) “Vinho de qualidade é aquele que possui bom equilíbrio entre suas características organolépticas e analíticas, é isento de defeitos tecnológicos e possui elevada expressão de sabor, determinada pela cultivar, pela origem da uva e pela competência do viticultor e do enólogo. A qualidade de um vinho traduz-se na sua

outros fatores, as características do espaço definido e delimitado - a região vitivinícola. Sem essa variável, a competitividade dos produtos fica prejudicada, podendo, até mesmo, inviabilizar seu acesso a determinados mercados. Um aspecto da questão é como estabelecer os limites dessa região.

O instituto das IG's ocorre no contexto da regulamentação da propriedade industrial, que integra a regulamentação dos direitos da propriedade intelectual³⁴. Nos acordos internacionais, e no Brasil também, o tema iniciou com a condenação à falsa indicação da procedência de um produto. Só depois é que a legislação protegeu a origem. Sob a tutela da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI)³⁵, a Convenção da União de Paris (de 1883, ratificada pelo Brasil em 1975), o Acordo de Madri (de 1891, ratificado parcialmente pelo Brasil em 1896) e o Acordo de Lisboa (1958), modificados em revisões posteriores, regulamentaram a proteção das IG's em nível internacional (LOCATELLI, 2008).

No Brasil um decreto condenou as falsas IG's, em 1887. A primeira lei que tratou das indicações geográficas é o Decreto nº16.254, de 1923, que criou a Diretoria Geral da Propriedade Industrial. Esse Decreto foi modificado em legislações de 1945, 1967, 1969 e 1971 (LOCATELLI, 2008; GONÇALVES, 2007).

A Lei nº. 7.678, de 08 de novembro de 1988, denominada de Lei do Vinho, "*dispõe sobre a produção, circulação e comercialização do vinho e derivados da uva e do vinho, e dá outras providências*". Esta lei faz referências ao tema das zonas de produção nos artigos 17, 40, 42 e 47.

O Decreto nº. 99.066, de 08 de março de 1990, que regulamenta esta lei, refere-se a *zonas de produção* nos artigos 54, 62, 115, 117, 118, 119 e 120. Os principais artigos são os seguintes:

Art. 117. Para efeito deste Regulamento, Zona de Produção é a região geográfica formada por parte ou totalidade de um ou mais Municípios, na mesma Unidade da Federação, onde existem a cultura da videira e a industrialização da uva (Lei nº7.678, art. 42, parágrafo único).

capacidade de conferir ao consumidor uma sensação agradável, intensa, harmônica, imediata e complexa, nos planos visual, olfativo e gustativo".

³⁴ No Brasil, as políticas de propriedade intelectual são de competência do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, ao qual está vinculado o Instituto Nacional de Propriedade Industrial, que tem a competência de conceder e ratificar pedidos de registros de indicações geográficas.

³⁵ Organização especializada na regulamentação internacional dos direitos da propriedade intelectual.

Art. 118. As zonas de produção são:

I - Estado do Rio Grande do Sul: a) Região da Serra Gaúcha; b) Região do Alto Jacuí; c) Região do Alto Uruguai; e d) Região da Fronteira.

II - Estado de Santa Catarina: a) Vale do Rio do Peixe; b) Vale do Tubarão; e c) Região de Urussanga.

III - Estado do Paraná: a) Região da Grande Curitiba; e b) Região de Maringá.

IV - Estado de São Paulo:

a) Região de São Roque; e b) Região de Jundiá.

V - Estado de Minas Gerais:

a) Região da Serra da Mantiqueira.

VI - Estado da Bahia: a) Vale do Rio São Francisco.

VII - Estado de Pernambuco: a) Vale do Rio São Francisco.

Art. 119. O Ministério da Agricultura, com a participação do setor vitivinícola, levará em consideração fatores agroclimáticos e tecnológicos para caracterizar e demarcar as Zonas de Produção já identificadas, indicando as variedades de uvas aptas em cada zona e os respectivos tipos de vinho.

Art. 120. Os estudos e procedimentos necessários ao cumprimento do disposto no artigo anterior deverão ser iniciados no prazo de 180 dias, a contar da data de publicação deste Regulamento, devendo, no prazo de oito anos, ser apresentado pelo Ministério da Agricultura ao setor vitivinícola projeto de zoneamento vitivinícola.

Se pode perceber que o legislador pouco entendia de conceitos em Geografia (zona, região, fronteira, etc). Por decreto, a região vitivinícola está definida. Uma das questões, no entanto, é qual o volume da produção necessária para um município integrar a região? Os estudos previstos não foram realizados, mas a organização do MERCOSUL colocou o Brasil numa situação de premência. Em 1993, desenvolvi estudos com Jorge Tonietto (Embrapa Uva e Vinho), para subsidiar o setor vitivinícola brasileiro nas negociações, visando à elaboração da Norma Vitivinícola do MERCOSUL. Na regionalização proposta, foi definido a produção mínima de 200t de uvas de variedades do grupo das comuns e 100t do grupo das viníferas, para um município integrar uma região vitivinícola.

Segundo Gonçalves (2007) e Locatelli (2008), essas leis pouco protegiam. O Brasil só regulamentou e protegeu, efetivamente, as IG's com a Lei nº. 9.279, de 1996, decorrente não só das pressões internas, mas também dos acordos internacionais, que o país havia ratificado em 1994 e 1995. Segundo Locatelli

Entre as principais inovações está o reconhecimento e a proteção específica às denominações de origem, a extensão da proteção legal também às indicações geográficas de serviços e a configuração de crimes específicos, no caso da utilização indevida destas indicações (2008, p.228).

A mundialização das relações econômicas das décadas de 1980 e 1990 acarretou diversas situações de conflito de interesses, no âmbito da propriedade intelectual. As negociações multilaterais, no contexto da OMC, levaram ao Acordo TRIPS³⁶ (1994), que incluiu também regulamentação sobre indicações geográficas. Quando o Brasil ingressou na OIV, em 1995, e ratificou a Norma Vitivinícola do MERCOSUL e o Acordo TRIPS, em 1996, ratificou também o respeito às IG's dos outros países e, conseqüentemente, o Brasil deveria criar suas IG's, para competir no mercado nacional e internacional.

A Lei nº.9.279 estabeleceu que as indicações geográficas são as indicações de procedência e as denominações de origem, assim definidas:

Art.177. Considera-se indicação de procedência o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território que se tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço.

Art.178. Considera-se denominação de origem o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusivamente ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos (BRASIL, 1996).

Locatelli (2008) identificou, nesta lei, algumas inovações, em relação aos documentos legais anteriores, entre as quais salienta a proteção às denominações de origem, a inclusão de indicações geográficas de serviços e dos fatores humanos, como possibilidade de vinculação da qualidade ou característica do produto ao meio geográfico. Ao analisar a lei, a autora chama a atenção para a dificuldade de diferenciar indicação geográfica e indicação de procedência. Nesse sentido, ela explica que a lei brasileira está inspirada diretamente no conceito do Acordo TRIPS, isto é, que o gênero é indicação geográfica, com dois tipos: a indicação de procedência e a denominação de origem. A posição da OMPI é inversa, porque está baseada nos tratados internacionais consolidados, que consideram como gênero a indicação de procedência, com dois níveis: a indicação geográfica e a denominação de origem (LOCATELLI, 2008, p.228). Segundo Brunch (2010), há aspectos legais insuficientemente claros ou que não estão definidos na legislação brasileira, como, por exemplo, o da titularidade da IG.

³⁶ Em português Acordo Relativo aos Aspectos do Direito da Propriedade Intelectual Relacionados com o Comércio (ADPIC). TRIPS na sigla em inglês, usada com mais frequência.

A Lei de Propriedade Industrial brasileira estabeleceu a competência do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), para definir as condições de registro das indicações geográficas. O INPI criou atos normativos, em 1997 e 1998, substituídos pela Resolução nº 75, de 2000, para disciplinar as regras e condições para o registro de Indicações Geográficas no Brasil, em vigor atualmente (INPI, 2000)³⁷. Gonçalves (2007), contudo, chama a atenção para a fragilidade das competências de uma legislação regulamentada por resolução. Indica que a questão deveria ser regulada na própria Lei de Propriedade Intelectual e, portanto, estar menos sujeita a ingerências conjunturais.

Em 2003, as competências do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) foram modificadas pela Lei nº 10.683, que outorgou à Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC) a competência sobre indicações geográficas de produtos agropecuários. Pela Portaria nº 85, de 2006, a SDC definiu e atribuiu ao Departamento de Propriedade Intelectual e Tecnologia Agropecuária a competência de coordenar as atividades executadas pela Coordenadoria de Incentivo à Indicação Geográfica de Produtos Agropecuários (CIG)³⁸. Isso está conforme a legislação (Art.28), mas, na prática, INPI e MAPA ainda não acordaram completamente.

Em 2006, o MAPA oficializou três das regiões previstas na Lei do Vinho, através da Instrução Normativa nº 1, de 2 de fevereiro de 2006, que demarcou a Zona Vitivinícola Vale do São Francisco; da Instrução Normativa nº 22, de 31 de julho de 2006, que estabeleceu a Zona de Produção Vitivinícola Fronteira; e da Instrução Normativa nº 23, de 31 de julho de 2006, que estabeleceu a Zona de Produção Vitivinícola Serra Gaúcha³⁹.

Considerando os acordos e normas internacionais, a Organização Internacional da Uva e do Vinho (OIV), instituição intergovernamental setorial, estabeleceu resolução, em 1992, com as definições dos dois níveis de indicações

³⁷ INPI. Disponível em: http://www.inpi.gov.br/menu-esquerdo/indicacao/index_html/legislacao-1. Acesso em: 10 jan. 2011.

³⁸ MAPA. Disponível em: http://www.codeagro.sp.gov.br/camaras_setoriais/as_camaras/cafe/anexos/guia_ig.pdf. Acesso em: 10 jan. 2011.

³⁹ Disponíveis na página do MAPA em <http://www.agricultura.gov.br/legislacao>.

geográficas: Denominação de Origem Reconhecida e Indicação Geográfica Reconhecida. Conforme a Resolução, as definições são as seguintes:

Denominação de Origem Reconhecida é o nome do país, da região ou do lugar utilizado para designar um produto originário deste país, desta região, deste lugar ou da área definida para este fim sob este nome, e reconhecido pelas autoridades competentes do respectivo país. No que se refere aos vinhos ou destilados de origem vitivinícola, a Denominação de Origem Reconhecida designa um produto cuja qualidade ou características são devidas exclusivamente, ou essencialmente, ao meio geográfico, compreendendo os fatores naturais e fatores humanos e está subordinado à colheita da uva, bem como à transformação no país, na região, no lugar ou área definida.

[Indicação Geográfica Reconhecida] É o nome do país, da região ou do lugar, utilizado na designação de um produto originário deste país, desta região, deste lugar ou da área definida para este fim sob este nome e reconhecido pelas autoridades competentes do respectivo país. No que se refere aos vinhos, o reconhecimento desse nome, está unido a uma qualidade e/ou característica do produto atribuídas ao meio geográfico, que compreende os fatores naturais ou os fatores humanos e está subordinado à colheita no país, na região, no lugar ou área definida. No que se refere às bebidas destiladas de origem vitivinícola, o reconhecimento deste nome está unido a uma qualidade e/ou característica que o produto adquire durante uma fase decisiva de sua produção e subordinada à realização desta fase decisiva no país, na região, no lugar ou área definida (OIV, 1992, p.1-2).

As definições evidenciam a espacialização do produto, isto é, a relação do produto com seu espaço de origem; porém, como é próprio da Lei e da Resolução, não explicitam o que sejam os fatores naturais e humanos desse espaço. Ao analisar processos de organização de algumas denominações de origem de vinho, como por exemplo, Ribera Del Duero e Rioja, na Espanha, percebem-se a importância de fatores do meio, como o solo e clima, na definição dos limites da área da denominação, pois estes são fundamentais nas características finais do vinho, enquanto os fatores humanos são relativos à escolha das variedades, às práticas vitícolas e à elaboração do vinho⁴⁰. É o espaço geográfico que está expresso no produto. A implementação de uma IG, contudo, é resultado das relações de poder entre os diferentes agentes, fruto de decisões. Portanto, desde este ponto de vista, uma IG expressa, além do espaço geográfico, um território.

Às denominações de origem históricas, fixadas principalmente na primeira metade do século XX, se pode aplicar a afirmação de Milton Santos “[...] a

⁴⁰ As condições para a implementação e o desenvolvimento de uma Denominação de Origem, em alguns países europeus, são analisadas, por exemplo, por Camilla (1987), Dantas (1987), Enders (1987), Hidalgo (1987), Marquet (1987a, 1987b), Seguin (1991), Sotéz e Gómez-Miguel (1999), Tinlot (1987), Tonietto (1993) e Yravedra Llopis (1987, 1997).

personalidade de cada região foi constituindo-se como resultado de uma longa evolução e os traços do passado podiam, por isso, cristalizar-se (1988, p.63)". Conforme depoimento do diretor-presidente do *Comité Interprofessionnel du Vin de Champagne* (OEuilly, França), Sr. Jean-Marie Tarlant, em julho de 2003, os limites da região do "*Champagne foram estabelecidos naquelas áreas que eram cultivadas há muito tempo, que foram sendo selecionadas porque produzem a melhor expressão qualitativa do produto*". Os limites foram evidenciados no longo processo histórico de construção dos territórios. Segundo afirmou Jacques Fanet, ex-presidente do *Institut National de Appellation d'Origine Controlée (AOC)*, em 2009, em Bento Gonçalves⁴¹, a política francesa de denominações de origem baseia-se nos seguintes princípios fundamentais: a vontade e a mentalidade das pessoas, o respeito pela tipicidade e a preponderância da denominação sobre a marca, e a evolução técnica.

Nas novas regiões, aquelas que estão sendo definidas nas últimas décadas, os critérios sobre os quais se assentam as decisões dos limites resultam de pesquisas que apontam os fatores que definem o produto da região. Para Hidalgo (1987), o desenvolvimento de uma DO é influenciado pela existência de um produto de qualidade, com prestígio e tipicidade, e pela organização da produção e da comercialização, dentro de um contexto geográfico, social e econômico. Quanto ao produto, o autor destaca que a tipicidade é resultante das condições geográficas (solo, clima e microclima), das variedades das videiras e dos fatores humanos (práticas culturais e enológicas), que devem ser aproveitados para potencializar seus benefícios na qualidade da produção. A qualidade do produto deve ser assegurada por um rígido controle, feito por um Conselho Regulador, que precisa considerar desde os vinhedos, as práticas culturais, a colheita, o processo de elaboração e de envelhecimento até a comercialização.

Para Jorge Tonietto (1993), o objetivo básico de uma IG é proteger os produtos que dela se originam, assim como sua denominação. Isso beneficia os produtores vitivinícolas, que têm interesses comerciais e ficam sujeitos ao cumprimento de um conjunto de regras de produção. Há, igualmente, benefícios para os consumidores, com a garantia de autenticidade da origem e de um padrão de qualidade dos produtos.

⁴¹ | Workshop Embrapa sobre Indicações Geográficas, 9 a 11 de dezembro de 2009, realizado pela Embrapa em colaboração com a Embrapa Uva e Vinho.

O número de indicações geográficas existentes fornece uma idéia de sua importância: nos países europeus que tradicionalmente produzem vinhos, são quase 2000; porém, no novo mundo vitivinícola, as IG's são recentes e os princípios básicos nem sempre são semelhantes. A Argentina, o Chile, os EUA, a Austrália e a África do Sul definiram regiões nas décadas de 1970 e 1980 (LARROUSSE, 2000). O Brasil iniciou este processo há pouco mais de uma década e o reconhecimento legal da primeira IP foi somente em 2002 e a segunda em 2010 (INPI, 2002; 2010).

Assim, entende-se que uma IG constitui uma região, no sentido de parte do espaço geográfico, quando a autoridade legal a reconhecer, o que só é feito, quando houver uma solicitação, que deve comprovar os critérios que a lei exige. Um dos aspectos da questão é como estabelecer os limites geográficos da região que referencia um produto que se tornou conhecido (no caso da IP) e que determina as qualidades ou características do produto (no caso da DO). Mais complexo e, certamente, de caráter interdisciplinar, é demonstrar a relação produto x espaço (região): o que, no produto, se deve à geografia da região, isto é, os fatores naturais e humanos, como a lei exige.

As experiências para a delimitação, caracterização geográfica e implementação das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira e da área proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo, utilizando a abordagem exposta, estão descritos e analisados no capítulo 4.

3 A VITIVINICULTURA E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Este capítulo trata da inserção do Brasil no mundo vitivinícola, da evolução da cultura da videira, desde o século XVI, com destaque para a região da Serra Gaúcha, contexto no qual se localizam as regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, assim como das regiões brasileiras produtoras de vinhos finos atuais.

3.1 INTRODUÇÃO

A videira é uma planta trepadeira do gênero *Vitis* e tem mais de duas dezenas de espécies. As informações mais remotas dão conta que o homem do Neolítico já cultivava videiras na Ásia Menor, região onde a espécie *Vitis vinifera* teria sido domesticada. Da Antiguidade existem achados arqueológicos de cultivos da videira e consumo do vinho no Oriente Próximo, Norte da África e em grande parte da Europa. Importantes referências à presença do vinho são encontradas em representações na civilização egípcia; nas narrativas de Homero; nos estudos do historiador romano Plínio O Velho, entre outros. Foram os gregos e romanos que difundiram a vitivinicultura pelo mundo mediterrâneo e, deste, nos tempos coloniais, para o novo mundo.

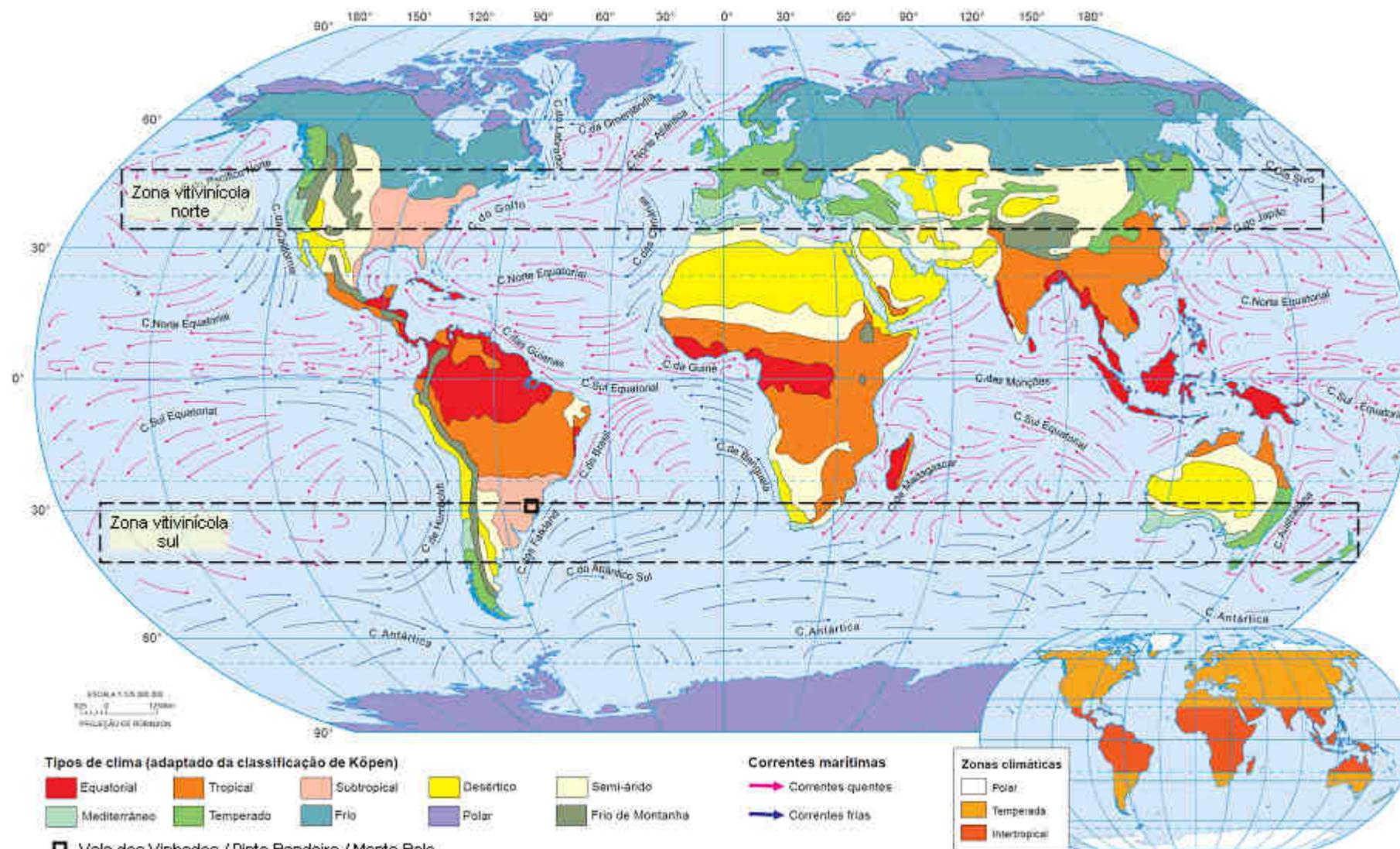
Variedades da espécie *Vitis vinifera* têm recebido muitos melhoramentos técnicos nos últimos séculos e têm sido as mais usadas na elaboração de vinhos que, hoje, são considerados de melhor qualidade. Entretanto, diversas variedades de outras espécies, como de *Vitis labrusca*, originárias da América do Norte, são cultivadas para a elaboração de vinhos de consumo corrente.

A videira é uma planta cultivada, principalmente, em ambientes de clima temperado, por isso os principais países produtores de vinho localizam-se nas zonas

temperada norte e sul ou que tenham áreas com essas características, como em algumas áreas na região sul do Brasil (MAPA 2). O vinho é um produto que expressa, significativamente, nas suas características as condições do meio e as práticas agronômicas com as quais as uvas foram produzidas, assim como as práticas enológicas da sua elaboração. A figura 1 mostra os climas geovitícolas definidos por Tonietto e Carbonneau (1999), situando Bento Gonçalves (BRbe) no contexto geovitícola mundial. Bento Gonçalves serve de referência para as três regiões estudadas que estão, parcialmente, localizadas neste município.

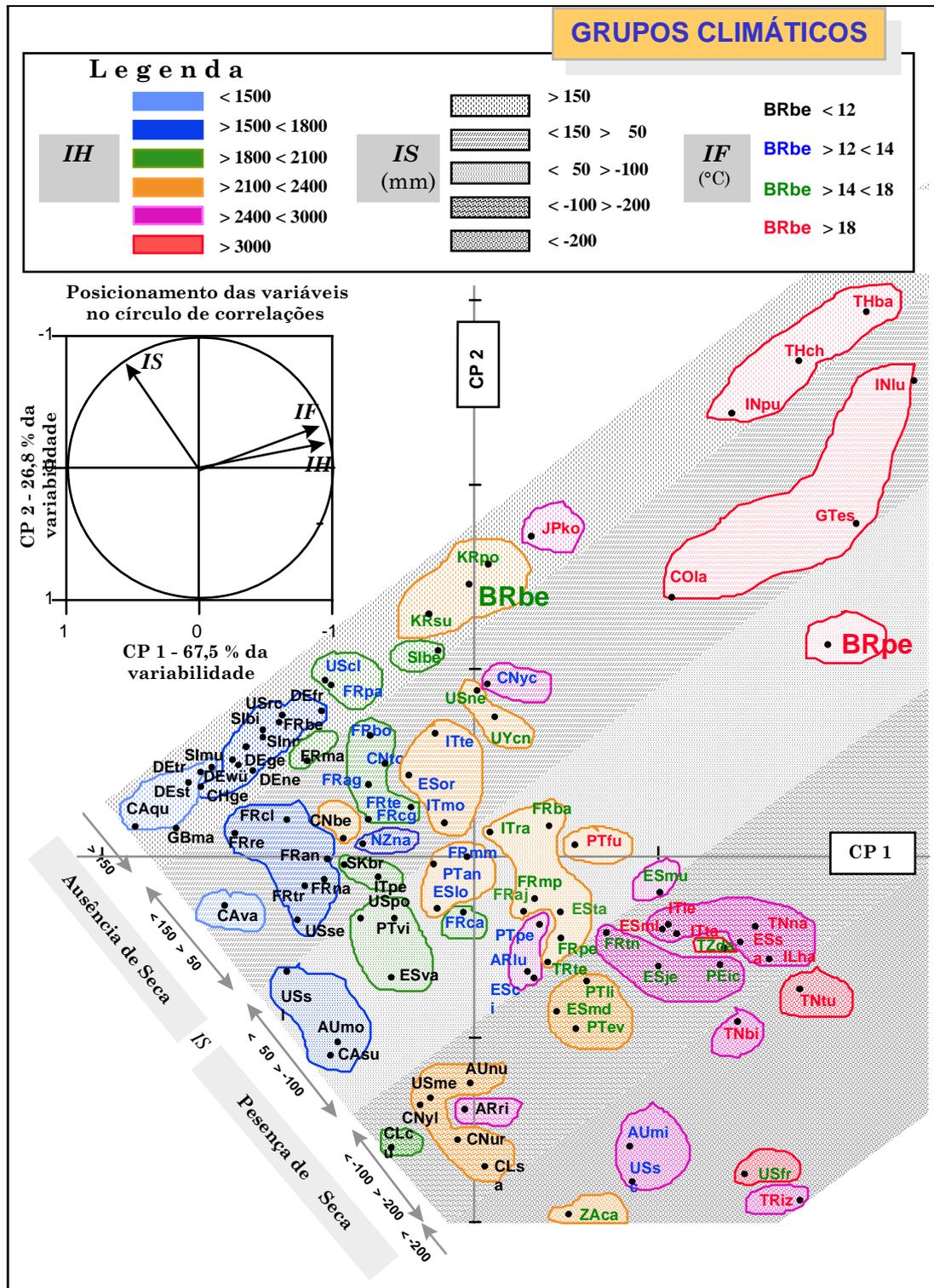
Segundo dados da FAO, embora a Espanha tenha a maior superfície cultivada com videiras e a Itália a maior produção de uvas, em 2007, foi a França que teve a maior produção de vinhos, seguindo a Itália, Espanha, Estados Unidos e Argentina. Naquele ano, a Itália foi o maior exportador mundial, porém foi na França que as exportações mais renderam, porque o valor médio, por litro, foi mais do que o dobro (OIV, 2007; MELLO, 2009).

MAPA 2 – Zonas vitícolas temperadas e a localização das regiões estudadas no contexto climático mundial



FONTE: IBGE, 2004, p.67.

FIGURA 1 – Grupos climáticos: classificação climática mundial (CCM) com os grupos de climas geovitícolas, incluindo as regiões brasileiras de Bento Gonçalves (BRbe) e Petrolina (BRpe), segundo Jorge Tonietto



FONTE: TONIETTO; CARBONNEAU, 1999.

LEGENDA: IH: índice de Huglin; IS: índice de seca; IF: índice de frio noturno.

OBS: Legenda detalhada disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/tecnologias/ccm/met.html>. Acesso em: 20 fev. 2011.

3.2 PANORAMA GERAL DA VITIVINICULTURA BRASILEIRA: DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XX

A videira foi introduzida no Brasil por Martim Afonso de Sousa, em 1532, na capitania de São Vicente, atual São Paulo (INGLÊS DE SOUSA, 1996). Nos anos 1550, foi introduzida nas capitanias de Pernambuco e Bahia, sede da colônia (MAPA 3), conforme se comprova na descrição de Gabriel Soares de Souza:

Das árvores a principal é a parreira, a qual se dá de maneira nesta terra, que nunca lhe cai a folha, se não quando a podam que lha lançam fora; e quantas vezes a podem, tantas dá fruto; e porque duram poucos anos com a fertilidade, se as podam muitas vezes no ano; é a poda ordinária duas vezes para darem duas novidades, o que se faz em qualquer tempo do ano conforme ao tempo que cada um quer as uvas, porque em todo o ano madurecem e são muito doces e saborosas, e não amadurecem todas juntas; e há curiosos que têm nos seus jardins pé de parreira que têm uns braços com uvas maduras, outros com agraços, outros com frutos em flor e outros podados de novo; e assim em todo o ano têm uvas maduras, numa só parreira; mais não há naquela terra mais planta que de uvas ferrais e outras uvas pretas, e não há nessa terra muitas vinhas é por respeito das formigas, que em uma noite dão numa parreira, lhe cortam a folha e fruto e o lançam no chão; pelo que não há na Bahia tanto vinho como na ilha da Madeira, e como se dá na capitania de São Vicente porque não tem formiga que lhe faça nojo, onde há homens que colhem já a três e quatro pipas de vinho cada ano, ao qual dão uma fervura no fogo por se lhe não azedar o que deve de nascer das plantas (SOUZA, 1851, p.145; 1587, p.166)⁴².

Além do aporte português, os espanhóis também deram sua contribuição. O Tratado de Tordesilhas (1494) dividiu as Américas entre os dois impérios e mais da metade do que é hoje o território do Brasil pertenceu à Espanha, incluindo toda a região sul. Nela, a metrópole espanhola implantou o sistema colonial, do qual fazia parte a catequização dos nativos, razão pela qual a Província Jesuítica do Paraguai implantou missões no que é hoje o Paraná e, depois, no Rio Grande do Sul. A ocupação espanhola, no Rio Grande do Sul, teve importância até o século XVIII e deixou marcas em parte do estado, especialmente na Campanha e no Centro-oeste (FALCADE; BACHI, 1993). Estas marcas, contudo, não são vinculadas à vitivinicultura, embora as Cartas Ânua relatem sobre esse cultivo nas reduções.

⁴² A obra consultada foi organizada em 1851 com base em duas versões originais de 1547 e 1587, encontradas em bibliotecas de Portugal e Espanha. Talvez essa seja a mais antiga descrição de uma das características da vitivinicultura tropical, onde é possível se obter mais de duas safras/ano. Para entender as referências à Espanha, na Bahia, é bom lembrar que, de 1580 à 1640, Portugal esteve unido à Espanha, formando a União Ibérica.



A expansão portuguesa para o sul e o interior do continente foi conquistando espaços e construindo o território colonial. A economia deste período era baseada no extrativismo vegetal e mineral, na pecuária extensiva e na agricultura canieira e cafeeira. Estas eram associadas ao trabalho escravo e às políticas de exclusividade de Portugal, em relação à indústria e ao comércio do Brasil colônia. Entre outros fatores, essas características não estimularam a vitivinicultura (e qualquer outra indústria, atividade que foi explicitamente proibida a partir de 1775). A vitivinicultura existia em poucas áreas, para consumo próprio e para/pela igreja. Quando D.João IV revogou, em 1808, a proibição à indústria, havia tecnicamente a possibilidade de se desenvolver a vitivinicultura. O que não havia era a cultura enológica dissiminada e o interesse econômico. Relatos de vitivinicultura em áreas maiores são encontrados após a década de 1830, especialmente, com a chegada dos imigrantes alemães, franceses e, mais tarde, a partir de 1875, os italianos.

As primeiras videiras plantadas em São Paulo foram trazidas por Martim Afonso de Sousa, em 1532, das ilhas da Madeira e Açores. Brás Cubas plantou-as em São Vicente, mas, procurando melhores condições ambientais, levou a videira da zona litorânea para o planalto de Piratininga, em torno de 1551. Os primeiros registros de vinho desse período são dos jesuítas Manoel da Nóbrega, Simão de Vasconcelos e José de Anchieta (INGLÊS DE SOUSA, 1996). Até fins do século XVIII, eram cultivadas somente variedades de *Vitis vinifera*, que sofriam problemas relacionados às condições ecológicas e econômicas.

Na Província de São Paulo, a partir de 1800/1830, difundiu-se o cultivo das variedades americanas Cape, Catawba e Isabel, especialmente, nos municípios de Mogi das Cruzes, São Roque e Jundiaí, mas, por todo interior paulista, a partir de 1888, os imigrantes italianos que trabalhavam na cafeicultura cultivaram a Isabel. A variedade americana Niágara Branca foi introduzida nesse período e difundida por todo Brasil, no início do século XX. Nos anos 1920, a variedade híbrida Seibel 2, oriunda da Europa, começou a ser cultivada para substituir a Isabel e melhorar o vinho produzido. Essas variedades mais rústicas são utilizadas até hoje, para consumo *in natura* e para a produção de vinhos de mesa, principalmente nos municípios de São Roque e Jundiaí, muito embora o cultivo de uvas para consumo *in natura* de variedades viníferas ou híbridas tenha crescido muito a sudeste e noroeste, nas regiões dos municípios de São Miguel Arcanjo e Jales, respectivamente.

Na Província de Pernambuco, segundo Inglês de Sousa (1996), o capitão João Gonçalo introduziu a videira com variedades de Portugal, na ilha de Itamaracá, em 1542. Essa área foi a mais conhecida até o fim da dominação holandesa, em 1640. Contudo, Duarte Coelho havia introduzido a videira no continente em 1584, difundindo-a nas fazendas do interior, que eram cultivadas nos quintais e pomares domésticos, na forma de latada.

Na Bahia, as videiras foram plantadas nos arredores de Salvador, em 1549. Afonso Guimarães destacou-se com videiras oriundas de Portugal ou da Madeira, na ilha de Itaparica. Também na Bahia, a expansão da ocupação colonial levou junto a videira na instalação de fazendas e engenhos, como parte do pomar doméstico. Foi o que descreveu Frei Vicente do Salvador, em 1627, quando se referiu à fruticultura

existente “[...] uvas de parreira, que se vindimam duas vezes ao ano; e na mesma parreira⁴³ – se querem – têm justamente uvas em flor, outras em agraço, outras maduras, se as podam em pedaços diversos” (PIMENTEL, 1950, p.17).

Essa viticultura de Pernambuco e da Bahia se manteve até o início do século XIX, mas, embora tenha existido por longo tempo, não constituiu uma região com identidade vitivinícola. Isso começou a ocorrer com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1959, quando a vitivinicultura expandiu-se na região do Submédio Vale do Rio São Francisco. Inicialmente, a viticultura esteve voltada para a produção de uvas para consumo *in natura*. A partir dos anos 1980, o cultivo de *Vitis viniferas* foi, parcialmente, direcionado para produção de vinhos finos, com importante contribuição de técnicos oriundos da região da Serra Gaúcha.

Estima-se que a viticultura tenha sido introduzida nos sertões do oeste da Província de Minas Gerais, a partir de 1650, por desbravadores paulistas oriundos de Piratininga (São Paulo). Auguste de Saint Hilaire, naturalista e viajante francês, descreveu o cultivo de uvas em Minas Gerais com uma evolução semelhante àquela ocorrida em São Paulo. Nos anos 1860, as variedades Isabel, Catawba, Concord e Delawere eram as mais importantes na região da Serra da Mantiqueira, especialmente, nos municípios de Caldas, Baependi e Andradas onde, mais tarde, também se fixaram imigrantes italianos. É nessa região sul de Minas Gerais que, hoje, se localiza a maior área de vinhedos destinada à produção de vinhos de mesa e consumo *in natura*.

Como afirmado anteriormente, a vitivinicultura no atual estado do Paraná iniciou, com a colonização espanhola do Vice-reinado do Prata e da Província Jesuítica do Paraguai, quando foi ocupada a região do Guairá (oeste do estado) e foram criadas vilas e reduções, entre 1554 e 1630. Nestas, foram introduzidas variedades de Castela, vindas por Buenos Aires ou Assunção. Dessa vitivinicultura não se têm vestígios arqueológicos (CORTESÃO, 1951, 1952, 1959).

Ao leste do Paraná, na área de Curitiba, portugueses oriundos de São Paulo cultivaram as primeiras videiras da variedade Ferrel, em 1817. Imigrantes alemães

⁴³ O termo parreira tem sentido de vinhedo.

de Joinville e São Francisco do Sul introduziram a vitivinicultura no planalto paranaense, entre 1850 e 1870; já os franceses, oriundos da Argélia, cultivaram viníferas que não vingaram, em 1868/1869. A partir do final do século XIX, principalmente em Curitiba e arredores, a viticultura para vinhos foi influenciada por imigrantes italianos. Estes, mesmo acostumados com viníferas, cultivaram as variedades Isabel e Concord. Embora esta viticultura tenha tido certa importância comercial, o mesmo não ocorre hoje. A vitivinicultura moderna no Paraná, principalmente na região noroeste/norte, em municípios como Londrina, Maravilha e Assai, teve impulso nas últimas décadas com a migração de gaúchos e catarinenses, na maioria, descendentes de italianos.

A primeira referência de viticultura em Santa Catarina, segundo Inglês de Sousa (1996), é de 1807, com imigrantes portugueses dos Açores, que se fixaram em São Francisco do Sul e, depois, na década de 1860, há informações da cultura de videiras em Diamante e na ilha de Santa Catarina. É com a colonização italiana na região de Urussanga que, a partir de 1878, a viticultura se desenvolveu, criando um espaço regional com identidade na produção de vinhos de mesa, a partir das cultivares Isabel, Niágara e Goethe.

Nas primeiras décadas do século XX, milhares de gaúchos, descendentes de italianos e alemães, migraram para o planalto oeste-catarinense e, na região do Alto Vale do Rio do Peixe, constituíram a mais extensa zona vitícola do estado, baseada, principalmente, em variedades americanas e híbridas. Contudo, na última década, houve um incremento na superfície cultivada com *Vitis vinifera*, para a produção de vinhos finos não só nessa região, mas também na região do Planalto de Lages (ROSIER, 2003).

3.2.1 A Vitivinicultura no Rio Grande do Sul, em Particular, na Região da Serra Gaúcha (Século XIX e XX)

Sob o domínio espanhol, os jesuítas da Província Jesuítica do Paraguai introduziram variedades de *Vitis vinifera* de Castela, nas reduções do Tape, no Rio Grande do Sul, entre 1625 e 1635, localizadas na planície central e na encosta do

planalto. O Pe. Roque Gonzalez de Santa Cruz, registrou a cultura na Redução de São Nicolau, em 1626; há outros registros de viticultura, nos conjuntos dos 30 Povos e dos Sete Povos das Missões, localizadas no noroeste, nos séculos XVII e XVIII.

Ao leste do Rio Grande do Sul, em 1732, os açorianos introduziram videiras portuguesas, nas cercanias de Rio Grande e Pelotas e, em 1773, nos municípios de Viamão e Porto Alegre. Há algumas notícias da produção de vinho, durante o século XIX, ora em Pelotas, ora em Porto Alegre. É o que se verifica, inclusive, na descrição de Auguste Saint Hilaire, nos anos 1820. Os imigrantes alemães, cultivaram a videira, a partir de 1824, nas colônias São Leopoldo e Novo Hamburgo, e nos vales dos rios Caí e Taquari, na região da Encosta Inferior do Nordeste. Inglês de Sousa afirma que, até a metade do século XIX, “[...] os vinhedos gaúchos foram todos de variedades de *Vitis vinifera*, espanholas primeiro, portuguesas depois, francesas, italianas e alemãs mais tarde (1996, p. 49)”. Thomas Messister introduziu a variedade Isabel, do estado de Washington para a Ilha dos Marinheiros (Pelotas), entre 1839 e 1842, que foi difundida, rapidamente, pela região da Campanha e da Depressão Central e, em 1900, havia vinhedos que se destacavam nos municípios de Uruguaiana, Bagé e Santana do Livramento.

Iniciada em 1875, a imigração italiana marcou uma nova etapa na evolução da vitivinicultura brasileira. O projeto de imigração italiana, para o Brasil, teve diversos objetivos. Para a Itália, significou o alívio de tensões sociais decorrentes da guerra de unificação, do processo de industrialização, de mudanças no padrão demográfico, de um quadro de miséria e fome. Para o Brasil, foi o branqueamento da população, a substituição do trabalhador escravo da cafeicultura pelo trabalhador livre, o povoamento das terras devolutas no sul e o aumento da produção agrícola do país.⁴⁴ O processo de colonização implementado pelo governo imperial já havia tido um momento significativo com a imigração de milhares de alemães, a partir de 1824. Mas o projeto de imigração italiana ocorreu num outro contexto legal, político, econômico e social tanto no Brasil e no mundo ocidental⁴⁵.

⁴⁴ Há muitos estudos sobre o assunto. Alguns abordam, principalmente, a colonização no sul do Brasil como Azevedo (1975), Frosi e Mioranza (1975), Manfroi (1975), Giron (1977), Caprara e Luchese (2005), De Boni (1985, 1987), entre outros.

⁴⁵ Cabe lembrar que as normas de ocupação, colonização e descolonização mudaram com as mudanças do Estado, que por sua vez, mudaram com as mudanças da economia (GIRON; BERGAMASCHI, 2004).

No Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos colonizaram a região da encosta do planalto, nas pré-determinadas colônias Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Conde D'Eu (atual Garibaldi) e Colônia dos Fundos de Nova Palmira (atual Caxias do Sul), bem como parte da região da planície central na colônia Silveira Martins. Além do Rio Grande do Sul, foram criadas colônias em Santa Catarina, nos vales dos rios Urussanga e Tubarão; no Espírito Santo, nas regiões mais altas, em torno de Santa Tereza; no Paraná e em São Paulo, conforme detalham Giron e Bergamaschi (1996, 2004).

O projeto de colonização italiana desenvolveu-se sob orientação da Lei nº601, de 1850, conhecida como Lei de Terras, e da Lei Provincial nº304, de 1854, a Carta de Colonização da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A Lei de Terras, além de transformar a terra em mercadoria, previa a forma de parcelamento do solo e a direção que os lotes deveriam ter. O projeto foi posto em prática após expedições à região e a elaboração do traçado geral da área com os lotes. Neste traçado, foram observados apenas os acidentes geográficos de maior destaque, como o Rio das Antas, que serviu de limite natural para as primeiras colônias ao norte-noroeste (ADAMI, 1971). Segundo De Boni e Costa “*Cada colônia foi dividida em léguas, estas em linhas ou travessões que, por sua vez, dividiam-se em lotes* (1982, p.80)”. O tamanho das colônias, linhas, travessões e lotes eram variáveis.

O lote médio de 220 x 1.100m, isto é, pouco mais de 24ha gerou, na região, uma das especificidades do conceito colônia⁴⁶, que, do ponto de vista espacial, é o espaço geográfico, portanto a extensão, mas se configurou também na localização⁴⁷. A pessoa, o imigrante, recebeu (e ainda recebe) o designativo de colono⁴⁸, isto é, o proprietário, a mão-de-obra que produz. Essa especificidade faz parte da identidade social e espacial na e da região de colonização italiana, como é possível, inclusive, ver na configuração do uso do solo, cujas marcas de apropriação dos lotes podem ser identificadas nas linhas retas (FIGURA 2).

⁴⁶ Giron e Bergamaschi (1996) fazem uma análise detalhada da evolução do conceito de colônia, do ponto de vista político, econômico e social.

⁴⁷ Colônia, como localização, tem o sentido de local e movimento, “ir para a colônia”: quem está na área urbana é ir para a área rural e quem está em casa, na zona rural, é ir para a roça, ir para a lavoura.

⁴⁸ Essa identidade nem sempre foi/é considerada positiva, conforme Giron (2007) que faz uma análise detalhada desse aspecto.

FIGURA 2 – Região da IP Vale dos Vinhedos: os lotes coloniais



Croqui que reproduz o traçado dos lotes coloniais na área do Vale dos Vinhedos.

(Fonte: Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, 1975)

N
↑

Recorte de fotografia do aerolevanteamento na área do Vale dos Vinhedos, 2005. Em vermelho desenho dos limites dos lotes, destacado no croqui e indicado o lote 43 da Linha Leopoldina.

(Fonte: Embrapa Uva e Vinho, 2005)

N
↓

FOTO 1 – Parte do lote 43 da Linha Leopoldina, Vale dos Vinhedos.

© Ivanira Falcade, 2009

Conforme Frosi e Mioranza (1975), quase a totalidade (98,5%) dos imigrantes italianos que se estabeleceram nas antigas colônias, no nordeste do Rio Grande do Sul, eram do norte: vênnetos, lombardos, trentinos e friulanos. Os imigrantes compravam o lote no barracão da Diretoria da Colônia (Comissão de Terras) e logo deveriam ocupá-lo, construindo a moradia, e torná-lo produtivo com trabalho familiar.

A ocupação das terras em toda a região foi rápida, porque a relação entre o reduzido tamanho dos lotes e o número elevado de filhos dos imigrantes formou, desde logo, um excedente demográfico, que buscou novas áreas para se estabelecer, especialmente por ocasião do casamento e da sucessão hereditária. De acordo com Frosi e Mioranza (1975) e Azevedo (1975), das primeiras colônias Dona Isabel, Conde D'Eu e Caxias, a área de colonização estendeu-se, gradativamente, na direção norte, para a margem direita do Rio das Antas, acompanhando a continuidade dos trabalhos de demarcação e loteamento das terras devolutas pelo Governo do Estado.

Em pesquisa sobre Caxias do Sul, que pode ser aplicada para toda a região, pois o processo é o mesmo, Giron afirma que “*O preço das terras foi sempre demarcado pela Comissão de Terras, oscilando de 2 réis a 8 réis à braça quadrada (1977, p.23)*”⁴⁹. Não há informação que explique porque alguns imigrantes pagaram mais e outros, menos, ou porque alguns receberam lote maior ou menor, nem que tenham sido consideradas diferenças de qualidade do lote, nem relação com o tamanho da família. Aproximadamente, metade dos lotes custaram 3 réis à braça quadrada, acrescido do valor do auxílio inicial (em torno de 30% do valor do lote, para alimentação, sementes, instrumentos agrícolas), muito embora nem todos tenham recebido esse auxílio. A dívida era paga em 5 a 10 anos (CAPRARA; LUCHESE, 2005), sendo amortizado, pelo menos, 20%, quando o colono recebia o lote (GIRON, 1977).

Os documentos revelam a morosidade do governo e o quadro geral de dificuldades que os imigrantes enfrentavam (falta de escolas e estradas precárias, p. ex.): “*O Eldorado não era tão belo quanto as propagandas, alguns voltaram para a Europa, outros foram para os Estados Unidos e Argentina. A maioria permaneceu;*

⁴⁹ A braça quadrada correspondia a 4,48m².

para os pobres não havia retorno” (GIRON, 1977, p.70). Ao se referirem àqueles que ficaram Giron e Bergamaschi afirmam “[...] superaram a fome, a discriminação e o luto pela perda da pátria natal e da família [...] a aquisição de um lote representava a mudança de sua condição de servos da terra para a de senhores de sua terra (1997, p. 63. Grifo das autoras)”. Na expressão usual da região “os colonos trabalhavam feito escravos” (aí incluída toda a família) para pagarem a dívida colonial. A poupança deveria ser total, para alcançar o objetivo, isto é, ter a propriedade significava ter segurança, estabilidade, independência, poder.

O ano de 1884 era o prazo de emancipação colonial, ou seja, as Comissões de Terras deveriam deixar a administração das colônias. Nesse processo, as colônias Dona Isabel e Conde D'Eu constituíram um distrito do município de São João do Montenegro, e a Colônia Caxias foi anexada ao município de São Sebastião do Caí. Mas isso não significou melhorias, pois o isolamento e a falta de condições deixavam os colonos carentes de toda a infra-estrutura, embora o recenseamento de 1890 tenha mostrado que, tanto Caxias como D. Isabel, eram produtivas.

Pouco depois, as colônias foram emancipadas. O Ato Estadual nº 257, de 20 de junho de 1890, criou o município de Caxias do Sul, e a sede foi elevada à categoria de cidade; e o Decreto de nº 474, de 11 de outubro de 1890, criou o município de Bento Gonçalves, e a sede elevada à categoria de cidade. Em 31 de outubro de 1900, Conde D'Eu emancipou-se de Bento Gonçalves, constituindo o município e a cidade de Garibaldi (PARIS, 1996). O Decreto nº 5.779, de 11 de dezembro de 1934, criou o município de Farroupilha, constituído pelo distrito Jansen de Bento Gonçalves; pelos distritos de Nova Milano e Nova Vicenza, de Caxias do Sul; e pelo distrito de Nova Sardenha, de São João de Montenegro (ADAMI, 1971; NICCHETTI, 1976). Os municípios de Monte Belo do Sul e Santa Tereza foram criados em 20 de março 1992, a partir de desmembratos de Bento Gonçalves.

Foi somente com a emancipação de Caxias do Sul e Bento Gonçalves, em 1890, que os colonos começaram a participar da vida política, muitas vezes conflituosa com os intendentess. Estes, em geral, eram de origem portuguesa, vinculados ao governo estadual e federal e com pouca relação cultural com os colonos. As eleições foram instituídas pela constituição republicana e as lideranças dos colonos participaram, principalmente, do poder legislativo municipal. Na escala

estadual, muitas décadas se passaram até que os imigrantes tivessem peso nas decisões políticas. Conforme salienta Giron (1977), a integração política e social dos imigrantes não foi um processo, nem simples, nem fácil.

A aprendizagem da nova língua foi dificultada pela falta de escolas (LORENZONI, 1975), mas, por outro lado, manteve por mais tempo a identidade italiana. Isso influenciou o surgimento de um dialeto que Frosi denominou de koiné (1996). Falar este dialeto nem sempre esteve revestido de positividade, criando, mesmo um estigma e afetando a autoestima (FAGGION, 2007, FROSI, 1996)⁵⁰. Talvez o mais difícil ocorreu nos anos 1930 e 1940, quando o Estado Novo proibiu falar italiano (PESAVENTO, 1980).

A análise de documentos de época e da literatura que estudou o processo de colonização, organização e construção desse espaço geográfico mostra posições que vão do ufanismo à crítica, evidenciando diferentes compreensões, não só do objeto de análise como também de ciência.

Nas pequenas propriedades, inicialmente, o imigrante construiu um espaço caracterizado pela policultura de subsistência, a que Herédia denominou de “[...] *fase inicial de ocupação da terra, marcada por atividades primárias* (2007, p. 89)”. O imigrante italiano era, ao mesmo tempo, um agricultor e um artesão. Por isso, nas unidades agrícolas havia diversificação das atividades, o que as tornava relativamente autossuficientes. A produção era realizada em pequena escala, de forma artesanal e com mão-de-obra familiar.

A densa vegetação da floresta que cobria as encostas do planalto deu lugar ao cultivo de cereais, hortaliças e frutas, e à criação de aves, suínos e gado. Nas colônias foi importante o número de moinhos para a moagem de trigo e milho - cereais largamente utilizados na alimentação dos imigrantes italianos, assim como o de cantinas⁵¹, muito frequentes nos porões de pedra (basalto/riolito) das casas dos colonos. Nas vilas, a virtualidade técnica do imigrante viabilizou o surgimento de

⁵⁰ Por muitas décadas, mesmo tendo nascido na região, o descendente de italianos era visto como estrangeiro, devido ao uso do dialeto e ao sotaque na fala do português. Até hoje, na região, o termo *gringo* significa italiano. O estigma pode ser identificado, por exemplo, no constrangimento a que os falantes são submetidos, nas centenas de piadas contadas sobre a região. As mudanças verificadas têm muitos fatores, entre os quais se destacam a importância da cultura regional para o turismo e o enfoque dado pelo cartunista Lotti, aos seus personagens, tirando vantagem do dialeto e do sotaque.

⁵¹ Na região, cantina e vinícola são usadas como sinônimos.

diversas atividades ligadas à indústria. Entre os ofícios que os italianos, dominavam são mencionados os de carpinteiro, pedreiro, tanoeiro, ferreiro, sapateiro, marceneiro, funileiro, farmacêutico, músico, entre outros.

O que começou a ser produzido para consumo da família gerou, rapidamente, um excedente constituído principalmente de milho, trigo, feijão, batata, vinho, banha, salame, queijo, entre outros. Estes produtos eram comercializados, primeiramente, nas *vendas*⁵² ou casas de negócio das linhas ou da vila/cidade, cujos proprietários comercializavam com os centros maiores. As mercadorias eram transportadas em carroças e cargueiros, por estradas precárias e estreitas, até o município de São Sebastião do Caí ou de Montenegro. Dali seguiam para a capital, Porto Alegre, em embarcações e, posteriormente, ao centro do país (São Paulo e Rio de Janeiro) (CINQUENTENARIO..., 1925; PELLANDA, 1950; LORENZONI, 1975). Além das casas de negócio, havia, também, nos núcleos urbanos maiores, as *firmas comerciais*, vinculadas a estabelecimentos localizados na capital. Herédia (2007) denomina essa segunda fase de *fase comercial*, isto é, o da inserção da região nos mercados regional e nacional.

Nesse processo, consoante o sistema econômico, o agricultor era o que menos ganhava. Como demonstrou o estudo de Santos em “Colonos do Vinho” (1978), o comércio foi que mais acumulou capital. Júlio Lorenzoni (1975) descreve, muitas vezes, as dificuldades que os colonos tiveram para escoar a produção, devido às péssimas condições das estradas. Ele reitera como eram altos os lucros dos negociantes: de um lado o baixo preço da abundante produção local e, de outro, o elevado valor que os comerciantes cobravam pelas mercadorias de Porto Alegre (tecidos, sal, etc).

Apesar das dificuldades no transporte das mercadorias, o comércio processou-se tanto por iniciativas isoladas de imigrantes locais, como por grupos de intermediários, que detinham certo monopólio na comercialização. Segundo Manfroi “*Toda a produção das colônias italianas até 1910 passava por intermediários, em geral de origem alemã, instalados nas antigas colônias alemãs* (1975, p.20)”.

⁵² Armazém com todo tipo de mercadoria: alimentos, tecidos, ferramentas, etc, uma espécie de entreposto próximo dos agricultores, onde eles encontravam a maioria das coisas de que necessitavam e comercializavam seus produtos. Segundo de Boni e Costa (1983), muitas vezes serviam de banco e transportadora dos produtos da agropecuária colonial.

A inserção da Região Colonial Italiana (RCI) no mercado nacional, através do comércio, foi relativamente precoce, devido ao caráter da colonização do Rio Grande do Sul e à formação do excedente, na produção agrícola de subsistência, descritas anteriormente. A expansão dos centros urbanos no país, a formação de uma classe assalariada urbana e a ampliação do mercado consumidor, assim como as mudanças no modelo de consumo, aumentaram a demanda por produtos básicos e agilizaram a expansão industrial da região, garantindo a colocação imediata dos produtos da agropecuária colonial (AZEVEDO, 1975; GIRON, 1977; SANTOS, 1978).

A RCI foi marcada, na década de 1910, por três fatos importantes. O primeiro foi a ligação ferroviária com a capital do estado, que significou o fim da dependência em relação ao porto de São Sebastião do Caí e a dinamização no processo econômico⁵³. O segundo foi a instalação da energia elétrica, em 1913. O terceiro foi a tentativa frustrada de implantar o cooperativismo⁵⁴, especialmente, em Bento Gonçalves e em Caxias do Sul, onde as cooperativas agropecuárias e vinícolas duraram poucos anos⁵⁵.

Os dois primeiros fatores contribuíram significativamente para o surgimento e expansão de novas atividades econômicas, o que caracterizou a fase comercial propriamente dita. Nesta fase, as atividades agropecuárias e aquelas de transformação se integraram, pela necessidade de uns e outros, caracterizando a terceira fase (HERÉDIA, 2007), quando a indústria teve um perfil tradicional, com moinhos, vinícolas e madeireiras, embora Caxias do Sul tenha se diferenciado, desde o início, com a metalurgia⁵⁶.

As pesquisas que analisaram a evolução do uso do solo com a viticultura, no município de Bento Gonçalves (FALCADE, 1984, 2004b), evidenciaram quatro

⁵³ A ligação ferroviária da capital foi inaugurada em 1910 para Caxias; em 1918 para Garibaldi; e em 1919 para Bento Gonçalves. Lorenzoni (1975) descreve a alegria da população, comerciantes e autoridades, com a inauguração da ferrovia, pois ela significou a superação de muitas dificuldades e do isolamento em que viviam.

⁵⁴ Descrições detalhadas são encontradas nos jornais Bento Gonçalves (1911-1913) e Il Corriere D'Itália (1913-1926), em Lorenzoni (1975) e em Cinquentenário ... (1925).

⁵⁵ Novo período só surgiu no final da década de 1920 e nos anos 1930.

⁵⁶ Abramo Eberle foi um dos pioneiros na indústria metalúrgica em Caxias do Sul, tendo iniciado com a funilaria, comprada de seu pai, em 1896.

grandes períodos, que podem ser estendidos, de forma genérica, à vitivinicultura dos demais municípios da antiga RCI:

I) 1875 até fim dos anos 1920: é o período da policultura, da elaboração de vinhos nas unidades domésticas e do surgimento de poucas vinícolas comerciais;

II) 1930 até fim dos anos 1960: é o período da monoculturação da videira comercial, da separação e especialização do trabalho, com a centralização da produção de vinhos em grandes vinícolas nas cidades;

III) 1970 até fim dos anos 1980/meados dos anos 1990: é o período da especialização da viticultura, com a expansão do cultivo de viníferas, da elaboração de vinhos finos de qualidade e do ingresso de capitais multinacionais no setor e do fechamento de grandes vinícolas tradicionais;

IV) 1990 (meados) até hoje (2010): é o período do aumento do número de pequenas vinícolas, especializadas em vinhos finos, que se instalaram no meio rural, do aumento da tecnização da vitivinicultura e da referenciação espacial dos vinhos finos de qualidade, com a adoção das indicações geográficas.

3.2.1.1 Primeiro período: a policultura

É período da policultura, que inicia em 1875 até o final da década de 1920 e início dos anos 1930. A videira é uma entre outras culturas e a base são as variedades americanas, embora tenha havido exceções, como descreve Gobatto (1925). O levantamento realizado nas obras *Il Corriere* (1913-1926), *Cinquētenario ...* (1925), Gobatto (1925), Pellanda (1950), Lorenzoni (1975), Bunse (1978), entre outros, demonstra que o cultivo da videira e o consumo de vinho faziam parte da vida e da identidade dos italianos e de seus descendentes, em toda a região.

Em 1884, descrevendo a situação geral da colônia Dona Isabel (na ocasião distrito de Montenegro), Júlio Lorenzoni, imigrante italiano e morador em Bento

Gonçalves⁵⁷, referiu-se à produção de uma família vizinha, afirmando que, na Linha Leopoldina “[...] *produziram várias pipas de excelente vinho, de pura uva, sem mistura alguma, pois, nas suas videiras, só precisaram aplicar o sulfato muito mais tarde, isto é, lá por 1890* (1975, p.114)”. O autor afirmou ainda que, em 1888, “*Os nossos colonos, com admirável tenacidade, conseguiram abater uma parte da floresta virgem, edificando suas belas casinhas de madeira [...] [e] a maior parte já tinha plantado suas parreiras* (p.176)”, destacando, muitas vezes, como o vinho era “*verdadeiro néctar*”. Lorenzoni relata que, em 1900, Bento Gonçalves tinha “[...] *13 fábricas de vinho [...] já três ou quatro são cantinas importantes* (p.227)”.

Em 1907, o governo do estado traz os irmãos Lorenzo e Horácio Mônaco, enólogos italianos, para orientar tecnicamente a vitivinicultura da região. Em 1908, eles fundaram a Vinícola Mônaco e, em 1910, Carlos Dreher Filho, um filho de imigrantes alemães que se estabeleceu em Bento Gonçalves, fundou a Vinícola Dreher. As vinícolas Mônaco e Dreher hoje não existem mais, porém tiveram grande importância na difusão de variedades viníferas e na melhoria da qualidade do vinho produzido na região, especialmente os brancos (ÁLBUM..., 1950), como exemplifica o certificado que vinhos da Vinícola Dreher receberam na exposição agrícola do Rio de Janeiro, em 1919 (FIGURA 3). Das vinícolas comerciais fundadas neste 1º período, ainda existem duas de grande porte e importância nos municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi.

Em Bento Gonçalves, Antonio Salton e seus irmãos fundaram a Vinícola Salton, em 1910, na propriedade da família, no distrito de Tuiuti. Só alguns anos depois foi construída a sede no centro da cidade. Em decorrência do seu crescimento, a possibilidade de expansão nesta sede chegou ao limite, por isso, começou a construir o novo complexo industrial-comercial, no mesmo terreno onde foi fundada, transferindo-se completamente em 2004. Em Garibaldi, Manoel Peterlongo fundou a Vinícola Peterlongo, em 1913. Logo, a vinícola produziu um dos marcos da viticultura regional e ainda motivo de embates: foi a primeira vinícola brasileira a produzir champanhe⁵⁸, em 1915.

⁵⁷ Nasceu em Maróstica, Província Vicenza, Itália, em 23.3.1863. Migrou com a família em 1878, com um nível de escolaridade que o permitiu ocupar cargos de professor, agente postal e do registro civil. Faleceu em Bento Gonçalves em 22.5.1934.

⁵⁸ O vinho francês era bastante conhecido, mas ainda não havia sido criada a AOC *Champagne*, razão pela qual a empresa manteve o direito de usar a palavra *campagne*, *champanhe* ou *champanha*.

FIGURA 3 – Certificado de premiação de vinhos da Vinícola Dreher na exposição agroindustrial do Rio de Janeiro, em 1919



Embora haja referências ao cultivo de *Vitis vinifera*, no período de implantação da viticultura, a base varietal era formada por variedades americanas. A instalação de estações experimentais de viticultura e enologia, estaduais e federais, em diversos municípios da Serra Gaúcha, responsáveis pela importação, adaptação e multiplicação de mudas de muitas variedades de *Vitis vinifera*, durante a década de 1920, está relacionada à importância da vitivinicultura como atividade econômica regional. A pesquisa realizada nas estações muito contribuiu para implementar e melhorar a qualidade dos vinhos, potencializada pela vinda de técnicos, agrônomos e enólogos europeus.

A leitura da coleção do jornal *Il Corriere d'Italia*, publicado em Bento Gonçalves de 1913 a 1926, forneceu uma visão da opinião de uma das pessoas que mais contribuiu para a evolução técnica da vitivinicultura regional e nacional, na primeira metade do século XX. O agrônomo e enólogo italiano Celeste Gobatto⁵⁹,

⁵⁹ As dissertações de Cavagnoli (1989) e Monteiro (2001) analisam detalhadamente as atividades de Celeste Gobatto, relacionadas à vitivinicultura e à política.

professor e autor de livros e manuais sobre vitivinicultura, foi articulista do jornal e criticou, reiteradamente, o cultivo da variedade Isabel, estimulando o cultivo de variedades europeias para a melhoria da qualidade do vinho e citou o distrito de Monte Belo e, especificamente, a Linha Leopoldina, como o mais importante centro de produção de vinho do município de Bento Gonçalves, e atribuiu, ao produto, o conceito de “*invero excellenti*”⁶⁰.

No mesmo jornal, nas notícias sobre as festas das comunidades o vinho sempre é citado. Azevedo (1975), por sua vez, descreve que o vinho era consumido pelos colonos nas refeições, diariamente, inclusive na *colacion*⁶¹, e em situações festivas. O elevado consumo que levava à embriaguez, contudo, era altamente reprovado, como atestam notícias em jornais, nas primeiras décadas do século XX.

3.2.1.2 Segundo período: a expansão da vitivinicultura

É período do paulatino processo de abandono da diversificação dos cultivos, especialmente, os temporários, como os cereais, e do crescimento da monocultura comercial da videira, da década de 1930 aos anos 1960. Nele, a viticultura adquiriu mais importância e variedades viníferas e híbridas foram disseminadas, principalmente, pelo esforço das Estações de Viticultura e Enologia.

No final da década de 1920 e início da década de 1930, houve mudanças estruturais muito importantes que transformaram significativamente o espaço geográfico da Serra Gaúcha: alterações na legislação sanitária, em escala nacional e estadual, dificultaram a produção artesanal e contribuíram para rompimento da produção de vinho nas unidades domésticas e criando condições para a centralização da elaboração em grandes vinícolas, nas áreas urbanas das cidades, especialmente, em Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul⁶².

⁶⁰ Tradução livre: de fato (realmente) excelente.

⁶¹ Refeição matinal, consumida na roça, em torno das 8h, com alimentos salgados, acompanhados de um copo de vinho.

⁶² Isso também ocorreu com os moinhos para a produção de farinhas e com o abate de suínos.

O fator fundamental foi a criação da Sociedade Vinícola Rio-Grandense Ltda, conhecida como Sindicato do Vinho. A Sociedade Vinícola foi criada em 5 de junho de 1929, por 49 comerciantes de vinho, com o objetivo de instalar uma vinícola, inclusive com laboratório. A influência da sociedade foi decisiva nas alterações da legislação estadual, que definiu novas normas para a elaboração, conservação e comercialização do vinho. Isto favoreceu a Sociedade, que tinha mais condições, tanto para “estandarizar” a produção, quanto para a comercialização, limitando as alternativas comerciais dos agricultores. Uma dessas alternativas foi a de se associarem também.

Nesse contexto, ocorre a segunda fase de criação de cooperativas, quando foram fundadas diversas cooperativas vinícolas, algumas das quais continuam em funcionamento, como a Cooperativa Vinícola Garibaldi e Cooperativa Vinícola Aurora, ambas de 1931. Os viticultores que não eram sócios de cooperativas comercializavam a produção de uvas com outras vinícolas, localizadas nas cidades, como, por exemplo, a Vinícola Dreher, a Vinícola Mônaco, Vinícola Peterlongo, Vinícola Rio-Grandense⁶³. Muitas vinícolas, cooperativas ou não, instalaram postos para recebimento da produção de uvas na sede de distritos ou em comunidades na zona rural dos municípios.

Durante este segundo período, ocorreu um incremento na área cultivada com híbridos e com viníferas, aumentando o volume, mas também melhorando a qualidade da produção das uvas e vinhos na Serra Gaúcha. Mesmo não sendo a maior parte do vinho produzido, algumas vinícolas se destacaram na produção de vinhos varietais, como, por exemplo, o Riesling Granja União, da Vinícola Rio-grandense (Caxias do Sul); o Liebfraumilch, da Dreher, e o Único da Mônaco (Bento Gonçalves).

Estavam criadas mais algumas das condições básicas para a expansão e o surgimento de novas atividades econômicas, bem como para a diferenciação regional: enquanto Caxias do Sul avançou para a indústria de transformação (quarta fase segundo Herédia), Bento Gonçalves e Garibaldi ampliaram sua base industrial em produtos agrícolas, especialmente a agroindústria vinícola, mantendo-se na

⁶³ Um estudo detalhado desse processo de separação da produção vitícola da elaboração do vinho está em *Colonos do Vinho de Santos* (1978).

terceira fase na concepção de Herédia (GIRON, 1977; SANTOS, 1978; FALCADE, FRIZZO, BACHI, 1993; HERÉDIA, 2007).⁶⁴

Do ponto de vista financeiro, a atividade vitivinícola da região foi responsável por grande parte da acumulação de capital que contribuiu para o desenvolvimento da indústria, a partir dos anos de 1950 (DACANAL; GONZAGA, 1979). Nas décadas de 1940 e 1950, enquanto crescia a participação da indústria na composição do PIB dos municípios de Caxias do Sul e Bento Gonçalves, a diversificação da agricultura foi perdendo gradativamente sua importância e as propriedades rurais, dadas às características da partilha por sucessão hereditária, ficavam gradativamente menores. A população excedente foi migrando, para as cidades ou em áreas cada vez mais distantes, como no norte do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina e Paraná, para onde levou a tradição e o costume de plantar a uva, bem como fazer e consumir vinho.

Dos anos 1930 até os anos 1960, além de mudanças na vitivinicultura, houve um lento processo de transformação no espaço rural, com a expansão da rede viária; a substituição das casas em madeira por construções em alvenaria ou mistas com porões em rocha; substituição dos pequenos capitéis e igrejas em madeira por igrejas maiores em alvenaria e/ou rocha.

Porém há diferenças internas: nem toda a região se tornou vitivinícola, nem toda a região se tornou urbana. Há áreas que se mantiveram policultoras, embora com outras especificidades, como ocorreu com Pinto Bandeira. Outras áreas ainda hoje mantêm um caráter eminentemente rural, como Monte Belo do Sul.

Imagens específicas da vitivinicultura dessa época são poucas. As fotos 2, 3, 4 e 5 ilustram a viticultura no entorno da cidade de Bento Gonçalves no 1º e 2º períodos: na foto 2, destaca-se a condução na forma de pérgola, sustentada por madeirame; e a condução na forma de latada, sustentada por plátanos.

⁶⁴ À medida que se expandiram as atividades industriais nas áreas urbanas das cidades de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, a população dessas cidades cresceu a taxas cada vez maiores, de modo que o censo de 1940 revelou que mais de 50% da população do município de Caxias do Sul já era urbana. Esse crescimento urbano resultou, também, em novos municípios, como foi o caso de Farroupilha (FALCADE, FRIZZO, BACHI, 1993).



FONTE: Museu Municipal de Bento Gonçalves



FONTE: Acervo pessoal Beatriz Dreher Giovannini

FOTOS 2, 3, 4 e 5 - Bento Gonçalves e os vinhedos no entorno da cidade (→)

Imagens do primeiro e segundo período da viticultura regional.

2 - 1890, 3 - Anos 1910, 4 - 1918, 5 - Anos 1940.

Na foto 2, vinhedo em pérgola trentina no primeiro plano; vinhedos sustentados por tutores vivos em segundo e terceiro planos.

As fotos 2 e 3 foram parcialmente recuperadas em meio digital.



FONTE: Museu Municipal de Bento Gonçalves



FONTE: Museu Municipal de Bento Gonçalves

As mudanças na vitivinicultura deste período estão relacionadas às ações das Estações de Viticultura e Enologia, às quais se somaram a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (ASCAR)⁶⁵, instituição pública de assistência técnica, criada pelo governo estadual em 1955, e a Escola Técnica de Viticultura e Enologia, criada pelo governo federal em 1959, em Bento Gonçalves.

A importância da vitivinicultura na Serra Gaúcha pode ser evidenciada, também, pela realização de festas da uva e do vinho em diversos municípios, com abrangência estadual e nacional, com o objetivo de promover a produção comercialmente. Estas festas contribuíram imensamente com a criação e expansão de uma identidade nacional da Serra Gaúcha como região vitivinícola.

Desde 1881, ocorreram edições da Exposição Agro-Industrial, em Caxias do Sul, onde a uva e o vinho sempre estiveram presentes (ADAMI, 1965), mas o primeiro evento ligado exclusivamente à vitivinicultura foi a Festa Nacional da Uva, realizado em Caxias do Sul, em 1931. No conjunto da Serra Gaúcha, outras festas e feiras se consolidaram a partir da década de 1960, a exemplo da Festa Nacional do Vinho (Fenavinho), em Bento Gonçalves, e da Festa Nacional da Vindima, em Flores da Cunha, que começaram em 1967.

3.2.1.3 Terceiro período: a especialização da vitivinicultura

O período da especialização da viticultura inicia nos anos 1970 até os anos 1990. Houve um processo de expansão dos vinhedos de viníferas e de crescimento do volume de vinhos finos produzidos, de fundação de novas vinícolas, algumas das quais de capitais estrangeiros, além de ocorrer a reestruturação das instituições de pesquisa e extensão rural, com a criação do Centro Nacional de Pesquisa em Uva e Vinho (posteriormente denominado de Embrapa Uva e Vinho), em 1975, e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), em 1977 (em substituição à ASCAR). Ocorreram mudanças na legislação, ampliação do mercado

⁶⁵ Na década de 1970, no contexto da reorganização da estrutura de pesquisa e extensão rural dos governos federal e estadual, a ASCAR foi reestruturada/renomeada para a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural).

consumidor, abertura do mercado brasileiro, estruturação do enoturismo e, em escala internacional, a criação do MERCOSUL e do Acordo TRIPS, cujas normas também repercutiram na vitivinicultura brasileira.

O desenvolvimento industrial, verificado no Brasil, a partir das décadas de 1950 e 1960, disponibilizou insumos que possibilitaram a expansão da área cultivada com *Vitis viniferas* e, nas décadas de 1970 e 1980, um incremento na produção de vinhos varietais com melhor qualidade. Muitos dos alunos da Escola de Viticultura e Enologia, filhos de agricultores, ao retornarem para casa, começaram a implementar mudanças na viticultura familiar.

O aprofundamento, a diversificação e a especialização do conhecimento familiar, aliados à tradição, a disponibilização de resultados de pesquisas e sua divulgação com assistência técnica, a disponibilização de tecnologias tanto para a viticultura quanto para a enologia, foram algumas das condições que aceleraram a mudança no perfil da produção vitivinícola regional. Se, de um lado, a produção de uvas comuns incrementou a produção de suco de uva e de vinhos de mesa, de outro, os anos de 1990 revelaram uma produção de vinhos com qualidade, não só para participar de festivais, mas também de concursos internacionais.

Nas décadas de 1980 e 1990, com intensa articulação de diversas entidades do setor vitivinícola, ocorreram importantes mudanças na legislação brasileira relativas à produção, ao armazenamento e à comercialização de vinhos, definindo as zonas vitivinícolas, normatizando a elaboração de vinhos nas unidades familiares (cantinas rurais), inserindo conceitos e criando as normas para o registro das indicações geográficas.

Nos anos 1990, começou um movimento organizacional de vitivinicultores, não apenas para tratar da produção. De um lado, os viticultores marcaram sua força nos sindicatos dos trabalhadores rurais dos municípios; de outro, as pequenas vinícolas criaram associações, como a APROVALE. Um dos itens mais importantes, no embate entre os sindicatos e as grandes estruturas setoriais, foi o estabelecimento do preço mínimo da uva, intermediado pelo Estado, como atestam

notícias de jornais locais⁶⁶, principalmente, nos meses de novembro e dezembro. No início desse período, as grandes vinícolas localizadas nas cidades continuaram a concentrar a maior parte da produção de vinhos. No entanto, a realidade industrial na elaboração dos vinhos começou a mudar.

Na década de 1970, iniciou uma fase de ingresso de capitais estrangeiros, com a instalação de vinícolas como a Vinícola De Lantier (1973, Martini Rossi, Itália), a Vinícola Forestier⁶⁷ (1974, França), Vinícola Chandon (1977, França), a Heublein⁶⁸, que comprou a Dreher e construiu a Almadem em Santana do Livramento (1977, EUA), a Bodegas Esmeralda, que comprou a Mônaco (1977, Argentina). Como o interesse da Heublein era o mercado do conhaque, em pouco tempo fechou as instalações da vinícola, em Bento Gonçalves (comprada pela Cooperativa Aurora, em 1996). Permaneceu com instalações no estado de São Paulo, onde passou a produzir o Conhaque Dreher, a partir de gengibre.

Na década de 1980, iniciaram mudanças na indústria vinícola, diretamente relacionada à busca de indicações geográficas. Há um conjunto de fatores que permitiram e facilitaram a criação de pequenas vinícolas, no meio rural. Isso ocorreu primeiro no município de Bento Gonçalves. Entre esses fatores, destacam-se estradas melhores, comunicação rápida – fax, telefone e, depois, o celular e a internet; energia; novas tecnologias; recursos financeiros próprios e de financiamentos; e, o mais importante, conhecimento sobre a vitivinicultura e seus negócios. A maioria das vinícolas que criaram a Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), em 1995, tinham origem numa propriedade familiar, onde um dos membros era formado em enologia. Nos anos 1990, esse movimento se ampliou e se estendeu para outros municípios, como Garibaldi, Farroupilha e Flores da Cunha. Além disso, a Embrapa Uva e Vinho retomou a organização do Congresso Brasileiro de Viticultura e Enologia, aos quais esses profissionais assistiam e participavam. Em 1994, a Embrapa Uva e Vinho, com apoio da Universidade de Caxias do Sul, organizou um Seminário sobre Indicações Geográficas. Foi o primeiro evento técnico específico sobre o tema com a

⁶⁶ Correio Rio-grandense e Pioneiro, de Caxias do Sul; Semanário e Gazeta, de Bento Gonçalves; O Farroupilha e O Informante, de Farroupilha; O Florense, de Flores da Cunha; O Garibaldense, de Garibaldi, entre outros.

⁶⁷ Por alguns anos, foi a Aurora que elaborou seus vinhos, como a Vinícola Rio-Grandense havia feito para a Martini Rossi.

⁶⁸ Empresa de capital aberto e parte de um conglomerado internacional. Na década de 1980, vendeu as instalações, mas continuou proprietária da marca Dreher (na ocasião, avaliada com valor superior às instalações).

presença, inclusive, do presidente da Oficina Internacional da Uva e do Vinho (OIV)⁶⁹. E em 1995, o Brasil se associou a OIV.

Há um aprofundamento de especificidades na Serra Gaúcha de base identitária colonial italiana. Caxias do Sul mostrou retração na área cultivada com videiras, que ficou restrita à área noroeste do município, com expansão do urbano, que criou uma área de conurbação na direção de Flores da Cunha e Farroupilha. Além disso, ocorreu a especialização no setor da indústria metal-mecânica. Embora as áreas urbanas de Flores da Cunha e Farroupilha tenham se industrializado, também expandiram a produção de vinhos de mesa⁷⁰ em cantinas rurais (hoje são quase duas centenas). Estas comercializam o produto, a granel, com outras vinícolas que estandarizam na região ou em outras regiões do RS ou em outros estados, como Santa Catarina e São Paulo. Em Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul, foram criadas mais de duas dezenas de pequenas vinícolas comerciais, quase todas somente com produção de vinhos finos de qualidade. Foram essas vinícolas que realizaram as primeiras ações em busca de uma IG. Algumas delas cresceram muito, como é o caso da Vinícola Miolo, hoje uma das maiores do Brasil.

A internacionalização da economia brasileira, na criação do MERCOSUL e na abertura do mercado do Brasil, através da eliminação de taxas de importação, impactou, diretamente, o setor vitivinícola nacional, que passou a sofrer acentuada concorrência com os vinhos estrangeiros. A exigência do respeito à Convenção de Paris⁷¹ obrigou o abandono do uso de denominações estrangeiras, em vinhos nacionais, e a definição das áreas de produção brasileiras, entre outras medidas.

Em 1981, Garibaldi criou a Festa Nacional do Champanhe (Fenachamp), a exemplo do que faziam outros municípios. Foi estabelecido um acordo entre os municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi e Flores da Cunha, para que essas grandes festas ocorressem em anos diferentes ou, pelo menos, em períodos diferentes, tendo em vista a necessidade de infraestrutura para hospedagem dos milhares de turistas.

⁶⁹ A instituição foi criada em 1924, e, em 2004, passou a denominar-se Organização Internacional da Uva e do Vinho.

⁷⁰ Denominados também de consumo corrente.

⁷¹ Acordo, de 1883, para a proteção da propriedade industrial, no qual as indicações geográficas se inserem, entendidas como a territorialização da produção.

O enoturismo ganhou um novo enfoque nesse período. Até os anos 1960, o enoturismo esteve relacionado às grandes festas da Uva e do Vinho, isto é, em eventos grandes, mas esporádicos, e em visitas isoladas de turistas a propriedades/vinícolas de familiares e amigos. Na década de 1970, algumas das grandes vinícolas, como a Dreher e a Cooperativa Aurora, de Bento Gonçalves, promoveram um novo tipo atrativo enoturístico: criaram um setor para receber turistas, com guias treinados para conduzir os turistas por um percurso pela vinícola, cujo penúltimo ponto era para a degustação dos vinhos e o último a loja-varejo para os visitantes comprarem. Essa fórmula teve início com modestas centenas de turistas por ano e, hoje, a Aurora recebe mais de 150.000 turistas por ano.

A importância dos turistas está relacionada não somente com o comércio direto no momento da visita, mas com a criação e expansão da cultura do vinho, do seu imaginário, da sua identidade, do seu consumo, em escala nacional. Isso envolveu outros setores nas empresas, entre eles o da comunicação institucional. As grandes vinícolas instituíram ações de promoção, para atrair visitantes e para divulgar seus produtos. Foram criados folhetos, anúncios publicitários em jornais, revistas e *outdoors*, em emissoras de rádio e televisão.

3.2.1.4 Quarto período: a espacialização da vitivinicultura

É o período da referenciação espacial da produção. A partir de meados dos anos 1990, aumentou o número de vinícolas, no espaço rural, começou o processo das indicações geográficas, que consolidou a produção de vinhos de qualidade e ancorou o vinho, explicitamente, no espaço geográfico e na paisagem. Além disso, o enoturismo criou um novo fluxo, na direção do espaço rural (FALCADE, 2001).

A primeira evidência refere-se à criação de associações de pequenas vinícolas, em cujos estatutos se identifica o objetivo da implementação de indicações geográficas. É neste contexto econômico-cultural que a tese se insere, a ser detalhado nos próximos capítulos. A segunda evidência está relacionada à dimensão legal, na qual se incluem a lei estadual do vinho, o Fundo de

Desenvolvimento da Vitivinicultura do RS (FUNDOVITIS), o IBRAVIN e a resolução do INPI que regulamenta o registro de indicações geográficas.

O governo do estado do Rio Grande do Sul aprovou a Lei nº 10.989, que “*dispõe sobre a produção, circulação e comercialização da uva, do vinho e dos derivados da uva e do vinho, cria o Fundo de Desenvolvimento da Vitivinicultura do Estado – FUNDOVITIS, e dá outras providências*”, em 1997. A Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio administra o FUNDOVITIS, formado pela taxa recolhida pelas vinícolas, conforme o volume de uva industrializado, e creditada no pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Para executar o disposto na lei, em 1998, foi criado o IBRAVIN, sociedade civil constituída por pessoas jurídicas de direito privado⁷². Entre as diversas ações do IBRAVIN, nos últimos anos, há uma política público-privada, no sentido de construir uma imagem para o vinho, em escala nacional, como mostram as peças publicitárias publicadas em jornais e revistas e veiculadas em emissoras de rádio e TV⁷³.

Em 2002, no âmbito da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS), um grupo de seis (6) vinícolas organizou-se num projeto para exportação, denominado *Wine from Brazil*. Esse grupo, contudo, deixava de exportar, porque países compradores exigiam a certificação da origem do produto (nos moldes das IG's), mas o Brasil não tinha uma definição legal, nem das zonas de produção, como previa a Lei do Vinho, porque o MAPA não havia realizado o que previam os artigos 19 e 20 (conforme referido na página 53).

Através de um acordo com o IBRAVIN, o projeto recebeu, em 2004, o apoio do Ministério da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior, através da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX) e, em 2005, do MAPA, para as providências para o cumprimento do que previa a Lei nº 7.678/1988 e o Decreto nº 99.066/1990. Em 2006, o MAPA fixou, através de Instruções Normativas, as zonas de produção de uvas para vinhos finos Serra Gaúcha e

⁷² O conselho deliberativo é constituído de dois representantes de produtores de uva, dois representantes de cooperativas, dois representantes da indústria vinícola, dois representantes de organizações do setor, um representante da associação de enólogos, um representante do conselho consultivo e um representante do governo do estado do Rio Grande do Sul.

⁷³ A Lei nº 12.743, de 05 de julho de 2007, definiu que 25% do FUNDOVITIS seja repassado para o IBRAVIN, com o objetivo de “promover e ordenar institucionalmente o setor vitivinícola, notadamente nas questões concernentes à produção de uvas, de vinhos, de suco de uva e de qualquer outro produto derivado da uva e do vinho, em todos os seus âmbitos: agrícola, produtivo, de elaboração, técnico, comercial, de promoção, de consumo, estrutural, organizacional, cultural, ambiental, jurídico, legal e institucional” (IBRAVIN, 2011).

Fronteira⁷⁴, no Rio Grande do Sul; e Vale do São Francisco, para Bahia e Pernambuco. Em 2010, o projeto mudou o nome para *Wine of Brazil* e contava com 34 vinícolas, a maior parte delas da região da Serra Gaúcha, tendo realizado diversas participações em feiras e exposições, aumentado de 15 para 58% a participação nas exportações dos vinhos nacionais.

Registra-se aqui que Tonietto e Mello (2003) definiram uma periodização análoga àquela que foi apresentada, porém centrada nos vinhos produzidos. Os autores denominaram de primeira geração os vinhos produzidos de uvas americanas na fase da implantação da viticultura; de segunda geração os vinhos produzidos de uvas híbridas e de viníferas, na fase de expansão da viticultura; de terceira geração os vinhos varietais produzidos na fase de melhoramento da qualidade com expansão do cultivo de viníferas e quarta geração os vinhos produzidos nesta fase de afirmação da produção de qualidade e das indicações geográficas.

Como a organização do espaço é um processo, as datas estabelecidas do início e final dos períodos servem de referência. Como afirmou Milton Santos, as mudanças não ocorrem com a mesma intensidade em todos os lugares, por isso há áreas vitivinícolas da Serra Gaúcha que estão em períodos diferentes, inclusive, algumas ainda no segundo ou no terceiro período.

Para melhor compreender a periodização apresentada, foram organizados os Quadros 1, 2, 3, 4 e 5, que sintetizam informações obtidas em livros e pessoalmente sobre a evolução da produção de uvas e vinhos; a evolução da legislação estadual e nacional, marcos da organização do setor; o início das grandes festas relacionadas

⁷⁴ Trabalhei na elaboração das Notas Técnicas (2005), que subsidiou o MAPA na elaboração das Instruções Normativas para as zonas Fronteira e Serra Gaúcha, com Jorge Tonietto da Embrapa Uva e Vinho. *Zona* não foi entendida como faixa de latitude e, sim, como região (como a própria lei e decreto se referem). O critério para delimitar as regiões foi aquele estabelecido no Artigo 117, isto é, ser produtora de uvas, no caso específico de *Vitis viníferas*. O fundamento que explicou o uso do nome Fronteira e a relação com o topônimo Campanha, usado nesta tese e, em geral, por todos foi o seguinte:

A fixação dos limites e, conseqüentemente, da faixa de fronteira no extremo sul do Brasil está, primeiramente, relacionada às disputas coloniais entre espanhóis e portugueses e, depois, às relações entre Brasil e Uruguai (COSTA, 1988; SILVEIRA E ADAMCZUK, 2005). Esse processo de conquista e fixação dos limites e fronteiras exigiu a presença de militares, como no forte espanhol Santa Tecla, que deu origem a Bagé, e no acampamento militar português de Alegrete, cujos comandos de governadoria eram denominados, até o início do século XIX, de comandos de Fronteira ou de Campanha (COSTA, 1988).

Na evolução da ocupação deste espaço, a denominação Fronteira ou Campanha passa a ser adotada como topônimo de referência e, por fim, foi fixada como Zona Fisiográfica da Campanha (Figura 1), pelo Diretório Regional do Conselho Nacional de Geografia, em 20 de março de 1956 (FORTES, 1959). Na época da elaboração do Decreto nº 99.066, de 08 de março de 1990, que regulamenta a Lei nº 7.678, a viticultura para vinho na zona de fronteira estava localizada nos municípios de Bagé e Santana do Livramento, portanto, na zona de fronteira com o Uruguai. Este fato geográfico justificou a identificação dessa Zona de Produção pelo nome de Fronteira. Sendo assim, os referidos municípios produtores de uva para vinho estão situados na região conhecida geograficamente por Campanha (p.3-4).

(Nota Técnica **Fronteira, Demarcação da Zona de Produção Vitivinícola**, Embrapa Uva e Vinho, 19p. 15 de dezembro de 2005. Está assinada pela equipe técnica e chefia. Uso reservado).

à uva e ao vinho, nos principais municípios da região; e o ensino e a pesquisa, relativos à vitivinicultura na Serra Gaúcha. Os dados desses quadros não exaurem a questão, mas fornecem uma ideia do processo.

O Quadro 1 apresenta alguns marcos significativos da vitivinicultura regional, que mostram a consolidação da cultura e da produção de vinhos finos atuais na Serra Gaúcha. Conforme Santos (1980), a indústria vinícola da Serra Gaúcha define-se, desde seu estabelecimento, como uma indústria "regional-nacional", isto é, uma indústria regional, voltada para atender à demanda do mercado nacional, visto que, já em 1948, detinha 78% da produção nacional e, nos anos 1990, o índice era de 90% (FALCADE; TONIETTO, 1995). O Quadro 2, 3 e 4 evidenciam a relação entre o crescimento da vitivinicultura, a organização setorial em sindicatos e associações e os marcos legais, como mostrado anteriormente.

As festas são comuns nas civilizações para marcar passagens, para demonstrar poder, para afirmar a identidade e, também, para celebrar a vitória. As características das festas da uva e do vinho, na Serra Gaúcha, são um pouco de tudo isso (RIBEIRO, 2002). No Quadro 3, estão listadas as primeiras datas das grandes festas da uva e do vinho, na Serra Gaúcha. No período da policultura (1^ª), destacaram-se as exposições agro-industriais; no período da monoculturização (2^ª), e da especialização vitícola (3^ª), foram grandes festas que atraíram centenas de milhares de turistas a cada edição; neste último e atual período da referenciação espacial da produção vitivinícola (4^ª), as festas estão se caracterizando pela busca da valorização da cultura e da identidade local, um fluxo enoturístico maior e intenso, mas espacialmente localizado.

QUADRO 1 - Marcos no cultivo de *Vitis vinifera*, na produção e mercado dos vinhos na região da Serra Gaúcha⁷⁵

Ano	Vitivinicultura
1875/1876	Chegada dos primeiros imigrantes italianos e introdução da vitivinicultura na região
1884	Produção de 5.000 pipas de 480 litros
1898	Antonio Piericini conduziu, em lombo de burro, os primeiros barris de vinho ao interior de São Paulo, onde foram comercializados
1900	1.900 ha de vinhedos na região
1900	Abramo Eberle, depois de muitas dificuldades, comercializou o primeiro vinho e a primeira graspa riograndense na cidade de São Paulo. Foi o primeiro a utilizar a cabotagem, embarcando 100 pipas para Santos
1906	Manoel Peterlongo iniciou, em Garibaldi, a elaboração de vinhos finos, usando uvas Malvasia e Moscatel, entre outras
1907	Chegada dos enólogos Lorenzo e Horácio Mônaco
1908	O governo do Estado intensificou a distribuição de mudas de diversas variedades, como a Malbech, a Traminer, Vernaccia, Riesling do Reno, Chasselas, Moscatto, importadas da Escola de Cepas de Neuzaty
1910	Com a inauguração da ferrovia de Caxias do Sul para Montenegro, o escoamento da produção ficou mais fácil. Algumas vinícolas instalaram depósitos ao lado das estações
1915	Manoel Peterlongo Filho iniciou a elaboração do espumante Peterlongo, para exportação, com fermentação na própria garrafa, a que denominou de <i>champagne</i>
1918/1919	Inauguração da ferrovia até Garibaldi e Bento Gonçalves
1920	2ª. Exposição Industrial de Porto Alegre: os irmãos Lorenzo e Horácio Mônaco receberam várias medalhas pelos seus vinhos, entre os quais os elaborados de Barbera e Malvasia
Décadas de 1910 e 1920	Vinda de técnicos – enólogos e agrônomos, principalmente da Itália, para desenvolver atividades na viticultura regional
Anos 20	Vinícolas como a Dreher (Bento Gonçalves), a Cia Vinícola Riograndense (Caxias do Sul) e os Irmãos Maristas (Garibaldi), assim como as Estações de Viticultura e Enologia da região importaram mudas de diversas variedades, entre as quais a Bonarda
1931	Exposição Agroindustrial de Caxias do Sul transformada exposição somente de uva e, por isso, denominada de Festa da Uva
Década de 1930	Constituição da indústria comercial no setor vinícola, nos moldes capitalistas, com a centralização do capital comercial e que se completou com a separação entre a agricultura e indústria doméstica rural
Anos 30	Vinícolas como a Granja União (Flores da Cunha), cultivavam cultivares europeias, entre elas a Malvasia Verde, Bonarda, Moscato Branco e Trebbiano. As Estações Experimentais de Viticultura e Enologia importaram e adaptaram mudas para difusão aos viticultores
1931	Fundação de diversas cooperativas vinícolas, entre as quais a Aurora e a Garibaldi
1936	A Vinícola Mosele e Cia foi a primeira a instalar o sistema Charmat, para a produção de vinhos finos espumantes
1939	Organização da Associação de Produtores de Uvas Viníferas de Caxias do Sul
1939	Exportação de 358.023 hl
Anos 40	Introdução das variedades Chardonay e Tannat
1949	Exportação de 592.768 hl (3/4 da produção)
1963	Não há referência à exposição agro-industrial, mas à exposição municipal de produtos agrícolas e à Festa da Uva
Década de 1970	Declínio e fechamento de empresas individuais familiares e fusões, centralizando o capital vitivinícola; abertura de indústrias de capitais internacionais, em diversos municípios da região
Anos 70	Expansão de diversas variedades de <i>Vitis vinifera</i> : Semillon, Chardonay, Riesling Itálico, Pinot Noir, Pinotage, Cabernet Franc, entre outras
Anos 80	Expansão de diversas variedades de <i>Vitis vinifera</i> : Cabernet Sauvignon, Gamay, Malvasia Bianca; e difusão da Tanat

FONTE: Adami (1965); Álbum... (1950); Cinquentenario ... (1925); Copat; Manfredini; Tonietto (1992); Gobatto (1925, 1950); Paz; Baldisserotto (1997); Pellanda (1950); Sá (1950); Santos (1978, 1980); Sousa (1996).

⁷⁵ Foi mantido o termo usado nas fontes: quando se refere à exportação é em relação à região e ao estado, não ao país.

QUADRO 2 – Legislação sobre a vitivinicultura em nível estadual e nacional

Ano	Legislação
1929	Decreto estadual nº. 4255, de 17.01.1929, aprovou o regulamento dos vinhos rio-grandenses
1932	Decreto estadual nº. 4985, de 17.05.1932, reconheceu as cooperativas vinícolas e dispôs sobre a fiscalização e assistência técnica à vitivinicultura
1940	Portaria nº. 641, de 18.12.1940, do Ministério da Agricultura, criou normas para a denominação de vinhos com o nome das variedades das uvas
1977	Lei nº 6.437, de 20. 08. 1977, definiu infrações à legislação sanitária federal, estabelecendo as sanções respectivas e outras providências
1987	Lei nº 7.628, de 13.11. 1987, dispôs sobre os preços mínimos da uva
1988	Lei nº. 7.678, de 8.3.1988, conhecida como Lei do Vinho, dispôs sobre a produção, circulação e comercialização da uva e do vinho e outras providências
1988	Portaria nº. 270, de 17. 11. 1988, alterou os grupos de variedades constantes do Artigo 4º das Normas e Padrões de Qualidade da Uva para fins industriais, aprovadas pela Portaria MA nº 1012, de 17.11.1978
1990	Decreto nº. 90.066, de 8.3.1990, regulamentou a Lei nº. 7.678
1994	Lei Nº 8.918, de 14. 07. 1994, dispôs sobre a padronização, a classificação, o registro, a inspeção, a produção e a fiscalização de bebidas, autorizou a criação da Comissão Intersetorial de Bebidas e outras providências
1996	Lei nº. 9.279, de 14.5.1996, estabeleceu diretrizes e obrigações da Propriedade Industrial
1997	Lei nº 10.989, de 13. 08. 1997, dispôs sobre a produção, circulação e comercialização da uva, do vinho e dos derivados da uva e do vinho, criou o Fundo de Desenvolvimento da Vitivinicultura do Estado – FUNDOVITIS, e outras providências
2000	Resolução nº. 075/2000, de 28.11.2000, do Instituto Nacional da Propriedade Industrial, estabeleceu as condições para o registro das indicações geográficas
2002	Registro, pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial, da Indicação Geográfica nº. IG 200002, Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos, em 22.11.2002
2002	Instrução Normativa nº 01, de 01.02.2002, aprovou os Regulamentos Técnicos de Identidade e de Qualidade para a classificação dos produtos a seguir discriminados: Abacaxi; Uva Fina de Mesa; Uva Rústica
2003	Lei nº 10.711, de 5.08.2003, dispôs sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças e outras providências
2004	Lei nº 10.970, de 12.11.2004, alterou dispositivos da Lei nº 7.678, de 8.11.1988, que dispôs sobre a produção, circulação e comercialização do vinho e derivados da uva e do vinho, e outras providências
2007	Lei nº 11.476, de 29.05.2007, dispôs sobre a regulamentação das profissões de Enólogo e Técnico em Enologia
2010	Registro, pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial, da Indicação Geográfica nº. IG 200.803, Indicação de Procedência Pinto Bandeira, em 13.07.2010

FONTE: Álbum... (1950); Gobatto (1925); Giron (1977); Paz; Baldisserotto (1997); Pellanda (1950); Santos (1980); Santos (1978); IBRAVIN (2011). E levantamento próprio.

QUADRO 3 - Rio Grande do Sul: início dos principais eventos da vitivinicultura regional

Ano	Primeira Festa
1881	Exposição Agro-industrial da Colônia Caxias
1913	Exposição Agro-industrial de Caxias do Sul é estendida para a região colonial italiana
1931	Festa da Uva de Caxias do Sul (antes Exposição Agro-Industrial)
1967	Festa Nacional do Vinho (FENAVINHO) – Bento Gonçalves – Periodicidade: 4 anos
1967	Festa Nacional da Vindima (FENAVINDIMA) – Flores da Cunha - Periodicidade: 4 anos
1981	Festa Nacional do Champanha (FENACHAMP) – Garibaldi – Periodicidade: 4 anos

FONTE: Adami (1965); Gobatto (1925, 1950); Pellanda (1950); IBRAVIN (2011); Sá (1950). E levantamento próprio.

QUADRO 4 - Rio Grande do Sul: organização setorial da vitivinicultura

Ano	Organização Setorial
1911 a 1913	1ª. fase do cooperativismo na região; Stefano Paterno, enviado do Ministério da Agricultura, estimula a organização de cooperativas vinícolas
1929	Sociedade Vinícola Rio-Grandense Ltda.
1929 a 1936	2ª. fase do cooperativismo; em 1936, existiam 56 cooperativas vinícolas no RS
1936	Sindicato do Vinho
1936	Instituto Riograndense do Vinho para a Defesa da Vitivinicultura
1938	Federação das Cooperativas Sul Riograndense do Vinho
1948	Sindicato das Indústrias do Vinho do Rio Grande do Sul (SINDIVINHO)
1952	Federação das Cooperativas de Vinho do Rio Grande do Sul (FECOVINHO)
1962	União Brasileira de Vitivinicultura (UVIBRA)
1976	Associação Brasileira de Enologia (ABE)
1981	Associação Gaúcha de Vinicultores (AGAVI)
1995	Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE)
1998	Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN)
2001	Associação de Produtores de Vinho de Pinto Bandeira (ASPROVINHO)
2002	Associação de Produtores dos Vinhos dos Altos Montes (APROMONTES)
2002	<i>Wines from Brazil (depois Wine of Brazil)</i> , no âmbito da FIERGS
2005	Associação Farroupilhense de Produtores de Vinhos, Espumantes, Sucos e Derivados (FAVIN)
2004	Associação de Produtores de Vinho de Monte Belo do Sul (APROBELO)
2010	Associação dos Produtores de Vinhos Finos da Campanha Gaúcha (VINHOS DA CAMPANHA)
2011	Associação dos Vitivinicultores do Extremo Sul (VITISUL)

FONTE: Álbum... (1950); Giron (1977); Gobatto (1925, 1950); IBRAVIN (2011); Paz; Baldisserotto (1997); Pellanda (1950); Sá (1950); Santos (1980); Santos (1978). E levantamento próprio.

A necessidade de formação de técnicos especializados na área de vitivinicultura, assim como a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico foram fatores que estimularam, desde o final do século XIX, a criação de instituições públicas e privadas de ensino e pesquisa (QUADRO 5). As estações experimentais de viticultura e enologia, juntamente com ações desenvolvidas pelo setor privado, foram decisivas para o crescimento e a qualificação da produção de vinhos finos e outros produtos de origem vínica. Verifica-se, contudo, que há um tempo entre a criação de uma instituição de ensino e pesquisa e seus efeitos sobre a realidade vitivinícola regional. Não foram os únicos fatores, mas influenciam sobremaneira nas características dessa vitivinicultura.

QUADRO 5 - Evolução institucional do ensino e pesquisa vitivinícola no Rio Grande do Sul

Ano	Criação de Instituições, Cursos, Eventos
1890	O Liceu Riograndense de Agronomia e Veterinária, de Pelotas, incluiu a disciplina de viticultura e enologia, no 4º ano
1898	Estação Agronômica Experimental, no Bairro Partenon, em Porto Alegre
1899	Laboratório Enológico Riograndense
1912	Instituto de Agronomia e Veterinária, posterior Escola de Agronomia e Veterinária da UFRGS
1914	Publicação do livro Manual Prático de Viticultura e Enologia, de Celeste Gobatto
1921	Estação Experimental de Viticultura e Enologia de Caxias do Sul
1932	1º Congresso Brasileiro de Viticultura e Enologia
1937	Laboratório Central de Enologia
1938	Estação de Enologia de Bento Gonçalves
1940	Diversos Laboratórios de Enologia do Estado
1959	Escola Agrotécnica Federal Presidente Juscelino Kubitschek, em Bento Gonçalves
1975	Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (CNPUV), depois Embrapa Uva e Vinho, do Ministério da Agricultura, em Bento Gonçalves
1980	Instituto de Biotecnologia da Universidade de Caxias do Sul, com linha em vitivinicultura
1985	Curso de Mestrado em Alimentos da UFSM
1990	Curso de Doutorado em Alimentos da UFRGS
1999	Curso de Tecnólogo em Enologia, no Instituto Federal de Educação, em Bento Gonçalves
1999	Curso de Mestrado em Biotecnologia, na Universidade de Caxias do Sul, com linha em vitivinicultura
2001	Laboratório de Referência Enológica do Estado do Rio Grande do Sul
2004	Curso de Doutorado em Biotecnologia, na Universidade de Caxias do Sul, com linha em vitivinicultura
2009	Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia, no Instituto Federal de Educação, em Bento Gonçalves
2010	Curso de Mestrado em Biotecnologia e Gestão Vitivinícola, na Universidade de Caxias do Sul

FONTE: Gobatto (1925, 1950); Paz; Baldisserotto (1997); Pellanda (1950); Sousa (1996). E levantamento próprio.

3.3 REGIÕES BRASILEIRAS PRODUTORAS DE UVAS PARA VINHOS FINOS ATUAIS

Segundo a legislação em vigor, o vinho fino⁷⁶ é elaborado com uvas de variedades de *Vitis vinifera* L. Conforme foi visto, das áreas que iniciaram esse cultivo, desde o século XVI, as que mais se destacam são aquelas que receberam imigrantes italianos, particularmente na Serra Gaúcha⁷⁷, ou em novas regiões.

⁷⁶ Ver definições Nota 6, página 27.

⁷⁷ O uso do topônimo Serra Gaúcha na vitivinicultura foi analisado em Falcade e Tonietto (1995), não tem o sentido conceitual de serra, mas é usado, historicamente, para designar a encosta do planalto.

A produção brasileira de vinhos atual é da ordem de 500 milhões de litros anuais, sendo o Brasil o 17º produtor mundial, com consumo médio per capita de 2 litros anuais, o que o torna um país de grande potencial para o crescimento do consumo de vinhos (MELLO, 2009). O consumo médio é baixo, porém, em estimativas não oficiais, o consumo nas regiões centro-sul é maior, chegando a 15 litros/ano na Serra Gaúcha. A cultura do vinho, no Brasil, no sentido mais amplo da expressão, tem crescido muito nas últimas décadas, o que pode ser identificado, por exemplo, na quantidade e diversidade de publicações relacionadas ao tema da vitivinicultura, não somente técnicas, mas também de circulação e compreensão geral, e mesmo com notícias sobre vitivinicultura (FALCADE, 2005, 2010).

No cadastro vitícola, Mello (2009) informa que, em 1994, o Brasil tinha 4.606ha de viníferas e, em 2004, 6.955ha, o que significa um crescimento de 4% ao ano. Conforme a Tabela 2, nos últimos cinco anos, a área cultivada cresceu, aproximadamente, 12%, e a relação produção/valor cresceu 3%, sendo a maior parte da área cultivada com variedades para vinhos comuns e para consumo *in natura*. Essa produção era realizada por 95% de proprietários e 5% de arrendatários, parceiros, etc.

TABELA 2 - Brasil: viticultura, 2005-2009

Viticultura	2005	2006	2007	2008	2009
Área plantada (ha)	73.222	75.385	78.325	81.286	81.677
Produção de uva (t)	1.232.564	1.257.064	1.371.555	1.421.431	1.365.491
Valor da Produção (Mil Reais)	1.498.779	1.660.844	1.708.357	1.527.395	1.612.043

FONTE: Censo Agropecuário. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 dez. 2010. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

Em 1993, a vitivinicultura para vinhos finos e espumantes estava distribuída em quatro regiões (MAPA 4): no RS, na tradicional região da Serra Gaúcha; e nas novas regiões vitivinícolas da Campanha e da Serra do Sudeste; e nos estados da Bahia e Pernambuco, na região do Submédio Vale do Rio São Francisco, (FALCADE; TONIETTO, 1999). Mas, desde o início dos anos 2000, novas áreas produtoras de uvas para vinhos finos desenvolveram-se no estado de Santa Catarina, na tradicional região do Alto Vale do Rio do Peixe e na nova região do

Planalto Catarinense, nas sub-regiões de São Joaquim, Caçador e Campos Novos (ROSIER, 2003).



A partir de fins da década de 1990, a elevação do preço da terra⁷⁸, na região na Serra Gaúcha, levou diversos empresários a expandirem a viticultura para vinhos finos em terras mais baratas em outras regiões, para uma produção qualitativamente competitiva. Esse movimento ocorreu, num primeiro momento, na direção das regiões da Campanha e da Serra do Sudeste, assim como “ampliaram” a Serra Gaúcha na direção dos Campos de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul. O movimento para outros estados dirigiu-se, primeiro, para o Submédio Vale do São Francisco e, depois, para o Planalto Catarinense. Contudo, nos anos 1970 e 1980, já houvera iniciativas neste sentido, com resultados limitados, do ponto de vista da

⁷⁸ Diversos fatores contribuíram para o aumento do preço da terra rural nos municípios da antiga RCI: o crescimento da procura, não só dos produtores rurais, como também de outros interessados em instalarem outras atividades econômicas, especialmente ligadas ao turismo; a expansão urbana e os limites legais, no que diz respeito ao corte de mata, mesmo secundária.

constituição de regiões com identidade e volume de produção, com poucas exceções.

Conforme Mota (1992), o estudo agroclimático que ele conduzira para o zoneamento agrícola do Rio Grande do Sul, em parceria com a Secretaria da Agricultura do Estado e a Universidade de Davis (Califórnia/EUA), no início da década de 1970, havia indicado que, entre as regiões do estado, a Campanha era a região que mais se adequava ao cultivo de videiras, devido aos fatores edafoclimáticos.

Estas variáveis, certamente, foram consideradas tanto pela Dreher quanto pela Almadén e Santa Colina, quando compraram terras e plantaram vinhedos de viníferas, respectivamente, em Bagé e Santana do Livramento, nos anos 1970; e pela Vinícola Rio-grandense, nos anos 1980, quando instalou um vinhedo em Pinheiro Machado. A Almadén e a Santa Colina, que construíram vinícolas, se instalaram no contexto do ingresso de capitais multinacionais, no setor vitivinícola do RS, nos anos 1970/1980.

Em 1976, a Heublein⁷⁹, controladora da Almadén, comprou a Dreher, mas seu interesse era o mercado do conhaque, de modo que, em pouco tempo, fechou a empresa e vendeu as instalações de Bento Gonçalves. Uma das dificuldades dessas empresas na região da Campanha foi a falta de mão-de-obra de campo qualificada, razão pela qual tanto a Almadén quanto a Santa Colina buscaram trabalhadores na Serra Gaúcha. Na década de 1980, a Almadén passou para o controle acionário da Martini e Rossi, que possuía a Vinícola De Lantier em Garibaldi, onde, conforme Adolfo Lona, enólogo da empresa na ocasião, era vivificada parte das uvas. Embora tenha havido relações econômicas intensas, entre as duas áreas, os vinhedos da Almadén e da Santa Colina tenham sido mantidos, os vínculos entre as duas regiões não criaram, na Campanha, nem em Santana do Livramento, uma identidade vitivinícola. A organização do espaço regional e as relações de poder, no território da Campanha, continuaram sendo vinculadas à agropecuária.

⁷⁹ Na dinâmica do sistema econômico global, pouco tempo depois a Heublein foi adquirida pelo *holding* Reynolds. Segundo a página na internet (2011), a marca Dreher é do *Gruppo Campari* e o produto, há muito tempo, é elaborado com gengibre.

Os investimentos da Serra Gaúcha na região do Submédio Vale do São Francisco, na década de 1980, não trouxeram os resultados esperados. Esta região já possuía grandes investimentos, em centenas de hectares de uva para consumo *in natura*, no contexto de atuação da SUDENE, com subsídios para a necessária irrigação, visto que a região está localizada em área do semiárido do nordeste brasileiro.

Os vinhedos para a produção de uvas para vinhos foram plantados, principalmente, nos municípios de Petrolina, Casa Nova e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco e em Juazeiro, na Bahia. Diversos fatores contribuíram para o sucesso relativo. Entre eles, está o desconhecimento e a falta de tecnologia adequada às condições ambientais da nova região⁸⁰, a falta de mão-de-obra especializada para a vinícola e a distância de mais de 4.000km da “base” na Serra Gaúcha. Outro fator que teve influência foi a crise da economia nacional, na década de 1980 (“a década perdida”), que se estendeu nos primeiros anos de 1990 e que também afetou o setor vitivinícola. Os empreendimentos, no entanto, não se extinguíram de todo. Um levantamento, realizado na região, em 1994, revelou que eram usados 400ha de *Vitis vinifera*, para a elaboração de vinhos de consumo corrente, o que equivalia a 1000ha na Serra Gaúcha, visto que existe a possibilidade de produzir 2,5 safras por ano na região.

A partir de meados dos anos 1990, vários fatores, no entanto, levaram a uma nova fase de expansão da viticultura para vinhos finos. Entre eles, podem ser citados: a retomada do crescimento brasileiro; as discussões para a busca de alternativas econômicas para a “metade sul” do RS, das quais decorreram estímulos e investimentos públicos; e as conquistas do setor vitivinícola da Serra Gaúcha, com os vinhos de qualidade que produziam.

Diversas vinícolas da Serra Gaúcha investiram tanto na Campanha como na Serra do Sudeste. Entre elas, a Vinícola Aliança, de Caxias do Sul, que investiu em Livramento; a Vinícola Terrasul de Flores da Cunha, que investiu em Pinheiro Machado; a Vinícola Miolo, de Bento Gonçalves que investiu em Candiota; a Vinícola Salton, que investiu em Bagé; as Vinícolas Anghebem, Lídio Carraro e Casa

⁸⁰ Um engenheiro agrônomo de uma vinícola de Bento Gonçalves declarou em um evento na segunda metade da década de 1980 que “o lugar tem condições, nós precisamos é aprender a produzir lá, o que hoje não sabemos”.

Valduga, de Bento Gonçalves que investiram em Encruzilhada do Sul. Todas superaram o problema da falta de mão-de-obra qualificada, das décadas anteriores, levando trabalhadores da Serra Gaúcha e/ou qualificando trabalhadores locais. Em 2010, o grupo *Wine Group*, formado pela Vinícola Miolo, Vinícola Lovara e o Grupo RAR compraram a Almadén.

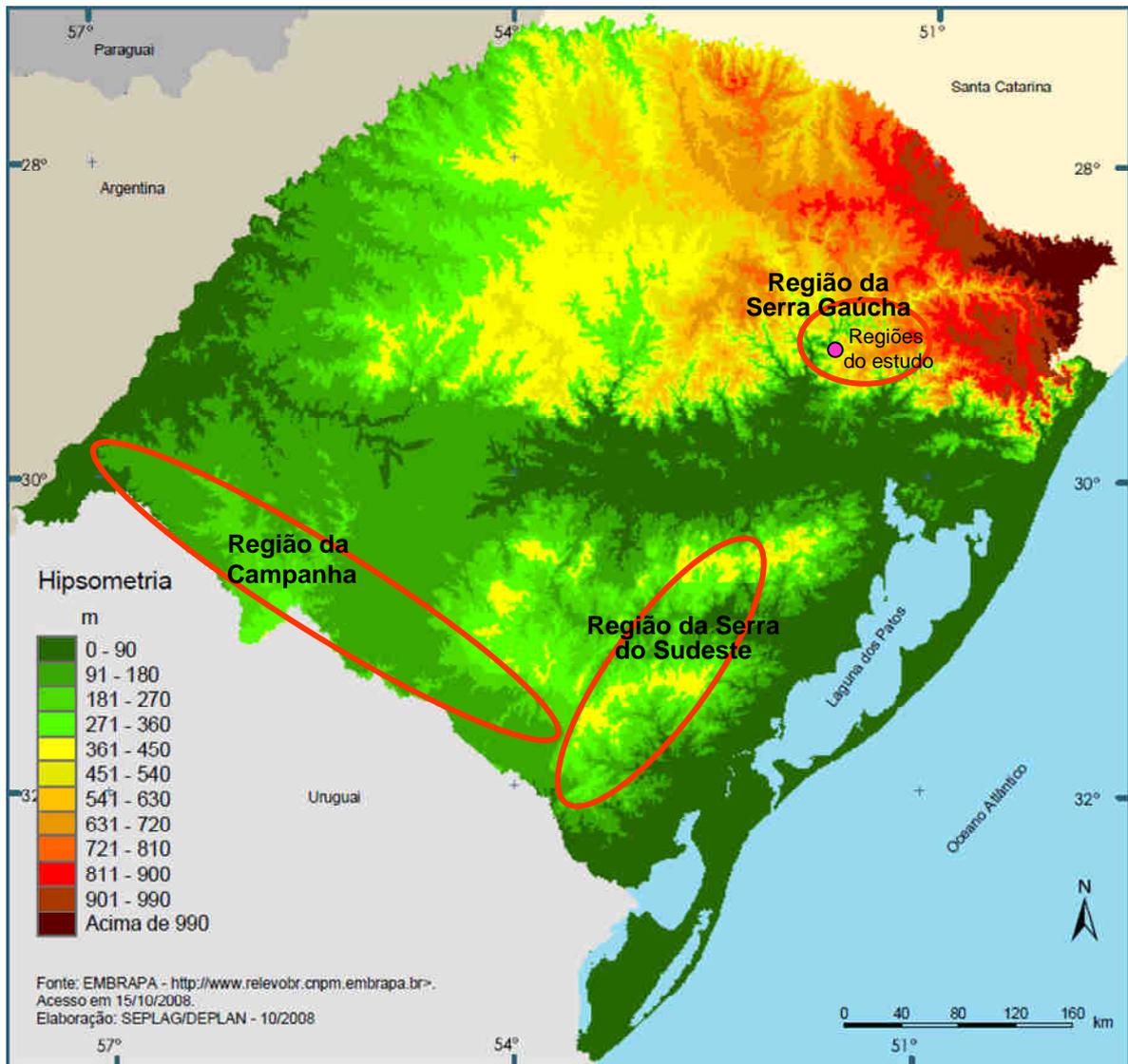
Algumas vinícolas da Serra Gaúcha, principalmente de Caxias do Sul, Flores da Cunha e Farroupilha, também expandiram a viticultura em altitudes maiores, na região dos Campos de Cima da Serra, nos municípios de Vacaria, Campestre da Serra e Muitos Capões.

As ações do governo estadual e federal, através da Secretaria da Agricultura e EMATER e da Embrapa Uva e Vinho, respectivamente, tiveram efeitos sobre empresários locais, que passaram a investir na vitivinicultura, como alternativa econômica. Mais recentemente, esses efeitos também atingiram pequenos agricultores, principalmente, oriundos dos projetos de assentamentos da reforma agrária (FLORES, 2011). Atualmente há investimentos locais em diversos municípios, embora os maiores continuem sendo oriundos da Serra Gaúcha. Além das vinícolas da Serra Gaúcha investirem diretamente no plantio e/ou em vinícolas, há também o estabelecimento de parcerias, embora em menor quantidade, com ou sem contratos.

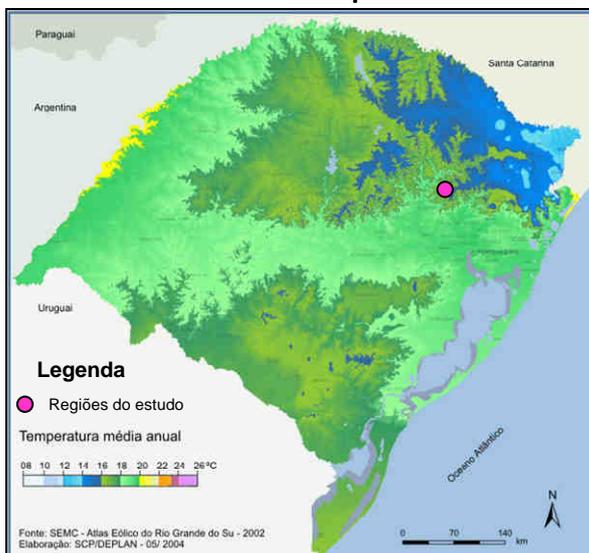
Resultado do conjunto desses processos econômico-sociais, vinícolas da Campanha e da Serra do Sudeste também formaram suas associações (Quadro 4), cujos estatutos preveem as indicações geográficas. Embora os empreendimentos e as superfícies cultivadas com vinhedos tenham aumentado (em relação aos anos 1970/1980), tanto na Campanha como na Serra do Sudeste, do ponto de vista socioeconômico, na escala regional, ambas mantêm a organização do espaço centrada em outras variáveis. Em escala municipal a vitivinicultura tem importância maior em Santana do Livramento.

Os mapas 5, 6, 7, 8 e 9 contextualizam ambientalmente as regiões que, atualmente, produzem uvas para vinhos finos no estado do Rio Grande do Sul.

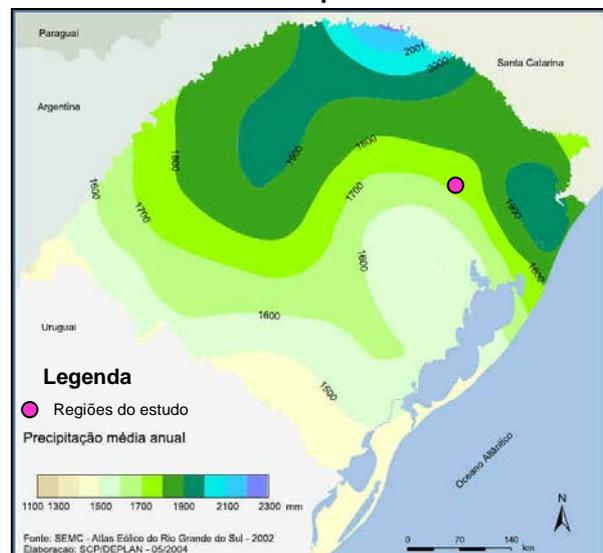
MAPA 5 – Rio Grande do Sul: hipsometria e localização das regiões vitivinícolas



MAPA 6 – Rio Grande do Sul: temperatura média anual

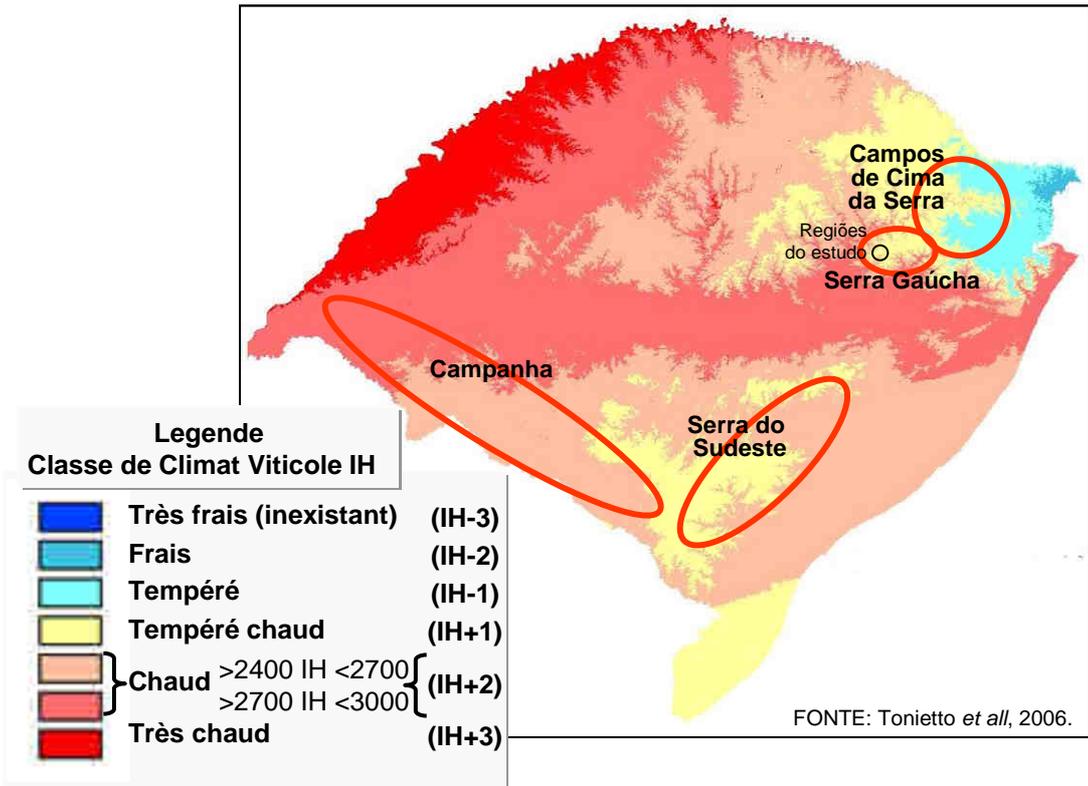


MAPA 7 – Rio Grande do Sul: pluviosidade média anual

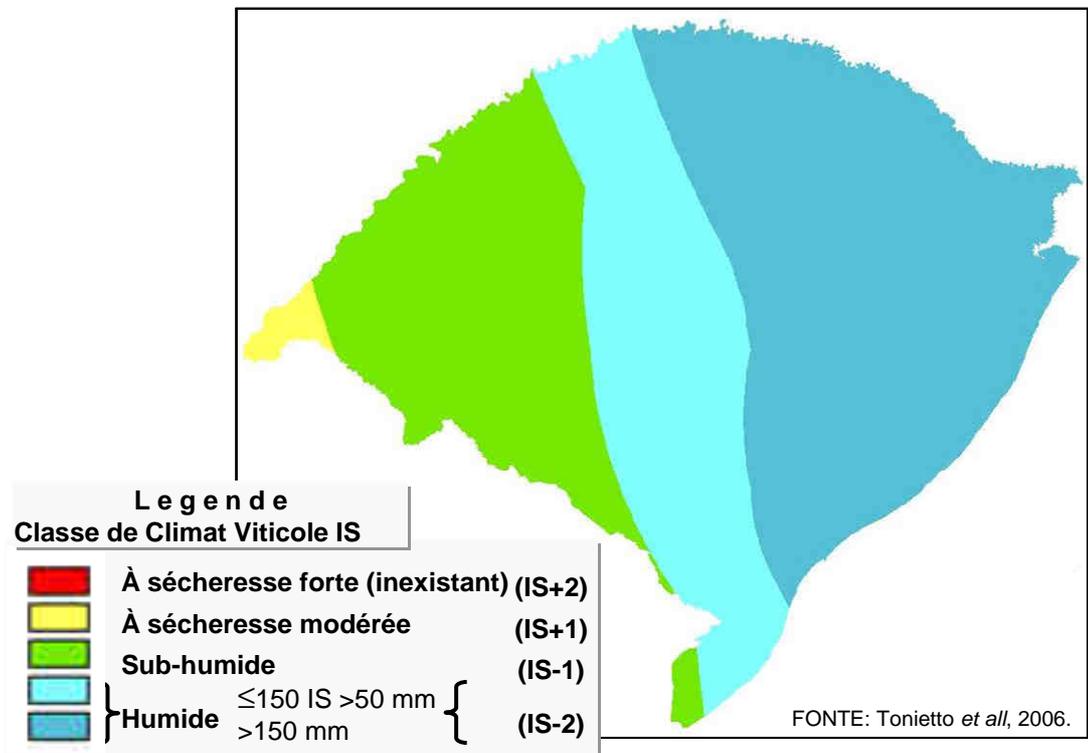


Adaptação e organização dos mapas: Ivanira Falcade, 2010.

MAPA 8 - Rio Grande do Sul: Système CCM Géoviticole: Indice Héliothermique (IH)



MAPA 9 - Rio Grande do Sul: Système CCM Géoviticole: Indice de Sécheresse (IS)



A Instrução Normativa 22, de 2006, definiu que a Zona Vitivinícola da Fronteira é formada pelos municípios de Alegrete, Bagé, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra, Quaraí, Santana do Livramento e Uruguaiana, mas a Associação Vinhos da Campanha tem vinícolas também em Rosário do Sul. A região vitivinícola da Campanha situa-se a sudoeste do estado do Rio Grande do Sul, na área de fronteira com o Uruguai, estendendo-se de NW a SE, entre 29°30' e 32°00'S, limitando-se com a Serra do Sudeste, ao leste, e com a Planície Central, ao norte.

Do ponto de vista fisiográfico, a Campanha vitivinícola é dominada pelas coxilhas suave-onduladas (o que permite a mecanização), que pouco ultrapassam os 300m, recobertas por campos, com solos originados de sedimentos paleozóicos a SE e de efusivas ao NW, e temperaturas médias do ar inferiores a 24°C para o mês de fevereiro. Essas propriedades vitícolas e seus empreendimentos são empresas rurais de tamanho médio e grande.

As variedades com maior destaque são Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc, Merlot, Chardonay, porém estão sendo cultivadas também Alfroucheiro, Alvarinho e Tempranillo, entre outras de introdução recente. A colheita é manual e em caixas plásticas, e as vinícolas, tecnologicamente modernas, elaboram vinhos finos, comercializados principalmente no mercado nacional, com exceção da Miolo, que exporta, muito embora muitas vinícolas da Serra Gaúcha ainda leve as uvas para serem beneficiadas nas matrizes.

A região da Serra do Sudeste situa-se no centro-sul do estado do Rio Grande do Sul e é caracterizada pela formação geológica do escudo cristalino uruguaio-sul-riograndense. Considerando suas fronteiras fisiográficas, estende-se entre 30°10' e 32°30'S, limitando-se com a planície costeira ao leste; com a Planície Central ao norte; com a Campanha a oeste; e o Uruguai ao sul. A região apresenta relevo suave-ondulado, onde se destacam a Serra de Encruzilhada e a Serra do Herval, com altitudes entre 200 e 500m.

Os vinhedos estão concentrados principalmente nos municípios de Encruzilhada do Sul, Pinheiro Machado, Piratini e Pedras Altas, plantados em áreas de encostas de baixa declividade, que permitem a mecanização. As variedades de *Vitis vinifera* que mais se destacam são Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc,

Merlot, Pinot Noir, Chardonnay, porém são cultivadas também, Touriga Nacional, Dolcetto e Sangiovese. Como ainda existem poucas vinícolas, quase toda produção de uva da região é processada nas vinícolas da Serra Gaúcha, para onde é transportada, em caminhões, e com a qual são produzidos vinhos varietais e de corte.

Os municípios produtores de uvas para a elaboração de vinhos finos e espumantes, da Serra Gaúcha, que mais se destacavam em 1995 eram: Bento Gonçalves, Garibaldi, Monte Belo do Sul, Farroupilha, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Santa Teresa, Nova Pádua, Nova Roma do Sul, Cotiporã, Veranópolis e São Valentim do Sul, localizados entre 28°59' e 29°17' S e entre 51°08' e 51°47' W Gr, na margem esquerda do Rio das Antas, em altitudes entre 400 e 800m, em declividades médias de diversos patamares escarpados e várias superfícies de erosão (FALCADE; TONIETTO, 1995).

Em uma área de 800km² há, na Serra Gaúcha, aproximadamente, 4.000ha com vinhedos de *Vitis vinifera*, em pouco mais de 10 mil propriedades. A estrutura produtiva tem por base a pequena propriedade (inferior a 15ha), com trabalho essencialmente familiar, embora algumas atividades, como a poda e a colheita, em superfícies mais extensas, exijam a contratação de mão-de-obra temporária ou o uso da ajuda mútua (troca de trabalho entre vizinhos), pois a mecanização é limitada pela topografia. Em termos de importância econômica, destacam-se as variedades Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc, Merlot, Moscato Branco, Rieslin Itálico, Chardonnay e Sauvignon Blanc.

Os mapas 8 e 9 mostram que o clima geovitícola nas regiões da “Serra Gaúcha e Serra do Sudeste [é] temperado quente, úmido, com noites temperadas, embora na Serra do Sudeste menos úmido; e na região da Campanha tem um tipo quente, subúmido, com noites quentes” (TONIETTO et al, 2006, p.3)⁸¹. Na região de expansão da viticultura da Serra Gaúcha para os Campos de Cima da Serra as condições de clima geovitícola são do tipo *temperado, úmido, com noites temperadas/frescas* (TONIETTO et al, 2006, p.3).

⁸¹ Tradução livre de “Serra Gaúcha - Tempéré chaud, Humide, À nuits tempérées ... Serra do Sudeste - Tempéré chaud, Humide (avec des valeurs moins élevées), À nuits tempérées ... Campanha - Chaud, Sub-humide, À nuits chaudes ... Campos de Cima da Serra - Tempéré, Humide, À nuits tempérées/fraîches”.

Esses tipos climáticos expressam o resultado dos fatores geográficos, como latitude, altitude e continentalidade, e das condições meteorológicas, como temperatura, precipitação e insolação. As diferenças na formação geológica, nas características climáticas, nos tipos de solos e, portanto, na resposta da videira, permitem, inclusive, o cultivo de variedades que não eram tradicionalmente cultivadas, tendo como consequência a diversificação dos vinhos nas diferentes regiões.

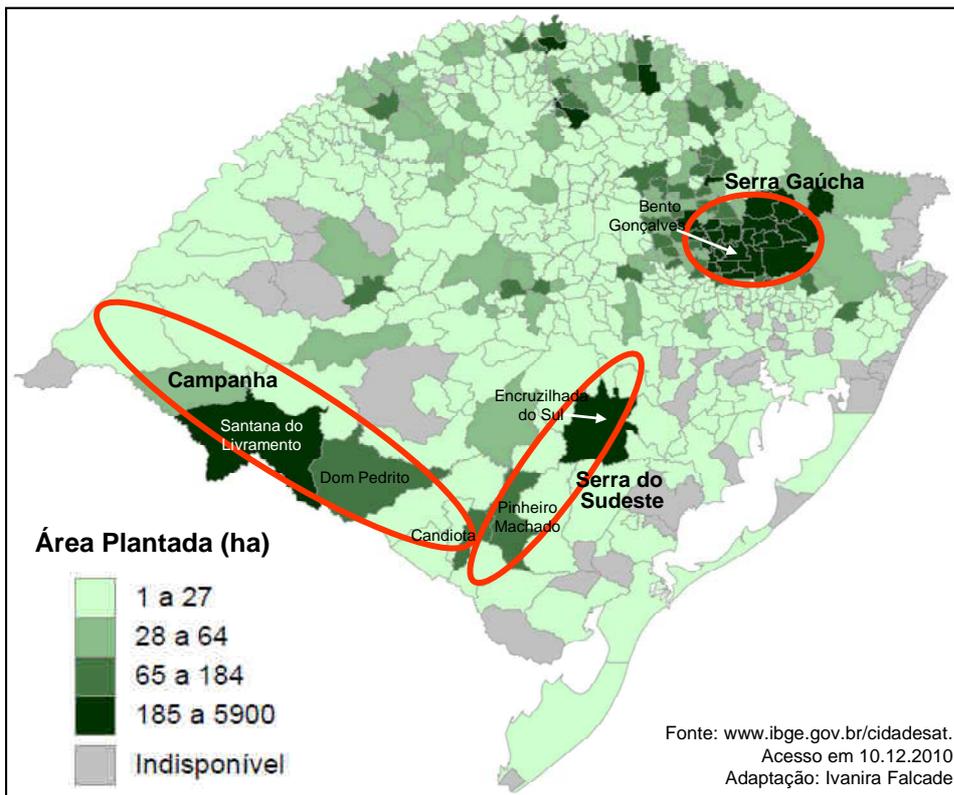
A área plantada e o valor da produção da vitivinicultura em geral, por município do Rio Grande do Sul, estão representados, respectivamente, nos Mapas 10 e 11, tendo sido assinaladas as três regiões produtoras de uvas para vinhos finos. Os mapas evidenciam a concentração da produção, na região da Serra Gaúcha, e a expansão, nas regiões da Campanha e da Serra do Sudeste. Há diversos municípios isolados que se destacam, mas esses produzem, essencialmente, uvas para vinhos de mesa.

Os Gráficos⁸² 1, 2, 3 e 4 representam a produção e comercialização de uvas e vinhos finos do Rio Grande do Sul, para o período 2004-2009. Observa-se que 11% das uvas processadas, em 2004, eram de variedades viníferas, aumentando para 14%, em 2009 (um crescimento de 15%), sendo 55% uvas tintas e 45% de uvas brancas. Essas uvas renderam 10 e 12% dos vinhos produzidos em 2004 e 2009, respectivamente.

Em 2004, do vinho produzido no Rio Grande do Sul e comercializado, 8% eram de uvas viníferas, diminuindo para 7%, em 2009. Entre os espumantes comercializados, em 2004, 12% eram moscatéis e 88% correspondiam a outros espumantes; em 2009, os moscatéis cresceram para 22% dos espumantes comercializados. A comercialização dos vinhos nacionais é irregular e sofre com as conjunturas econômicas e, sobretudo, com a concorrência dos vinhos importados, tendo diminuído em 9%, no período 2004-2009. O comércio de espumantes e de moscatéis, ao contrário, tem crescido contínua e acentuadamente: de 2004 para 2009, os espumantes cresceram 81% e os moscatéis 373%.

⁸² Os valores calculados foram arredondados.

MAPA 10 - Rio Grande do Sul: área de vinhedos (ha), 2009



MAPA 11 - Rio Grande do Sul: valor da produção da uva (mil R\$), 2009

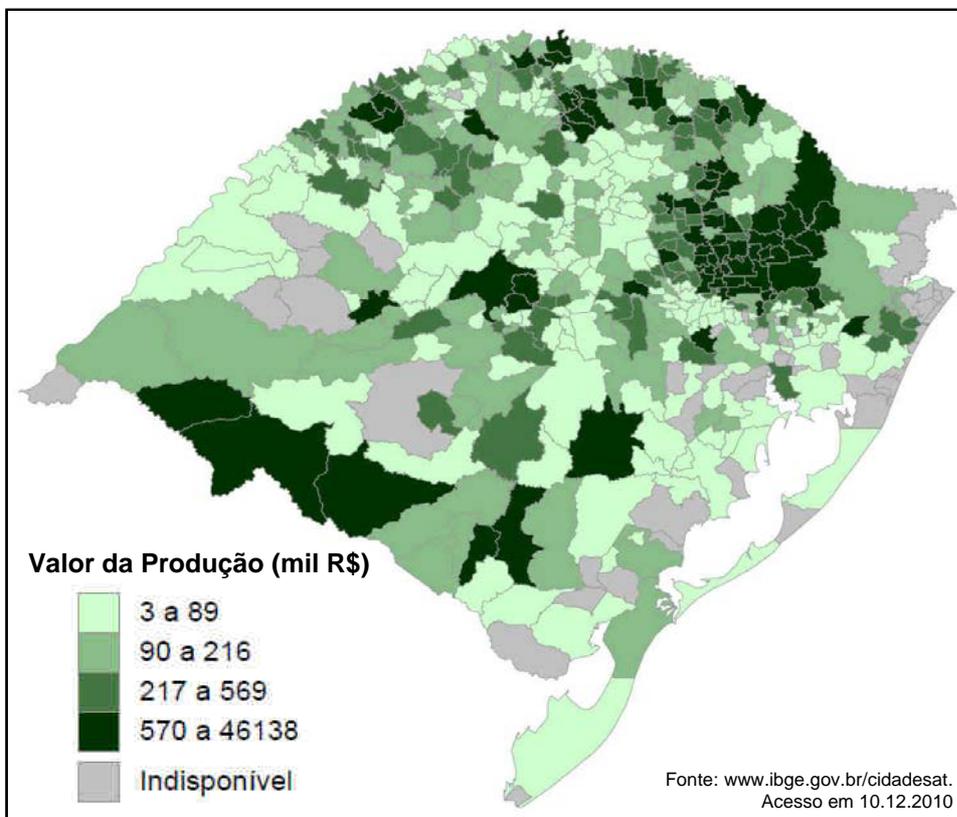
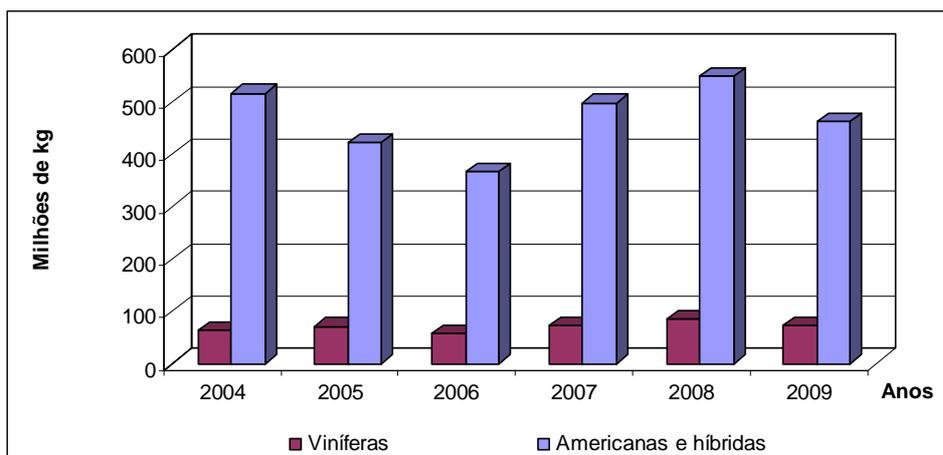
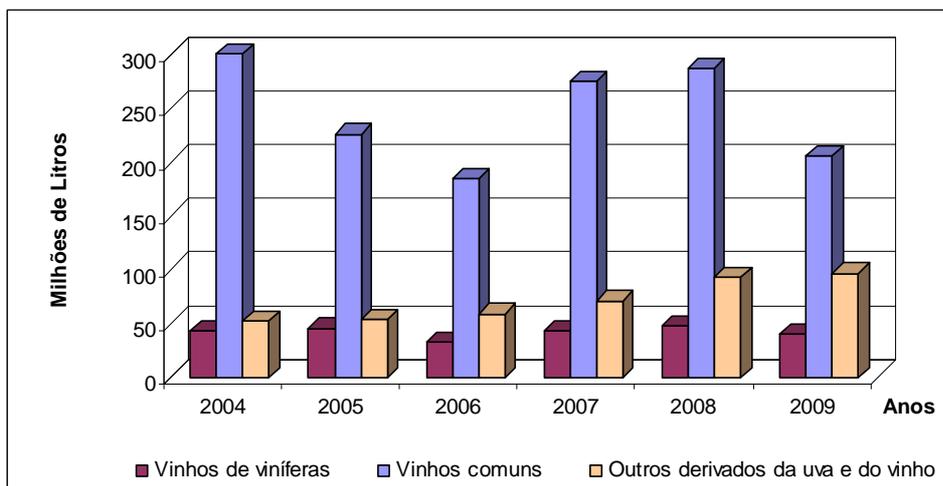
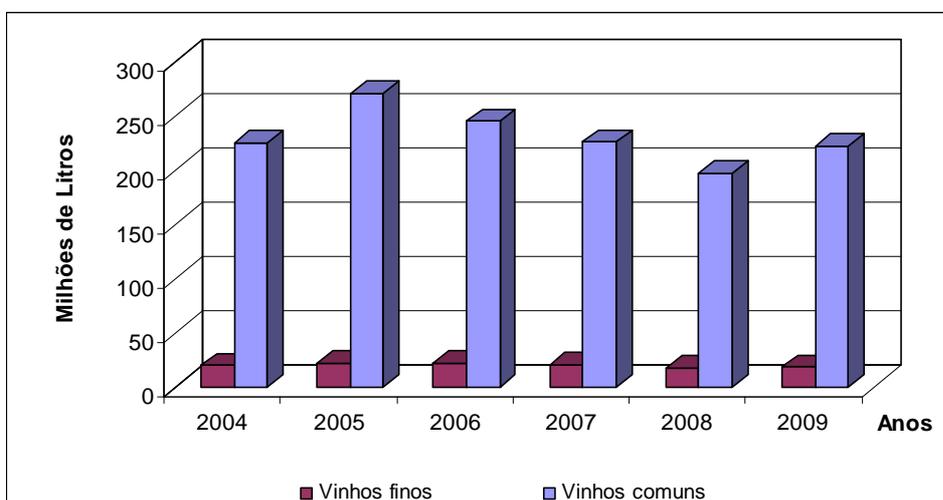


GRÁFICO 1 - Uvas processadas pelas empresas do Rio Grande do Sul, milhões kg, 2004-2009

FONTE: IBRAVIN/MAPA/SEAPPA. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

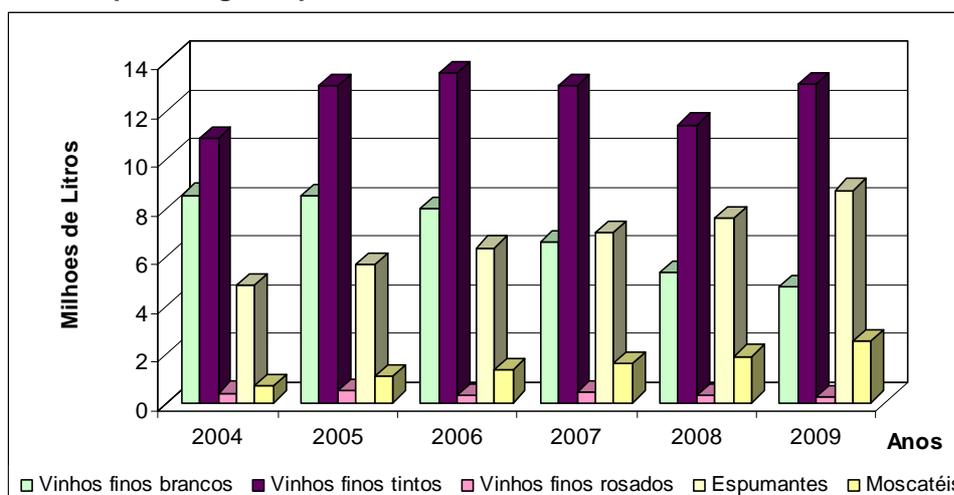
GRÁFICO 2 - Vinhos e derivados elaborados no Rio Grande do Sul, milhões de litros, 2004-2009

FONTE: IBRAVIN/MAPA/SEAPPA. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

GRÁFICO 3 - Comercialização de vinhos por empresas do Rio Grande do Sul, milhões de litros, 2004-2009

FONTE: IBRAVIN/MAPA/SEAPPA. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

GRÁFICO 4 - Comercialização de vinhos finos e espumantes por empresas do Rio Grande do Sul, por categoria, período 2004-2009



FONTE: IBRAVIN/MAPA/SEAPPA. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

As Tabelas 3 e 4 apresentam a área, o volume e o valor da produção de uvas das regiões da Campanha e Serra do Sudeste, em 2009. Entre os municípios da Campanha, destacam-se Santana do Livramento, Candiota e Dom Pedrito, que concentram, aproximadamente, 90% da área plantada e do valor da produção (TABELA 3). Igualmente, na Serra do Sudeste, a viticultura está concentrada em mais de 95% nos municípios de Encruzilhada do Sul e Pinheiro Machado (TABELA 4). As áreas mais extensas, assim como os maiores volumes produzidos, e o valor gerado são de empresas da Serra Gaúcha, muito embora existam empreendimentos locais que começam a se destacar.

TABELA 3 – Campanha: área de vinhedos (ha), produção (t) e valor da produção de uvas (R\$), por município, 2009

Município	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Valor da produção (mil R\$)
Alegrete	6	58	104
Bagé	25	150	173
Candiota	100	550	633
Dom Pedrito	121	1.210	1.089
Hulha Negra	10	100	115
Quaraí	50	525	669
Rosário do Sul	10	80	74
Santana do Livramento	857	7.713	7.713
Uruguaiana	20	100	100
TOTAL	1.199	10.486	10.670

FONTE: Produção Agrícola Municipal (PAM). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso 10 dez. 2010. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 4 – Serra do Sudeste: área de vinhedos (ha), produção (t) e valor da produção de uvas (R\$), por município, 2009

Município	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Valor da produção (mil R\$)
Encruzilhada do Sul	320	2.880	5.760
Pinheiro Machado	103	1.030	1.185
Piratini	19	171	137
Pedras Altas	3	9	10
TOTAL	445	4.090	7.092

FONTE: Produção Agrícola Municipal (PAM). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso 10 dez. 2010. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

A Tabela 5 apresenta a área, o volume e o valor da produção da uva, no contexto da produção agrícola, nos municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha e Monte Belo do Sul, em 2009. Foram destacadas informações referentes à produção agrícola destes municípios, pois é onde se localizam as áreas das IG's. Dada a importância da fruticultura na IG Pinto Bandeira, foram inseridas também informações sobre as culturas permanentes mais significativas em cada município.

Considerando a produção agrícola, os dados evidenciam a importância da viticultura nos quatro municípios, tanto na superfície cultivada quanto no volume e no valor da produção. Eles revelam um conjunto formado por Bento Gonçalves e Farroupilha, e outro formado por Garibaldi e Monte Belo do Sul. Há diferenças que se evidenciam entre os quatro municípios, porém a mais significativa é a importância da cultura do pêssego em Bento Gonçalves que, segundo a EMATER, está quase totalmente concentrada no distrito de Pinto Bandeira. A cultura do pêssego no distrito de Pinto Bandeira tem importância na escala do Estado, pois representa 7% da área cultivada com pêssego do Rio Grande do Sul e rende 12% da produção, que é destinada, quase totalmente, para o consumo *in natura*, nos mercados do Rio Grande do Sul, de São Paulo e Rio de Janeiro. Quando comparado à viticultura, em 20% da área, a cultura do pêssego gera o equivalente a 73% da renda. Segundo a prefeitura de Bento Gonçalves, em 2009, havia, no distrito de Pinto Bandeira vinte e uma câmeras frias e cinco indústrias de caixas de madeira para o armazenamento da fruta.

TABELA 5 - Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi e Monte Belo do Sul: área (ha), produção (t) e valor da produção (R\$) da lavoura, 2009

Lavoura	Área plantada (ha)				Produção (t)				Valor (Mil R\$)			
	BG	FA	GA	MB	BG	FA	GA	MB	BG	FA	GA	MB
Subtotal Temporária	1.784	1.907	616	537	12.143	12.629	3.900	4.032	7.814	8.658	2.031	1.935
Caqui	170	210	30	6	2.380	3.150	30	66	2.666	3.030	370	74
Figo	12	9	25	12	120	108	200	96	294	118	490	235
Laranja	155	40	82	65	2.015	600	1.066	630	846	225	448	265
Maçã	40	120	-	-	1.600	3.600	-	-	1.344	2.800	-	-
Pêssego	1.200	635	10	9	19.200	9.525	100	72	33.600	6.980	175	126
Tangerina	125	15	50	45	1.500	225	650	585	1.544	127	669	602
Outras	74	27	13	29	749	556	110	233	802	826	166	274
Uva	5.900	3.701	2.800	2.440	100.300	66.618	45.360	38.430	46.138	30.183	20.866	17.678
Subtotal Permanente	7.676	4.757	3.010	2.600	128.091	84.382	47.816	40.112	87.234	44.399	23.184	19.254
Total	9.460	6.664	3.626	3.137	140.234	97.011	51.716	44.144	95.048	53.057	25.215	21.189
Relação uva / demais culturas permanentes(%)	78	78	93	94	78	79	95	96	53	68	90	92
Relação uva / total agrícola (%)	62	55	77	78	71	69	88	87	49	57	83	83

FONTE: Produção Agrícola Municipal (PAM). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso 10 dez. 2010. Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

Já as Tabelas 6 e 7 apresentam, para os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha e Monte Belo do Sul, o número de empregados na indústria do vinho e o valor adicionado, por setor econômico e PIB, em 2007. Como não há informação individualizada, para cada setor industrial, por município, não é possível saber a participação da indústria vinícola na composição do valor adicionado bruto da indústria, nesses municípios; entretanto a informação serve de referência.

A análise do número de empregados (TABELA 6) no setor de bebidas está de acordo com a industrialização geral dos municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Farroupilha. Porém Monte Belo do Sul é um município eminentemente agrícola, por isso, entre os quatro municípios, o setor primário é muito mais importante na economia de Monte Belo do Sul do que nos outros municípios, cujo PIB é gerado em outros ramos industriais e em serviços (TABELA 7).

TABELA 6 - Número de empregados no ramo de bebidas, classe de atividade econômica: fabricação de vinho, nos municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi e Monte Belo do Sul, 2009

Classes de atividade econômica no ramo de bebidas	Bento Gonçalves	Farroupilha	Garibaldi	Monte Belo do Sul	Total
Fabricação de vinho	771	182	339	1	1,293
Total	771	182	339	1	1,293

FONTE: MTE: RAIS 2009, segundo CNAE – versão 2.0. Elaboração: Área Breitbach, 2010.

TABELA 7 - Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi e Monte Belo do Sul: valor adicionado bruto, por setor e PIB, 2007 (mil reais e %)

Valor adicionado bruto	Bento Gonçalves		Farroupilha		Garibaldi		Monte Belo do Sul	
	(mil R\$)	%	(mil R\$)	%	(mil R\$)	%	(mil R\$)	%
Agropecuária	50.373	2,3	61.179	5,1	28.383	4,0	13.407	40,1
Indústria	719.201	32,5	369.911	30,8	283.466	40,4	3.004	9,0
Serviços	1.130.275	51,1	568.978	47,3	292.539	41,7	15685	47,0
Impostos sobre produtos líquidos de subsídios	313.214	14,1	202.578	16,8	97.504	13,9	1.309	3,9
PIB a preços correntes	2.213.063	100	1.202.645	100	701.892	100	33.405	100

FONTE: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 13 jan. 2010. Elaboração: Área Breitbach, 2010.

Além das regiões do Rio Grande do Sul há outras regiões que produzem uvas para a elaboração de vinhos finos no estado de Santa Catarina, localizadas no Alto Vale do Rio do Peixe e no Planalto Catarinense. No Vale do Rio do Peixe, localizada em torno dos 27°S e 51°WGr, a viticultura tradicional é para vinhos de mesa, mas, nos últimos anos, ocorreu a expansão da área cultivada com *Vitis vinifera* L., principalmente, Cabernet Sauvignon, Merlot e Chardonnay, em altitudes entre 600-800m de diversos municípios, em solos originados em rochas efusivas básicas.

Nos patamares do Planalto Catarinense, em altitudes entre 900 e 1400m, localizam-se as regiões de São Joaquim, Campos Novos e Caçador com viticultura para vinhos finos. Nesta região, os empreendimentos vitivinícolas são, na maioria, de empresários que buscam novas fontes de renda. Os vinhedos, conduzidos em espaldeira, começaram há pouco mais de 10 anos e, atualmente, ultrapassam 300ha. A maior parte dessa área são das 27 vinícolas da ACAVITIS. No planalto, o relevo plano/suave ondulado permite a quase completa mecanização e, devido a altitude, o clima mesotérmico temperado apresenta invernos rigorosos e verões amenos (NIMER, 1989). Segundo Briguenti e Tonietto (2004), na classificação

geovítica, São Joaquim apresenta clima “*frio, de noites frias e úmido*”, o que favorece a qualidade da produção vitícola, especialmente das variedades tintas, que têm resultado em vinhos de excelente qualidade (ROSIER, 2003).

Além destas regiões, a vitivinicultura para vinhos finos se desenvolve na região tropical do Submédio Vale do Rio São Francisco, localizada entre 9 e 10°S, principalmente, nos municípios de Petrolina, Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e Casa Nova, na Bahia. Os vinhedos para produção de vinhos finos são cultivados em latossolos, em altitudes de 500m, sob domínio do clima semiárido, com seis a dez meses secos (entre abril a janeiro).

As características do meio dessa região permitem que a videira esteja sempre em período vegetativo, sendo controlada pelas práticas culturais. Segundo Tonietto e Teixeira (2007), a variabilidade intranual das condições climáticas resulta num clima vitícola com três classes. A escolha de produzir em um ou outro período/clima vitícola resulta em vinhos diferentes, conforme o período do ano no qual a videira está em produção.

O potencial vitivinícola da região atraiu, nesta última década, novos investidores, como a Vinícola Miolo, de Bento Gonçalves. Atualmente, a região tem, aproximadamente, 700ha de vinhedos para a produção de vinhos finos, cultivados em espaldeira, cujas uvas são processadas em seis vinícolas (duas com capital internacional). As vinícolas produzem cerca de 7 milhões de litros de vinho por ano, que são comercializados, principalmente, no mercado nacional.

As análises desenvolvidas por Lima et al. (2007) e Guerra e Zanús (2007) mostram que os vinhos da região apresentam características de qualidade. Outras pesquisas estão contribuindo para superar problemas encontrados nas décadas anteriores, mas os pesquisadores afirmam que há necessidade de continuar as pesquisas, para aprimorar, ainda mais, a qualidade já obtida.

Na região se encontra, também, a maior superfície do Brasil de vinhedos de uva de mesa de variedades viníferas, que são destinadas, principalmente, para o mercado internacional.

3.4 SÍNTESE DAS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS PARA VINHOS

Nos início da década de 1990, alguns fatores formaram uma mentalidade e um contexto local favorável à implementação de IG's de vinhos na Serra Gaúcha. Entre esses fatores destacam-se a melhoria na qualidade do vinho; o crescimento da oferta de instituições de ensino, com possibilidade de aprendizagem sobre IG's; a evolução no conhecimento que vitivinicultores da região tinham sobre o assunto; a atuação da Embrapa Uva e Vinho, incluindo suas parcerias; e a organização setorial, com lideranças com formação técnica, jurídica e mercadológica específica em vitivinicultura.

Em escala nacional, diversos fatores no cenário político e econômico, influenciaram a mudança da legislação, que incluiu o tema das indicações geográficas, conforme analisado anteriormente. Além das intensas pressões internas, a importância dos acordos internacionais e da globalização da economia mundial contribuíram muito para a evolução das condições para a criação de indicações geográficas no Brasil.

Do ponto de vista legal, em 1995, havia a lei que previa a existência de zonas vitivinícolas, mas tramitava no Congresso Nacional, a nova lei que seria aprovada em 1996. A Lei nº9.279 estimulou, explicitamente, as indicações geográficas *“considerando o seu interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do país”*.

A atuação do setor vitivinícola foi muito importante, através da APROVALE, da UVIBRA, da AGAVI, da FECOVINHO e, depois, do IBRAVI e dos setores públicos, através da Câmara Setorial do Vinho, não só na aprovação da Lei, mas também na instituição dos Atos Normativos e, finalmente, da Resolução 75/2000, com os procedimentos para a solicitação de registro de IG's no INPI.

As condições estavam mais presentes na região de maior produção de uvas para vinhos finos, isto é, em Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha. É importante salientar que elas ocorreram, simultaneamente, num todo complexo e contraditório,

pois havia, também, aqueles que não acreditavam na possibilidade de uma indicação geográfica porque, segundo esses, não havia a identificação da tipicidade dos vinhos.

Conforme descrito, houve um processo de evolução na melhoria da qualidade do vinho elaborado nesses municípios, que se acentuou nas décadas de 1980 e 1990, relacionada ao estoque de conhecimento disponibilizado pelas instituições e apropriado pelo setor vitivinícola. Era igualmente importante o material vegetativo isento de viroses, os agroquímicos, as condições tecnológicas, os equipamentos, etc, que contribuíam para a produção de uva de qualidade.

É indissociável desse processo a atuação da Embrapa Uva e Vinho, envolvendo a realização de eventos sobre o tema, as publicações com resultados de pesquisas, entre as quais o livreto “O conceito de denominação de origem: uma opção para o desenvolvimento do setor vitivinícola brasileiro” (TONIETTO, 1993), além da assessoria ao setor na elaboração da Norma Vitivinícola do MERCOSUL.

No início dos anos 1990, a vitivinicultura brasileira sofreu mais uma crise econômica: preço da uva pago ao produtor X indústria X comercialização do vinho. Por isso a história de algumas vinícolas fundadas nesse período são histórias de empreendedorismo, muito vinculadas ao ambiente estimulador já descrito. A elevação do nível de conhecimento e renda estimulou e proporcionou condições para muitos vitivinicultores viajarem para conhecerem regiões vitivinícolas européias e sul-americanas; do mesmo modo que a melhoria da qualidade do vinho proporcionou condições dos vitivinicultores participarem de feiras e concursos de vinhos. Esses contatos ampliaram a visão do vinho no mundo e um dos temas compreendidos foi que o acesso de seus produtos a certos mercados só se daria com a implementação das indicações geográficas.

Nesse contexto, um grupo de vitivinicultores da área do distrito Vale dos Vinhedos, do município de Bento Gonçalves, e do seu entorno, reuniu-se em maio de 1994, para criar uma associação, sendo um de seus objetivos buscar uma Indicação Geográfica para seus vinhos. Foram convidadas a participar dessa reunião a Embrapa Uva e Vinho e a Universidade de Caxias do Sul. Nessa reunião,

o grupo decidiu formar a Associação dos Produtores de Vinhos Finos Vale dos Vinhedos (APROVALE), cujo registro foi no início de 1995.

Em 1995, a APROVALE solicitou apoio da Embrapa Uva e Vinho. No mesmo ano, foi elaborado e aprovado um projeto de pesquisa para essa finalidade envolvendo a Universidade de Caxias do Sul e a Embrapa Uva e Vinho, que recebeu o apoio financeiro da FAPERGS, em 1996, para o desenvolvimento da pesquisa, o que incluía o apoio da APROVALE.

Depois disso, houve uma atuação institucional, que gerou um procedimento: os grupos organizados se reportam à Embrapa Uva e Vinho, para solicitar o apoio técnico, a fim de construir a documentação necessária à solicitação da IG, e o grupo técnico – interinstitucional e interdisciplinar – gera o conhecimento necessário para subsidiar a associação na solicitação do registro da indicação geográfica ao INPI.

4 AS INDICAÇÕES DE PROCEDÊNCIA PARA VINHOS VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO

Como foi analisado, diversos fatores, em escala nacional e internacional, na década de 1990, influenciaram diretamente as políticas públicas quanto ao tema das indicações geográficas, que a crise econômica do setor vitivinícola potencializou na demanda por apoio.

No tema da regionalização⁸³ da vitivinicultura brasileira, o primeiro grande apoio, em 1993, foi a definição das regiões que integraram a Norma Vitivinícola do MERCOSUL (TONIETTO et al., 1993). Logo em seguida, já considerando o tema das IG's, foi desenvolvida uma pesquisa para identificar a área de distribuição do cultivo de *Vitis vinifera* na região da Serra Gaúcha e a toponímia utilizada para referenciar onde havia o cultivo de videiras para vinhos finos (FALCADE; TONIETTO, 1995 a, b). Como afirma Claval “[...] a toponímia é um traço da cultura e uma herança cultural” (1999, p.202), o que ficou evidenciado na toponímia identificada: a expressiva maioria dos mais de 270 topônimos listados está relacionada ao processo de construção do espaço regional.

A segunda fase no tema da regionalização da vitivinicultura brasileira é a das indicações geográficas. A primeira pesquisa desenvolvida para a indicação geográfica para vinhos Vale dos Vinhedos iniciou em 1996, com a participação de três, depois cinco, pesquisadores⁸⁴ da Universidade de Caxias do Sul, da Embrapa Uva e Vinho, da Embrapa Clima Temperado e da Embrapa Florestas, com auxílio financeiro da FAPERGS e da APROVALE.

Atualmente, a equipe tem 14 pesquisadores da Embrapa Uva e Vinho, da Universidade de Caxias do Sul, da Embrapa Clima Temperado e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de diferentes especialidades. Com financiamento da

⁸³ Na área da pesquisa agrônômica o termo usado no Brasil é zoneamento, não no sentido das tradicionais zonas geográficas estabelecidas entre paralelos, mas de regiões no sentido geográfico tradicional. Uso no sentido amplo do conceito, não no sentido restrito de uma ou outra concepção teórico-metodológica.

⁸⁴ No início dos trabalhos, o pesquisador de solos se aposentou, tendo sido substituído pelos pesquisadores que realizaram o trabalho, conforme indicado na publicação Falcade e Mandelli (1999).

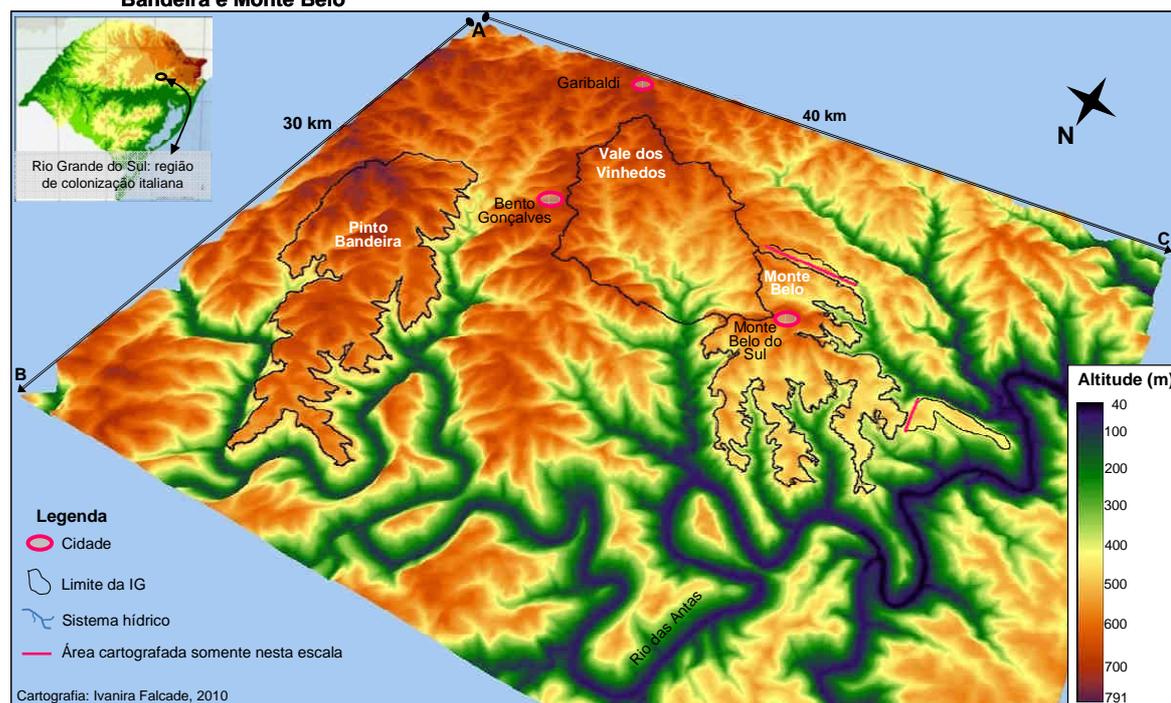
FINEP foram desenvolvidas pesquisas para a região de Pinto Bandeira e estão em curso àquelas para a região de Monte Belo; e com financiamento da Embrapa seguem as pesquisas para as regiões de Farroupilha e dos Altos Montes. Há muitas pesquisas básicas em viticultura e enologia, cujos resultados têm contribuído com o tema das IG's para estabelecer as novas regiões, como àquelas da "Rede *Terroir*" e das "Características físico-químicas e sensoriais dos vinhos determinadas pela interação genótipo/condições geográficas do vinhedo", entre outras na área do georreferenciamento e do sensoriamento remoto.

O pedido de apoio para a construção dos processos, para solicitar o registro das IP's ao INPI, é encaminhada pelas associações à Embrapa Uva e Vinho, que tem mantido, para esse tema, um acordo de cooperação com a Universidade de Caxias do Sul, desde 1993; com a Embrapa Clima Temperado, desde 1996; e com a UFRGS, desde 2000.

4.1 DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO

A visão de conjunto das três IP's (MAPA 12) possui uma área de 1200km². A base cartográfica para elaborar esse modelo numérico do terreno (MNT) é em escala 1:50.000 e a equidistância das curvas de nível de 20m (HASENACK e WEBER, 2007). A área compreendida pelas coordenadas UTM 424000-464000m e 6792000-6762000m foi recortada no programa Cartalinx, depois, no SIG Idrisi, as curvas foram rasterizadas e elaborado o MNT, sobre o qual foram inseridos os limites das IP's e gerada a visão 3D. As três IP's situam-se na margem esquerda do Rio das Antas, sobre encostas orientadas de sul-sudoeste para norte-noroeste, onde as altitudes são menores. O mapa mostra bem que o relevo da região é muito irregular.

MAPA 12 - Serra Gaúcha: contexto morfológico das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo



4.1.1 Metodologia da Delimitação e Caracterização das Regiões das IP's

O limite de cada uma das regiões das IP's foi estabelecido por critérios diferentes, embora os princípios básicos tenham sido os mesmos, isto é, aqueles emanados das definições estabelecidas na lei (conforme tratado no item 2.1). No início de 1996, ainda não existia a Lei 9.279/96, por isso, na IP Vale dos Vinhedos, as referências conceituais foram aquelas propostas pela OIV, em 1992.

Na ocasião da pesquisa para a IP Vale dos Vinhedos⁸⁵, não inexistia qualquer experiência brasileira sobre IG's, tampouco uma metodologia brasileira para o estabelecimento de regiões vitivinícolas no espírito das IG's. Embora a viticultura com *Vitis Vinifera* L., ocorresse há décadas na região do Vale dos Vinhedos, não havia informações suficientes sobre sua permanência nos locais de melhor expressão das características qualitativas dos cultivos. As pesquisas enológicas que identificavam as características dos vinhos de diferentes áreas não eram suficientes

⁸⁵ Embora os documentos científicos para a DO Vale dos Vinhedos tenham sido concluídos em 2010, na tese estou tratando da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos. A APROVALE encaminhou o pedido da DO para o INPI em agosto de 2010.

para definir a tipicidade dos vinhos da região, exigência para a instituição de uma DO. As informações eram temporalmente curtas e relacionalmente simples, embora as experiências das pesquisas anteriores, sobre a relação da insolação com a qualidade da uva (FALCADE, 1981) e da delimitação do Vale Aurora (FALCADE, 1985), tenham contribuído nas reflexões.

Foram realizados trabalhos de campo para observar e analisar a distribuição da cultura da videira, reuniões com proprietários/enólogos/técnicos das vinícolas e com outros viticultores, a partir das quais se percebeu que existia um conceito geográfico que poderia expressar aquela realidade e do qual poderia derivar um método para delimitar a região para a IP dos vinhos do Vale dos Vinhedos. Assim, os limites da região vitivinícola da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos foram obtidos a partir do limite de um sistema de drenagem de quarta ordem, seguindo as cotas e os pontos altimétricos da linha do divisor d'água. Levando em conta as exigências do conceito de indicação de procedência, foi usado o conceito geográfico de vale para estabelecer os limites da região e, considerando o objetivo, as informações, a tecnologia, os equipamentos e o material disponível, para mapear a região foi usada a escala 1:50.000.

O contexto da delimitação da região para os vinhos Pinto Bandeira, em 2004, era outro, em muitos sentidos: não só a equipe era maior, como a interação em nível internacional havia ampliado/aprofundado a visão e o entendimento do assunto; o tempo decorrido da IPVV permitia uma avaliação do que havia sido realizado; além do setor vitivinícola havia refletido sobre o significado e a importância das IG's.

A ASPROVINHO, constituída por seis vinícolas, localizadas no distrito de Pinto Bandeira, havia criado um projeto que denominou de Vinhos de Montanha, com sua versão turística, denominado de Caminhos de Montanha. A solicitação encaminhada era para a criação de uma Indicação de Procedência Vinhos de Montanha de Pinto Bandeira. Contudo, a primeira questão geográfica era a "montanha". Não há montanha, mas... quem sabe, um relevo montanhoso...

Nessa época, havia mais conhecimento acerca da complexa relação vinho-espaço geográfico-território local com avaliações qualitativas e comparadas de

vinhos de determinadas variedades, produzidos com uvas de diferentes áreas⁸⁶; assim como o clima na sua interface com a videira⁸⁷ e o levantamento dos solos para a região da Serra Gaúcha⁸⁸. E também, para fazer a pesquisa, havia uma equipe multidisciplinar com mais recursos financeiros e infra-estrutura de material e equipamentos.

Novamente, a avaliação do campo foi fundamental para verificar a pertinência da delimitação da região de Pinto Bandeira e o conceito referente para tal. A análise da viticultura e de variáveis ambientais, como o solo e o clima geovíticola, *in loco* e em representações cartográficas, indicavam que os vinhos apresentavam características relacionadas ao conceito de viticultura de montanha⁸⁹ e, portanto, permitiu aplicar este conceito para delimitar a Indicação de Procedência Pinto Bandeira, estabelecido na cota mínima de 500m de altitude. Como a lei exige a descrição do limite da região e seria praticamente impossível descrever a linha da cota, foi usado como referência o sistema hídrico complementado pela linha do divisor d'água.

Também em 2004, a APROBELO solicitou apoio para o desenvolvimento das vinícolas da associação e para a criação de uma IP Monte Belo. Enquanto nas associações do Vale dos Vinhedos e de Pinto Bandeira os sócios vinícolas, na sua maioria, tinham vinhedos e produtos comerciais consolidados no mercado, na APROBELO a situação era diferente.

Como já referido no capítulo anterior, o município de Monte Belo do Sul foi distrito de Bento Gonçalves e era um grande produtor de uvas há muitas décadas. Consoante a estrutura político-econômica, essas uvas eram vinificadas, na sua

⁸⁶ Pesquisas desenvolvidas na Embrapa Uva e Vinho, especialmente, pelos pesquisadores Alberto Miele, Luiz A. Rizon, Celito C. Guerra e Mauro Celso Zanuz.

⁸⁷ O Sistema de Classificação Climática Multicritério Geovíticola – Sistema CCM Geovíticola – é um método elaborado por Jorge Tonietto na tese de doutoramento, na ENSAM de Montpellier, França, defendida em 1999.

⁸⁸ O levantamento semidetalhado de solos da Serra Gaúcha foi desenvolvido por Carlos A. Flores, da Embrapa Clima Temperado; Reinaldo O. Pötter e Pedro J. Fasolo, da Embrapa Florestas (pedologia); e Heinrich Hasenack e Eliseu Weber (cartografia), da UFRGS, através de um projeto financiado pelo IBRAVIN, a partir de 2000. Em um projeto coordenado pela Universidade de Caxias do Sul, juntamente com a Embrapa Uva e Vinho, com recursos do governo estadual por meio do COREDE SERRA, os resultados foram publicados, na forma de 33 mapas municipais, na escala 1:50.000, e do mapa regional, na escala 1:150.000.

⁸⁹ Em 1987, foi criado o Centro de Pesquisa, Estudos e Valorização da Viticultura de Montanha (CERVIM), no âmbito da OIV, organização sediada na cidade de Aosta, Itália, com o objetivo de salvaguardar a viticultura praticada em condições difíceis: declividade das vertentes acima de 30%; altitude superior a 500m; vinhedos em terraços e patamares; e a viticultura das pequenas ilhas. Disponível em: <http://www.cervim.org/cervim-chi-siamo.aspx>. Acesso em: 14 set. 2005.

maior parte, por vinícolas localizadas nas cidades de Bento Gonçalves e de Garibaldi, algumas das quais mantinham postos de recebimento/vinificação em Monte Belo. A constituição de vinícolas comerciais em Monte Belo do Sul é mais recente e, quase totalmente, de pequeno porte.

A avaliação do meio geográfico (fatores naturais, uso do solo/viticultura, organização) pela equipe multidisciplinar, através de visitas a campo e das representações cartográficas, permitiu identificar que, para a delimitação, era necessário o uso de um conjunto de variáveis, como a viticultura/uso do solo em geral, a declividade, a formação geológica/ponto de ruptura de patamar e a altimetria. Os estudos ainda estão em andamento, mas a versão inicial dessa delimitação encontra-se em Tonietto et al (2008). Como a base cartográfica a ser adotada não foi concluída (setor oeste, localizado no município de Santa Tereza; e setor sul, localizado no município de Bento Gonçalves) a delimitação da Indicação de Procedência Monte Belo usada neste estudo é a da versão inicial, excluindo uma área de, aproximadamente, 4km², onde a restituição não está completa, conforme indicado no Mapa 12.

Em 1996, para a delimitação da região da IP Vale dos Vinhedos e a representação cartográfica das variáveis ambientais, foi digitalizada a base cartográfica analógica, desenvolvida pela Diretoria do Serviço Geográfico do Exército, na década de 1970 (FALCADE; MANDELLI, 1999). Nesta tese, a cartografia das três regiões, inclusive da região da IP Vale dos Vinhedos, foi elaborada a partir da base cartográfica dos aerolevamentos das pesquisas das IG's (TONIETTO et al. 2004). Na ocasião da elaboração dos mapas para a tese, a pesquisa já havia processado um conjunto de representações, algumas das quais publicadas (HOFF et al, 2008; MENEZES et al, 2007), mas, em razão do nível de detalhamento, os mapas das três regiões, na tese, foram todos reelaborados.

O aerolevamento para as IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo foi realizado em novembro de 2005 e aquele para a IP Pinto Bandeira foi realizado em agosto de 2006. Estes forneceram a base cartográfica digital, na escala 1:5.000, com equidistância entre as curvas de 2 e 5m, respectivamente, e as fotos usadas para a elaboração do mapa do uso e cobertura do solo. Como os limites do Vale dos Vinhedos e de Pinto Bandeira foram retificados da escala 1:50.000 (traçado original)

para a escala 1:5.000, há uma pequena diferença de área no resultado final, embora o critério tenha sido mantido. Na tese, os mapas das três IP's estão na escala 1:100.000, portanto, comparáveis entre si. A área total (a "janela") que contém os polígonos da IP's está representada nos mapas com as coordenadas geográficas e UTM indicadas no Quadro 6.

QUADRO 6 - Área do recorte para localização das IP's: coordenadas geográficas e UTM

Recorte	Área km ²	Lat/Long - X Mínimo (WGr)	Lat/Long - X Máximo (WGr)	Lat/Long - Y Mínimo (S)	Lat/Long - Y Máximo (S)	UTM - X Mínimo (m)	UTM - X Máximo (m)	UTM - Y Mínimo (m)	UTM - Y Máximo (m)
Vale dos Vinhedos	162	51°38'05"	51°29'43"	29°14'32"	29°08'00"	438360	4518 60	6765100	6777100
Pinto Bandeira	308	51°32'07"	51°23'26"	29°11'54"	28°59'58"	448000	462000	6770000	6792000
Monte Belo	120	51°42'12"	51°36'00"	29°11'51"	29°05'20"	431660	4416 60	6770000	6782000

A edição das curvas de nível foi realizada no programa Cartalinx e as informações digitais foram processadas no ambiente do SIG Idrisi, versão Kilimanjaro. O mapa vetorial das curvas e pontos de nível foi interpolado para a geração do modelo numérico do terreno (MNT). A partir deste modelo foram gerados os mapas de altimetria, declividade e exposição das vertentes e os resultados reclassificados segundo as classes estabelecidas nos Quadros 7 e 8.

QUADRO 7 - Classes de declividade e formas de relevo

Declividade (%)	Nomenclatura	Declividade (%)	Nomenclatura
0 a menor 3	Plano	20 a menor 30	Ondulado
3 a menor 8	Plano ondulado *	30 a menor 45	Forte ondulado
8 a menor 14	Suave ondulado	45 a menor 75	Montanhoso
14 a menor 20	Médio Ondulado *	> 75	Escarpado

* Nomenclatura criada para referir o maior detalhamento da declividade.

QUADRO 8 - Classes e orientação das vertentes

Classe	Orientação	Classe	Orientação
Norte	337° 30' (NWE) a 22° 30' (NNE)	Sul	157°30' (SSE) a 202°30' (SSW)
Nordeste	22° 30' (NNE) a 67° 30' (ENE)	Sudoeste	247°30' (WSW) a 202°30' (SSW)
Leste	67° 30' (ENE) a 112° 30'(SSE)	Oeste	247° 30' (SSW) a 292° 30'(WNE)
Sudeste	112°30' (ESE) a 157°30' (SSE)	Noroeste	292° 30' (WNE) a 337° 30' (WNE)

Para a análise topoclimática, foram utilizadas as informações coletadas em 10 postos meteorológicos, no período de 1987 a 2008: três localizados na região da IPVV, uma na IPPB, duas na IPMB e quatro no entorno das IP's, nos municípios de Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Garibaldi. O período não compõe uma normal climatológica, mas é referência dos fatores meteorológicos na região, apresentando densidade de rede, diversidade de altitudes e exposições.

Os mapas topoclimáticos foram obtidos correlacionando o modelo digital de elevação com os dados das estações meteorológicas: conhecidos os valores da temperatura em determinada altitude, efetuou-se uma regressão linear, cuja equação resultante foi utilizada pelo modelo para estimar a temperatura para áreas de altitudes conhecidas (EASTMAN, 1998). Estes dados foram utilizados por Mandelli, Tonietto e Zat (2009), para a caracterização dos mesoclimas vitícolas da Serra Gaúcha, e por Tonietto, para a definição do clima geovitícola das IP's (FLORES et al, 2006).

Para a elaboração dos mapas de uso e cobertura do solo das IP's foi usado o programa Cartalinx, digitalizando em tela, a partir da interpretação visual, os polígonos de 16 classes: videiras, outras frutíferas, culturas temporárias, poteiros, floresta secundária, floresta primária, (re)florestamento e exóticas, plátanos, misto / outros usos (agrícola), uso residencial rural, áreas urbanas (cidade e vila), sistema hídrico, não identificado, sombra, sistema viário pavimentado, sistema viário não pavimentado. Os polígonos foram classificados e depois processados.

O aerolevanteamento de Pinto Bandeira apresentou muitas dificuldades de identificação detalhada, porque a época em que foi realizado (inverno) não é propícia para salientar diferenças; ao contrário, a conjugação de frutíferas caducifólias homogeneizou texturas, cores e formas, em muitas áreas, de modo que a superfície não identificada é, proporcionalmente, grande. Embora isso não ocorra na área das IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo, para manter um padrão, optou-se por apresentar o mapa de uso e cobertura do solo das IP's com as classes agrupadas em vinhedos, outros usos agropecuários, florestas, uso residencial/rural/urbano e não identificado/sombra.

Nos mapas de altimetria, declividade, exposição, temperatura e uso e cobertura do solo foi calculada a área de cada classe, no SIG Idrisi. Para a contiguidade espacial, nos mapas finais, foram usados também os sistemas hídrico e viário, integrantes da base cartográfica, na escala 1:50.000 (HASENACK; WEBER, 2007), além dos limites político-administrativos municipais (IBGE, 2002). A arte final dos mapas foi criada no programa Corel Draw, versão 13.

4.1.2 Caracterização das Regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo

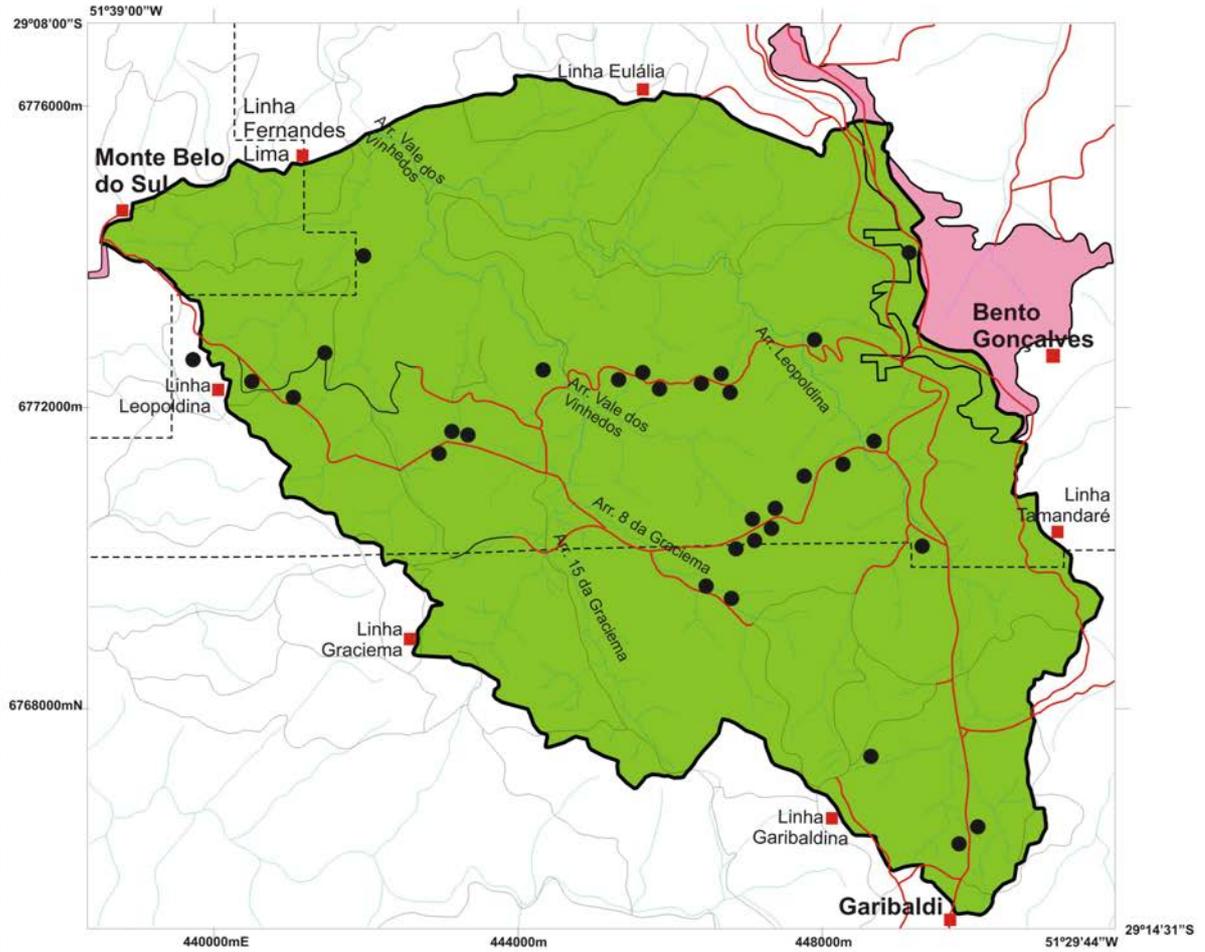
A caracterização e análise das IP's inicia em escala cartográfica, com os Mapas 13, 14, e 15, que representam os limites e a localização das vinícolas comerciais⁹⁰, que faziam parte das associações, em 2010. Os Mapas 16 a 36 caracterizam ambientalmente as regiões das IP's nas variáveis altitude, declividade, orientação das vertentes, distribuição estimada das temperaturas médias, máximas e mínimas, e uso e cobertura do solo. As Tabelas 8 a 14 indentificam a área (ha e %) correspondente a cada classe desses mapas. As informações meteorológicas serviram de base também para o Gráfico 5 e a definição dos climas geovitícolas da Figura 4. Os mapas que representam a formação geológica encontram-se nos Anexos 1, 2 e 3 e os tipos de solos em semidetalhe nos Anexos 4, 5 e 6⁹¹.

A área delimitada da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos tem 81,22km² e está localizada nos municípios de Bento Gonçalves (65%), Garibaldi (26%) e Monte Belo do Sul (9%), aproximadamente, entre 29°08'23" e 29°14'26" Sul e 51°29'50" e 51°37'57" Oeste de Greenwich (MAPA 13). As cidades de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul servem como referências nos limites leste, sul e oeste, respectivamente.

⁹⁰ A legislação refere-se como vinícolas centrais aquelas que elaboram, envelhecem, engarrafam e comercializam o vinho, e como vinícolas rurais aquelas que elaboram e comercializam o vinho, essencialmente, a granel. Como o termo pode induzir a equívocos, pois há vinícolas centrais no meio rural, utilizo a expressão vinícolas comerciais, em oposição àquelas vinícolas das unidades familiares, que produzem para consumo próprio.

⁹¹ Os mapas de solos são, originalmente, na escala 1:50.000.

**MAPA 13 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos:
localização, limites e vinícolas, 2010**



Legenda

-  Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos
-  Topônimo de referência
-  Vinícolas
-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

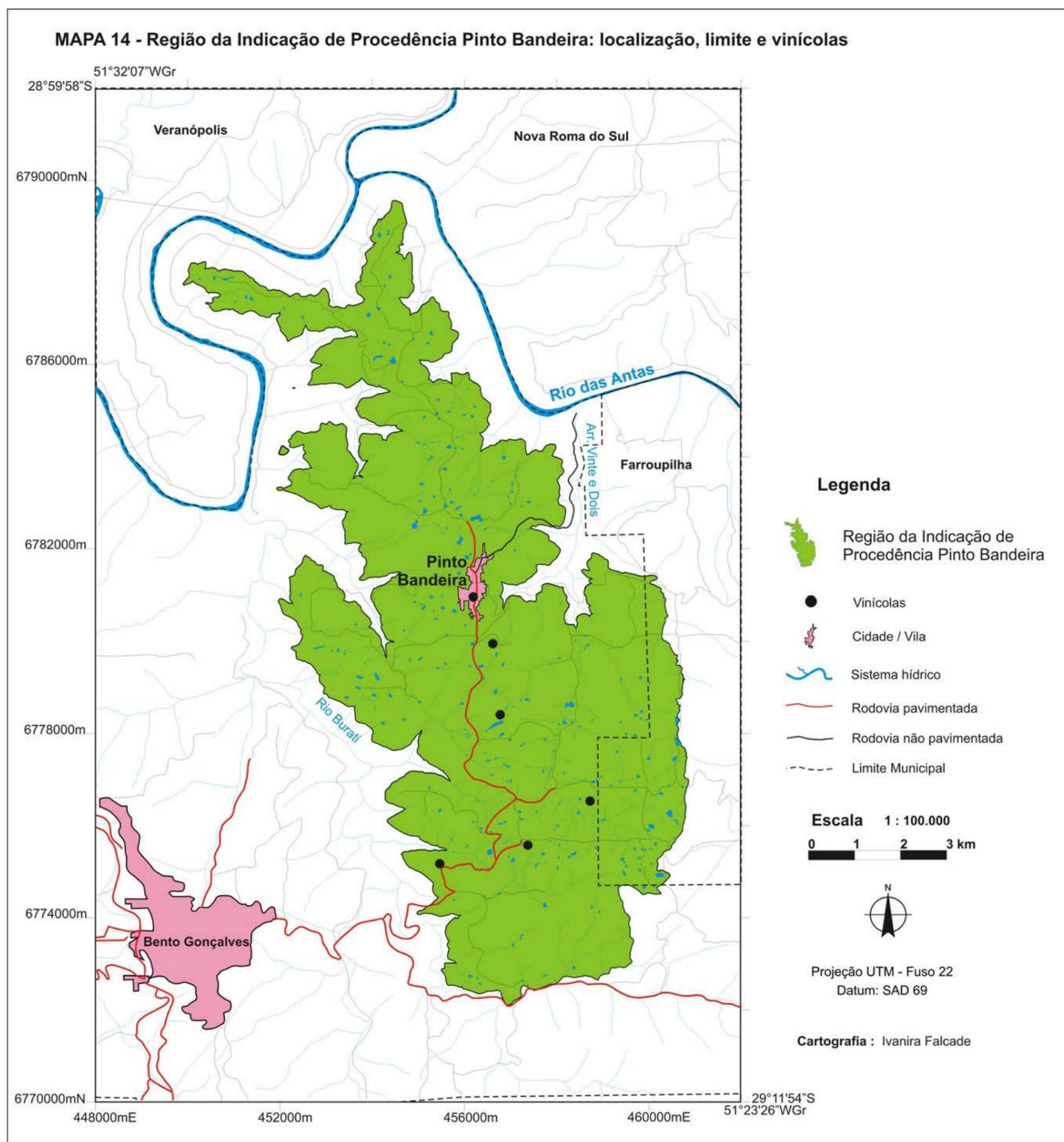
Escala 1 : 100.000

0 1 2 3 km

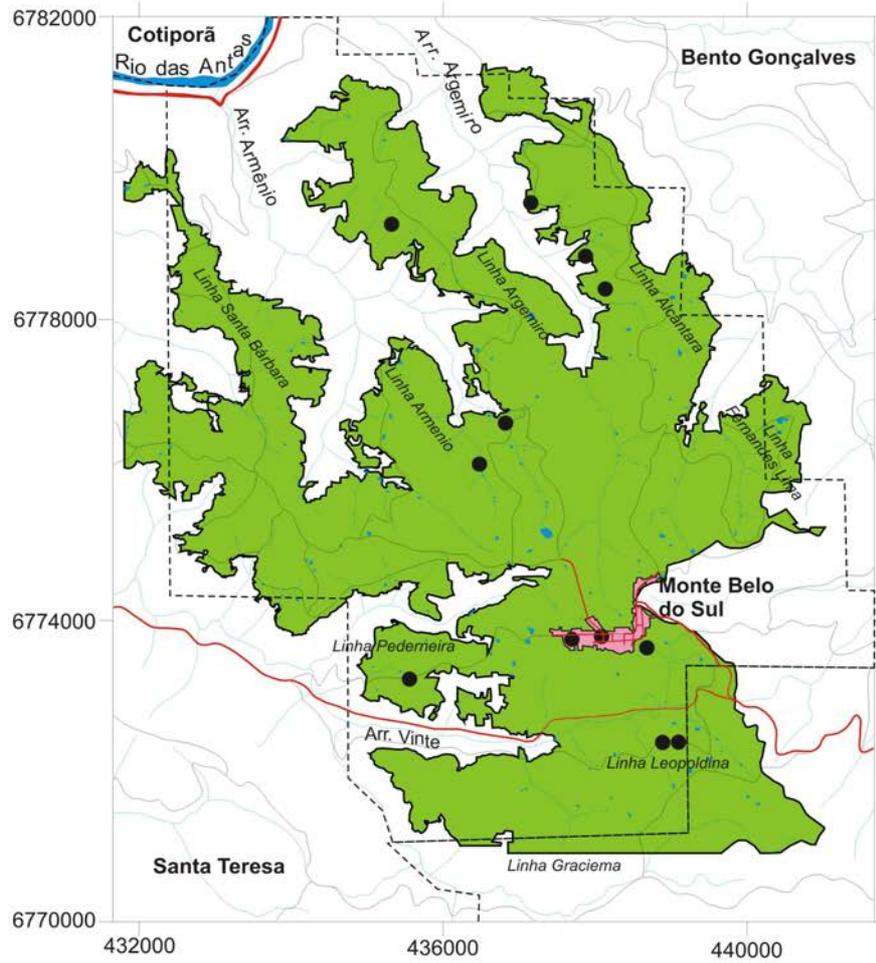


Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade



**MAPA 15 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo (parte):
localização, limite da área em estudo e vinícolas, 2010**



Legenda

-  Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo
-  Vinícolas
-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

Escala 1 : 100.000

0 1 2 3 km



Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

Por sua vez, a área delimitada da Indicação de Procedência Pinto Bandeira, tem 79,78km² e ocupa quase todo o distrito de mesmo nome. Está localizada nos municípios de Bento Gonçalves (91%) e Farroupilha (9%), aproximadamente, entre 29°01'18" e 29°10'45"Sul e 51°24'10" e 51°30'54"Oeste de Greenwich (MAPA 14). A área registrada no INPI é de 81km², mas, conforme explicado foi elaborada com outra base cartográfica o que explica a diferença.

Já a área, em estudo, proposta para a delimitação da Indicação de Procedência Monte Belo tem 50,49 km² e está localizada nos municípios de Monte Belo do Sul (81,5%), Bento Gonçalves (11%) e Santa Tereza (7,5%), aproximadamente, entre 29°05'41" e 29°11'22"Sul e 51°36'24" e 51°42'06"Oeste de Greenwich. Como explicado, a base cartográfica do aerolevanteamento não havia sido restituída por completo, por isso a área da Indicação de Procedência Monte Belo (MAPA 15) na tese é de 46,69km², isto é, 7,5% menor, mas que não anula a análise realizada.

Do ponto de vista geomorfológico, as regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo localizam-se em um dos patamares da província geomorfológica do Planalto das Araucárias, com altitudes médias de 300 a 900m. Tem centenas de morfoestruturas e é vigorosamente recortado e festonado pelo entalhe da drenagem, que secciona as várias sequências de derrames, deixando nas vertentes abruptas um sucessivo escalonamento de patamares estruturais (AB'SABER, 1970; IBGE, 1990); por isso, a denominação de região serrana.

A origem geológica dessas regiões integra a Formação Serra Geral, na Bacia do Paraná, formada nos períodos Triássico e Jurássico, até o Cretáceo Inferior da era Mesozóica, é constituída por uma sucessão de derrames de rochas efusivas, de composição predominantemente básica, como basalto e andesito, além de brechas vulcânicas, diques e soleiras de diabásio, com uma sequência superior de efusivas ácidas, em áreas menos dissecadas, onde ocorrem dacitos, riolitos, basaltos pórfiros, entre outros (IBGE, 1986; HOFF et al., 2008, ANEXOS 1, 2 e 3). A correlação dos mapas geológicos com aqueles de altitude evidenciam que a camada de efusivas básicas ocupa as áreas de menor altitude e a camada de efusivas ácidas ocupam as áreas de maior altitude e menor dissecamento.

Como as regiões das IP's foram limitadas por critérios diferentes, entre eles a altitude, por definição, nas regiões das IP's Pinto Bandeira e Monte Belo foram excluídas as altitudes menores, mas não na IP Vale dos Vinhedos, onde se encontram as menores altitudes das três regiões (TABELA 8). A região da IP Monte Belo encontra-se, principalmente, em altitudes de 400 a 500m, com altitude média de 495m e o ponto mais alto a 653m, localizado na cidade. A altitude predominante na região da IP Vale dos Vinhedos encontra-se entre 500 a 600m, com altitude média de 548m e o ponto mais alto a 723m, a sudeste. A região da IP Pinto Bandeira encontra-se, principalmente, em altitudes de 600 a 700m, com altitude média de 613m e o ponto mais alto a 770m, a sudeste da região (MAPAS 16, 17 e 18).

TABELA 8 – IP's Vale dos Vinhedos, Pinto bandeira e Monte Belo: altitude (m), por classe de área (ha e %)

Altitude (m)	Vale dos Vinhedos		Pinto Banderia		Monte Belo	
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)
200 a 300	187.2	2.3	-	-	-	-
300 a 400	425.9	5.2	-	-	30.5	0.6
400 a 500	1.346.6	16.6	-	-	2660.8	57.0
500 a 600	3.538.4	43.6	3.347.2	41.9	1735.9	37.2
600 a 700	2.579.5	31.8	3.964.2	49.7	241.6	5.2
700 a 770	44.0	0.5	667.0	8.4	-	-
Total	8.121.6	100	7.978.4	100	4668.8	100

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

Os mapas de declividade mostram que a topografia é muito irregular nas três regiões: na IP Vale dos Vinhedos, não há “planos”, enquanto há alguns pequenos topos em IP Monte Belo, que são mais extensos em IP Pinto Bandeira, formando um patamar (TABELA 9). As três regiões têm mais da metade das áreas com declividades médias (8 a 30%), sendo maiores na IP Monte Belo que na IP Pinto Bandeira e na IP Vale dos Vinhedos. A IP Monte Belo apresenta ainda um percentual maior de áreas com forte declividade que se enquadram no conceito de viticultura de montanha; porém, são as regiões de Pinto Bandeira e Vale dos Vinhedos que possuem mais áreas que formam um relevo montanhoso (MAPAS 19, 20 e 21). A irregularidade da superfície é identificada também pelas milhares de

pequenas áreas com diferentes orientações das vertentes (TABELA 10). Como as regiões estão situadas num contexto que tem a orientação geral no sentido noroeste, as orientações predominantes nas três IP's são norte-noroeste-oeste (MAPAS 22, 23 e 24).

TABELA 9 – IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: declividade (%), por classe de área (ha e %)

Declividade (%)	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)
0 - 3	76.1	0.9	98.5	1.2	17.6	0.4
3 - 8	1.049.8	12.9	1.073.2	13.5	319.0	6.8
8 - 14	1.593.7	19.6	1.501.8	18.8	759.9	16.3
14 - 20	1.434.9	17.7	1.241.7	15.6	898.8	19.3
20 - 30	1.733.7	21.3	1.563.1	19.6	1386.8	29.7
30 - 45	1.295.2	16.0	1.505.8	18.9	979.4	20.9
45 - 75	743.8	9.2	888.7	11.1	281.0	6.0
75 - 100	194.4	2.4	105.5	1.3	26.2	0.6
Total	8.121,6	100	7.978.3	100	4668.8	100

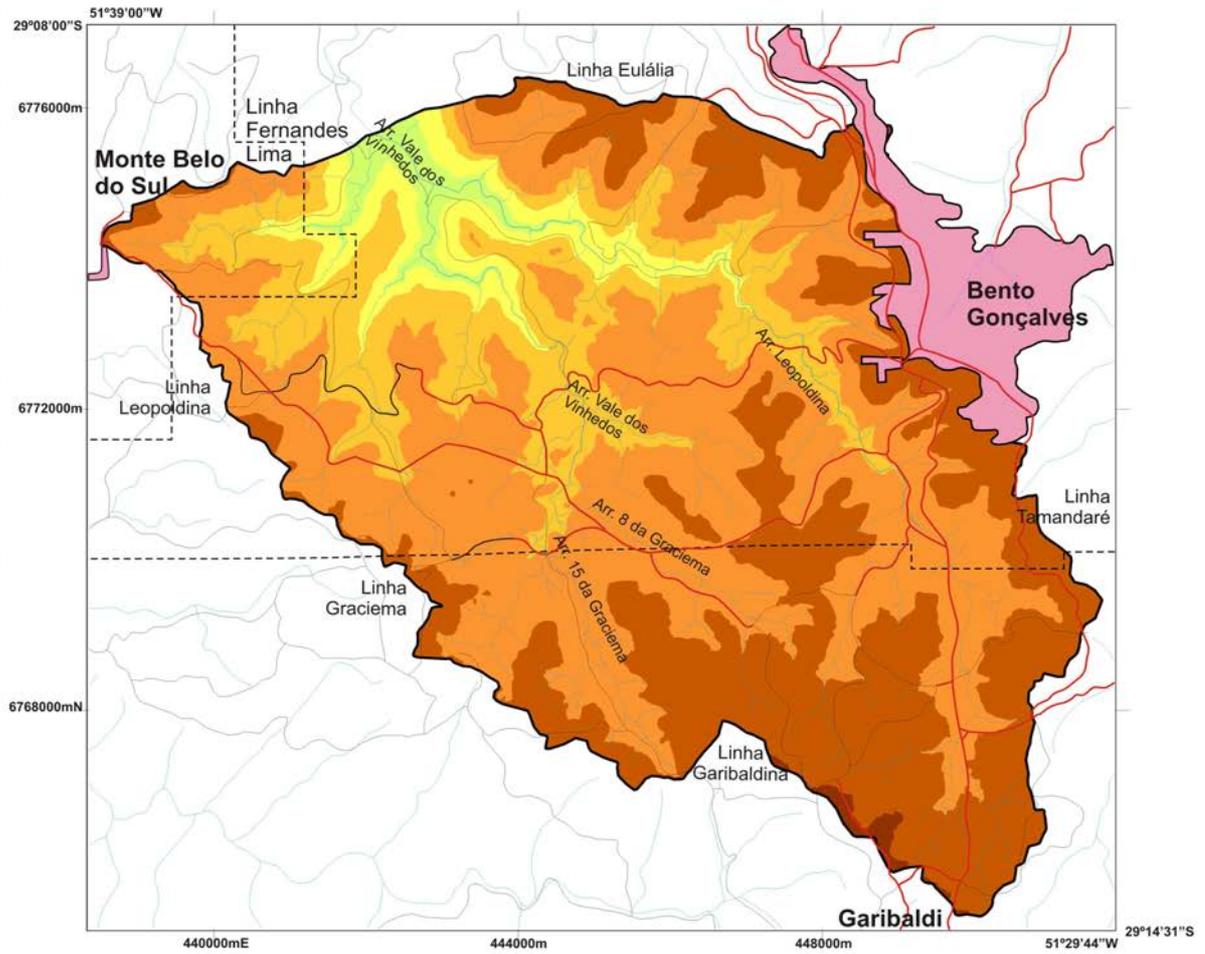
FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 10 – IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: orientação das vertentes, por classe de área (ha e %)

Orientação das vertentes	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)
Norte	1.168.3	14.4	1.220.0	15.3	677.8	14.5
Nordeste	1.078.9	13.3	922.7	11.6	588.8	12.6
Noroeste	1.132.7	13.9	1.153.5	14.4	668.0	14.3
Leste	1.002.0	12.3	808.5	10.1	463.7	9.9
Oeste	1.167.3	14.4	1.027.3	12.9	697.0	14.9
Sul/Sudeste/Sudoeste	2.572.4	31.7	2.856.4	35.7	1573.4	33.7
Total	8.121,6	100	7.978.3	100	4668.8	100

FONTE: Ivanira Falcade, 2010

MAPA 16 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: altimetria



Legenda



Região da Indicação de Procedência Vale do Vinhedos

Altimetria (m)

	200 a 200		500 a 600
	300 a 400		600 a 700
	400 a 500		700 a 723



Cidade



Sistema hídrico



Rodovia pavimentada



Rodovia não pavimentada



Limite Municipal

Escala 1 : 100.000

0 1 2 3 km

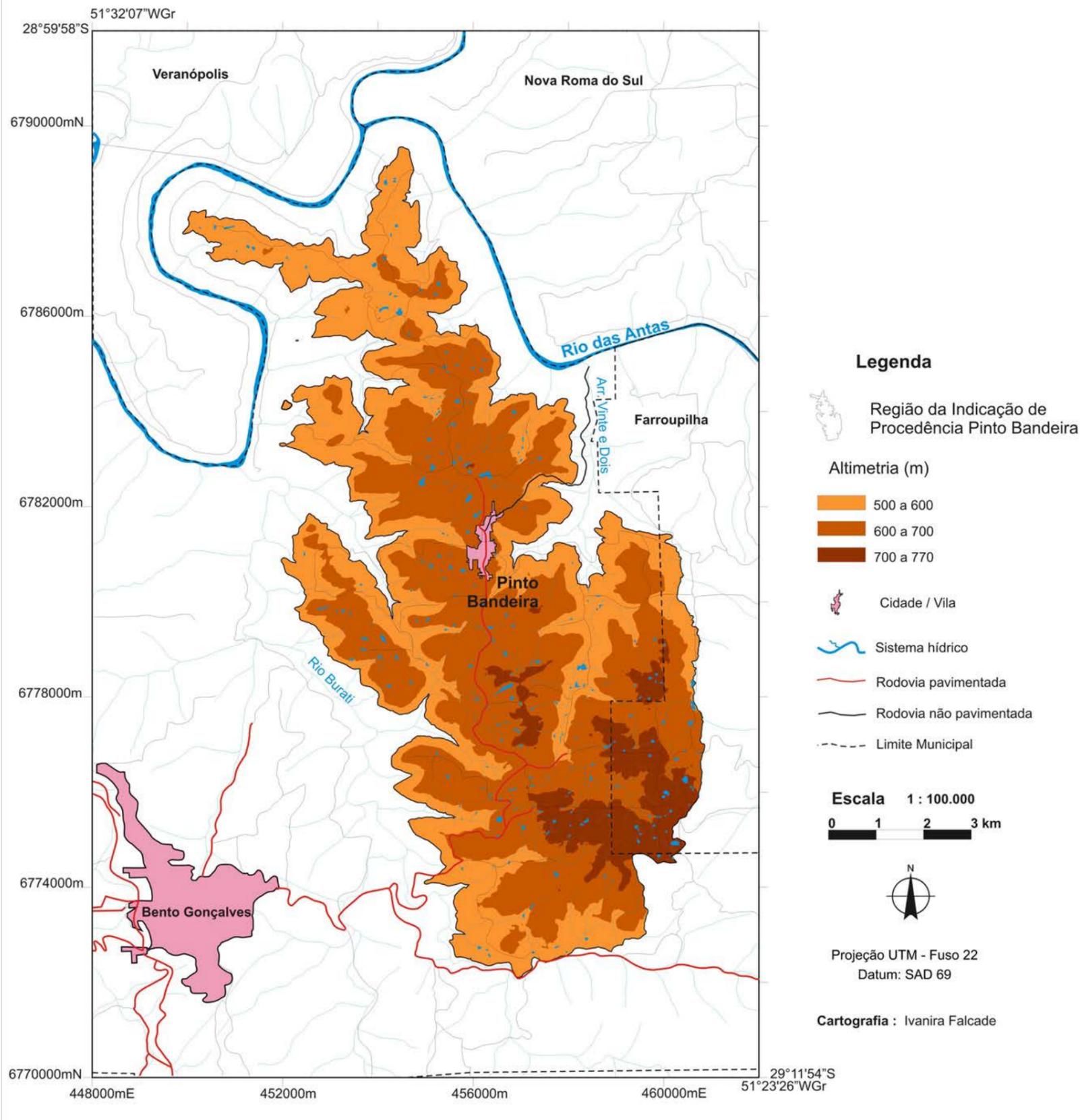


Projeção UTM - Fuso 22

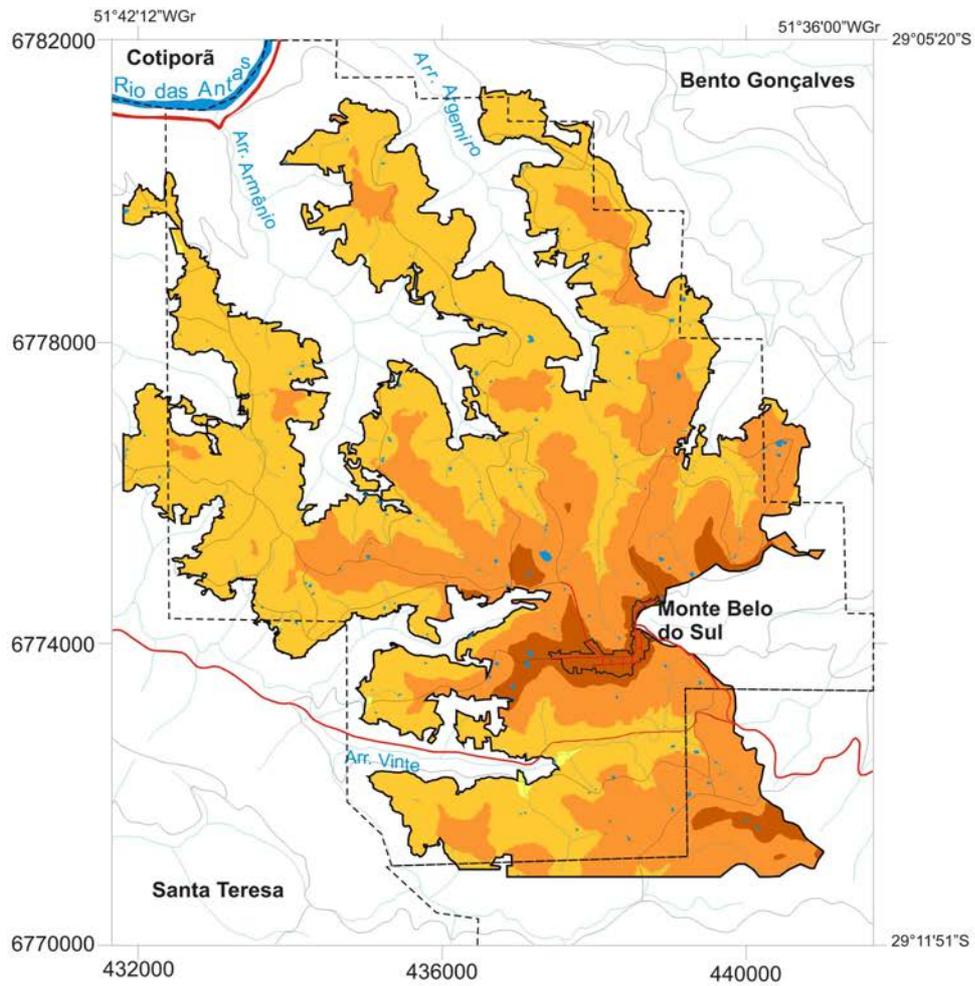
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 17 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: altimetria



MAPA 18 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo: altimetria



Legenda

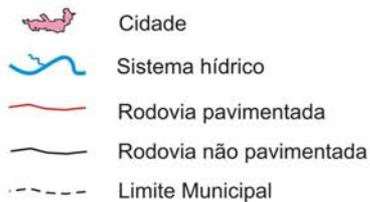


Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo

Escala 1 : 100.000



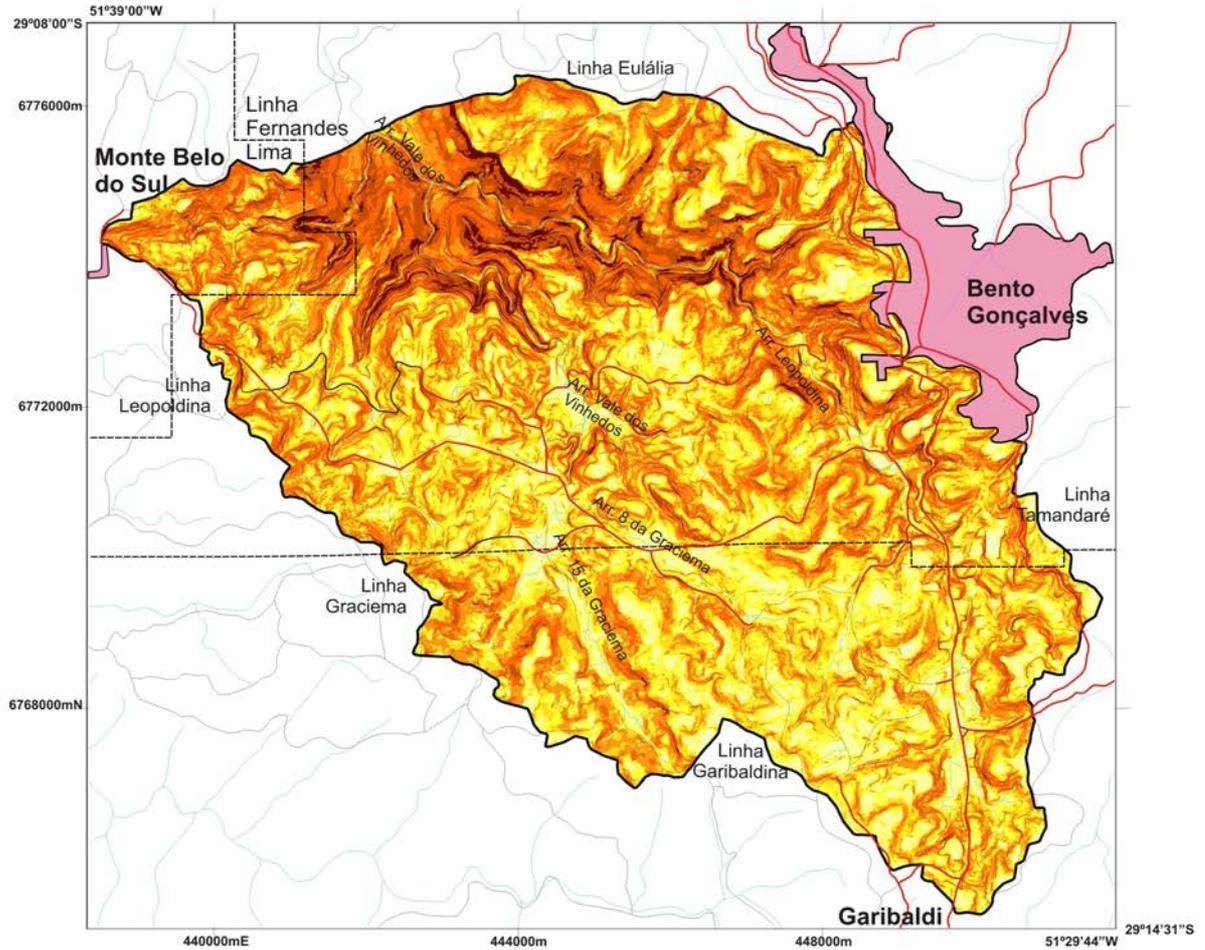
Altimetria (m)



Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 19 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: declividade



Legenda

-  Região da Indicação de Procedência Vale do Vinhedos
- Declividade (%)**
-  0 -| 3 Plano
-  3 -| 8 Plano ondulado
-  8 -| 14 Suave ondulado
-  14 -| 20 Médio Ondulado
-  20 -| 30 Ondulado
-  30 -| 45 Forte Ondulado
-  45 -| 75 Montanhoso
-  > 75 Escarpado
-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

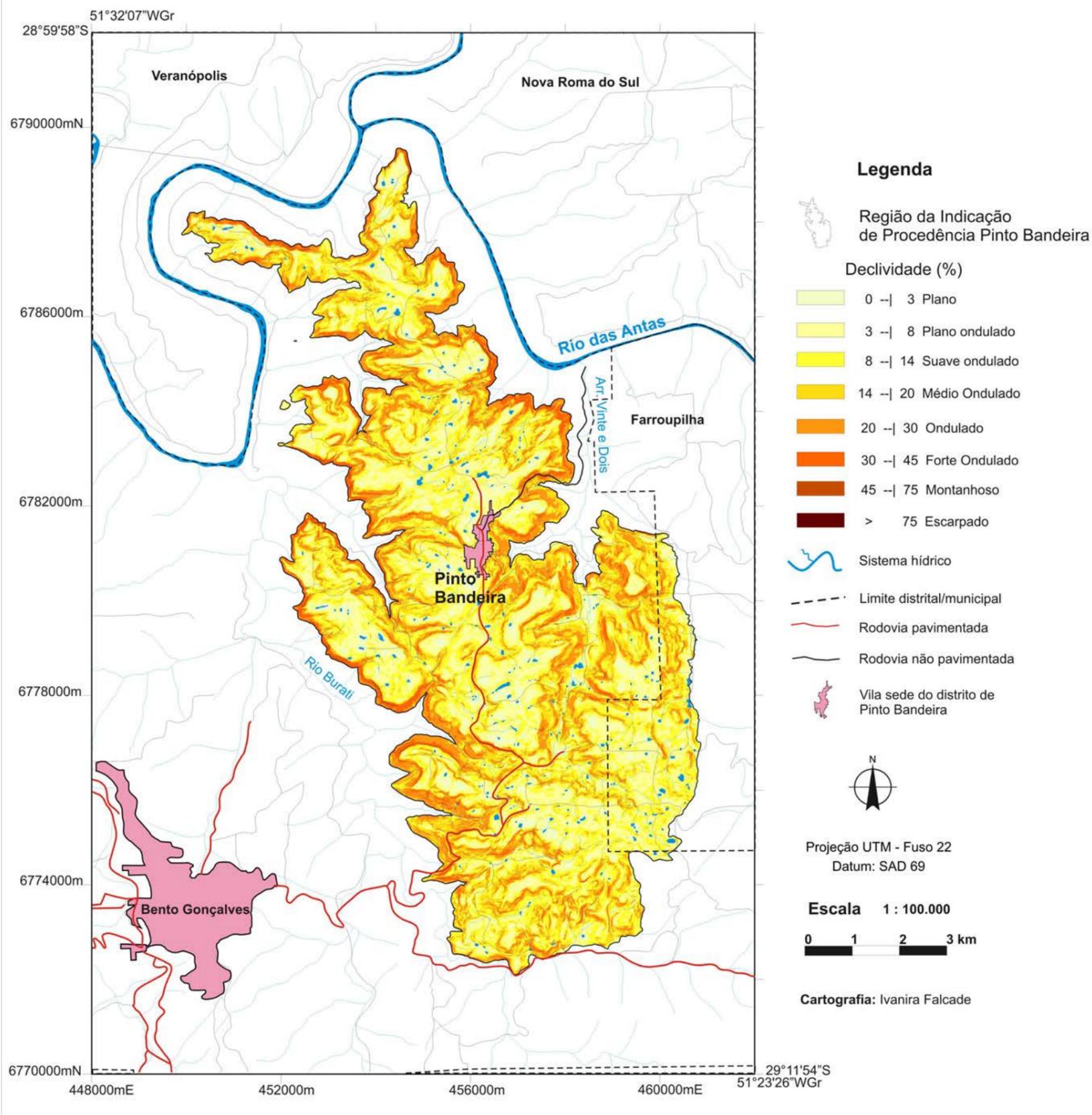
Escala 1 : 100.000



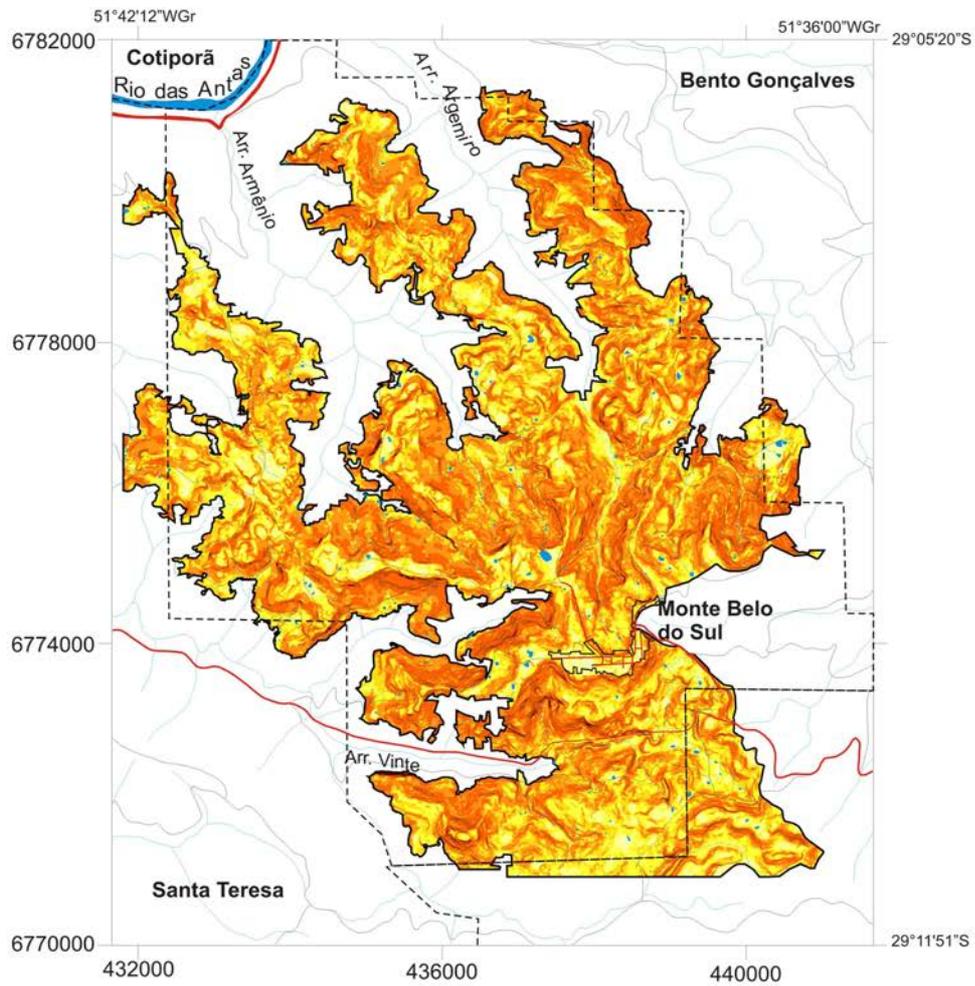
Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 20 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: declividade



MAPA 21 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo: declividade



Legenda



Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo

Escala 1 : 100.000



Declividade (°)

 0 -- 3 Plano	 20 -- 30 Ondulado
 3 -- 8 Plano ondulado	 30 -- 45 Forte Ondulado
 8 -- 14 Suave ondulado	 45 -- 75 Montanhoso
 14 -- 20 Médio Ondulado	 > 75 Escarpado

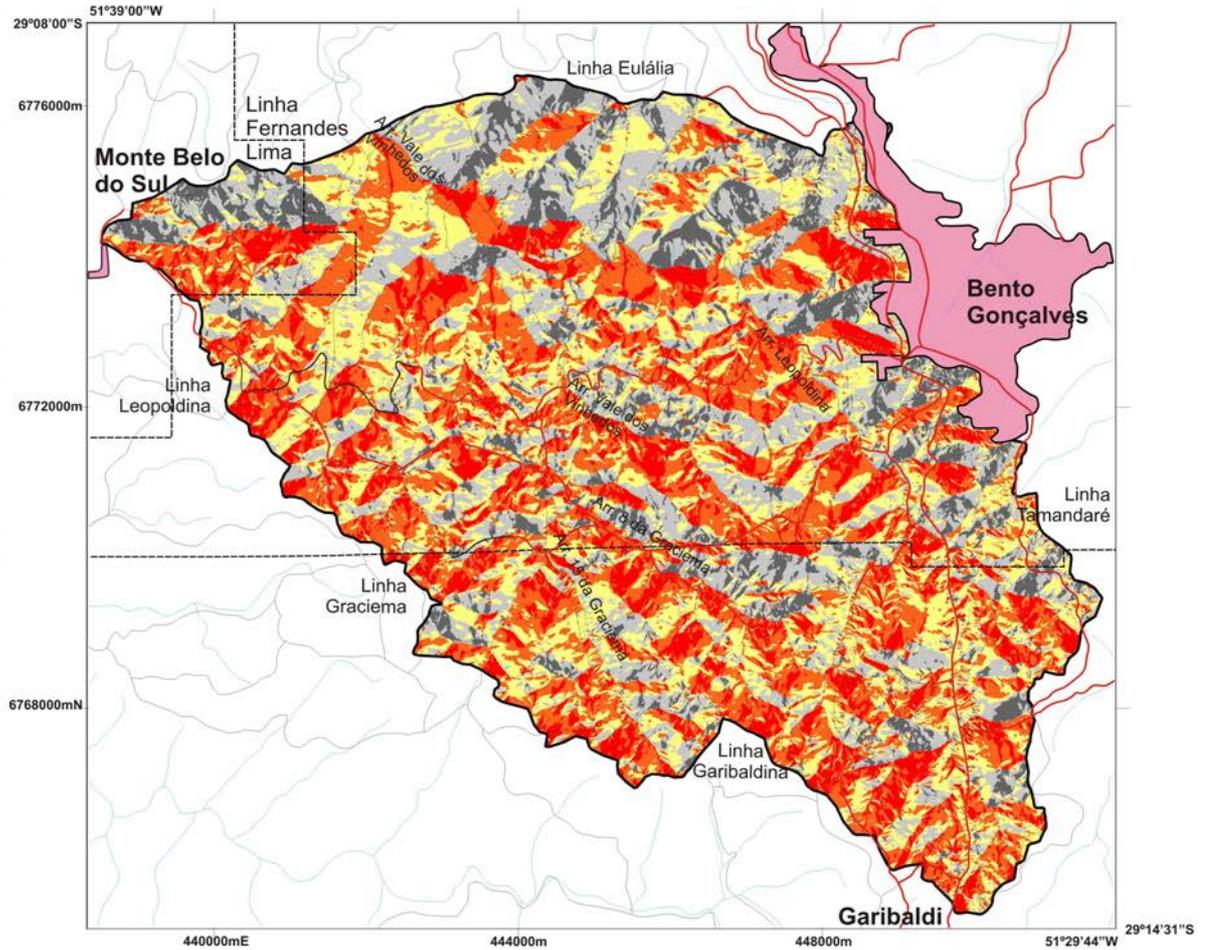


Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 22 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: orientação das vertentes



Legenda



Região da Indicação de Procedência
Vale do Vinhedos

Escala 1 : 100.000



Exposição das vertentes

	Norte	- 337°30' a 22°30'		Sudoeste	- 112°30' a 202°30'
	Nordeste	- 22°30' a 67°30'		Sudeste	- 112°30' a 202°30'
	Leste	- 67°30' a 112°30'		Sul	- 112°30' a 202°30'
	Oeste	- 247°30' a 292°30'			

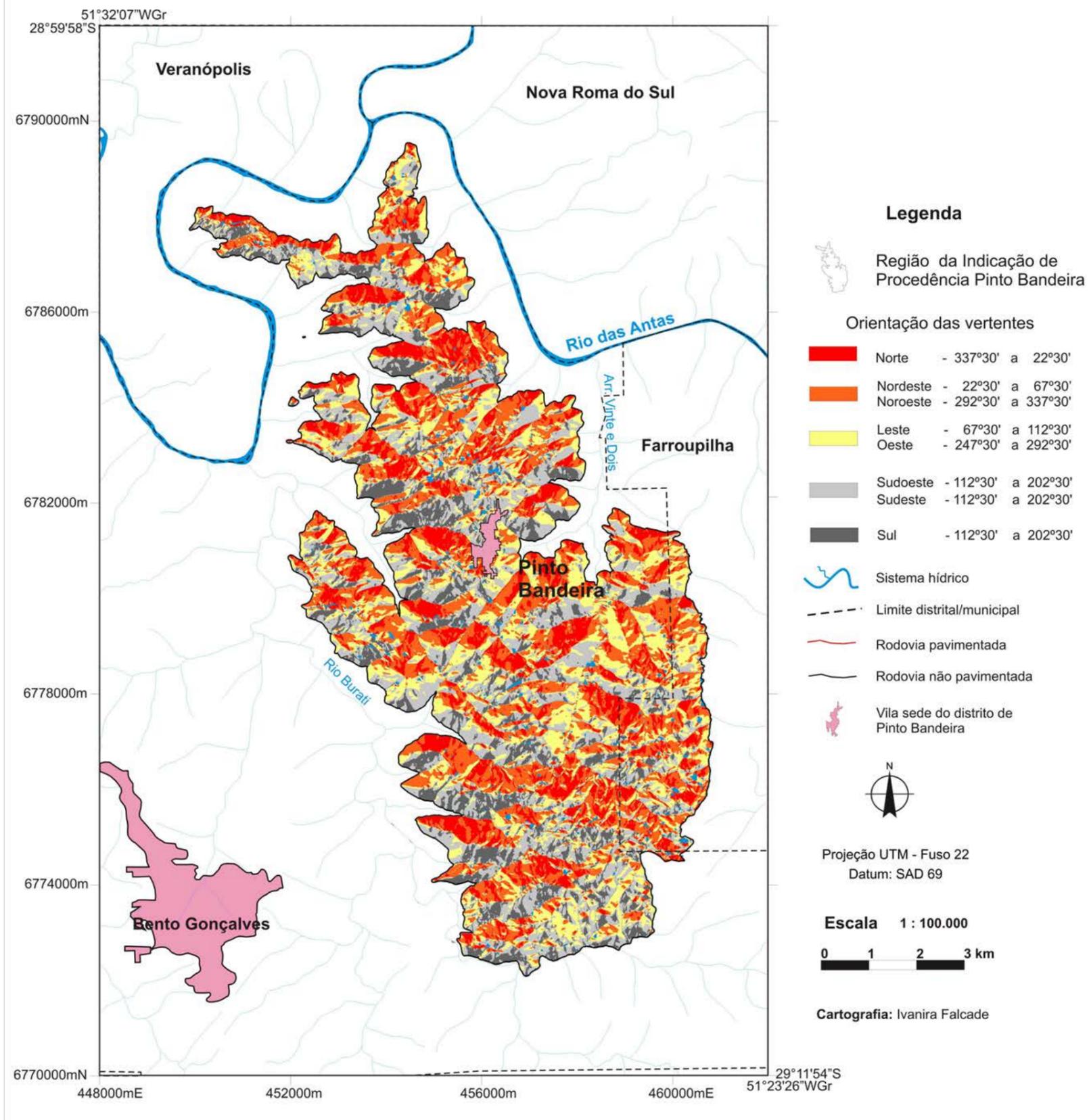


- Cidade
- Sistema hídrico
- Rodovia pavimentada
- Rodovia não pavimentada
- Limite Municipal

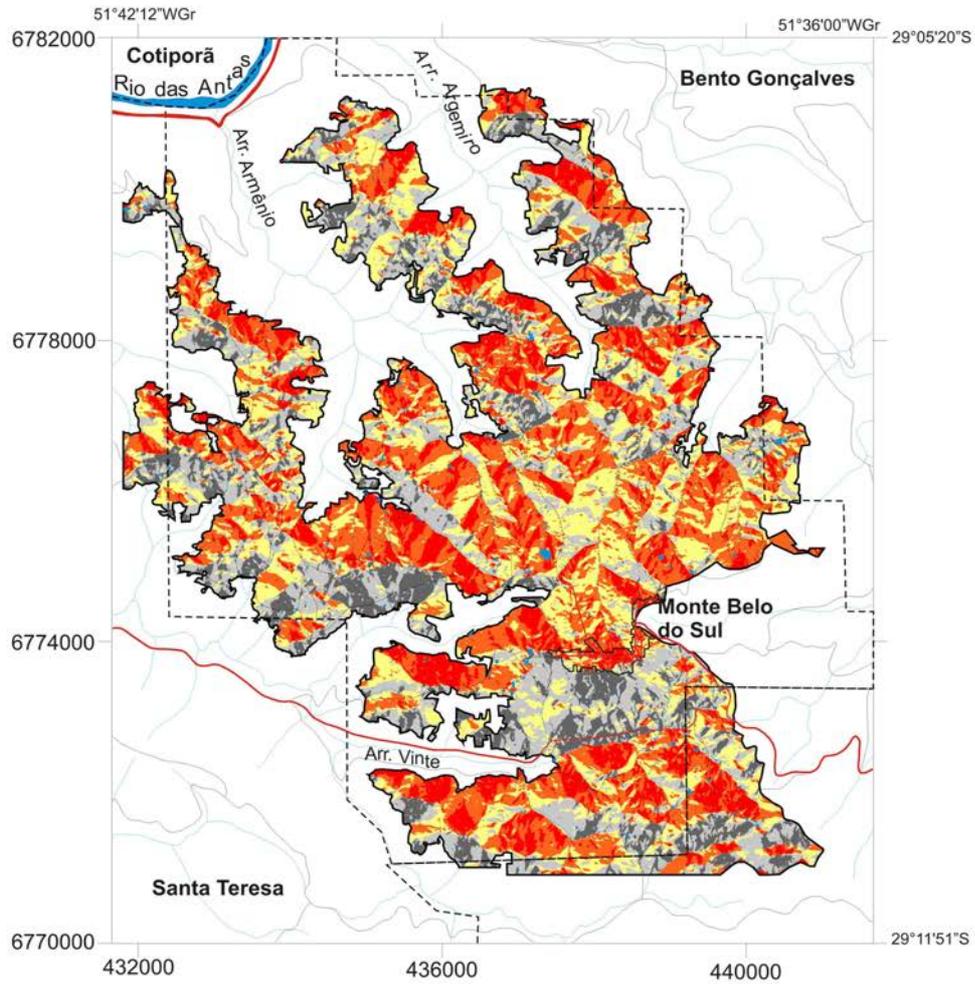
Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 23 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: orientação das vertentes



**MAPA 24 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo:
exposição das vertentes**



Legenda



Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo

Escala 1 : 100.000



Exposição das vertentes

	Norte	- 337°30' a 22°30'		Sudoeste	- 112°30' a 202°30'
	Nordeste	- 22°30' a 67°30'		Sudeste	- 112°30' a 202°30'
	Noroeste	- 292°30' a 337°30'		Sul	- 112°30' a 202°30'
	Leste	- 67°30' a 112°30'			
	Oeste	- 247°30' a 292°30'			



Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

- Cidade
- Sistema hídrico
- Rodovia pavimentada
- Rodovia não pavimentada
- Limite Municipal

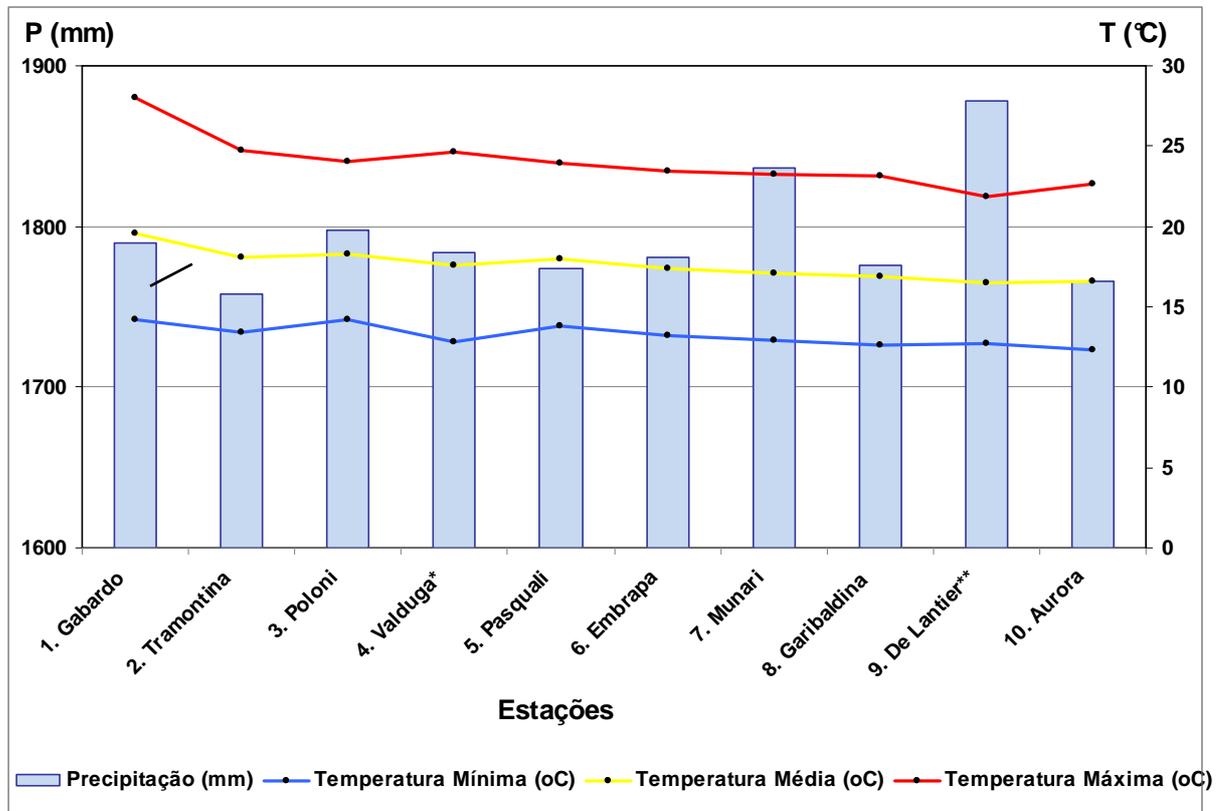
Cartografia : Ivanira Falcade

Nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, há de quatro a cinco classes de solos: argissolos, cambissolos, chernossolos, neossolos e notossolos, conforme Anexos 4, 5 e 6. Nas três regiões, contudo, nas áreas onde há maior concentração de vinhedos, ocorrem basicamente os argissolos e os cambissolos com suas associações, que possuem textura média e a argilosa, em áreas de relevo ondulado a forte ondulado, e fases pedregosas. São solos profundos, nível A moderado e elevado teor de matéria orgânica.

Climaticamente, a região da Serra Gaúcha e, portanto, das três IP's, encontra-se no contexto da ação dos anticiclones Atlântico e Polar, do ciclone do Chaco e das linhas de instabilidade tropicais, com regularidade e intensidades que variam ao longo do ano. A dinâmica das massas de ar sobre o relevo de planalto da Serra Gaúcha origina uma distribuição pluviométrica relativamente uniforme nas regiões das IP's. O comportamento da temperatura não é homogêneo, pois é condicionada, sobretudo, pelo relevo. A conjugação dessas características resulta no domínio do clima mesotérmico do tipo temperado, segundo Nimer (1989), ou temperado perúmido, segundo Maluf (2000).

O Gráfico 5 indica, no período 1987-2008, uma pequena variação (7%) dos totais pluviométricos entre os 10 postos, independentemente da localização, se no topo (Pasquali e Poloni), na encosta (Vale dos Vinhedos) ou no fundo do vale (Gabardo). Essa variação não é significativa em relação aos volumes totais, que são elevados, em torno de 1.750 mm anuais. A distribuição da temperatura estimada reflete as condições da topografia e da localização, assim como da época do ano, especialmente a média das máximas e no verão (MANDELLI; TONIETTO; ZATT, 2009). Há um efeito de brisa de vale/montanha, cujo eixo principal é o vale do Rio das Antas, mas que se estende pelos vales dos seus principais tributários (FALCADE, 1985). No alto do patamar de Pinto Bandeira, é raro não ter uma brisa. No fundo do vale, as temperaturas sobem mais e, mais ainda, no verão, não só como efeito da diferença de altitude, mas de posição na forma topográfica e de qual massa de ar estará atuando.

GRÁFICO 5 - Precipitação pluviométrica total (P mm) e temperaturas mínima, média e máxima do ar (T °C) na rede de postos meteorológicos da Embrapa Uva e Vinho, Bento Gonçalves, médias de 1987 a 2008



FONTE: MANDELLI; TONIETTO; ZAT (2009). Elaboração Ivanira Falcade, 2010.

* Dados de 1987 a 2007.

** Dados de 1994 a 2007.

A temperatura média anual é de 17,5°C. Analisando-se os dados das médias das temperaturas observadas nas estações localizadas na área das IP's, verifica-se que a diferença entre as temperaturas mínimas e máximas é menor, na região da IPPB (posto Aurora), quando comparada às temperaturas nas regiões da IPVV (posto Valduga) e da IPMB (posto Tramontina). A localização do posto Aurora, em uma área plana no alto de um patamar e sujeito a brisa, permite relacionar os resultados térmicos encontrados com o fator altitude e também com a circulação (velocidade e direção) das massas de ar que atuam sobre a região. Já o posto Gabardo, localizado no fundo de um vale, tem temperaturas mais elevadas.

As temperaturas observadas foram correlacionadas com a altimetria no MNT de cada região o que permitiu estimar a distribuição espacial das temperaturas. O coeficiente de determinação da altitude é de 90% sobre a temperatura média; de 92% sobre a temperatura máxima; e de 61% sobre a temperatura mínima. Esses

resultados indicam que as temperaturas máximas têm forte correlação com a altimetria, mas a temperatura mínima está relacionada significativamente também com outros fatores.

A distribuição espacial estimada da temperatura mínima anual revelou que em 76% da região da IP Vale dos Vinhedos, em 56% da IP Pinto Bandeira e em 97% da IP Monte Belo está entre 13°C e 14°C. Já em 44% da área da IPPB a temperatura mínima estimada está entre 12°C e 13°C (TABELA 11, MAPAS 25, 26 e 27).

A distribuição espacial estimada da temperatura média anual mostra que em 72% da região da IP Vale dos Vinhedos, em 80% da IP Pinto Bandeira e em 43% da IP Monte Belo está entre 17°C e 18°C, enquanto estima-se que 53% da IPMB tenha uma temperatura média entre 18° e 19C (TABELA 12, MAPAS 28, 29 e 30).

A distribuição espacial estimada da temperatura máxima anual evidencia que em 42% da área das IP Vale dos Vinhedos e 54% da IP Pinto Bandeira apresentam temperaturas entre 23° e 24°C, enquanto a área na IPMB nessa classe de temperatura é de apenas 15%, porém é de 52% na classe entre 24° e 25°C, sendo importante também na área da IPVV, com 33% da área. Na região da IPPB, ao contrário, 24% da área têm temperaturas máximas menores que 23°C (TABELA 13, MAPAS 31, 32 e 33).

TABELA 11 - IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: temperatura mínima anual estimada (°C), por classe de área (ha e %), a partir de observações no período 1987-2008

Temperatura (°C)	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)
12 – 13	1.618.2	19.9	3.507.7	44.0	95.8	2.1
13 – 14	6.189.8	76.2	4.470.6	56.0	4.573.0	97.9
14 – 15	313.6	3.9	-	-	-	-
Total	8.121,6	100	7.978.3	100	4.668.8	100

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 12 - IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: temperatura média anual estimada (°C), por classe de área (ha e %), a partir de observações no período 1987-2008

Temperatura (°C)	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)
16 – 17	375.7	4.6	1.593.7	20.0	-	-
17 – 18	5.829.9	71.8	6.384.6	80.0	2.020.4	43.3
18 – 19	1.625.4	20.0	-	-	2.648.4	56.7
19 – 20	290.6	3.6	-	-	-	-
Total	8.121,6	100	7.978.3	100	4.668.8	100

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 13 - IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo: temperatura máxima anual estimada (°C), por classe de área (ha e %), a partir de observações no período 1987-2008

Temperatura (°C)	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)
21 – 22	-	-	24.8	0.3	-	-
22 – 23	757.1	9.3	1.943.6	24.4	-	-
23 – 24	3.446.3	42.4	4.285.9	53.7	715.2	15.3
24 – 25	2.679.2	33.0	1.724.0	21.6	2.374.2	50.9
25 – 26	806.4	9.9	-	-	1.579.4	33.8
26 – 27	337.6	4.2	-	-	-	-
27 – 28	95.0	1.2	-	-	-	-
Total	8.121,6	100	7.978.3	100	4.668.8	100

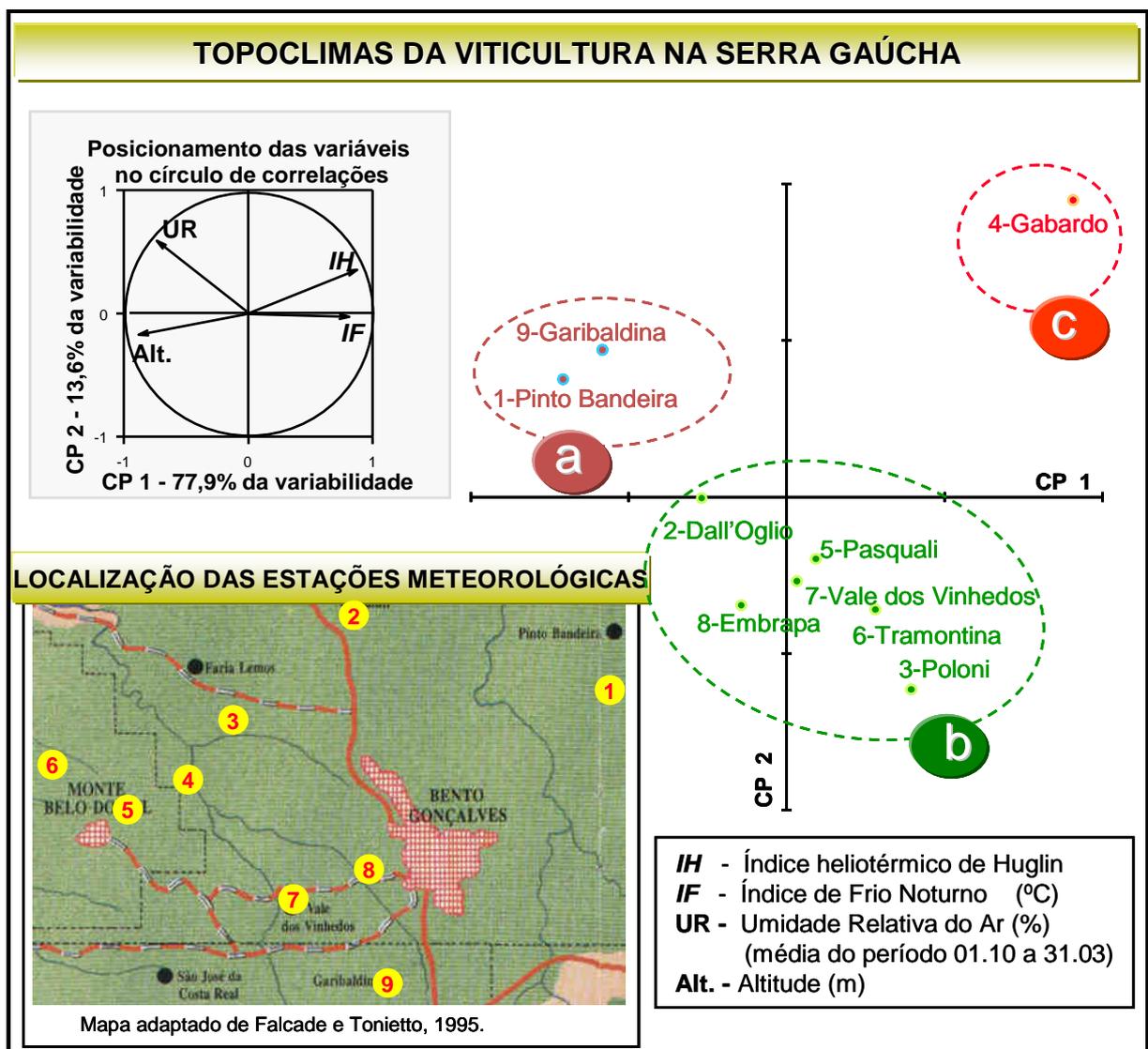
FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

As características da variabilidade na distribuição das temperaturas nas regiões das IP's se exprime nos resultados das pesquisas de Tonietto (2006) e Mandelli, Tonietto e Zatt (2009), nas quais a aplicação do método do Sistema CCM Geovitícola permitiu identificar que há variações no clima geovitícola entre as regiões das IP's (FIGURA 4)⁹². Os resultados indicaram que as estações localizadas no alto do patamar da IP Pinto Bandeira e na parte mais alta da IP Vale dos Vinhedos apresentam um conjunto de (a) “*clima vitícola temperado quente, úmido e de noites temperadas*”. Seu oposto na estação Gabardo, em fundo de vale, forma

⁹² Na classificação do sistema geovitícola, Jorge Tonietto não considerou aos dados da estação De Lantier. Entre o gráfico e a figura 4, há dois postos meteorológicos que têm denominações diferentes: a estação denominada Valduga, no gráfico é a Vale dos Vinhedos da Figura 4; a estação Munari, do gráfico é a Dall'Oglio na Figura 4.

um conjunto de (c) “clima vitícola quente, úmido e de noites quentes”. E o terceiro conjunto é representado pelas estações que têm pequenas variações e formam o conjunto de (b) “clima geovitícola intermediário”. Os efeitos aparecem no desenvolvimento da videira (por exemplo, na data de início e na duração das fases fenológicas), nas características da uva e dos vinhos (TONIETTO; CARBONNEAU, 1999; MIELE, 1999).

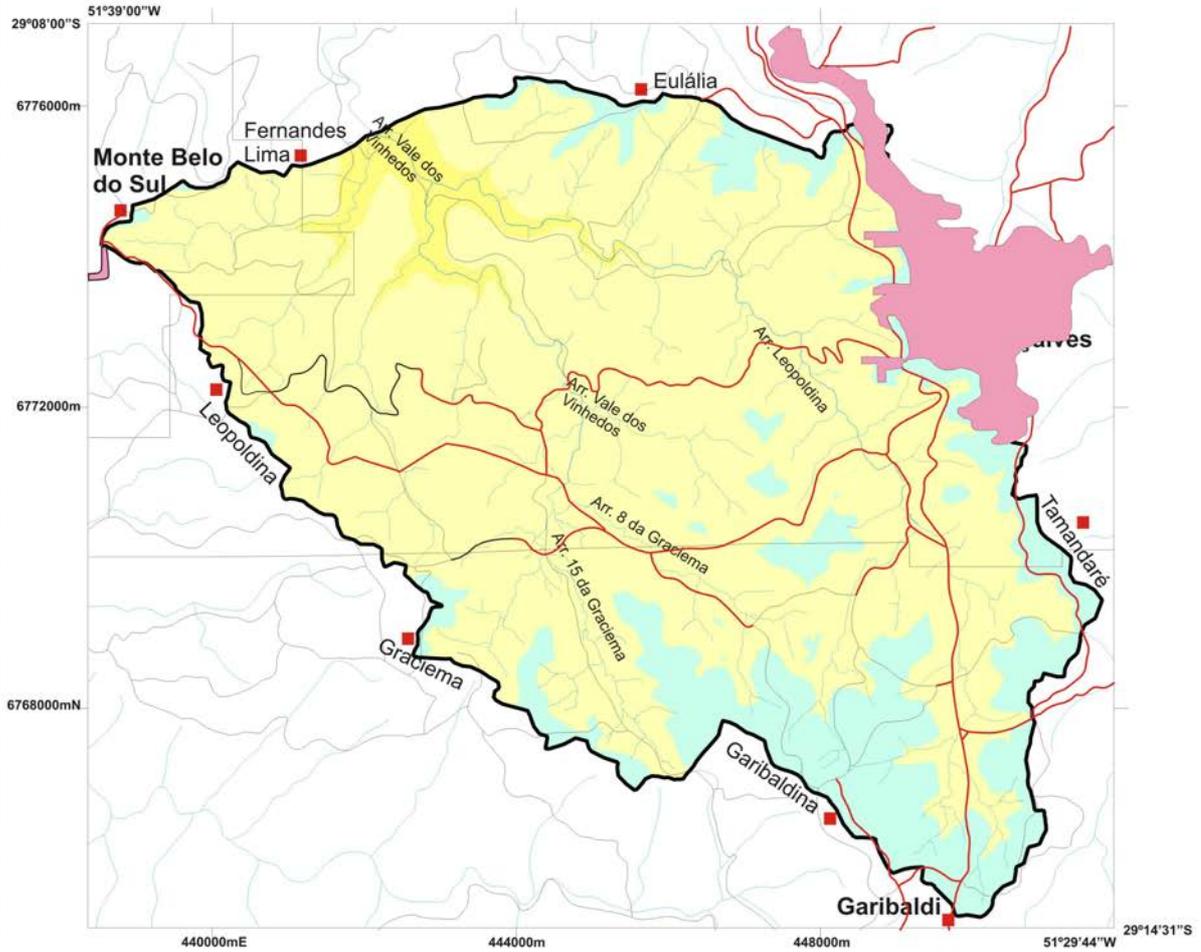
FIGURA 4 – Climas geovitícolas na área das IP's, segundo Jorge Tonietto



FONTE: FLORES et al., 2006.

OBS: Legenda detalhada disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/tecnologias/ccm/met.html>. Acesso em: 20 fev. 2011.

**MAPA 25 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos:
temperatura mínima anual estimada (°C), 1987 a 2008**



Legenda

 Região da Indicação de Procedência Vale do Vinhedos

Temperatura mínima anual estimada (°C)

-  12 - 13
-  13 - 14
-  14 - 15

-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

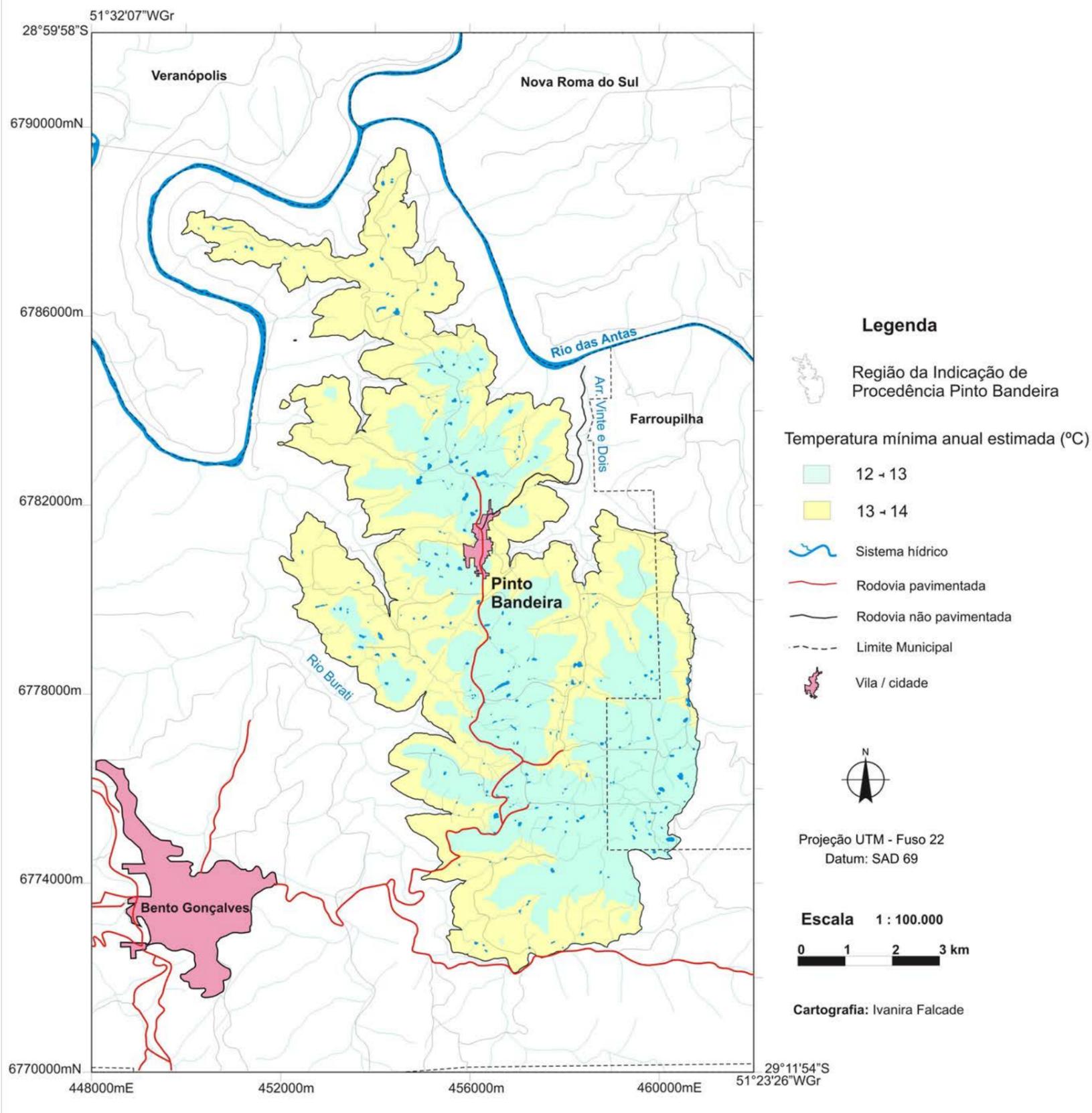
Escala 1 : 100.000



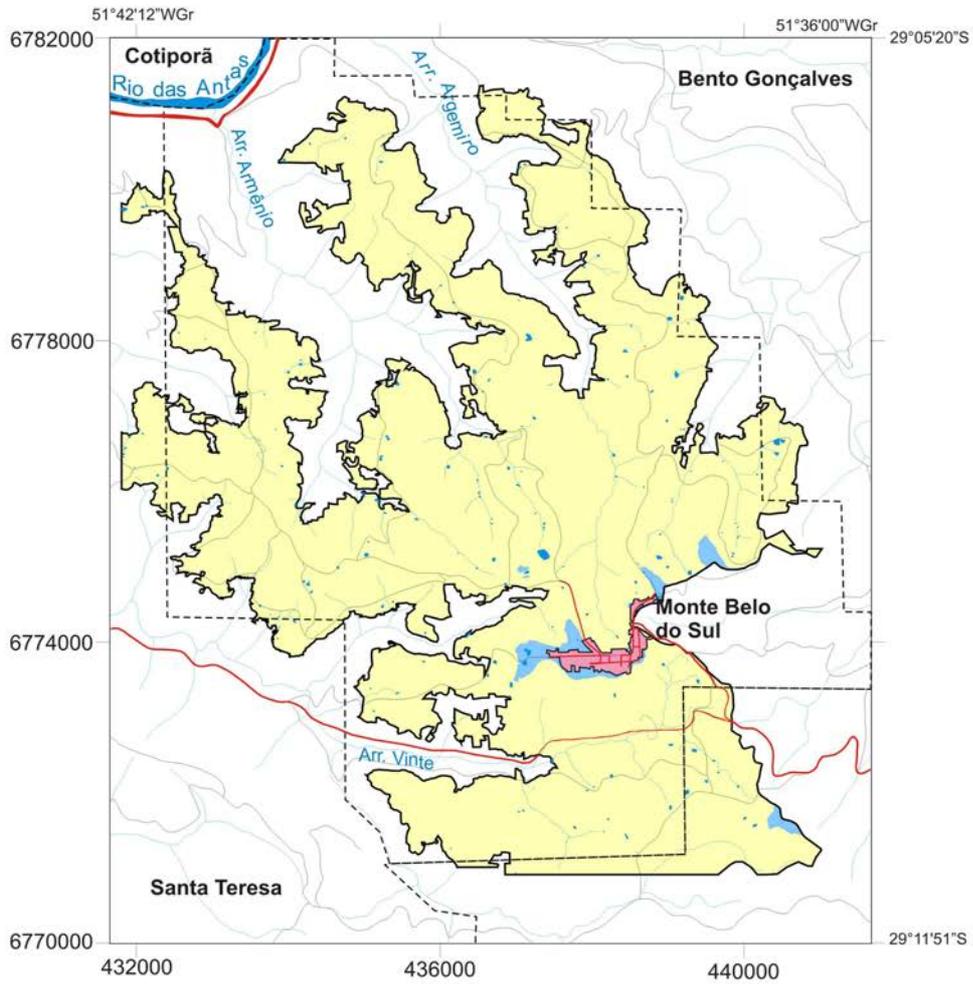
Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 26 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: temperatura mínima anual estimada (°C), 1987 a 2008



**MAPA 27 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo:
temperatura mínima anual estimada (°C), 1987 a 2008**



Legenda

 Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo

Escala 1 : 100.000



Temperatura mínima anual estimada (°C)

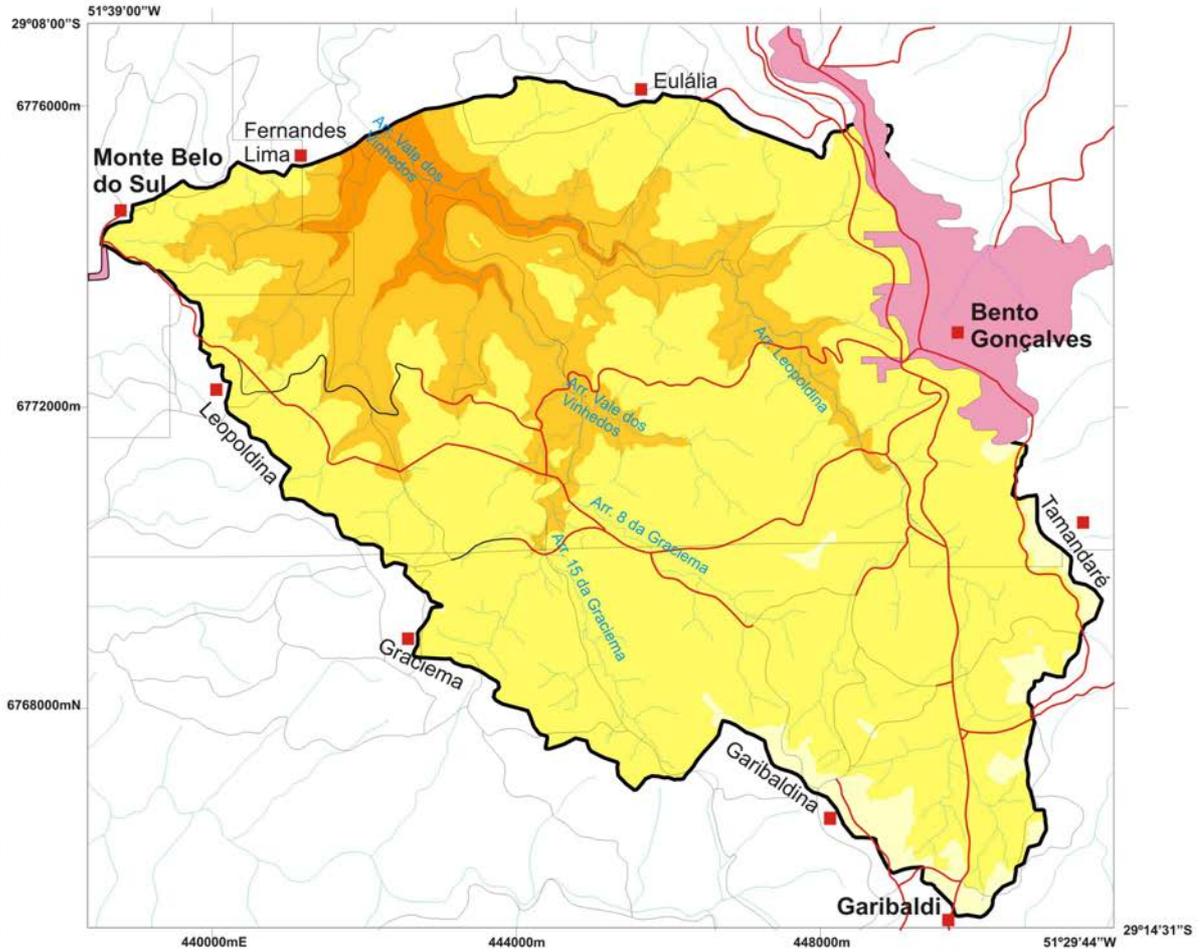
-  12 - 13
-  13 - 14
-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal



Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

**MAPA 28 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos:
temperatura média anual estimada (°C), 1987 a 2008**



Legenda

 Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos

Temperatura média anual estimada (°C)

-  16 - 17
-  17 - 18
-  18 - 19
-  19 - 20

-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

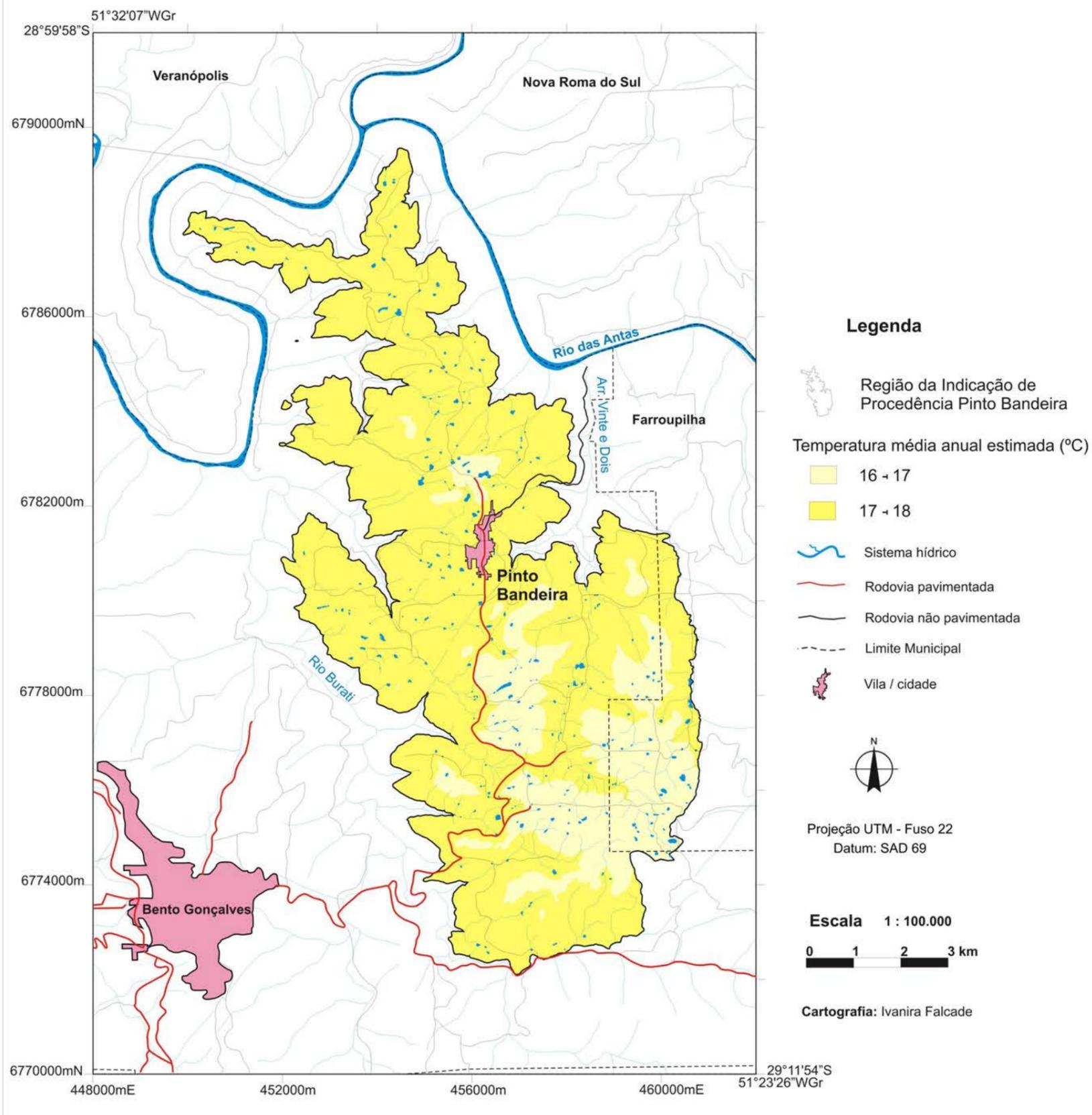
Escala 1 : 100.000



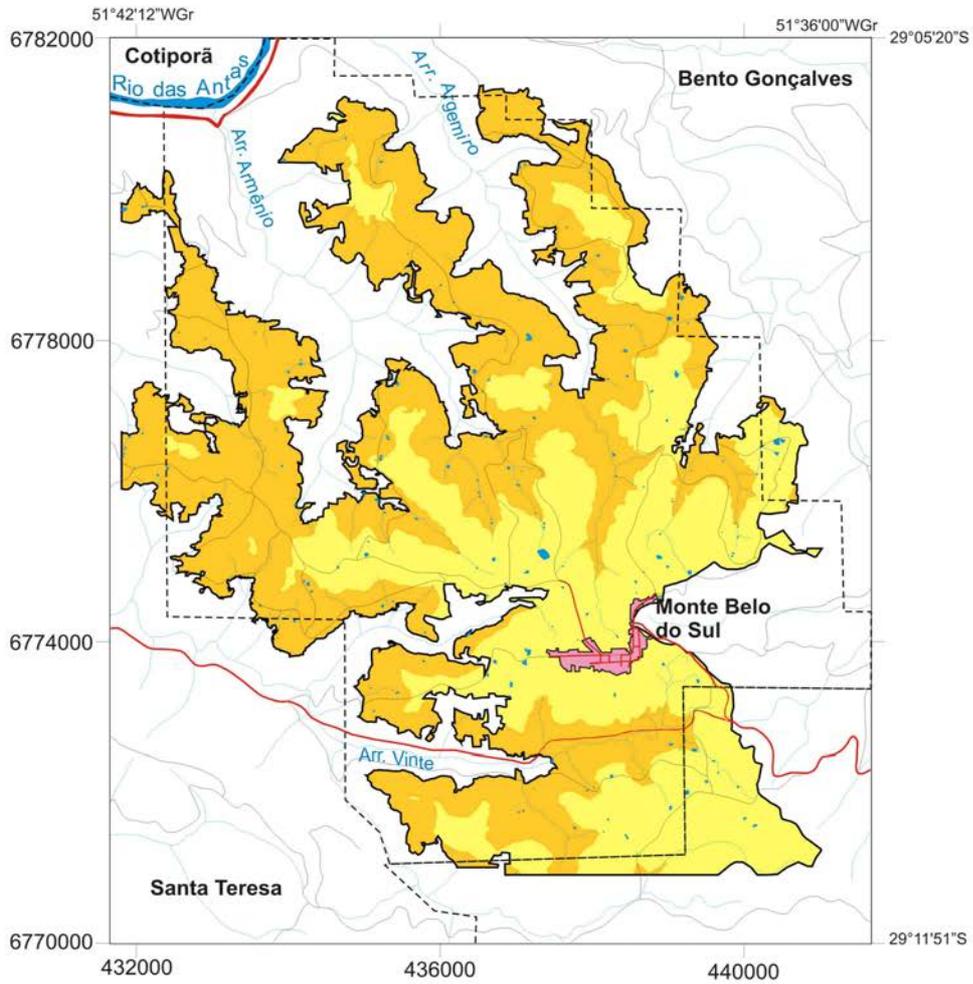
Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 29 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: temperatura média anual estimada (°C), 1987 a 2008



**MAPA 30 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo:
temperatura média anual estimada (°C), 1987 a 2008**



Legenda

 Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo

Temperatura média anual estimada (°C)

 17 - 18

 18 - 19

 Cidade

 Sistema hídrico

 Rodovia pavimentada

 Rodovia não pavimentada

 Limite Municipal

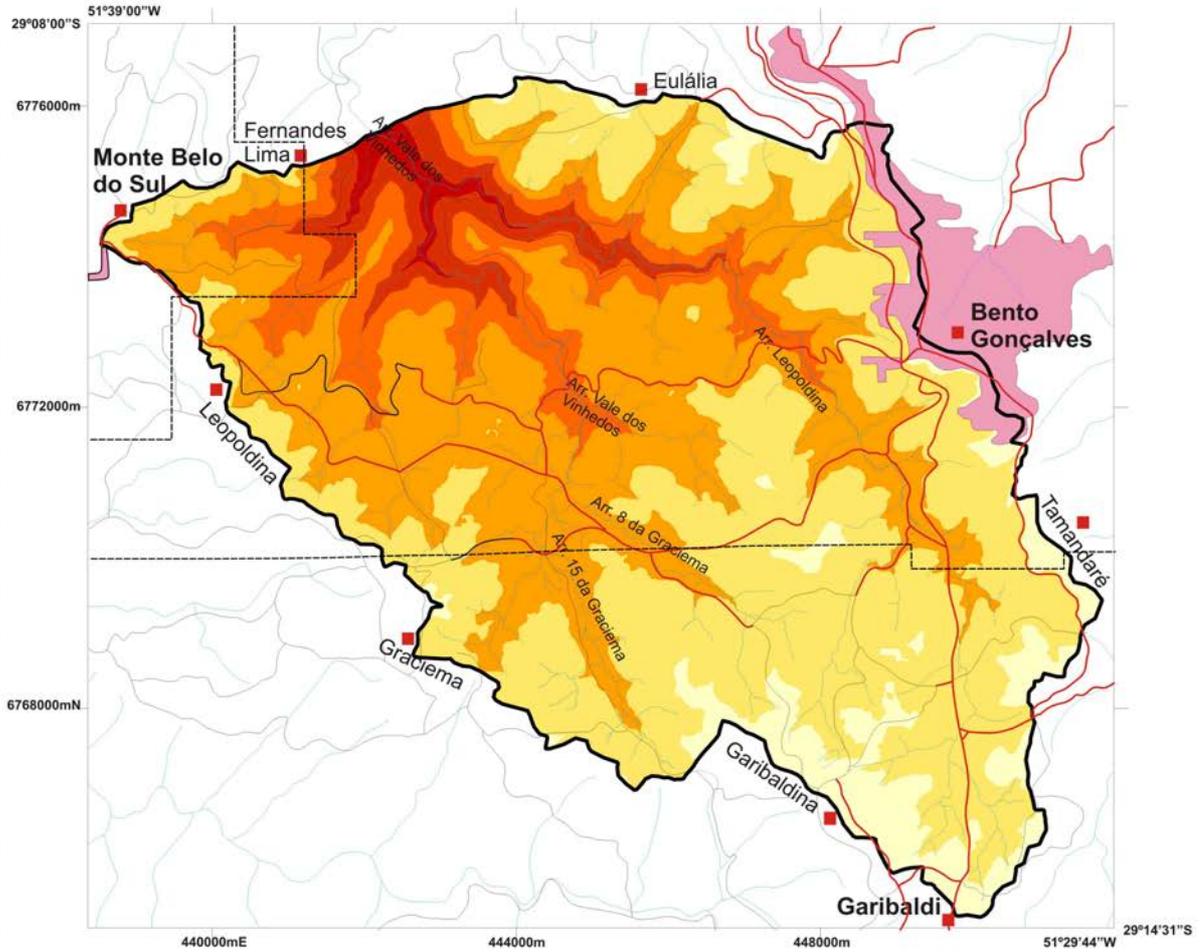
Escala 1 : 100.000



Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

**MAPA 31 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos:
temperatura máxima anual estimada (°C), 1987 a 2008**



Legenda

 Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos

Temperatura máxima anual estimada (°C)

 22 - 23	 25 - 26
 23 - 24	 26 - 27
 24 - 25	

-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

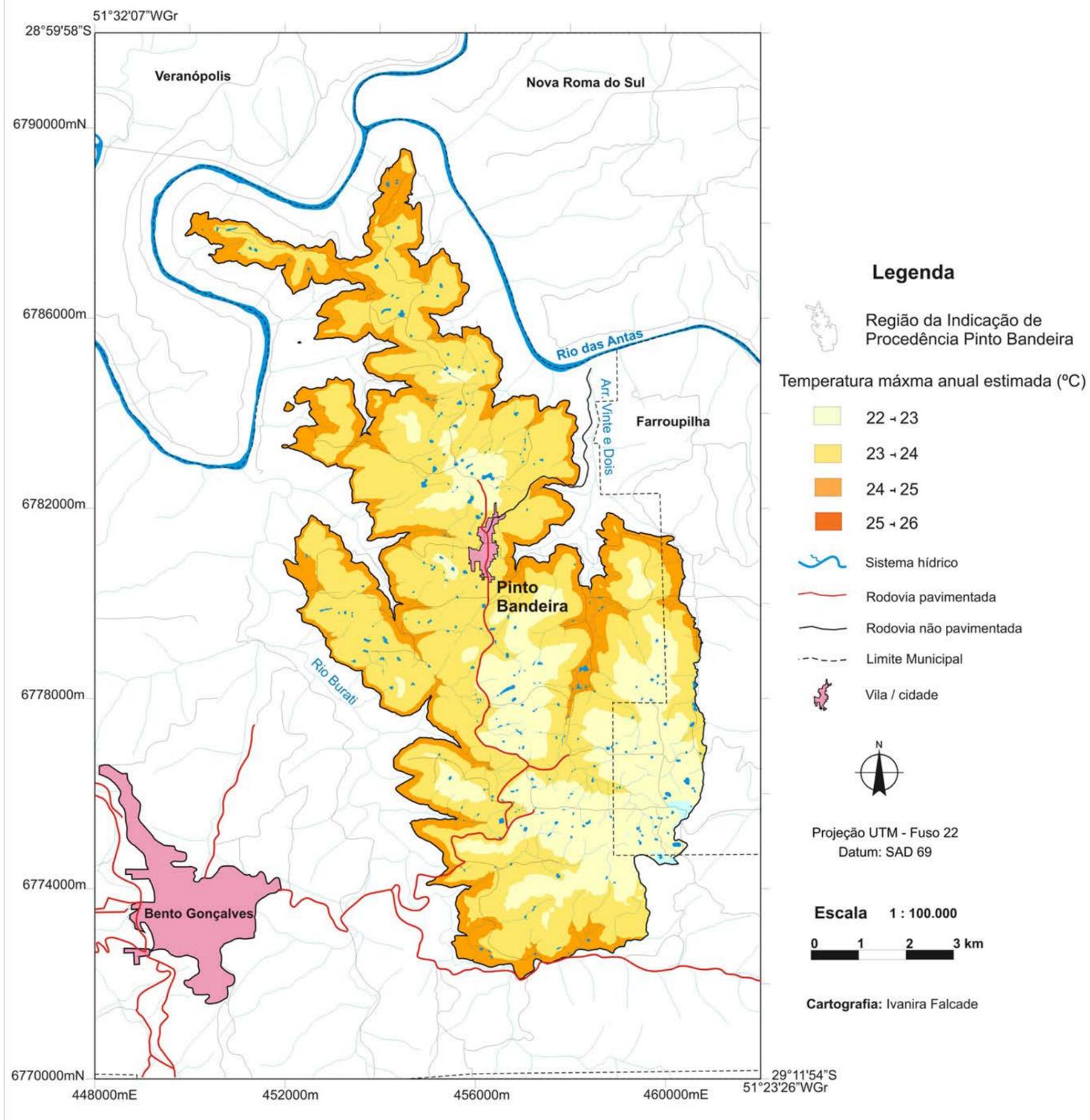
Escala 1 : 100.000



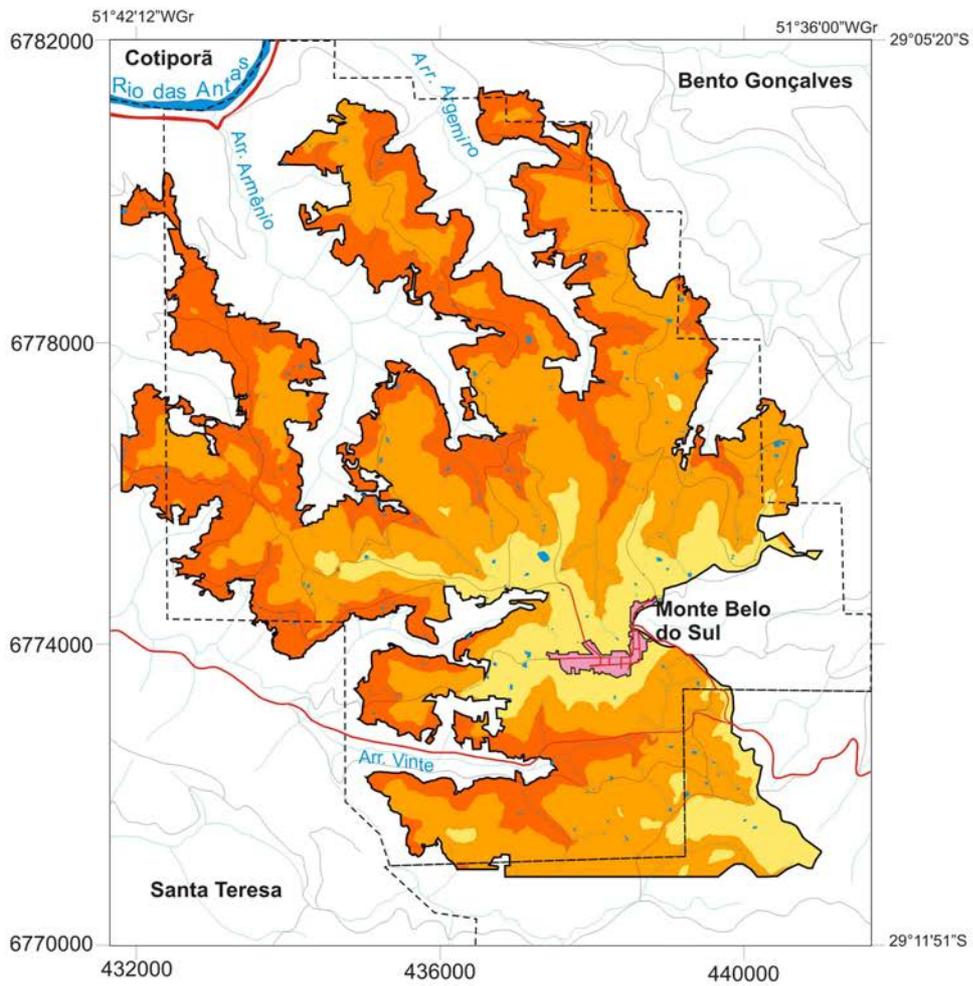
Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

MAPA 32 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: temperatura máxima anual estimada (°C), 1987 a 2008



MAPA 33 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo: temperatura máxima anual estimada (°C), 1987 a 2008



Legenda



Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo

Temperatura máxima anual estimada (°C)

-  23 - 24
-  24 - 25
-  25 - 26

-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

Escala 1 : 100.000



Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia : Ivanira Falcade

A cobertura vegetal original na área das IP's, resultado das condições ambientais atuais e das condições reinantes nos períodos glaciários e interglaciários do quaternário (AB'SABER, 1957), se caracterizava por bosques de *Araucária angustifolia* e pela Floresta Ombrófila Mista, classe submontana a menos de 400m de altitude e classe montana acima de 400m, sendo mais densa e contínua quanto mais acidentado o terreno (FIBGE, 1986). O intenso uso da madeira na construção de habitações, na indústria do mobiliário e como fonte de energia nas residências e na ferrovia, além na necessidade de áreas para a agricultura, promoveu o desmatamento.

Mesmo assim, o mapeamento do uso e cobertura do solo evidenciou que, aproximadamente, 1/3 das regiões das IP's Pinto Bandeira e Monte Belo e quase metade da IP Vale dos Vinhedos é remanescente dessa floresta localizada, principalmente, nas áreas de maior declividade que são protegidas por lei. Além disso, o mapeamento revelou a especificidade das regiões, que é viticultura; a diversidade agrícola/frutícola de Pinto Bandeira; a expansão urbana sobre o Vale dos Vinhedos e a ruralidade de Monte Belo (TABELA 14, MAPAS 34, 35 e 36).

TABELA 14 – IP's Vale dos Vinhedos (2005), Pinto Bandeira (2007) e Monte Belo (2005): uso e cobertura do solo, por classe de área (ha e %)

Uso e cobertura do solo	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)
Vinhedos	1.932.4	23.8	1.568.6	19.7	1718.5	36.8
Outros usos agropecuários (frutíferas, culturas temporárias, poteiros / pastagens, solo exposto, outros usos)	1.142.2	14.1	2.501.3	31.4	984.4	21.1
Florestas (primária, secundária, reflorestamento / exóticas/plátanos)	3.646.1	44.9	2.954.2	37.0	1672.6	35.8
Uso residencial rural, urbano, industrial e sistema viário	1.350.4	16.6	435.8	5.5	264.4	5.7
Sistema hídrico	40.0	0.5	67.2	0.8	17.3	0.4
Não identificado/sombra	10.4	0.1	451.2	5.6	7.9	0.2
Total	8.121.5	100	7.978.3	100	4665.1	100

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

Em 2005, as IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo possuíam, respectivamente, 24% e 37% da superfície cultivada com vinhedos, enquanto Pinto Bandeira, possuía 20%, em 2007. O cadastro vitícola do Rio Grande do Sul não está georreferenciado e a identificação dos vinhedos, por lei, é de acesso restrito. Por isso, não foi possível distinguir no mapa das regiões das IP's a área cultivada com viníferas da área cultivada com outras espécies. Contudo, serve como um indicador a informação da APROVALE que, em 2008, 30% dos vinhedos na região da IPVV eram de viníferas, isto é, aproximadamente, 580ha, dos quais as vinícolas sócias tinham 305ha, sendo 80% com as variedades Merlot, Cabernet Sauvignon e Chardonnay, além de Cabernet Franc, Tannat, Riesling Itálico e Pinot Noir.

A maioria das vinícolas associadas à APROVALE e à ASPROVINHO cultiva seus próprios vinhedos e só elabora vinhos com suas uvas ou compram de outros viticultores dessas regiões. Mas, como algumas vinícolas têm maior capacidade industrial e o Regulamento de Uso das IP's permite que até 15% da uva processada para vinho com IP seja produzida fora dos limites das regiões, algumas vinícolas também compram uva de produtores de outras regiões. Como as vinícolas de Monte Belo são pequenas, essa região abastece outros mercados com sua produção vitícola. Segundo os produtores, o destino são, principalmente, as grandes vinícolas de Garibaldi e Bento Gonçalves, e uma indústria de sucos, localizada no Vale dos Vinhedos. Os mapas 34, 35 e 36 mostram que as vinícolas associadas à APROVALE, à ASPROVINHO e à APROBELO, até 2010, em geral, estão localizadas em área de elevada densidade de vinhedos e próximas ou na margem das principais rodovias, o que facilita o escoamento da produção e o acesso dos turistas.

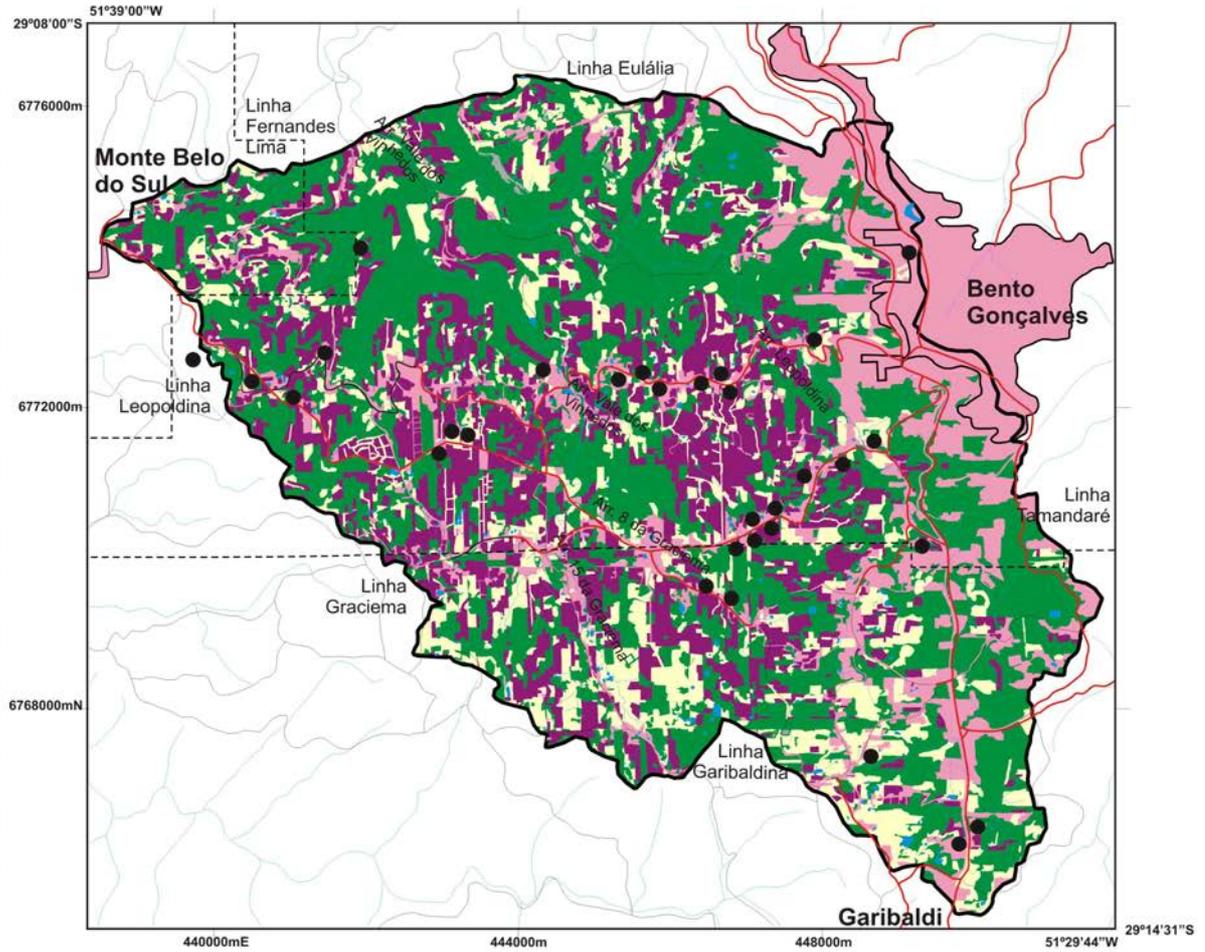
É na região da IPVV onde se verifica a maior especialização no uso agrícola do espaço com a viticultura, sendo muito importante também nas regiões da IPMB e da IPPB, onde se destaca a classe de outros usos agropecuários, que tem menos importância nas outras regiões. Como foi afirmado anteriormente, da policultura da primeira fase de organização do espaço geográfico para a especialização da segunda fase, Pinto Bandeira não adquiriu o caráter de monocultura, ao contrário, manteve a diversidade, principalmente com fruticultura de clima temperado e pastagens (13%), com certo destaque na criação de gado de leite. Mesmo com as dificuldades de identificação, 13% da área da IPPB foram classificadas como outras

frutíferas, como o pêssego, a ameixa, a maçã, o figo e os cítricos, cuja produção é destinada ao mercado para consumo *in natura* que gera uma boa parte do PIB agrícola de Bento Gonçalves, especialmente o pêssego (TABELA 5).

Excluindo o uso com frutíferas comerciais e sem derrubar áreas florestais, é possível afirmar que existe potencial de expansão da superfície cultivada com variedades para vinhos finos, definidas nos Regulamentos de Uso das IP's, fazendo a reconversão dos vinhedos de outras variedades e das áreas com outros usos. Outro aspecto desses espaços é o preço que as terras têm no mercado (FALCADE; MEDEIROS, 2006), que, segundo os industriais, tem inviabilizado a expansão de suas áreas com vinhedos de viníferas, tanto no Vale dos Vinhedos como em Pinto Bandeira.

Outra característica que o mapeamento evidenciou e distinguiu nas regiões, é a expansão da ocupação com características urbanas sobre o Vale dos Vinhedos, não somente na franja urbana da cidade de Bento Gonçalves, mas também ao longo da estrada RS-470 e das duas principais estradas municipais, da Linha Leopoldina e da Linha Graciema. Há densificação construtiva e diversificação no uso: as construções, que eram esparsas, atualmente, se alinham nas margens das estradas, onde se vê, além das residências, comércio, serviços e outras indústrias. A RS-470 apresenta características de constituição da conurbação com a cidade de Garibaldi, mas, nas estradas da Leopoldina e da Graciema, a atração é mesmo a vitivinicultura do Vale dos Vinhedos.

**MAPA 34 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos:
uso e cobertura do solo, 2005**



Legenda

 Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos

Uso e cobertura do solo, 2005

-  Vinhedos
-  Vinícolas
-  Outros usos agropecuários
-  Florestas
-  Uso residencial rural / industrial
-  Cidade / Vila
-  Não identificado/sombra
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal

Escala 1 : 100.000

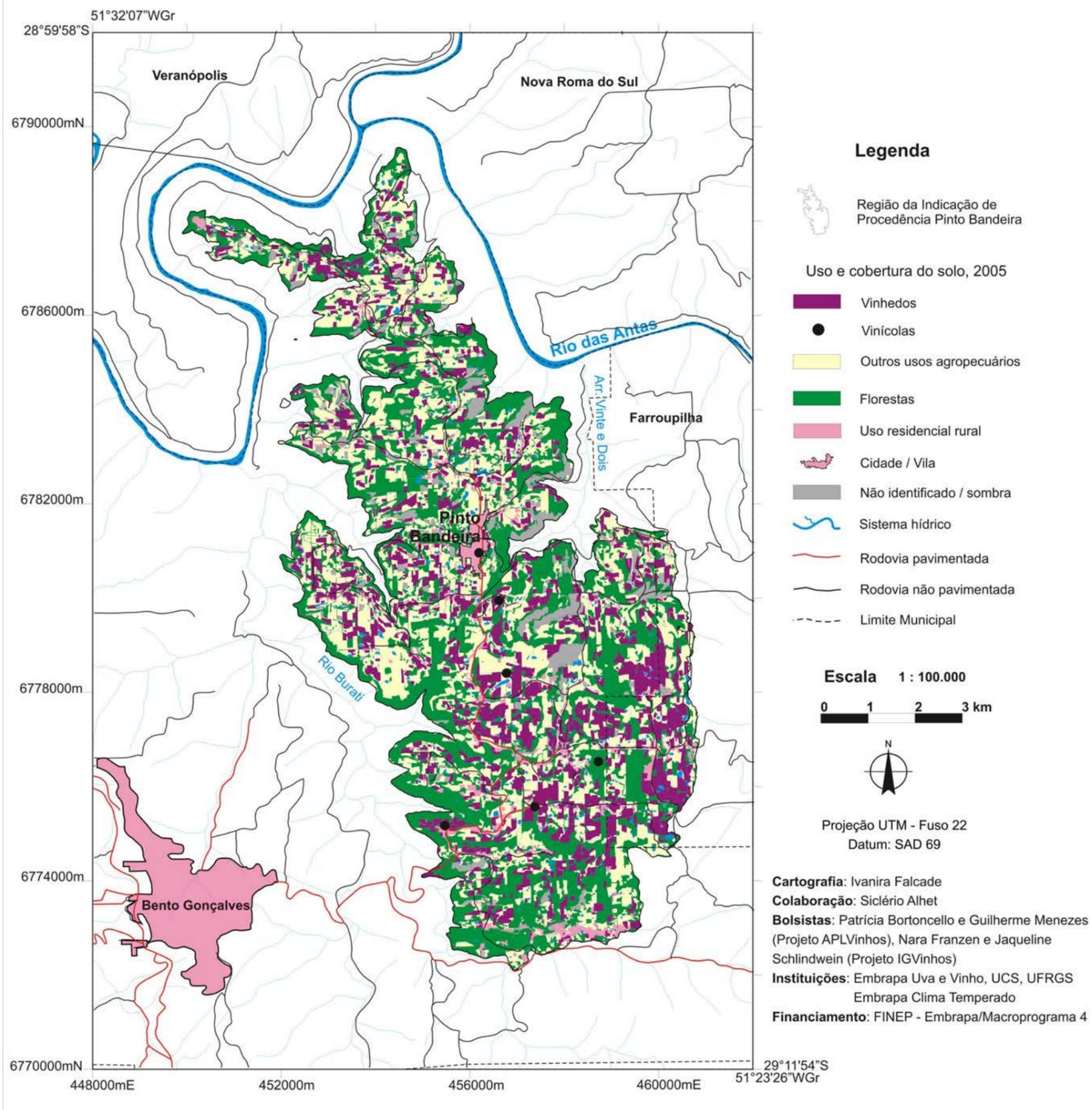
0 1 2 3 km



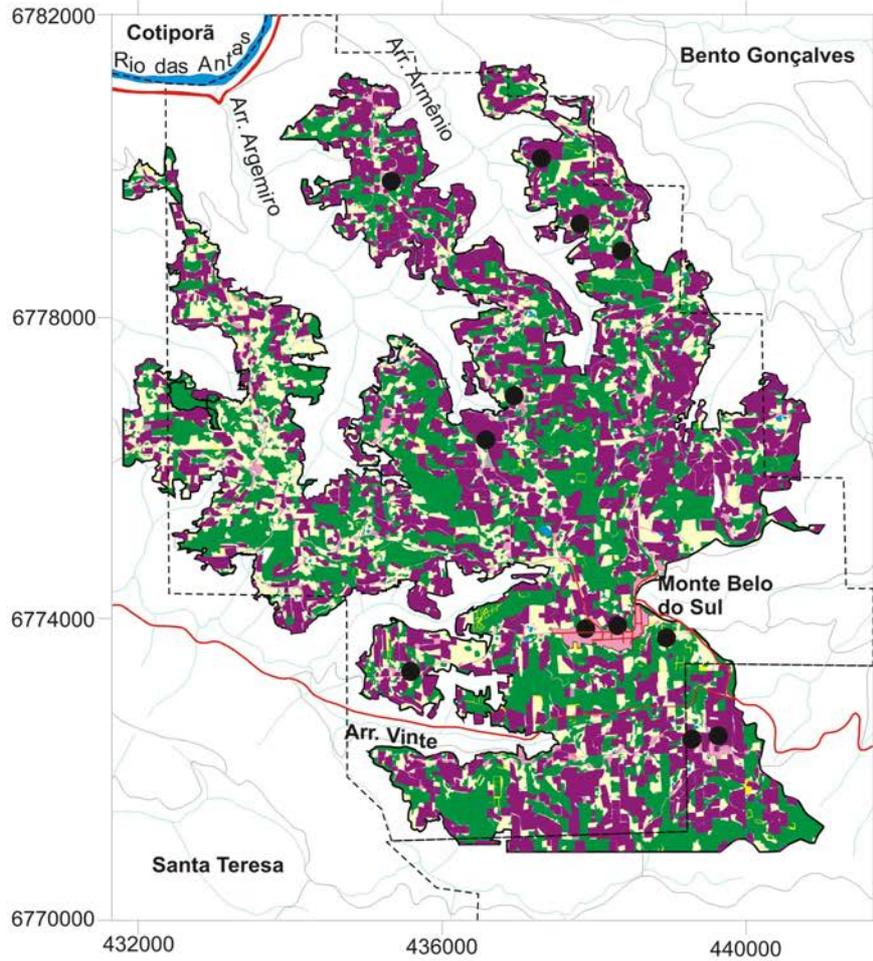
Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia: Ivanira Falcade
Colaboração: Siclério Alhet
Bolsistas: Nara Franzen e
Jaqueline Schindwein (Projeto IGVinhos)
Projeto: Embrapa Uva e Vinho, UCS, UFRGS,
Embrapa Clima Temperado
Financiamento: FINEP / Embrapa / Macroprograma 4

MAPA 35 - Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira: uso e cobertura do solo, 2007



**MAPA 36 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo:
uso e cobertura do solo, 2005**



Legenda



Limite da área geográfica proposta para a Indicação de Procedência Monte Belo objeto deste estudo

Escala 1 : 100.000



Uso e cobertura do solo, 2005

- Vinhedos
- Outros usos agropecuários
- Florestas
- Uso residencial rural / industrial
- Cidade
- Não identificado / sombra
- Sistema hídrico
- Rodovia pavimentada
- Rodovia não pavimentada
- Limite Municipal
- Vinícolas



Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Cartografia: Ivanira Falcade
Colaboração: Siclério Alhet
Bolsistas: Patrícia Bostoncello (Projeto APLVinhos),
 Nara Franzen e Jaqueline Schlindwein (Projeto IGVinhos)
Instituições: Embrapa Uva e Vinho, UCS, UFRGS,
 Embrapa Clima Temperado
Financiamento: FINEP - Embrapa/Macroprograma 4

4.2 A IMPLEMENTAÇÃO DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS E PINTO BANDEIRA

No Brasil, o INPI é a instituição que concede o registro de indicações geográficas. O processo é encaminhado pelo requerente, através de um advogado, visto que se trata de um processo legal. Há diferenças na documentação necessária para a solicitação de uma indicação de procedência (IP) e de uma denominação de origem (DO), conforme a Resolução N°75/2000 do INPI (2000)⁹³ e as orientações do Guia para Solicitação de Registro de Indicação Geográfica para Produtos Agropecuários do MAPA⁹⁴.

Entre os documentos, está a comprovação de que o produto é originário do espaço delimitado e que o produto se tornou conhecido, por ser, especificamente, daquela região. Os produtos agroalimentares devem cumprir suas normas legais específicas e indicar aquelas definidas pelo Regulamento de Uso para o produto em questão. Assim, quando o solicitante descreve o produto, isso pressupõe que houve, anteriormente, reflexões e tomada de decisão quanto ao que caracteriza o produto daquela região e por quais processos ele é obtido. Na DO, é obrigatório comprovar o que há no produto que é devido *exclusiva ou essencialmente* àquele espaço específico (referindo-se tanto a fatores físicos como humanos); em outras palavras, qual o nexo causal.

O solicitante deve ter elaborado o Regulamento de Uso e as estruturas de controle – as Normas e o Conselho Regulador. No regulamento, devem estar todas as definições, começando pela delimitação da região, a descrição dos produtos, os procedimentos para o produto ser obtido, como, por exemplo, as variedades, as práticas culturais e industriais; bem como a constituição do conselho de controle, que será regido por normas internas específicas. Outro dos documentos é aquele que contém os procedimentos e normas para avaliar se o produto elaborado está de acordo com as regras definidas no regulamento.

⁹³ Disponível na página do INPI: http://www.inpi.gov.br/menu-esquerdo/indicacao/index_html/legislacao-1

⁹⁴ Disponível na página do MAPA: http://www.codeagro.sp.gov.br/camaras_setoriais/as_camaras/cafe/anexos/guia_ig.pdf

Na solicitação, são exigidos diversos documentos de identificação, provas da produção do referido produto na região definida e a existência das estruturas de controle, como, por exemplo, os estatutos da associação e o regimento do Conselho Regulador. Para a solicitação do registro, o INPI exige ainda a formulação de outros documentos próprios dos processos jurídicos.

No INPI, o processo segue um rito de avaliação interna, depois de publicação e de exposição da solicitação para manifestação da sociedade sobre aquela solicitação de IG. Os técnicos do INPI visitam a região e os produtores para avaliar os fundamentos da solicitação. Este processo demorou alguns anos com a IPVV, pois foi a primeira IG do Brasil e enfrentou o desconhecimento e falta de um modelo nacional. Para as IG's posteriores, os processos têm sido mais rápidos, desde que a documentação esteja correta e não haja contestação.

Segundo Brunch (2010), porém, a análise das especificidades da Lei 9.279/1996 (propriedade industrial) e da Resolução 75/2000 (sobre registro de IG's), revela que há questões sobre a implementação de IG's que estão em aberto na legislação brasileira. É o caso, por exemplo, da competência legal para fornecer o instrumento oficial que delimita a área geográfica de produção do produto ou serviço ou o que é que comprova "*ter o nome geográfico se tornado conhecido como centro de produção [...]*", como diz a lei.

Outro aspecto analisado pela autora é quanto à titularidade e seus direitos, não só sobre o nome geográfico como dos sinais distintivos a ele associados e, portanto, as penalidades no descumprimento das regras. As associações produtoras de vinho têm resolvido a questão da titularidade, registrando o nome geográfico como uma marca associada à produção de vinhos. Assim, com a concessão do registro da IP, aquele nome é de uso da associação quando relacionado ao produto.

No Brasil, um direito social/individual é o de usar o nome geográfico como endereço para indicar o local de residência ou da produção, por exemplo. Dependendo da forma de usar o endereço, pode ocorrer um conflito de interesses quando um produtor não associado, não autorizado, usar o topônimo protegido. Assim, de um lado a lei exige que o nome da indicação seja um topônimo, mas, por outro, não indica como esse topônimo seja de uso exclusivo como indicação.

Uma vinícola não associada à APROVALE, com sede no distrito Vale dos Vinhedos, tem o direito de usar, no rótulo, a expressão “Vale dos Vinhedos” como endereço. Onde estará a diferença? Como não confundir o consumidor? Há possibilidade de não fazê-lo, na forma de organizar as informações, no tamanho dos sinais, etc, porém também há como escolher confundir. Isso parece de menor importância, mas não é, tanto que há um grupo interministerial que está discutindo a Lei de Propriedade Industrial, sendo este é um dos aspectos em avaliação.

O Conselho Regulador das IP's começa a funcionar antes do registro da IP pelo INPI porque, quando a associação recebe o registro, o produto deve ter as condições de ser avaliado para ser comercializado – e o vinho é um produto que pode levar anos para estar pronto. O Conselho Regulador é um órgão da associação, mas funciona independentemente, sendo constituído por profissionais internos e externos à associação. Nas IP's Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira é constituído por nove pessoas, incluindo instituições de pesquisa/ensino e consumidores. O Conselho Regulador tem a colaboração de um Grupo de Degustação, constituído exclusivamente por técnicos, para fazer a avaliação sensorial dos vinhos, seguindo métodos e padrões aceitos pela OIV.

No caso das IP's Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira, o Conselho Regulador designou uma pessoa que faz a coleta das amostras dos vinhos que cada vinícola deseja submeter à avaliação. Cada amostra é constituída de seis garrafas⁹⁵ que são lacradas e identificadas por um código numérico e anotada em livro específico para controle, cujo acesso é restrito e não autorizado ao Grupo de Avaliação. A avaliação é constituída por quatro (4) conjuntos de critérios: comprovação oficial da origem da uva, análises físico-químicas, incluindo teste de carbono para identificar se houve adição de açúcar, e avaliação sensorial às cegas.

O Regulamento de Uso da IPVV e da IPPB definiu que todas as etapas de elaboração do vinho são realizadas no espaço delimitado da região, com exceção da “tomada de espumada” e engarrafamento do vinho moscatel espumante da IPPB, que poderá ser dentro da área político-administrativa compreendida pelos municípios da Serra Gaúcha. Por isso, uma vinícola pode ser sócia, mas, se sua

⁹⁵

As seis garrafas são para uma avaliação: uma garrafa permanece com a vinícola e outra com a associação para contra-prova, uma para análise físico-química, uma para análise do carbono, duas para avaliação sensorial.

unidade fabril não estiver situada na região, não poderá elaborar vinho para a IP. Contudo, nada impede que elabore em outra vinícola. As duas IP's definiram que até 15% da uva utilizada pode ser originária de outras áreas. Em outros países, isso é variável e há regiões onde alguma etapa do processo de elaboração do vinho pode ser realizada fora da região demarcada.

Um vinho pode ser avaliado apenas uma vez, se for comercializado num prazo máximo de dois meses; ou por tantas vezes quantas mudar o tipo de armazenamento até a comercialização, quando o Conselho Regulador fornece o selo indicador, distintivo, de sua origem. Além do selo, a distinção é constituída do uso, no rótulo, da expressão **Vale dos Vinhedos – Indicação de Procedência** ou **Pinto Bandeira – Indicação de Procedência**. Portanto, uma vinícola pode ter um tipo de vinho fino ostentando o selo, pois foi submetido e aprovado nas avaliações, e outro não, significando que este não segue as normas da IP. O processo que está sendo construído para a IP Monte Belo está seguindo este mesmo procedimento.

Os sinais distintivos indicam que o vinho tem a origem geográfica e as características definidas no Regulamento de Uso registrado no INPI. Não é garantia de qualidade “a” ou “b”, mas assegura ao consumidor que o vinho passou pelos processos avaliativos, inclusive organolépticos, e tem as características físico-químicas estipuladas nas normas de elaboração.

Nos países tradicionalmente produtores de vinho com indicação geográfica há procedimentos mais específicos, em outros menos. Dadas as características da produção das regiões das IPVV, IPPB e IPMB, em nenhum momento foi cogitado instituir uma data e prazo para a colheita, por exemplo.

Na região da Borgonha, o Conselho Interprofissional da Borgonha (CIB) fixa o *Ban de Vendange*, isto é, a data até a qual é proibido colher, por oposição, a data do início da colheita. Esta é uma tradição medieval - o senhor feudal fixava uma data até a qual ninguém poderia colher as uvas, a fim de que todos os servos a colhessem nos mesmos dias, pois, assim, era menos provável que houvesse desvio de produção e, portanto, mais pagamento de imposto sobre a produção.

Nem todas as IG's usam selo nas garrafas, nem todas numeram as garrafas. Nas garrafas de vinhos das IPVV e IPPB há um selo distintivo numerado, indicando

que aquele vinho passou pela avaliação e foi aprovado. Podem usar a IP aqueles produtores que, associados à entidade, cumprem os requisitos geográficos, se submetem às normas da elaboração, envelhecimento, engarrafamento e comercialização, além da avaliação dos vinhos.

A busca de Indicações Geográficas é uma característica do atual período da Serra Gaúcha vitivinícola. Embora isso não seja uma consequência somente da experiência da IPVV, há uma relação direta com o sucesso da região. Essa marca se estendeu para outras áreas do Brasil e para outros setores, inclusive nas pesquisas acadêmicas.

Segundo a lei, para uma IG, o produto deve ser *conhecido*. Uma questão está enunciada: conhecido por quem? Em que escala? Num país de pouca cultura e tradição vitivinícola e de grande extensão territorial, isso é ainda mais relativo. As vinícolas do Vale dos Vinhedos e de Pinto Bandeira produziam vinhos com qualidade, mas quem conhecia o vinho? E quem conhecia o centro produtor Vale dos Vinhedos, em 1995? Quem conhece o centro produtor Pinto Bandeira?

4.2.1 Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos

A APROVALE foi criada, em 1995, por sete (7) das vinícolas que existiam no Vale dos Vinhedos, pois muitas não acreditaram ou não quiseram investir em algo que era novo. Nestes 15 anos, surgiram vinícolas novas que se associaram, mas algumas se retiraram da associação⁹⁶. Quando o registro da IPVV foi aprovado no INPI, em 2002, quase todas as vinícolas existentes no Vale dos Vinhedos eram associadas (mais de 20). Um novo impulso ocorreu quando, em 2005/2006, começou o projeto para a Denominação de Origem Vale dos Vinhedos. As Tabelas 15 e 16 mostram as vinícolas segundo o período de fundação e de associação à APROVALE.

⁹⁶ Uma análise sobre as relações sociais no Vale dos Vinhedos encontra-se na tese de Murilo Xavier Flores (2007).

As vinícolas estão localizadas ao longo das duas principais estradas, da Linha Graciema e da Linha Leopoldina, nas cercanias das quais estão as superfícies mais extensas de vinhedos (MAPA 13 e 34). Estima-se que, dos 1.932ha vinhedos cultivados na região da IPVV (TABELA 14), 30% sejam de variedades viníferas, isto é, 580ha. Assim, os 305ha de vinhedos das vinícolas associadas à APROVALE⁹⁷ representam mais da metade da área em viníferas da região. A Tabela 17 informa sobre a produção de vinhos pelas vinícolas associadas, o volume de vinhos submetidos à avaliação e aprovados, no período 2001-2009.

A Tabela 17 permite visualizar que houve duas fases produtivas nessa década: de 2001-2008, quando foram elaborados vinhos para IP e, 2009-2010, quando começou a elaboração de vinhos segundo as exigências estabelecidas para a DO. Do total de vinho produzido pelas vinícolas associadas à APROVALE, elas submeteram à avaliação, no período 2001-2008, em média, 22% da produção de vinhos finos e, em média, foram aprovados 20% para serem comercializados com a Indicação de Procedência. No início, há uma reprovação de 4% que diminuiu e se estabilizou em 1%. Na boa safra de 2005, todos os vinhos submetidos à avaliação foram aprovados.

TABELA 15 – IP Vale dos Vinhedos: fundação das vinícolas da APROVALE, período 1931-2010

Período de fundação	Vinícolas	Total de Vinícolas
1931 – 1985	Cooperativa Vinícola Aurora Ltda.; Vinícola Júlio Brandelli Ltda.; Casa Valduga Vinhos Finos Ltda.; Moët Hennessy do Brasil - Vinhos e Destilados Ltda. (Chandon).	4
1986 – 1990	Vinícola Miolo Ltda; Adega Cavalleri Ltda.; Vinhos Reserva da Cantina Ltda.; Vinícola Cordelier Ltda.; Germano Tilton e Filhos Ltda. (Vinhos Tilton); Milantino Vinhos Finos Ltda., Vinhos Don Laurindo Ltda.; Vinícola Marco Luigi Ltda.	8
1991 – 1995	Vinícola Calza Ltda.; Decio Geronimo Tasca Ltda. (Famiglia Tasca); IFRS Campus Bento; Vinícola Dom Cândido Ltda.; Vinícola Pizzato Ltda.	5
1996 – 2000	Vinícola Baldessarelli Ltda. (Vinhos Finos Della Chiesa); Vinhos Larentis Ltda; Angheben Adega de Vinhos Finos Ltda., Vallontano Vinhos Nobres Ltda., Vinícola Cave de Pedra Ltda.; Wine Park S/A.	6
2001 – 2005	Vinícola Lídio Carraro Ltda.; Casa di Zorzi Vinícola Ltda. (Peculiare Vinhos Finos); Del Vale Vinhos Finos Ltda. (Terragnolo Vinhos Finos); Vinícola Torcello Ltda.	4
2006 – 2010	Adega e Vinhedos Dom Elizariario Ltda.; Indústria Vinícola Toscana Ltda.; Vinícola Almaúnica Ltda.; Vinícola Cavas do Vale Ltda.	4

FONTE: APROVALE, 2002 e 2010. Organização: Ivanira Falcade, 2010.

⁹⁷ Informação fornecida pela APROVALE e constante no processo encaminhado ao INPI para a DOVV.

TABELA 16 – IP Vale dos Vinhedos: filiação das vinícolas na APROVALE, período 1995-2010

Período de filiação	Vinícolas	Total de Vinícolas
1995 – 1999	Casa Valduga, Don Laurindo, Famiglia Tasca, Cordelier, Dom Cândido, Júlio Brandelli, Marco Luigi, Miolo, Adega Cavalleri	9
2000 – 2001	Angheben, Cave de Pedra, Cooperativa Aurora, Reserva da Cantina, Vallontano, Vinhos Larentis, Vinhos Tilton, Calza, Lídio Carraro, Pizzato, Wine Park S/A.	11
2002 – 2003	Moët Chandon	1
2004 – 2005	IFRS Campus Bento Gonçalves	1
2006 – 2007	Milantino, Peculiare Vinhos Finos, Terragnolo Vinhos Finos, Vinhos Finos Della Chiesa, Torcello, Toscana	6
2008 – 2009	Almaúnica, Dom Elizario	2
2010	Cavas do Vale	1

FONTE: APROVALE, 2002 e 2010. Organização: Ivanira Falcade, 2010.

Na análise da Tabela 17, identifica-se que o maior número (75%) de vinícolas solicitantes da certificação de vinhos ocorreu em 2002, ano da concessão do registro da IP diminuindo, aproximadamente, 1/3, até 2010. Houve uma redução geral no volume de uvas produzido na Serra Gaúcha, em 2006, que também ocorreu na região da IP Vale dos Vinhedos. Segundo informações da APROVALE, a redução no total dos vinhos produzidos pelos associados está relacionada, principalmente, ao início das atividades da unidade industrial da Vinícola Miolo, em Candiota que passou a beneficiar as uvas produzidas pela vinícola na Campanha, em 2009, e as uvas produzidas em Santana do Livramento foram beneficiadas na recém adquirida Vinícola Almadén, em 2010.

Essa tabela evidencia ainda que, em 2009, quando iniciou o processo de avaliação de vinhos para a DO⁹⁸, houve uma redução acentuada no volume de vinhos submetidos à avaliação – de 20% do volume produzido para 5%. Isso está relacionado às exigências quanto às características dos vinhos e sua relação causal com o meio geográfico: são menos tipos de vinhos e mais típicos.

⁹⁸ Em agosto de 2010, a APROVALE encaminhou ao INPI a solicitação de registro da Denominação de Origem Vale dos Vinhedos. Como não pode haver duas indicações geográficas com o mesmo nome e a APROVALE é a titular da IPVV, os associados optaram por solicitar a extinção da IP e solicitar o registro de uma Denominação de Origem Vale dos Vinhedos. Essa situação não está prevista em lei e ainda não há o resultado final.

TABELA 17 – IP Vale dos Vinhedos: vinícolas, produção total de vinhos finos de associados da APROVALE, volume de vinhos com solicitação e volume de vinhos aprovados para a Indicação de Procedência, em litros, período 2001-2010

Ano de Produção	Vinícolas Solicitantes	Produção total de vinhos finos (l)	Volume de vinhos com solicitação de IP (l)	% de Vinhos com solicitação /produção	Volume de vinhos aprovados (l)	% de Vinhos com aprovação /produção
2001	10	4.965.936	1.393.457	28,1	1.181.173	23,8
2002	15	5.562.128	1.677.480	30,2	1.590.730	28,6
2003	14	7.687.118	1.688.144	22,0	1.487.644	19,4
2004	14	9.358.612	1.884.250	20,1	1.762.000	18,8
2005	13	9.639.280	1.747.015	18,1	1.747.015	18,1
2006	11	6.877.647	1.339.344	19,5	1.313.394	19,1
2007	14	7.489.335	1.331.450	17,8	1.239.500	16,6
2008	13	7.576.000	1.654.063	21,8	1.558.680	20,6
2009 (IP)			220.900	3,5	184.900	3,0
2009 (DO)	9	6.257.140	332.200	5,3	332.200	5,3
2010 (DO)	9	5.428.080	323.420	6,0	306.420	5,7

FONTE: APROVALE, 2011.

Uma das formas de identificar a qualificação dos vinhos das regiões das IP's são os prêmios obtidos em concursos e feiras nacionais e internacionais. No início dos anos 1990, esses vinhos raramente apareciam nas exposições, mesmo porque muitas dessas vinícolas nem existiam. Como há um custo elevado para essa participação, que as pequenas vinícolas têm dificuldades de arcar e, assim, se destacam apenas algumas vinícolas, como a Valduga e a Miolo, no Vale dos Vinhedos (TABELAS 18 e 19).

O número de concursos internacionais aumentou consideravelmente nesse período, o que aumentou a possibilidade de participação e, portanto, de premiação. Mas, nos últimos anos, a internet cresceu muito, o que viabilizou outra forma de divulgação. As duas formas de divulgação colaboram para que os vinhos e seu “centro de produção”, isto é, a região, se tornem conhecidos, como exige a lei.

Havia um reconhecimento técnico do vinho e da qualidade que este possuía, e da região como centro produtor desse vinho. Mas era necessário mais. Há elementos nas ações, tanto da APROVALE como das vinícolas, que são análogos ou semelhantes ao que Laferté (2006) analisou na Borgonha. As ações não são iguais e nem na mesma dimensão, mas são ações na direção da invenção de uma

tradição, ao estilo do que analisaram Hobsbawn e Ranger (1996); usando aspectos da identidade cultural e geográfica, como afirmou Pesavento (1994) e implementando ações antes que as condições favoráveis tenham sido satisfeitas, como afirmou Côrrea (2000).

TABELA 18 – IP Vale dos Vinhedos: premiações de vinhos de vinícolas da APROVALE, em concursos internacionais, no exterior, período 1995-2009

Empresas	1995 a 2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Total
Casa Valduga Vinhos Finos	38	10	7	32	15	19	8	19	24	172
Vinícola Miolo	46	25	10	25	11	20	13	18	14	182
Vinícola Cordelier	8	7	9	12	3	9	0	13	5	66
Subtotal	92	42	26	69	29	48	21	50	43	420
Vinícola Dom Cândido	16	2	0	0	0	1	0	4	0	23
Moët Chandon do Brasil	5	2	2	0	0	0	0	3	0	12
Vinícola Cave de Pedra	7	1	0	3	0	0	0	0	0	11
Vinícola Marco Luigi	5	3	0	0	0	0	0	2	0	10
Adega Cavalleri	1	0	0	1	0	4	0	0	0	6
IFRS (CEFET)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Laurindo Vinhos Finos	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Milantino Vinhos Finos	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Vollontano Vinhos Nobres	0	0	2	2	0	0	0	0	0	4
Vinícola Pizzato	0	1	0	0	0	0	0	2	0	3
Wine Park Ltda	0	0	0	0	0	0	0	0	4	4
Total de medalhas	129	51	30	77	29	53	21	61	47	498

FONTE: Associação Brasileira de Enologia, (ABE), 2010. Organização: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 19 – IP Vale dos Vinhedos: vinhos de vinícolas da APROVALE, premiados em concursos internacionais, no exterior, período 2002-2009

Ano	Espumantes	Vinhos tranqüilos	Total
2002	18	33	51
2003	12	18	30
2004	33	43	76
2005	10	19	29
2006	22	30	52
2007	7	14	21
2008	21	40	61
2009	19	32	51

FONTE: Associação Brasileira de Enologia (ABE), 2010. Organização: Ivanira Falcade, 2010.

As vinícolas e a APROVALE realizaram ações para seu fortalecimento e reconhecimento público. Um conjunto de ações foi na busca de profissionais técnicos, não só em viticultura e enologia, mas também em administração e comércio. O objetivo foi assegurar um gerenciamento competente e maior crescimento, embora a família continue exercendo diversas funções na vinícola⁹⁹. Em 2000, a APROVALE contratou um colaborador substituído, em 2001, por um diretor-executivo do setor vitivinícola, com formação e experiência, criando, também, uma secretaria permanente. Com o crescimento dessas atividades, desde 2002, a associação contratou os serviços de uma empresa de comunicação para assessorá-la e estabeleceu parceria com uma rede de cartões de crédito a fim de facilitar o comércio no varejo das vinícolas.

Com o objetivo de tornar conhecido o topônimo Vale dos Vinhedos, criando a associação do vinho com a região e os vinhos associados a ela reconhecidos nacionalmente, a associação e as vinícolas realizaram outras ações. A APROVALE organizou e participou de eventos de diversas naturezas visando atrair a imprensa e os turistas, de forma sistemática e crescente. As vinícolas construíram e organizaram espaços para atender turistas, assim como intensificaram ou começaram a participar de feiras de vinho e concursos de abrangência nacional e internacional. Essas ações foram alicerçadas na vitivinicultura moderna.

Assim, parafraseando Laferté (2006), nem foi o *fim da história local* nem a *invenção de uma tradição sem cultura*. Para alcançar os objetivos, os associados da APROVALE aprimoraram e qualificaram a vitivinicultura e, nisso, promoveram o aprofundamento das mudanças. A implementação das ações das vinícolas e da associação no Vale os Vinhedos gerou um processo que se expandiu e envolveu outros setores na região, como, por exemplo, com melhorias nos meios de alimentação e hospedagem.

Não há uma estatística exata acerca do número de pessoas que visitavam o Vale dos Vinhedos, antes da IPVV. Um hoteleiro de Bento Gonçalves estimou que, no início da década de 1990, talvez fossem algumas centenas, menos de mil. Dez anos depois, o crescimento havia sido enorme, mas, em 2010, a APROVALE

⁹⁹ A análise desse aspecto foi objeto de teses e dissertações em Administração, Turismo, Economia, entre outras áreas.

estimou que, aproximadamente, duzentas mil pessoas visitaram a região, representando um crescimento de 345%, só nos últimos 10 anos (TABELA 20). O efeito disso foi muito além da região e levou a região junto. Mesmo que nem todos tenham consumido qualquer produto na área, no conjunto e em muitos sentidos, esse movimento de pessoas provocou diferenças.

TABELA 20 – IP Vale dos Vinhedos: estimativa de visitantes, período 2001-2009

Ano	Visitantes	Crescimento (%)
2001	45.000	100
2002	60.000	33
2003	82.000	82
2004	102.000	127
2005	115.737	157
2006	105.617	134
2007	120.962	169
2008	153.779	242
2009	182.229	305
2010	200.508	345

FONTE: APROVALE, 2010. Organização: Ivanira Falcade, 2010.

Sem entrar no mérito, na análise do conteúdo, a Tabela 21 fornece uma ideia da importância da imprensa para a construção e o processo de “estender” a imagem da região. São notícias sobre o Vale dos Vinhedos, sobre vitivinicultura e sobre enoturismo, em jornais e revistas impressos. Nos primeiros anos, não havia um controle amplo, nem arquivamento das notícias veiculadas sobre a região. Nem mesmo a partir de 2004, com estrutura de secretaria e assessoria de imprensa, houve um controle sobre as notícias na imprensa nacional. O controle mais amplo foi nas escalas regional e estadual. Assim, os dados não são absolutos, mas indicam a evolução do reconhecimento do nome Vale dos Vinhedos. Nessa lista, não estão incluídas as propagandas das vinícolas, nem as referências ao Vale dos Vinhedos, em guias turísticos ou pacotes de operadoras.

Pode-se observar na Tabela 21 que, no início, as notícias eram fundamentalmente regionais e o crescimento foi pequeno. Porém, o cenário mudou, em 2001 e 2002, quando o processo de reconhecimento da Indicação Geográfica no INPI teve sua primeira aprovação e, depois, quando obteve o registro da primeira

indicação geográfica brasileira, com notícias em escala nacional, publicadas em São Paulo, no Rio de Janeiro, entre outros estados, na capital Brasília e também no exterior.

TABELA 21 – IP Vale dos Vinhedos: notícias sobre vitivinicultura e enoturismo, em jornais e revistas impressos, segundo o local de impressão, período 1995-2002

Ano	Bento Gonçalves e Caxias do Sul	Rio Grande do Sul	São Paulo	Outros Estados	Total	Crescimento (%)
1995	15	15	0	0	30	100
1996	23	14	1	0	38	27
1997	39	26	0	0	65	117
1998	51	23	5	1	80	167
1999	30	25	14	5	74	147
2000	31	39	4	3	77	157
2001	274	138	16	23	451	1.403
2002	453	80	13	2	548	1.727
2003	39	21	5	6	71	100
2004	108	6	0	0	114	61
2005	x	x	x	x	x	X
2006	227	16	12	1	256	261
2007	217	31	15	3	266	275
2008	77	33	5	3	118	66
2009	137	43	6	1	187	163
Total	1.987	546	104	50	2.687	8.857

FONTE: Aprovale, 2003 e 2010. X= não há informações. Organização: Ivanira Falcade, 2010.

Entre 1995 e 2002, a maior quantidade de notícias foi veiculada em 15 jornais, na região da Serra Gaúcha, e em outros 13 jornais e três revistas do RS. No entanto, o alcance das notícias em nove jornais e 18 revistas de São Paulo são mais importantes para divulgar o topônimo e torná-lo conhecido e reconhecido nacionalmente. Ao todo, houve publicações em 71 veículos de comunicação, sendo 45 jornais e 27 revistas diferentes.

Como houve mudanças na forma de armazenamento das notícias, a partir de 2003, o cálculo foi reiniciado para não distorcer os resultados proporcionais. A quantidade e as fontes de notícias armazenadas na APROVALE passaram a ser, na sua maioria, de abrangência regional e estadual, mas isso, não significa que não tenham ocorrido outras notícias na imprensa nacional, a exemplo do período

anterior. Nesse período, a maior frequência de notícias ocorreu em 2006 e 2007, quando começou a divulgação da busca pela DO.

À medida que a IP se tornou conhecida passou a ser objeto de estudo e a associação convidada a proferir palestras. Segundo informações da APROVALE, de 2003 a 2009, a associação realizou, em média, uma palestra a cada dois meses, para explicar o êxito da IPVV, para diferentes públicos, em muitas regiões do RS e outros estados do Brasil.

O topônimo, a região e, principalmente, o vinho da região já eram conhecidos, já possuíam identidade pública, em escala nacional e internacional. É o que se pode constatar também pelo o interesse acadêmico, na forma de dissertações, teses, monografias, artigos, etc, desse período. Um levantamento amostral, realizado sobre a produção científica¹⁰⁰, tendo por tema a IPVV, em áreas como enologia, agronomia, turismo, geografia, administração, pedologia, geologia, economia, entre outras, revelou que, de 2001 a 2009, foram escritas 33 teses, dissertações e monografias; publicados 25 livros e artigos e 33 trabalhos em congressos científicos nacionais e internacionais (FALCADE, 2010).

As ações e mudanças que a associação e as vinícolas da região do Vale dos Vinhedos promoveram e sofreram foram analisadas do ponto de vista estratégico nas teses de Gollo (2006), Blume (2008) e Guimarães (2009). Essas pesquisas esmiuçaram como as escolhas e os direcionamentos levaram as empresas, individualmente, e a associação/a região, no conjunto, a resultados positivos, especialmente de inovação competitiva.

No que diz respeito ao enoturismo, a região da IP Vale dos Vinhedos foi analisada sob diversos enfoques em dissertações, como em Marques (2007), sobre a economia gerada pelo enoturismo; em Zanini (2007), que comparou o enoturismo no Vale dos Vinhedos com aquele do Vale do São Francisco, do ponto de vista dos atrativos e das motivações; em Valduga (2007), sobre a contribuição do enoturismo no desenvolvimento local; em Lavandoski (2008), que analisou a importância da

¹⁰⁰ O levantamento foi realizado no portal da CAPES, de três universidades do RS, uma de SC, duas de São Paulo, duas do RJ, no IFTRS de Bento Gonçalves e na Embrapa Uva e Vinho.

paisagem para o enoturismo da região e, em Tonini (2007), sobre o enoturismo do ponto de vista das políticas públicas.

Em sua tese Flores (2007) analisou a IP Vale dos Vinhedos do ponto de vista do desenvolvimento territorial ecossustentável: analisou as relações sociais entre os diferentes agentes, não somente as vinícolas e a associação, mas também os demais viticultores e moradores, além do poder público. Ele identificou como os conflitos, às vezes escamoteados, geraram apropriações diferenciadas do crescimento e do desenvolvimento, e apontou novos cenários. Por sua vez, em artigo, Tonietto (2002) analisou as mudanças que a IP Vale dos Vinhedos significou, no âmbito da vitivinicultura brasileira, identificando 12 aspectos que constituíram sinais de inovação, relacionados à produção, controle e comercialização dos vinhos.

Do ponto de vista comercial, o reconhecimento mais significativo ocorreu pela sua “alteridade”, quando a União Europeia ratificou, em fevereiro de 2007, a Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos, como uma região produtora com rastreabilidade na produção, com normas semelhantes às utilizadas nas suas regiões e, portanto, autorizada a exportar para os países membros.

Segundo as vinícolas e a APROVALE, o mercado consumidor dos vinhos do Vale dos Vinhedos está espalhado por todo território nacional, mas concentrado nos estados do centro-sul. E, mesmo que pontual e com volume reduzido, há exportações para alguns países da América, da Europa e da Ásia. Como a Tabela 17 indica, a maior parte do vinho produzido não ostenta o selo da IP. No entanto estes podem indicar a zona de produção Serra Gaúcha, o que atende a maioria dos mercados estrangeiros. Os melhores vinhos com IP são comercializados, essencialmente, em lojas especializadas, em restaurantes ou diretamente com o consumidor, na vinícola ou por encomenda. Mas, alguns, também são encontrados em grandes redes de supermercados.

Além da difusão do consumo, a visita de milhares de pessoas à região da IP Vale dos Vinhedos, anualmente, é um indício do reconhecimento nacional da região como centro produtor de vinhos. Isso, portanto, legitima a afirmação que a região, como centro produtor de vinhos, já faz parte do imaginário social nacional, não de toda a nação mas, pelo menos, da parte consumidora de vinhos.

4.2.2 Indicação de Procedência Pinto Bandeira

Em 2001, seis vinícolas comerciais, com sede em Pinto Bandeira, criaram a ASPROVINHO. O anúncio público da busca por uma indicação geográfica parece não ter sido estímulo ao surgimento de novas vinícolas, como se verificou na região da IP Vale dos Vinhedos. Foi criada apenas uma nova vinícola e duas vinícolas saíram da ASPROVINHO: os conflitos de interesses imediatos e o tipo de uva e vinho produzido certamente pesaram nas decisões. A ASPROVINHO só criou sua secretaria executiva e contratou uma assessoria de comunicação em 2010, pouco antes de receber o registro da IPPB do INPI. Assim, o processo de implementação é muito recente, por isso, os efeitos ainda são de curto prazo.

Há outros dois aspectos que indicam porque não surgiram novas vinícolas na região da IP Pinto Bandeira: o primeiro é a existência de quatro cooperativas vinícolas e o segundo a policultura. As cooperativas Aurora e Pompéia são associadas à ASPROVINHO e têm centenas de associados na região de IPPB, embora ainda não tenham produzido vinho com IP. As cooperativas São João e Jacinto, com sede em Farroupilha, não são associadas à ASPROVINHO, mas têm associados na região da IPPB. O segundo aspecto é a diversidade da fruticultura, especialmente a produção de pêssego para consumo *in natura*.

Observando os Mapas 14 e 35, percebe-se que as vinícolas da região da IPPB estão próximas, mas não na margem da principal rodovia, e próximas das maiores extensões de vinhedos. A localização das vinícolas está relacionada ao processo histórico familiar. Cada uma das três vinícolas comerciais familiares da IPPB possuem, em média, 16ha de vinhedos de viníferas; contudo, ainda não há informação disponível quanto ao volume de vinhos engarrafado com o selo da IPPB, em 2010.

O processo em Pinto Bandeira ainda está na sua fase inicial e, possivelmente, demorará mais tempo que o Vale dos Vinhedos para estar no imaginário social brasileiro como uma região produtora de vinhos finos. Diferentemente do Vale dos Vinhedos, a ASPROVINHO, no conjunto, e as vinícolas, individualmente, não

empreenderam uma estratégia articulada para tornar o topônimo Pinto Bandeira conhecido, antes da concessão do registro pelo INPI, em 2010.

Como afirmado anteriormente, a solicitação inicial da ASPROVINHO era para uma Indicação de Procedência Vinhos de Montanha de Pinto Bandeira. Como foi visto, isso não é possível porque a expressão *vinhos de montanha* designa um gênero de produção, em determinadas condições de espaço, não um tipo de vinho de uma região.

São poucos os trabalhos científicos sobre a região da IP Pinto Bandeira, diminuindo para menos de cinco, evidenciando que o processo de reconhecimento dessa região como centro produtor de vinhos com IP ainda está em sua fase inicial. O fato de terem continuado a investir em uma mensagem centrada nos *Caminhos de Montanha* e não no topônimo Pinto Bandeira não gerou o efeito de construção da identidade para o topônimo como região produtora de vinhos, muito embora os vinhos da região tenham obtido prêmios em concursos nacionais e internacionais (TABELA 22). Para as vinícolas da ASPROVINHO também há um custo elevado para a participação em concursos, destacando-se apenas a Cave Geisse (antiga Cave Amadeu). Assim, é possível considerar isso como um reconhecimento técnico, porém não de identidade nacional para a região da IPPB.

A região da IP Pinto Bandeira dista poucos quilômetros da região da IP Vale dos Vinhedos, mas, enquanto as vinícolas da IPVV recebiam milhares de visitantes, as vinícolas da IPPB recebiam poucas centenas (TABELA 23), evidenciando-se que não houve um aproveitamento do fluxo de uma região para a outra.

TABELA 22 – IP Pinto Bandeira: premiações de vinhos de vinícolas da ASPROVINHO, em concursos internacionais, no exterior, período 1995-2009

Empresas	1995 a 2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Total
Vinícola Geisse	48	8	6	8	2	6	-	6	2	86
Vinhos Don Giovanni	1	2	5	7	2	1	-	2	-	20
Vinícola Valmarino	-	2	3	10	-	1	2	1	1	20
Total de medalhas	49	12	14	25	4	8	2	9	3	126

FONTE: Associação Brasileira de Enologia, (ABE), 2010. Organização: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 23 – IP Pinto Bandeira: visitantes recebidos nas vinícolas, período 2000-2010

Ano	Cooperativa Vinícola Pompéia	Vinícola Don Giovanni	Vinícola Geisse	Vinícola Valmarino	Total
2000	700	-	1.210	200	2.110
2001	1.223	-	1.350	300	2.873
2002	832	-	1.402	450	2.684
2003	1.417	-	1.789	580	3.786
2004	972	-	2.003	700	3.675
2005	1.015	-	2.405	800	4.220
2006	-	2.292	1.890	900	5.082
2007	-	2.782	2.119	1.010	5.911
2008	-	2.888	1.870	1.130	5.888
2009	-	3.340	2.193	1.265	6.798
2010	-	3.608	2.327	1.420	7.355

FONTE: As vinícolas. Organização: Ivanira Falcade, 2011. “-” Sem informação, não quer dizer que não tenham recebido visitantes.

4.2.3 Indicação de Procedência Monte Belo (em estudo)

A APROBELO foi criada, em 2003, por 12 vinícolas comerciais que, com raras exceções, eram pequenas e de administração familiar. Elas estão localizadas na propriedade da família, quase todas, ao lado da residência, em área de elevada concentração de vinhedos, conforme mapas 15 e 35. Essas vinícolas ainda estão em processo de organização e de estruturação da produção de vinhos finos. Em 2006, a maioria ainda processava uvas comuns, a maior parte adquiridas de terceiros, cujo vinho era comercializado a granel. Na época, elas possuíam 31ha de viníferas e 45ha de uvas de variedades americanas e híbridas.

Em 2006/2007, foi realizada uma pesquisa exploratória, para avaliar as potencialidades para uma IP para a região de Monte Belo (TONIETTO et al., 2008). Segundo o cadastro vitícola, em 2007, o município de Monte Belo do Sul possuía 2.450ha de vinhedos, sendo 800ha com viníferas, o que configurava potencialidade para uma indicação geográfica. As vinícolas, no entanto, precisavam evoluir. Tendo demonstrado interesse, no âmbito do projeto APL Vinhos, passaram a contar com o apoio e a assessoria técnica de pesquisadores da Embrapa Uva e Vinho, na elaboração experimental e comercial de pequenos volumes de vinhos finos. Para

consolidar a solicitação do registro junto ao INPI, o projeto de pesquisa foi reiniciado, em 2010, com novos recursos financeiros liberados pela FINEP.

A reconversão de vinhedos próprios e a reestruturação de vinícolas produtoras de vinhos comuns para a produção de vinhos finos é um processo gradativo. Segundo a APROBELO, ainda há dificuldades estruturais tecnológicas básicas como, por exemplo, o engarrafamento do espumante. Com o apoio da prefeitura municipal e financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), essa questão está em vias de solução, com a construção de uma central que atenderá a todas as vinícolas da região da IPMB.

Mesmo não tendo uma estatística consolidada, segundo informações da APROBELO, o número de visitantes em Monte Belo tem crescido nos últimos anos. Há somente uma vinícola que recebe visitantes. A associação tem realizado ações em parceria com a prefeitura municipal, especialmente para a realização da Festa da Vindima, que atraiu mais de 20.000 visitantes, em janeiro de 2011. As vinícolas da região para a IP Monte Belo não participam de concursos, porque a produção de vinhos finos é limitada, com exceção de uma vinícola que também é associada à APROVALE e produz vinhos com a IP Vale dos Vinhedos. Esta já participou de exposições e feiras e recebe turistas, embora não haja estimativa sobre o volume. Do ponto de vista acadêmico, são poucos os estudos sobre a região de Monte Belo.

4.3 TRANSFORMAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DAS REGIÕES DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS E PINTO BANDEIRA

As ações desenvolvidas pelas associações e pelas vinícolas, desde meados dos anos 1990, contribuíram para mudanças na organização do espaço geográfico das regiões da IPVV e da IPPB. Estas mudanças ocorreram no âmbito das propriedades privadas, tanto em espaços privados como em espaços abertos ao público e, igualmente, em espaços públicos, com ações de iniciativa pública como por demanda e ação da sociedade civil.

As transformações no espaço regional das IP's acentuaram-se gradativamente com a ação dirigida, por exemplo, para a qualificação da produção e para a implementação de infraestrutura para atendimento ao turista. Essas transformações são mais evidentes, são maiores, na região da IP Vale dos Vinhedos do que na região da IP Pinto Bandeira. Isto ocorre porque o processo é mais antigo no Vale dos Vinhedos, embora algumas mudanças tenham ocorrido em Pinto Bandeira, no contexto daquelas mudanças gerais, que têm se evidenciado no quarto período da vitivinicultura da Serra Gaúcha, como foi abordado no capítulo anterior.

O distrito Vale dos Vinhedos, do município de Bento Gonçalves, foi criado no contexto da emancipação dos distritos de Monte Belo e Santa Tereza, em 1992, que deram origem aos respectivos municípios. Apesar da emancipação, os dois municípios têm uma dependência muito grande de Bento Gonçalves, principalmente, na oferta de empregos e em serviços de educação e saúde, mantendo um tráfego contínuo, muito aumentado com o crescimento do fluxo de turistas nas duas estradas, Leopoldina e Graciema. A demanda pela pavimentação das estradas uniu os interesses da APROVALE e das comunidades dos dois municípios, que pressionaram o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, cuja obra foi concluída em meados de 2005.

O distrito de Pinto Bandeira tem uma situação inversa. Sua emancipação, no início da década, foi contestada em todos os tribunais pela prefeitura de Bento Gonçalves e, mesmo depois de instalado, o novo município voltou a ser distrito de Bento Gonçalves, até que o mérito seja julgado em última instância. Atualmente, a situação ainda não foi resolvida. Isso tem gerado certas dificuldades para que a comunidade do distrito consiga apoio em suas reivindicações como, por exemplo, está a melhoria da pavimentação da estrada a partir de Bento Gonçalves.

Do ponto de vista da organização do espaço geográfico no meio rural, a região do Vale dos Vinhedos está intrinsecamente relacionada com a vitivinicultura, diferentemente de Pinto Bandeira que, como foi explicitado anteriormente, tem a organização do espaço baseada na diversidade de cultivos (FALCADE; MANDELLI, 1999; FALCADE, 2001; FALCADE; MEDEIROS, 2006). Sintetizando, a modernização econômica da Serra Gaúcha, em geral, e de Bento Gonçalves e Garibaldi, em particular, não eliminou a vitivinicultura; ao contrário, esta não só se

manteve como as significativas mudanças que sofreu deram um novo impulso à economia da região da IP Vale dos Vinhedos.

Analisando a organização do espaço rural da região da IPVV, observam-se elementos que comprovam transformações importantes, como as seguintes:

- 1) aumento da área cultivada com determinadas variedades de *Vitis viníferas*, conduzidas verticalmente e sustentadas por postes em madeira, concreto ou rocha, recebendo práticas culturais que visam à obtenção de uvas de qualidade, o que gerou valorização da matéria-prima;
- 2) criação de novas vinícolas com padrão tecnológico moderno, não só material como humano, para elaborar, armazenar, envelhecer e comercializar os melhores vinhos possíveis, conquistando novos mercados no Brasil e, inclusive, no exterior;
- 3) o surgimento de novas atividades comerciais, como oficina mecânica, posto de gasolina, lojas de artesanato, restaurantes, etc, assim como de infraestrutura turística, como hotéis e pousadas;
- 4) a melhoria no sistema viário, com o alargamento e pavimentação de estradas municipais e estaduais, e o aumento do fluxo de veículos, de pequeno e grande porte;
- 5) aumento no número de construções residenciais e a modernização geral das condições de habitação, inclusive com cuidados estéticos no entorno das residências e vinícolas;
- 6) aumento considerável no consumo de energia e telecomunicações, exigindo a expansão das redes e a qualificação das mesmas;
- 7) o aumento do preço da terra, com valorização da propriedade e o comércio da terra, inclusive, com a mudança de função;
- 8) geração de empregos e elevação do nível de renda.

A exigência que, no mínimo, 85% da uva para a elaboração de vinhos com Indicação de Procedência seja produzida na área delimitada (APROVALE, 2001) e o fato de que nem todas as vinícolas produzem matéria-prima suficiente aumentou a

demanda, o que elevou o preço pago pela uva de qualidade e, assim, da renda obtida, inclusive por aqueles que não industrializam sua produção. Outro efeito importante foi a valorização da propriedade com o aumento do preço da terra em até 400%, em 10 anos (FALCADE E MEDEIROS, 2006). Conforme foi analisado no capítulo anterior, isto levou algumas vinícolas a expandirem seus vinhedos em outras regiões.

São poucas as situações, mas tem ocorrido o estabelecimento de parcerias para a produção e comercialização de uva, entre vinícolas associadas e viticultores. A parceria, muitas vezes verbal, inclui a orientação e assistência técnica. A melhoria do nível de renda pode ser indicada pela capacidade de compra de bens duráveis, incluindo a compra de mais de um automóvel ou utilitário por família; a construção de novas residências; pelo aumento de agricultores matriculados na Universidade de Caxias do Sul¹⁰¹ ou outras universidades, entre outros indicadores.

A implementação da IPVV teve um efeito transformador que atingiu mais que os associados da APROVALE e os industriais que fazem vinho com IPVV. A Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos teve repercussões no conjunto da vitivinicultura da Serra Gaúcha e nos municípios onde ela se localiza, e também em outras regiões do estado e do país. Muito embora tenha havido vozes contrárias, o fortalecimento da vitivinicultura do Vale dos Vinhedos repercutiu sobre a organização setorial: tanto a ASPROVINHO como a APROBELO foram criadas quando as vinícolas da IPVV já tinham tido uma repercussão nacional identificada, por exemplo, nas notícias, nos prêmios e nos milhares de turistas que a região recebia. Além dessas, foram criadas outras associações na Serra Gaúcha e em outras regiões produtoras de uvas para vinhos finos no Brasil (QUADRO 4, p. 93).

A dinâmica da economia regional foi afetada pela IPVV. Há reflexos em outros setores, que fornecem insumos à atividade vitivinícola, dos setores de transportes à hotelaria, da construção civil à alimentação, só para citar alguns. Embora as mudanças no padrão construtivo de residências e de vinícolas não se deva exclusivamente à implementação da IPVV, há mudanças no tamanho, estilos e

¹⁰¹ Para exemplificar: os cursos de Geografia e de Turismo da UCS, em Bento Gonçalves, tem entre seus alunos, filhos de viticultores do Vale dos Vinhedos. Eles afirmaram que a decisão de fazer esses cursos está relacionada ao desejo de qualificar seu trabalho.

materiais, que são mais recentes, assim como a densificação das edificações e a origem dos moradores.

Há impactos negativos também. Os mais significativos estão relacionados ao meio ambiente, à água e ao solo, muito embora não sejam devidos exclusivamente à IPVV. Entre as transformações ocorridas nos últimos anos, destaca-se a menor diversificação de espécies no uso e cobertura do solo, com vinhedos em áreas que antes tinham outros cultivos ou mata (em diversos estágios). Há, também, uma carga maior de resíduos industriais, numa área que antes era fundamentalmente agrícola; uma carga maior em resíduos domésticos, com a densificação da área construída com residências, condomínios e comércio; a intensificação do tráfego de veículos; o aumento da insidência do mosquito borrachudo; a poluição visual, com placas e construções; e as alterações na composição da paisagem, dentre outros aspectos relacionados ao meio ambiente.

Na pesquisa desenvolvida por Valduga (2007), 70% dos entrevistados afirmaram que o nome Vale dos Vinhedos é mais forte que a IPVV e que é ele que atrai os visitantes. Isso evidencia que ainda não há um entendimento claro em relação às IG's, à IPVV e, principalmente, aos objetivos de ações da própria associação de tornar o topônimo conhecido. Ao que parece, tampouco percebem que a estratégia mercadológica de associar o produto ao espaço de origem foi correta e vitoriosa, pois, como afirmaram Glass e Castro (2009), a diferenciação dos produtos associados a sua origem é uma estratégia de mercado que deu certo na Europa e que pode dar certo no Brasil.

A implementação da IPVV gerou mudanças que afetaram a todos, mas nem todos se beneficiam igualmente. Na pesquisa de Flores (2007), ficaram evidentes dificuldades nas relações sociais entre os atores diretamente vinculados à IPVV e entre estes e outros que não estão diretamente relacionados à indicação. As diferenças de interesses, associadas a uma forma historicamente consolidada de atuação econômica/comercial competitiva, individualista, centrada na família e na propriedade, além de diferenças de capital, geram dificuldades de articulação cooperativa.

A redução do número de vinícolas que submetem seus vinhos à avaliação e, portanto, com possibilidades de comercializarem vinhos com o selo da IPVV pode estar associada a essa dificuldade. Embora a competição seja forte, a cooperação ainda é maior porque, nos últimos anos, a APROVALE e as vinícolas empreenderam esforços na busca da indicação geográfica do tipo denominação de origem, que é ainda mais exigente na indicação da relação produto/espço.

Na região da IPPB, o processo é recente, mas essa dificuldade de cooperação pode estar na base de certa inércia da ASPROVINHO, em realizar ações no sentido da construção no imaginário social da relação entre o topônimo Pinto Bandeira e o vinho produzido na região, em escala estadual e nacional; ou no sentido de atrair, pelo menos parte do fluxo turístico do Vale dos Vinhedos. A questão da emancipação política do distrito tem sido, segundo relato das vinícolas e de outros atores sociais, um importante fator nas dificuldades de articulação político-institucional.

Embora a Cooperativa Aurora tenha associados com produção de uvas no Vale dos Vinhedos, em nenhum momento ela produziu vinhos com as exigências que o Regulamento de Uso da IPVV exige. Ela também não tem uma unidade industrial em Pinto Bandeira, porém possui o Centro Tecnológico¹⁰² e manifestou publicamente o interesse de construir uma unidade especializada para a elaboração de vinhos com a IPPB.

As transformações na organização do espaço rural com a implementação da IPPB ainda não são muito evidentes, porém o preço da terra já se elevou em mais de 200% nos últimos anos, como informou um proprietário de vinícola da região.

As paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo serão identificadas, classificadas, comparadas e analisadas no próximo capítulo, a partir dos conceitos referentes e da metodologia definida, incluindo os elementos de destaque.

¹⁰² Área com campo experimental de vinhedos e que está em processo de reconversão para produção de uvas para vinhos.

5 AS PAISAGENS VITÍCOLAS NAS REGIÕES DAS INDICAÇÕES DE PROCEDÊNCIA VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO

A análise das paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo foi direcionada à identificação da tipologia das mesmas e dos seus elementos emblemáticos, assim como à explicação de sua origem e evolução.

5.1 LER A PAISAGEM VITÍCOLA

O entendimento da paisagem como *marca e matriz da sociedade* (Berque, 1998) norteou a definição da metodologia para analisar as paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo. Considerando o fundamento conceitual, optou-se por duas formas de representação das paisagens: a cartografia, para a escala das regiões, e a fotografia de paisagem para as demais escalas (DONADIEU; PÉRIGORD, 2005; MABY, 2005; OLIVEIRA JR, 2007).

A leitura das paisagens foi realizada segundo a proposta de Donadieu e Périgord (2005), que relaciona a área imageada com uma escala geográfica. A escala regional foi relacionada aos grandes compartimentos que, nesta tese, envolvem a escala da cartografia das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, utilizada no capítulo anterior e que se complementa nesta abordagem. A escala "pays" foi relacionada à comunidade, que, na tese, são as imagens da paisagem das vistas gerais; a escala local foi relacionada à propriedade, que, na tese, constitui-se nas imagens da paisagem das vistas dos lotes. Por fim, a escala da parcela que foi relacionada ao uso e identificada por um nome, que, na tese, são as imagens dos vinhedos, das plantas (Grifo dos autores).

Os autores propõem três etapas para a leitura de imagens de paisagens. A primeira etapa, denominada de descrição, consiste na elaboração de um croqui, identificando os elementos e sua classificação. A segunda etapa, denominada de esquematização, consiste numa primeira interpretação das combinações, em relação ao que foi identificado na descrição. Essas duas etapas foram realizadas conforme Joliet (2005) e Carbonneau e Cargnello (2003, 2006), descritas a seguir. A terceira etapa, denominada de modelização, consiste na interpretação detalhada, na análise da organização dos elementos identificados, na explicação dos processos sociais que os construiu.

Para a identificação e classificação das paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, foram usados os métodos e a nomenclatura de Joliet (2005) e de Carbonneau e Cargnello (2003, 2006) e, se necessário, foram criados ou especificados novos elementos ou tipos.

Para Joliet (2005), a paisagem vitícola é resultado dos complexos processos naturais e humanos e envolve componentes do terreno, componentes técnicos e componentes culturais. Sua tipologia está baseada em quatro critérios fundamentais, que determinam a forma do vinhedo e sua visibilidade: a organização espacial da cultura, o relevo, a densidade e a altura da plantação/do olhar.

A estes critérios estão associados três aspectos. O primeiro é a cor, que varia de acordo com a sazonalidade e as variedades. O segundo é a estrutura dinâmica, relacionada à forma como os vinhedos foram implantados no terreno e como foram conduzidos (ritmo), isto é, filas ou planos: ritmos que barram (perpendiculares/terraços), ritmos de “fuga” (alinhados/perspectiva) e ritmos dissimétricos (oblíquos); e a textura plana ou em tabuleiros que a vegetação produz. O terceiro é a ocorrência de elementos emblemáticos, em geral construtivos, que situam uma paisagem em relação ao seu *terroir*¹⁰³, em relação ao espaço rural local e internacional. A combinação desses aspectos resultou numa tipologia composta por 12 tipos.

¹⁰³ Termo adotado internacionalmente, sem tradução, e que designa o conjunto relacional de fatores naturais (como, solo e clima) e humanos (como as variedades, práticas culturais vitícolas e enológicas), envolvidos no resultado final de um determinado tipo de vinho.

Carbonneau e Cargnello¹⁰⁴, acima citados, independente da forma e densidade das plantas, propuseram o estudo da paisagem pela arquitetura da videira, baseada em um conjunto de aspectos da planta, organizados do mais amplo ao mais específico - ordem, família, gênero e espécie/forma de base, segundo pontos de vista diversos - vertical, horizontal, no inverno, na primavera, que, combinados, formam uma matriz. Os aspectos utilizados são: a disposição das plantas e a estrutura perene principal, a organização da estrutura perene secundária, a forma global, o porte dominante, a ocorrência de divisão e a direção dominante da vegetação. Os descritores principais, suas variações e combinações resultaram em 50 formas de base da videira (Grifo dos autores).

Além desses aspectos, Carbonneau e Cargnello propuseram seis descritores complementares relacionados aos componentes do sistema de condução: suporte geral da planta, continuidade ou não entre as fileiras, forma do tronco, condução dos ramos, poda de inverno e poda verde. Esses descritores complementares, suas variações e combinações resultaram em 250 sistemas de condução do vinhedo. Os autores criaram uma nomenclatura, tanto para as formas de base quanto para os sistemas de condução que são adotados nessa tese.

Os métodos de Joliet, Carbonneau e Cargnello foram aplicados na identificação e classificação das paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, através de fotografias feitas entre 1995 e 2010. São pouco mais de 5.000 fotografias coloridas, entre vistas gerais e detalhes, das quais foram selecionadas, aproximadamente, 300, que representavam a diversidade de paisagens nas três regiões.

Destas, foram selecionadas 13 paisagens vitícolas, vistas em uma ou no conjunto de diversas fotos, que expressam as paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo. Foram elaborados croquis das paisagens vitícolas, identificando os elementos visíveis na área dos vinhedos, os elementos emblemáticos e outros usos. Além disso, foram evidenciadas as linhas

¹⁰⁴ A proposta de Carbonneau e Carnello resultou da análise das formas que a videira adquiria com os diferentes tipos de poda e com as diversas maneiras de organizar um vinhedo, na viticultura mundial. Foi adotada pelo grupo Grupo de Estudos dos Sistemas de Condução da Videira (GESCO), que reúne mais de 500 especialistas no mundo inteiro, e é recomendada pela comissão de viticultura da OIV.

básicas das formas de relevo, que definiram a classificação das paisagens vitícolas em determinada tipologia sendo, depois, esquematizadas em um quadro comparativo.

A análise das paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo foi realizada, explicando os seguintes aspectos: os processos de formação, fundamentados no processo de organização do espaço; os princípios de funcionamento (organização, regulação), relacionados à vitivinicultura e às normas das IP's; a evolução dos sistemas paisagísticos e o uso de imagens de paisagens, como associações simbólicas, na valorização do território e dos produtos vitícolas através dos meios de comunicação social. Este último aspecto será desenvolvido no próximo capítulo.

5.2 AS PAISAGENS VITÍCOLAS NAS REGIÕES DAS IP'S VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO

Na escala regional, os mapas analisados no capítulo anterior evidenciaram que há três grandes conjuntos de paisagens, marcadas por aspectos fundamentais que associam, particularmente, a formação geológica com suas morfoestruturas; os resultados dos processos geomorfológicos que resultaram em determinada topografia; e a organização do espaço, identificada no uso e cobertura do solo. Ou seja, associam o que o homem introduziu e o que ainda se mantém, do que a natureza produziu.

O primeiro conjunto é formado pelas paisagens abertas dos topos de patamares, nas áreas das maiores altitudes, em geral formados por rochas da fácies Caxias, cujas declividades formam um relevo plano/suave, com orientação geral norte-nordeste: esses topos são cobertos por poucos remanescentes de floresta, com a viticultura mais presente nas regiões das IP's Pinto Bandeira (neste caso, também as demais frutíferas) e Vale dos Vinhedos. Por quase não existirem topos, sua ocorrência é menor, na região da IP Monte Belo.

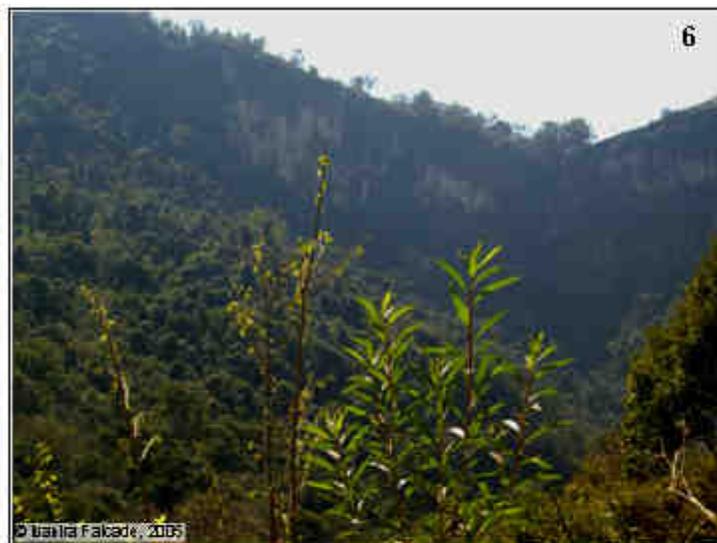
O segundo conjunto é formado pelas paisagens em áreas de encostas, em altitudes médias, com declividades que formam um relevo que varia do suave

ondulado a forte ondulado, representando mais de $\frac{3}{4}$ da área das IP's. As orientações são muito variadas, mas tendem para norte-noroeste, em Pinto Bandeira e Vale dos Vinhedos, e noroeste-oeste, em Monte Belo. As áreas de maior declividade estão cobertas pelos remanescentes da floresta e as encostas com declividades baixa e média são cultivadas com vinhedos. Na região da IP Pinto Bandeira, também se destacam as outras frutíferas e os poteiros/pastagens.

O terceiro conjunto é formado pelas paisagens com declividades acentuadas que formam um relevo que varia do montanhoso ao escarpado, inclusive com cornijas aparentes, marcando as morfoestruturas. As orientações predominantes são de noroeste-norte ou noroeste-oeste, em geral cobertas por floresta, muitas vezes pouco alterada, onde se destaca a *Araucária angustifolia*. Se for em fundo de vale, a geologia é da fácies Gramado; se for no alto, a geologia é da fácies Caxias. Na região da IP Vale dos Vinhedos, este conjunto concentra-se na porção noroeste, formando um arco para sudeste; na IP Pinto Bandeira, forma um contorno em quase todo o limite, com exceção da área a sudeste; e na IP Monte Belo, distribuem-se por toda a região em pequenas áreas. Neste conjunto, incluem-se as áreas que a legislação atual proíbe para o uso agrícola (FOTOS 6, 7, 8 e 9).

As paisagens vitícolas das regiões das IP's possuem elementos comuns, mas também apresentam algumas especificidades. A aplicação das metodologias de Donadieu e Périgord, de Berque, de Maby, associadas às metodologias de Joliet e de Carbonneau e Cargnello, permitiram a leitura das imagens, a classificação das paisagens e a criação da tipologia das paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, cujos resultados são descritos e analisados a seguir. São 13 tipos básicos de paisagens vitícolas, que são analisados e ilustrados por uma fotografia principal e um desenho, além de diversas outras fotografias complementares. O Quadro 9 apresenta a síntese dessa classificação referente aos tipos de paisagens e o Quadro 10 identifica os elementos emblemáticos e a predominância/identidade das paisagens vitícolas, decorrente da aplicação da metodologia.

FOTOS 6, 7, 8 e 9 - Paisagens fechadas nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos (6), Pinto Bandeira (7) e Monte Belo (8, 9)



QUADRO 9 – Classificação das paisagens vitícolas das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, com base em Joliet (2005) e Carbonneau & Cargnello (2003)

	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Viticultura tradicional	Viticultura moderna	Viticultura tradicional	Viticultura moderna	Viticultura tradicional	Viticultura moderna
Joliet	Tetos, Marchetaria	Terraços, Ondas, Marchetaria	Mosaico, Tetos	Ondas, Terraços	Tetos/Marchetaria	Terraços, Marchetaria, Ondas
Carbonneau e Cargnello*	(F XXI) 48 - Teto horizontal (latada) (F XX) 43 – Teto horizontal descontínuo (latada aberta)	(E XIV) 22 - Plano Vertical (espaldeira) (E XIV) 24 - Plano Duplo (E XIV) 35 - Lira (E XIV) 36 - Livro Entreaberto (Y)	(F XXI) 48 - Teto horizontal (latada) (F XX) 43 – Teto horizontal descontínuo (latada aberta)	(E XII) 22 - Plano Vertical (espaldeira) (E XIV) 36 - Livro Entreaberto (Y)	(F XXI) 48 - Teto horizontal (latada) (F XX) 43 – Teto horizontal descontínuo (latada aberta)	(E XII) 22 - Plano Vertical (espaldeira) (E XIV) 36 - Livro Entreaberto (Y)

Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

* Carbonneau e Cargnello: Ordem das plantas: cruzado; Família das plantas E: cultivado ordenado; F: cultivado quadriculado; Gênero: XXI = quadriculado coberto; XX = quadriculado semicoberto; XII = livre aberto; XIV = ordenado levantado (vertical)

QUADRO 10 – Elementos e tipologia das paisagens vitícolas das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo

	Vale dos Vinhedos		Pinto Bandeira		Monte Belo	
	Viticultura tradicional	Viticultura moderna	Viticultura tradicional	Viticultura moderna	Viticultura tradicional	Viticultura moderna
Elementos de Localização	Encosta	Encosta, planos suaves	Encosta e planos/planos suaves	Encosta, Terraços e planos/planos suaves	Encosta, planos suaves	Encosta
Elementos de Sustentação	Tutores vivos, postes (madeira, concreto e rocha) Poucos: muros ou pilares em <i>pedra</i>	Postes (madeira, concreto e rocha) Raro: tutores vivos	Postes (madeira, concreto e rocha) Raros: tutores vivos	Postes (madeira, concreto e rocha)	Tutores vivos, postes (madeira, concreto e rocha) Frequente: Muros e pilares em <i>pedra</i>	Postes (madeira, concreto e rocha) Raro: tutores vivos
Predominância /identidade: tipologia	Marchetaria de latada/tetos com plátanos	Ondas verticais e horizontais de plano vertical com postes em madeira	Mosaico de latada/tetos com postes em madeira	Ondas e terraços de plano vertical com postes em madeira	Marchetaria de latada/tetos com plátanos	Ondas horizontais de plano vertical com postes em madeira e plátanos

Elaboração: Ivanira Falcade, 2010.

5.2.1 Tipologia da Paisagem Vitícola nas Regiões das IP's

A apreensão e a análise das paisagens, *in loco* ou através das fotografias de paisagens, revelaram que a organização do espaço atual apresenta, concomitantemente, processos de diferentes épocas. Guardadas as proporções, a viticultura das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo,

assim como nas tradicionais regiões vitivinícolas mundiais, construiu marcas formando, inclusive, sítios arqueológicos.

A primeira classificação forma dois conjuntos de paisagens vitícolas. A viticultura tradicional forma seis tipos de paisagens, um subtipo com duas formas, tendo quatro elementos emblemáticos naturais e construídos. A viticultura moderna forma cinco tipos de paisagens com um elemento emblemático natural e um construído. A vitivinicultura é uma atividade tradicional na região. Ela faz parte da identidade espacial/territorial, econômica e cultural da região da Serra Gaúcha, onde estão localizadas as IP's, cujos processos foram analisados anteriormente.

Essa vitivinicultura não é homogênea. Os processos que a modificam, como afirma Milton Santos (1988), não ocorrem igualmente em todas as áreas, nem na mesma velocidade. Ela apresenta diferenças em vários aspectos, inclusive na paisagem que gera, conforme será descrito e analisado a seguir. A paisagem vitícola tradicional está relacionada às formas tradicionais da viticultura, e a paisagem vitícola moderna, às formas mais recentes e, principalmente, verticais de conduzir a videira.

5.2.1.1 Paisagens vitícolas tradicionais

A paisagem vitícola tradicional do tipo 1 (FOTO 10 e CROQUI 1) ocorre em relevo plano e os vinhedos são conduzidos na forma de latada, sustentados em *pilares ou taipas de pedra*¹⁰⁵. A paisagem vitícola tradicional do tipo 2 (FOTO 11 e CROQUI 2) ocorre em relevo de encosta suave a ondulada e os vinhedos são conduzidos na forma de latada, sustentados em *pilares em pedra* e plátanos. Os pilares ou taipas são construídos por fragmentos de rocha, geralmente riolitos e riodacitos, de tamanhos variados, comuns na superfície em solos em fase pedregosa e coletados, inclusive, para tornar o solo mais fácil de trabalhar. Esses tipos são mais frequentes na IP Monte Belo; poucas vezes IP Vale dos Vinhedos e

¹⁰⁵ A expressão é usada no sentido dado pelos viticultores das regiões.

raras vezes na IP Pinto Bandeira. Os elementos emblemáticos são os pilares ou as taipas e os plátanos.

A paisagem vitícola tradicional do tipo 3 (FOTO 12 e CROQUI 3) ocorre em relevo de encosta suave a forte ondulada e os vinhedos são conduzidos na forma de latada sustentados, quase sempre, por plátanos nas regiões das IP's Monte Belo e Vale dos Vinhedos e, poucas vezes, na região da IP Pinto Bandeira. Há variações nesta paisagem constituindo um subtipo e duas formas, em geral, relativas a aspectos construtivos, como mostram a Foto 13 e Croqui 4 e a Foto 14 e Croqui 5. Os elementos emblemáticos deste tipo de paisagem são os plátanos e, às vezes, destaca-se algum elemento construtivo, como capitéis e igrejas, além da araucária.

A paisagem vitícola tradicional do tipo 4 (FOTO 15 e CROQUI 6) ocorre em relevo plano e em encostas, e os vinhedos são conduzidos na forma de latada aberta, sustentados por plátanos ou postes em madeira ou rocha. Não é muito frequente, mas ocorre nas regiões das três IP's. Os elementos emblemáticos, quando existem, são o plátano da sustentação do vinhedo e/ou a araucária.

A paisagem vitícola tradicional do tipo 5 (FOTO 16 e CROQUI 7) ocorre em todo tipo de relevo – do plano às encostas forte onduladas – e os vinhedos são conduzidos na forma de latada, sustentados por postes de madeira e, raras vezes, com postes em rocha ou cimento. Esse tipo ocorre nas três regiões, mas é mais frequente na região da IP Pinto Banderia, e menos nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo. É comum não ocorrer nenhum elemento emblemático, mas, às vezes, são encontrados capitéis e araucárias.

A paisagem vitícola tradicional do tipo 6 (FOTO 17 e CROQUI 8) ocorre em relevo que varia do plano ao ondulado e os vinhedos, mesclados com outras culturas, geralmente frutíferas, são conduzidos na forma de latada, sustentados por postes em madeira. Esse tipo é quase exclusivamente encontrado na região da IP Pinto Bandeira e muito, muito raramente, na região da IP Monte Belo. Como elemento emblemático, pode ocorrer a araucária, mas o mais emblemático é a cor das folhas das diferentes frutíferas de clima temperado, que se revela no outono.

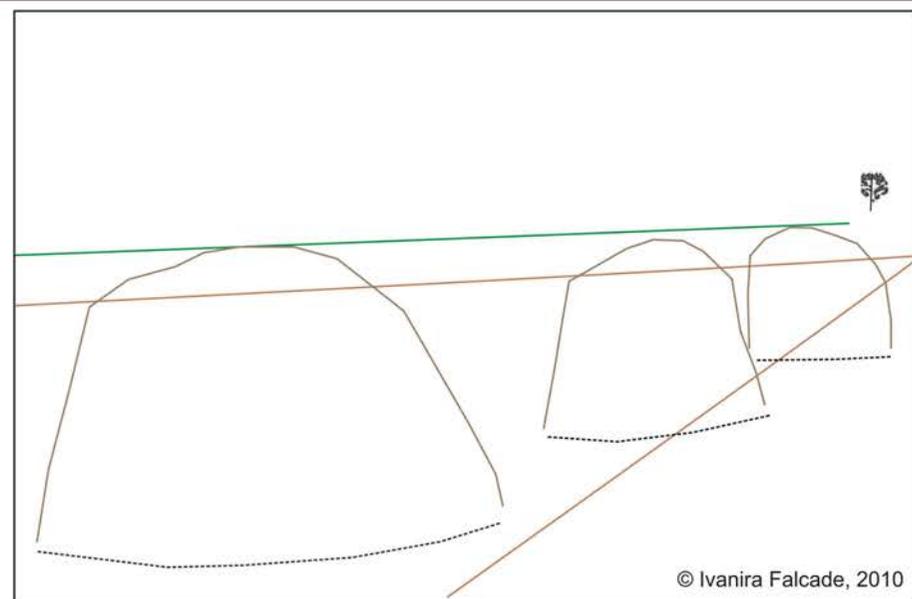


FOTO 10 - IP Monte Belo - em uma das formas mais antigas de sustentação das videiras, os fragmentos de rocha dispersos são amontoados formando pilares sobre os quais passam o cordão de sustentação da fileira de videiras amarrando, na ponta, um grande bloco para mantê-lo esticado. Na região da IP Monte Belo é onde mais se encontra essa forma de sustentação. Primavera de 2010.

Croqui 1 - Tipo 1 - Paisagem aberta em plano, com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada, sustentada por pilares em "pedra".

Classificação de Joliet: viticultura em *tetos*.

Elementos emblemáticos: taipas e araucária

Legenda

-  Vinhedo tradicional
-  Pilar para sustentação
-  Araucária

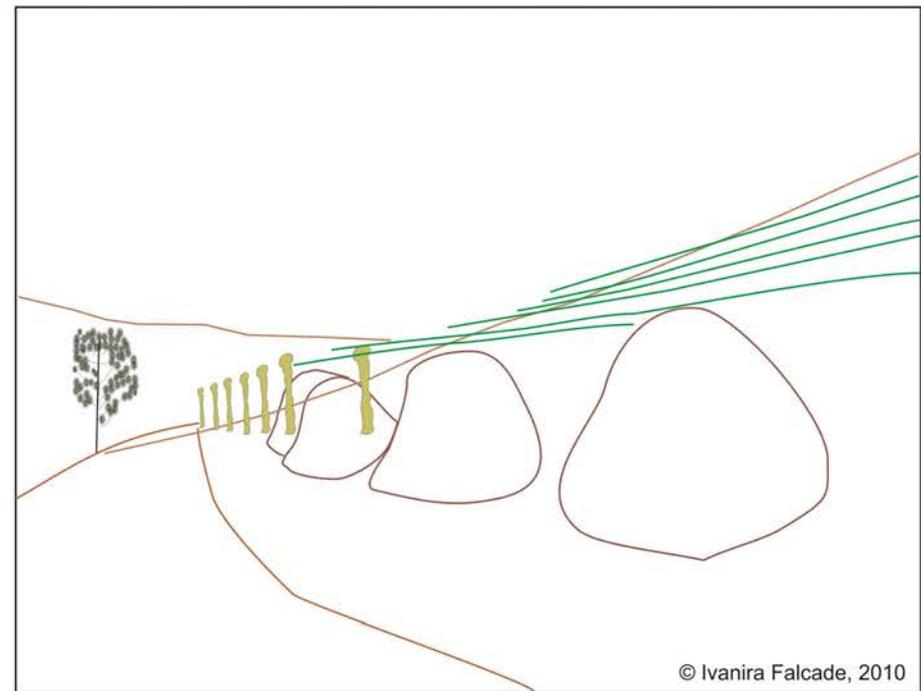


© Ivanira Falcade, 2005

FOTO 11 - IP Monte Belo - vinhedo com diferentes elementos de sustentação: os fragmentos de rocha dispersos no solo são amontoados formando pilares sobre os quais passam o cordão de sustentação da fileira de videiras amarrando, na ponta, um grande bloco para mantê-lo esticado. Na região da IP Monte Belo é onde mais se encontra essa forma de sustentação. É frequente o plantio de outras frutíferas no entorno desses vinhedos, como os figueiros se observa na foto. Primavera de 2005.

Classificação de Joliet: viticultura em *tetos*

Elementos emblemáticos: taipas, plátanos e araucária



© Ivanira Falcade, 2010

Croqui 2 - Tipo 2 - Paisagem fechada em encosta, com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada, sustentada por pilares em pedra e plátanos.

Legenda

-  Vinhedo tradicional
-  Pilar para sustentação
-  Plátano para sustentação
-  Araucária



© Ivanira Falcade, 2006



© Ivanira Falcade, 2010

FOTO 12 - IP Monte Belo - vinhedos tradicionais nas encostas onduladas em várias exposições e remanescentes da floresta ombrófila mista, classe sub-montana, nos topos divisores de águas, nas áreas de maior declividade e nos cones de dejeção. A área apresenta uso residencial disperso como nos primórdios da colonização. Final do inverno de 2006.

Croqui 3 - Tipo 3 - Paisagem aberta em encosta, com viticultura tradicional conduzida na forma de latada, sustentada por plátanos.

Classificação de Joliet: viticultura em *tetos* e *marchetaria*
Elemento emblemático - plátanos

Legenda

- | | | | |
|---|---------------------|---|-----------------|
|  | Vinhedo tradicional |  | Vinicola |
|  | Vinhedo moderno |  | Araucária |
| | |  | Uso residencial |

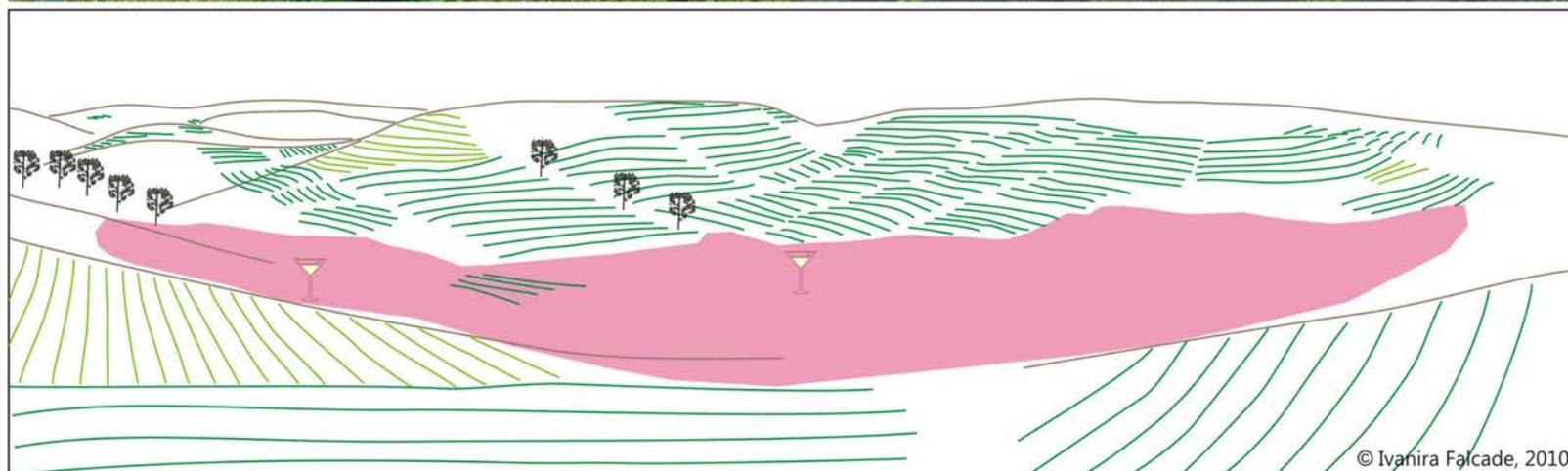


FOTO 13 - IP Monte Belo - no alto do patamar, a encosta ondulada está quase toda cultivada com vinhedos. Na pequena depressão formou-se a comunidade do 80 da Leopoldina. Começa a viticultura moderna com vinhedos conduzidos em espaladeira e sustentados por plátanos. Verão de 2007

Croqui 4 - Tipo 3 - Paisagem aberta em encosta, com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada, sustentadas por plátanos.

Classificação de Joliet: viticultura em fetos, ondas verticais

Elemento emblemático construído: marca do lote no espaço/na paisagem, comunidade

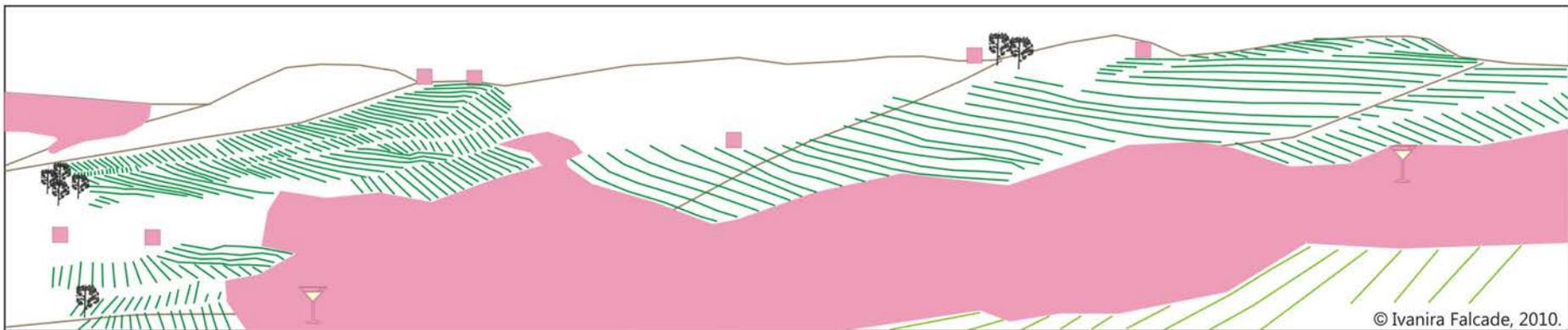
Elemento emblemático natural: araucária

Legenda

- | | |
|---|---|
|  Vinhedo tradicional |  Vinícola |
|  Vinhedo moderno |  Uso residencial |
|  Araucária | |



© Ivanira Falcade, 2006



© Ivanira Falcade, 2010.

FOTO 14 - IPVale dos Vinhedos: a encosta coberta de vinhedos e a comunidade do 6 da Leopoldina recebem a pressão imobiliária, numa transformação acelerada com diversificação das atividades econômicas. São encontrados remanescentes da floresta ombrófila mista em alguns topos divisores de águas ou em áreas de maior declividade. Em terceiro plano a franja urbana de Bento Gonçalves. Outono de 2006

Croqui 5 - Tipo 3 - Paisagem aberta em encosta, com viticultura tradicional conduzida na forma de latada, sustentadas por plátanos.

Classificação segundo Joliet: viticultura em tetos

Elemento emblemático construído: comunidade, destaque para a igreja feita com vinho

Elemento emblemático natural: araucária

Legenda

- | | | | |
|---|---------------------|---|-----------------|
|  | Vinhedo tradicional |  | Vinícola |
|  | Vinhedo moderno |  | Uso residencial |
|  | Araucária | | |

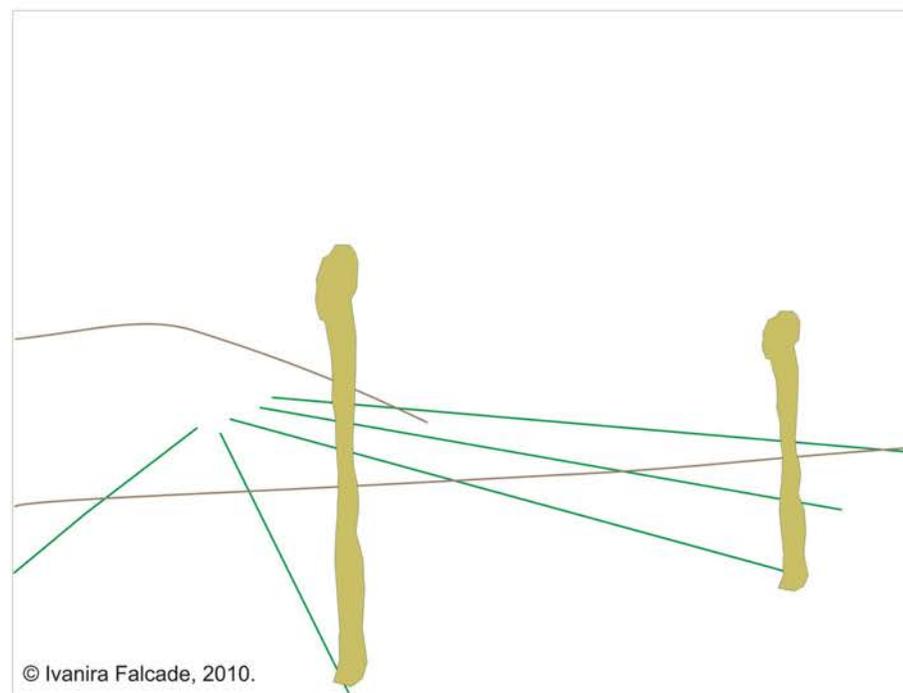


© Ivanira Falcade, 2008

FOTO 15 - IPVale dos Vinhedos - paisagem vitícola modernizada, sendo a videira podada mais curta como forma de proporcionar condições para uma produção melhor, pois isso promove melhor circulação do ar e menor possibilidade de problemas fitossanitários. Outono de 2008.

Classificação adicionada a de Joliet: viticultura em tetos (descontínuos para Carbonneau e Cargnello)

Elemento emblemático natural: plátano



© Ivanira Falcade, 2010.

Croqui 6 - Tipo 4 - Paisagem aberta em plano suave, com viticultura tradicional conduzida na forma de latada aberta sustentada por plátanos ou postes em madeira.

Legenda

-  Vinhedo tradicional
-  Plátano para sustentação



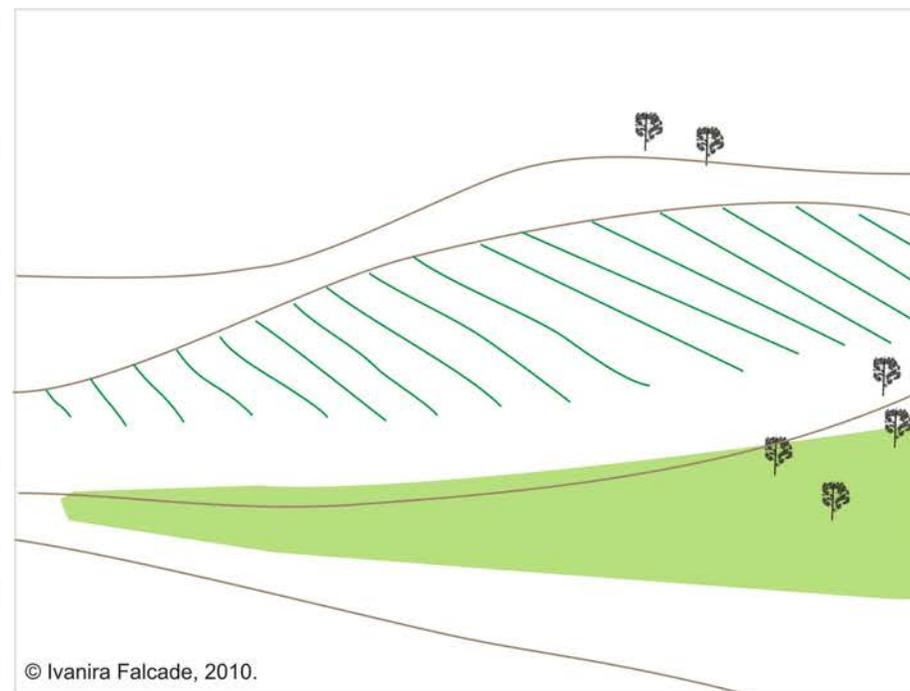
© Ivanira Falcade, 2006

FOTO 16 - IPPinto Bandeira - paisagem vitícola modernizada, sendo podada mais curta como forma de proporcionar condições para uma produção melhor, pois promove melhor circulação do ar e menor possibilidade de problemas fitossanitários. Está associada a remanescentes da floresta, com destaque para a araucária. A taipa nesse caso está como divisor de usos, para conter os animais no potreiro. Outono de 2006.

Classificação adicionada a de Joliet: viticultura em ondas horizontais

Elemento emblemático construído: taipa

Elemento emblemático natural: araucária



© Ivanira Falcade, 2010.

Croqui 7 - Tipo 5 - Paisagem aberta em encosta suave, com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada aberta, sustentada por postes em madeira.

Legenda

 Vinhedo tradicional

 Araucária

 Potreiro

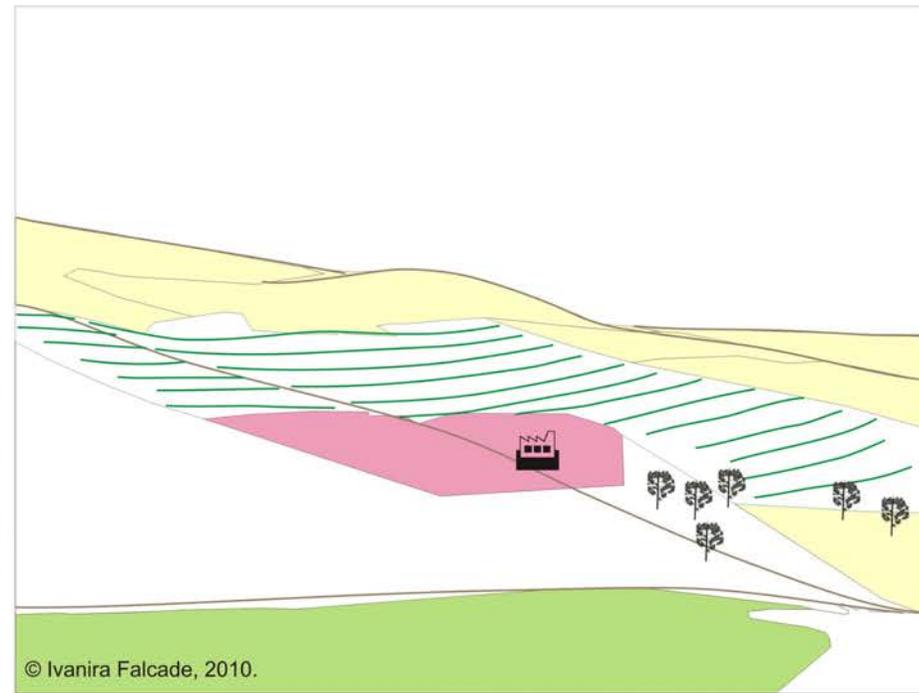


© Ivanira Falcade, 2006

FOTO 17 - IPPinto Bandeira - paisagem vitícola tradicional, mesclada com outras frutíferas, mantém a característica de policultura na região, que associa a câmara fria como forma de armazenamento para diversos tipos de frutas, como pêssegos e ameixas, entre outras. Primavera de 2006.

Classificação de Joliet: viticultura em mosaicos

Elemento emblemático natural: araucária



© Ivanira Falcade, 2010.

Croqui 8 - Tipo 6 - Paisagem aberta em encosta suave, com viticultura tradicional conduzida na forma de latada aberta, sustentada por postes em madeira, mesclada com outros usos.

Legenda

- | | | | |
|---|---------------------|---|-----------------|
|  | Vinhedo tradicional |  | Araucária |
|  | Outras frutíferas |  | Uso residencial |
|  | Potreiro |  | Câmara fria |

Analisando as paisagens vitícolas tradicionais nas regiões das IP's verifica-se que todos os vinhedos são conduzidos na forma de latada, variando o elemento de sustentação, o que confere à paisagem formas distintas, às vezes muito significativas. Genericamente, na latada, os vinhedos formam um teto sobre o solo, que só é visto quando as videiras estão sem folhas.

O uso de pilares e muros (*taipas*) na agricultura é milenar. Muitas sociedades os usaram para separar, por exemplo, as áreas de pastoreio, pois essa é uma forma segura de confinamento dos animais a determinada área. Na região das IP's, isso também ocorre; porém seu uso é mais significativo na sustentação de vinhedos na região de Monte Belo (FOTOS 18 e 19). Quando o vinhedo conduzido na forma de latada é sustentado pela taipa, no período vegetativo, não há como ver a área de produção, pois se forma uma verdadeira caixa, com consequências de toda ordem, sendo muito difícil a obtenção de uvas de qualidade, pois calor e umidade intensos propiciam o desenvolvimento de inúmeros problemas fitossanitários.

O relevo nas regiões das IP's é muito irregular, por isso, quando a superfície de vinhedos é mais extensa, formam-se verdadeiras ondas de tetos, que recobrem as encostas, ora no sentido horizontal, ora no sentido vertical, às vezes, nos dois ao mesmo tempo (FOTO 20). Em geral, nas IP's Monte Belo e Vale dos Vinhedos, esses vinhedos são sustentados por plátanos e, na IP Pinto Bandeira, por postes. Como as ondas de vinhedos são formadas pela contiguidade de diversos vinhedos, não só as bordas das ondas, mas também seu interior é marcado pelo uso do plátano, que é o elemento mais emblemático e confere a essas paisagens de vinhedos uma identidade única no mundo.

Quando o viticultor planta as videiras, ele também planta as estacas de plátanos no entorno do vinhedo. Nos primeiros anos, enquanto o plátano cresce, o vinhedo é sustentado, provisoriamente, por postes de madeira. Após atingir cerca de 4m, o plátano começa a ser podado todo ano, aproximadamente a 2,5m. Quando o plátano tiver um diâmetro de tronco suficiente para suportar o peso da fileira de videiras, o viticultor retira o poste e o cordão de aço começa a ser absorvido pelo tronco. Em condições fitossanitárias boas, um plátano pode viver por muitas décadas (FOTOS 21, 22, 23 e 24).



FOTOS 18, 19 e 20 - Paisagens da viticultura tradicional : sustentação dos vinhedos com muros (taipas), pilares em pedra e tutores vivos (plátanos)



**FOTOS 21, 22, 23 e 24 -
Paisagens da viticultura
tradicional: o uso dos plátanos
na sustentação dos vinhedos
(fotos no Vale dos Vinhedos)**

Por que sustentar dessa forma? Por que com essa árvore? Como essa sociedade construiu uma paisagem tão original? As respostas obtidas nas regiões são, em geral, as seguintes: “Ah, meu nonno fazia assim ... os antigos faziam assim..”. Não foram encontradas explicações locais na área técnica da Agronomia, da Engenharia Florestal, da Botânica, nem em documentos históricos, apenas referências ao fato de usarem os plátanos.

As respostas foram encontradas longe, tanto no tempo, como no espaço. Para explicar essa característica, foi necessário retroceder à Antiguidade mediterrânea, onde já existiam duas formas básicas de cultivo da videira: baixa, com poda, de origem grega; e livre, sem poda, de origem etrusca¹⁰⁶. Foi lá a origem inspiradora da paisagem vitícola tradicional das regiões das IP's. Não atravessou fisicamente o Oceano Atlântico, nem 2500 anos, mas veio na cultura dos imigrantes.

O povo etrusco ocupou parte do que é hoje a Itália, das regiões da Toscana/Lazio até a Planície do Pó. Eles cultivavam as videiras, sem podá-las, que cresciam para o alto sobre plátanos, choupos ou olmos (SERENI, 1964; FREGONI, 1991, 2003). A essa viticultura Plínio, o Velho, denominou de *rumpotinus* (árvore casada à videira) e de *rumpotinetum*¹⁰⁷ (plantação de árvores para suportes de videiras)¹⁰⁸. Segundo Briquel (2009), essa forma de cultivo produzia um vinho inferior e menos alcoólico do que aquele obtido com videiras podadas, mas, por outro lado, se adaptava melhor a solos úmidos.

O grupo de pesquisa sobre arqueologia da paisagem, da Universidade de Siena (projeto VINUM), encontrou exemplares de videiras “selvagens” que crescem sobre árvores, em áreas de sítios arqueológicos etruscos, nas regiões da Toscana e do Lazio. Analisando uma descrição do século XVIII, Giannace afirma “[...] parece ser a técnica de cultivo de videira casada de tradição etrusca, que previa o uso de suportes vivos (olmos, bordos, frutíferas) para apoiar as videiras que cresciam

¹⁰⁶ A cultura da videira na Grécia é descrita, por exemplo, por Homero na *Iliada* e na *Odisséia*, e na Etrúria por romanos como os latinos Virgílio nas *Georgicas*; Columella em *De Re Rustica*; e Plínio O Velho em *Naturalis Historia*.

¹⁰⁷ Conforme Briquel (2009, p.21), Plínio a denomina de *arbustum gallicum*, mas chama atenção, afirmando que é preciso ter cuidado com a tradução literal da expressão, que pode induzir a erro. Não é uma forma francesa, como os romanos atribuíram, como pode parecer, pois foram os etruscos que a introduziram na Gália Cisalpina, na época em que a dominaram.

¹⁰⁸ Plinius, *Naturalis Historia*, Livro XIV, item iii, parágrafo 12 e outros.

agarradas ao tutor (2007, p.208. Grifo da autora)”¹⁰⁹. Os etruscos cultivavam a videira, a oliveira e outras frutíferas, no entorno dos campos e ao longo dos caminhos, para que as melhores terras pudessem ser cultivadas com outros alimentos, principalmente os cereais.

Existem diversas representações que testemunham o uso de tutores vivos para sustentar as videiras, como, por exemplo, uma frísia do século Id.c., encontrada na Casa *Vettii*, em Pompéia (FIGURA 5), e a pintura *Autumn: harvest in Sorrento*, de Jacob Phillip Hackert¹¹⁰, de 1784 (FIGURA 6), onde se veem videiras que crescem sobre árvores e a colheita é feita com o uso de escadas.

A forma etrusca de conduzir a videira é denominada enforcado ou uveira, em Portugal e *alberate*, na Itália. Essa viticultura, na região da Emilia Romagna, foi ilustrada em desenhos por Aldo Bergonzoni, em 1953 (FIGURAS 7 e 8). As Fotos 25 e 26 ilustram a viticultura da região do vinho Asprínio de Aversa, Itália, e a Foto 27 a dos Vinhos Verdes, Portugal, que usam a viticultura tradicional, inclusive, na elaboração de vinhos com denominação de origem. Nesta região, há variações na forma sustentação dos vinhedos, uma delas denominada de ramada (FOTOS 28 e 29).

Como o plátano chegou ao Brasil? Às regiões? Não foram encontrados documentos que comprovassem especificamente uma origem, mas, em função da história da vitivinicultura no Brasil, já analisada anteriormente, e as afirmações precedentes, é lícito supor que possa ter sido introduzido no Brasil por três vias: através da ocupação portuguesa e através da ocupação espanhola, em ambas não necessariamente vinculado à viticultura, e a terceira, em decorrência da colonização italiana, esta ligado à viticultura.

¹⁰⁹ Tradução livre de “[...]sembra proprio essere la tecnica di coltivazione della «vite maritata» di tradizione etrusca, che prevedeva l'utilizzo di sostegni vivi (olmi, aceri, alberi da frutto) a supporto delle piante di vite che crescevano abbarbicate al tutore[...]”. Grifo da autora.

¹¹⁰ Hackert foi amigo de Goethe que foi amigo de Alexander Von Humboldt, que criou a Geografia junto com Ratzel e Ritter. Segundo Cláudia Mattos (2010) as idéias deterministas de Hackert influenciaram sobremaneira aquelas de Humboldt, identificadas especialmente em *Vistas da Natureza*, de 1807, quando expõe mais explicitamente suas idéias de paisagem.

Representações de videiras sustentadas por tutores vivos



FONTE Figura 6 : Wallraf-Richartz Museum, Cologne. Disponível em <http://www.lib-art.com/artgallery/3475-autumn-jacob-philipp-hackert.html>. Acesso em 19/01/2010.



FIGURA 5 - Frieza da casa Vettii, em Pompéia (século I d.c)



FIGURA 7 e 8 – Ilustrações de Aldo Borgonzoni (1953): videiras sustentadas por tutores vivos, denominado *alberatte* ou de tipo etrusco, podador de tutores vivos usados na viticultura da Emilia-Romagna.



FONTE Figuras 5, 7 e 8: SERENI, 1964.

FOTOS 25, 26, 27, 28 e 29 - Paisagem vitícola tradicional nas regiões dos vinhos Asprinio de Aversa (Itália) e dos Vinhos Verdes (Portugal)



Asprinio de Aversa - Alberate



Vinhos Verdes - Enforcado ou uveiras 27



FONTE: www.uilhoude.pt, Acesso em 19/01/2010.



As pesquisas botânicas mostraram que existem duas espécies de plátanos: o *Platanus orientalis* L., com ocorrência no sul da Europa, incluindo a Itália, e o *Platanus occidentalis* L., com ocorrência no norte da América do Norte. Conforme relata López González (1998), no entanto, há controvérsias se um outro plátano, denominado *Platanus acerifolia* L., é uma espécie, um híbrido ou se é uma variedade do plátano europeu¹¹¹. A Figura 9 mostra as folhas das três espécies. Comparando-as com a Foto 30, é possível, por este critério, identificar que o plátano usado para a sustentação dos vinhedos, nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, é o *Platanus acerifolia* L.¹¹².

FIGURA 9 – Identificação das folhas das espécies de plátanos



Fonte: <http://www.aranya.co.uk/planes/text/botany.html>. Acesso 12.3.2010.

FOTO 30 – IP Vale dos Vinhedos: paisagem vitícola tradicional sustentada por plátanos nas encostas da Linha Leopoldina; em primeiro plano, folhas do *Platanus acerifolia*



¹¹¹ O autor faz uma análise comparativa de obras de botânicos do século XVII ao XX, sobre as classificações destes e outros plátanos.

¹¹² Na análise de pesquisas nas áreas da Engenharia Florestal e da Agronomia, no Brasil, identificam-se trabalhos que se referem ao *Platanus acerifolia* L., tanto como variedade quanto como híbrido. A tese não entrará no mérito desta questão.

Foi possível identificar que a sustentação da viticultura tradicional nas regiões da IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo tem inspiração nitidamente etrusca. Porém, a forma de usar o plátano é diferente daquela e também das outras formas atuais de sustentação das videiras com tutores vivos, nas regiões dos Vinhos Verdes e do vinho Asprinio de Aversa. A passagem do cultivo da videira livre, sobre o plátano, para a sustentação no tronco do plátano faz parte do processo milenar de melhoria das condições de cultivo. Nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo, o plátano forma uma espécie de pesponto, bordando os vinhedos e constituindo uma paisagem vitícola original. Essa originalidade, no mundo vitivinícola, se acentua ainda mais, quando ocorre a presença da araucária, o pinheiro brasileiro.

Como afirmado anteriormente, na região da IP Pinto Bandeira, o uso do plátano ocorre com menos frequência e, junto com a viticultura, ocorrem outros cultivos, que são significativos na composição da paisagem da região. Assim, a identidade da paisagem vitícola tradicional da região da IPPB está justamente nesse mosaico, como mostram as Fotos 31, 32, 33, 34 e 35.

Na borda dos vinhedos da viticultura tradicional, principalmente das regiões das IP's Vale dos Vinhedos e Monte Belo, além das taipas e plátanos de sustentação, encontram-se figueiros e pessegueiros, entre outras frutíferas (FOTO 36). No interior ou na borda do vinhedo, os cultivos mais antigos possuem os tanques para preparação dos tratamentos fitossanitários (FOTO 37), além de pequenas cabanas para guardar os instrumentos de trabalho e servir como abrigo, em caso de chuva e granizo. Nos cultivos em áreas mais íngremes, é comum encontrar pequenos terraços, formados por cordões de pedras que foram criados, tanto para limpar o terreno, quanto para conter a erosão (FOTO 38). Nos primeiros anos de implantação do vinhedo, foi muito comum, hoje menos, o uso dos espaços entre as fileiras das vinhas, para cultivos diversos, como feijão, batata, milho, abóbora, etc.

Nas proximidades dos vinhedos dessas paisagens vitícolas tradicionais, é comum se vislumbrar a ocorrência de pequenos capões ou áreas mais extensas de mata, principalmente, em relevo mais íngreme.



FOTOS 31, 32, 33, 34 e 35 -
Paisagens vitícolas em
mosaico com frutíferas e
câmara fria na região da
IPPinto Bandeira





**FOTOS 36, 37 e 38 -
Paisagens vitícolas tradicionais com elementos construtivos
e frutíferas no entorno dos vinhedos (região de Monte Belo)**



5.2.1.2 Paisagens vitícolas modernas

A paisagem vitícola moderna do tipo 1 (FOTO 39 e CROQUI 9) ocorre em relevo de encosta suave e os vinhedos são conduzidos na forma de espaldeira, sustentados por postes de madeira ou cimento, formando ondas (verticais) nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IPinto Bandeira e IP Monte Belo. O elemento emblemático neste tipo de paisagem é a araucária, quando esta ocorrer.

A paisagem vitícola moderna do tipo 2 (FOTO 40 e CROQUI 10) ocorre em relevo plano e os vinhedos são conduzidos na forma de “Y” (livro aberto), sustentados por postes de cimento nas regiões da IP Vale dos Vinhedos e IP Pinto Bandeira, sendo ainda raros na IP Monte Belo. O elemento emblemático nessa paisagem é a araucária.

A paisagem vitícola moderna do tipo 3 (FOTO 41 e CROQUI 11) ocorre em relevo de encosta ondulada e os vinhedos são instalados em terraços construídos, conduzidos na forma de espaldeira, sustentados por postes de madeira ou cimento, formando ondas horizontais, na IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo. Geralmente, não ocorrem elementos emblemáticos.

A paisagem vitícola moderna do tipo 4 (FOTO 42 e CROQUI 12) ocorre em relevo de encosta suave e os vinhedos são conduzidos na forma de espaldeira, sustentados por postes de madeira ou cimento, formando *ondas horizontais* e *verticais*¹¹³, mesclados com viticultura tradicional na forma de latada, sustentada por plátanos nas regiões da IP Vale dos Vinhedos e IP Monte Belo. Nessa paisagem, frequentemente, se pode identificar a forma retangular do lote sendo, portanto, um possível elemento emblemático, além da araucária, quando esta ocorrer.

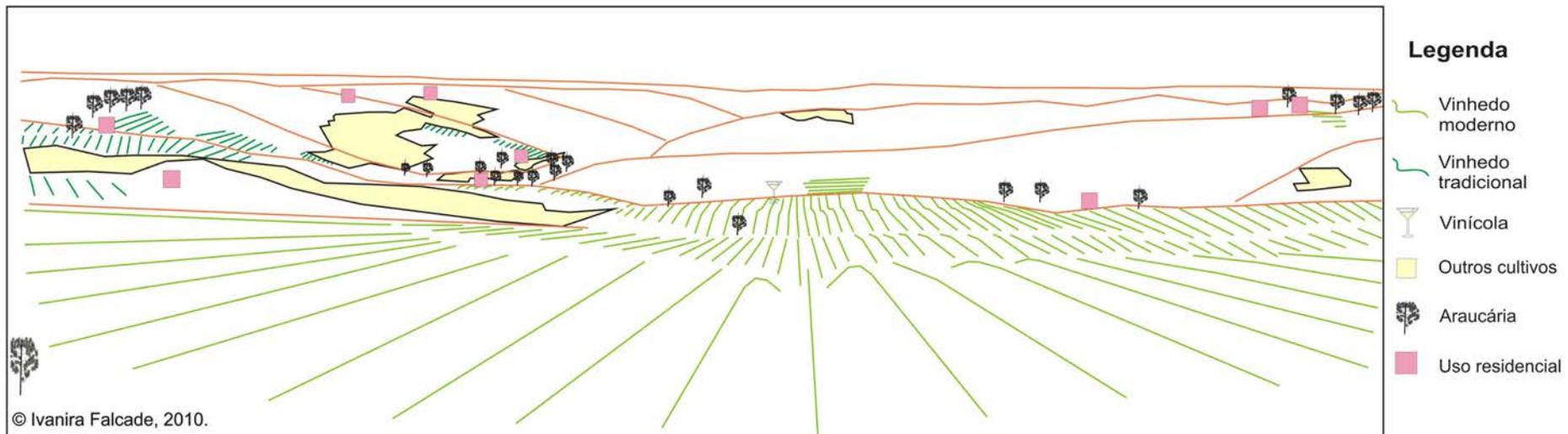
A paisagem vitícola moderna do tipo 5 (FOTO 43 e CROQUI 13) ocorre em relevo plano-suave e encosta suave e os vinhedos são conduzidos na forma de espaldeira, mesclados com viticultura tradicional conduzida na forma de latada, ambos sustentados por plátanos, formando ondas (verticais) na região da IP Monte Belo. O elemento emblemático nesta paisagem é o plátano sustentando as videiras.

¹¹³ Grifo da tese.



© Ivanira Falcade, 2009

FOTO 39 - IPPinto Bandeira: paisagem vitícola em topo de patamar, com encostas onduladas, cobertas pela videira conduzem o olhar à linha do horizonte. Em segundo plano a mescla com outras frutíferas permanece, mesmo com a modernização da viticultura, inclusive a ocupação dispersa. Primavera de 2009



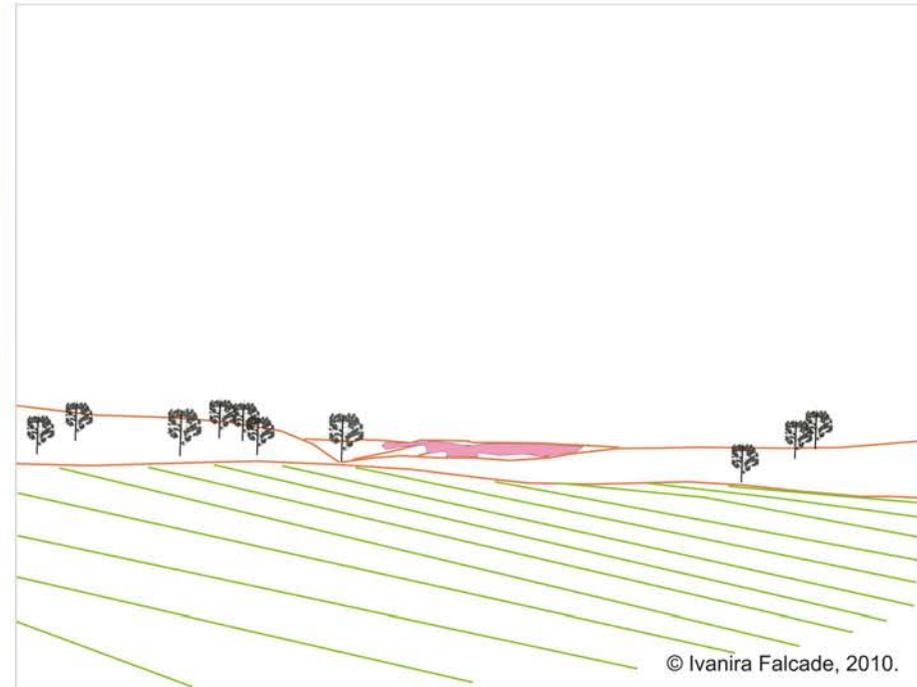
Croqui 9 Tipo 1 - Paisagem aberta em encosta suave, com viticultura moderna, conduzida em espaldeira sustentada por postes em madeira.
Classificação de Joliet : viticultura em ondas e, em segundo plano, mosaicos
Elemento emblemático natural: araucária



FOTO 40 - IPinto Bandeira - paisagem vitícola moderna típica dos topos dos patamares da região e os remanescentes da Floresta Ombrófila Mista. Em terceiro plano a franja urbana da cidade de Bento Gonçalves. Primavera de 2008.

Classificação de Joliet: (guardadas as proporções) “mar de vinhas”

Elemento emblemático natural : araucária



Croqui 10 - Tipo 2 - Paisagem aberta em plano, com viticultura moderna, conduzida em Y (livro aberto), sustentada por postes de madeira e concreto

Legenda

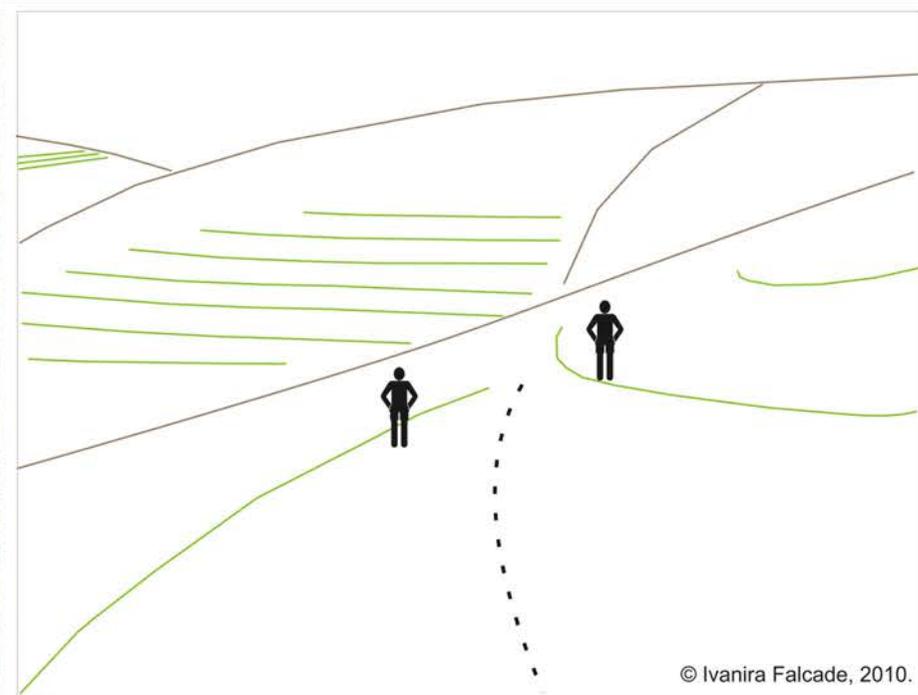
	Vinhedo moderno		Araucária
	Vinicola		Uso residencial



FOTO 41- IPPinto Bandeira - vinhedo moderno, em área de elevada declividade (30 a 45%), com exposição norte, exigiu a construção de terraços. É uma paisagem característica de viticultura de montanha. Primavera de 2005.

Classificação de Joliet: terraços de videiras

Elemento emblemático construído: terraços



Croqui 10 - Tipo 3 - Paisagem em encosta ondulada, com viticultura moderna, conduzida na forma de espaldeira sobre terraços.

Legenda

- | | |
|---|---|
|  Vinhedo moderno |  Araucária |
|  Terraços |  Trabalhador |



FOTO 42 - IPVale dos Vinhedos - viticultura moderna, um espaço em transformação, quer seja na viticultura, quer seja na inserção de novas atividades, como o turismo/hotelaria, que a própria modernização da vitivinicultura promoveu. Verão de 2009.



Croqui 11 - Tipo 4 - Paisagem aberta em encosta, com viticultura moderna, conduzida em espaldeira, sustentada por postes em madeira, e mesclada com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada, sustentada por plátanos.

Classificação segundo Joliet - *ondas horizontais (terraços) e ondas verticais, tetos*

Elemento emblemático construído: desenho do lote

Elemento emblemático natural : araucária

Elemento emblemático negativo: antena e construção, rompendo a linha do horizonte

Legenda

	Vinhedo tradicional		Vinícola
	Vinhedo moderno		Araucária

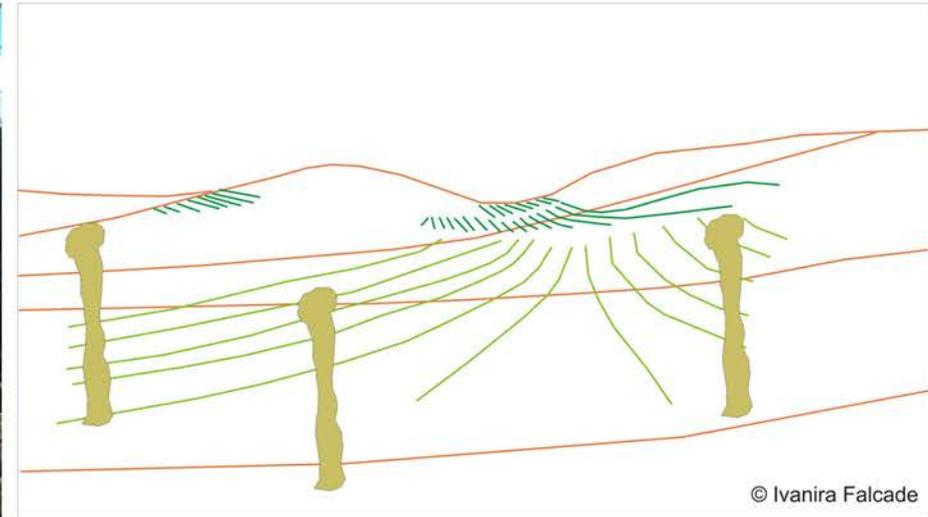


© Ivanira Falcade

FOTO 43 -IP Monte Belo - esta paisagem com viticultura moderna, conduzida em espaldeira, manteve a tradicional forma de sustentação com tutore vivos. E também a taipa que sustenta o vinhedo ao lado. São raros esses vinhedos que uniram características da viticultura etrusca com características da viticultura grega. Primavera de 2010

Classificação segundo Joliet: ondas horizontais

Elemento emblemático: plátanos e taipas



© Ivanira Falcade

Croqui 13 - Tipo 5 - Paisagem aberta em plano suave, com viticultura moderna, conduzida em espaldeira mesclada com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada, ambas sustentada por plátanos.

Legenda

-  Vinhedo moderno
-  Vinhedo tradicional
-  Plátano para sustntação

Ao analisar as paisagens da viticultura moderna para vinhos finos é necessário lembrar que a referência é sobre uma parte de uma parte, isto é, é sobre as transformações na viticultura de variedades *Vitis vinifera*, que continua em processo de expansão. A viticultura moderna, que busca (ou) a IP, forma uma paisagem vitícola tecnificada, que usa mais do que equipamentos modernos, como os pequenos tratores. Usa a tecnologia da informação a seu favor, definindo os melhores ambientes e escolhendo as variedades e as práticas culturais para produzirem o melhor vinho possível (FOTOS 44 e 45). Esse tipo de cultura gera empregos que exigem mão-de-obra qualificada ou, pelo menos, a qualificação da mão-de-obra tradicional (FOTOS 46 e 47).

As regras definidas nos regulamentos de uso das IP's normatizam as formas possíveis de condução da videira, definindo um volume máximo de produção por hectare. Isso só é possível controlando a parte vegetativa da planta que influenciará na textura da paisagem (FOTO 48). Como os regulamentos exigem que o vinho seja elaborado na região delimitada para a IP, isso estimulou a instalação de novas vinícolas no meio rural, o que também influi na composição da paisagem (FOTOS 48 e 49). A infraestrutura e os processos enológicos não são objetos desta tese, mas são importantes nas características finais dos vinhos elaborados nas regiões das IP's, que são avaliados pelos comitês de degustação (FOTOS 50, 51, 52, 53 e 54).

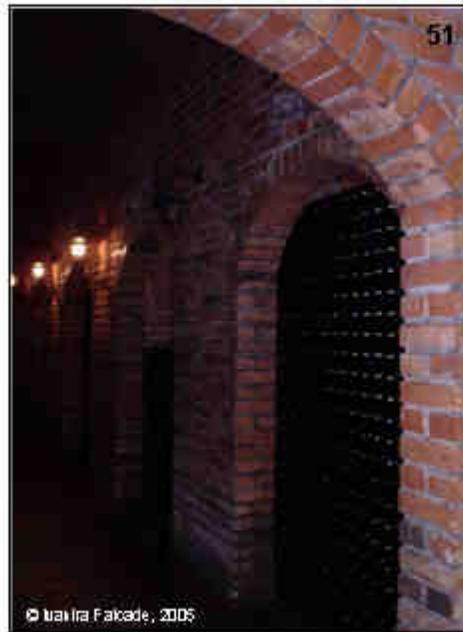
O uso de formas verticais na condução dos vinhedos como a espaldeira, ou em "Y", lira, etc, mudou significativamente o ritmo da paisagem vitícola, criando os ritmos em ondas. Quando Joliet (2005) se refere a ondas, o faz em referência ao ritmo vertical, no sentido da encosta, porém, nas regiões da IP Vale dos Vinhedos e IP Pinto Bandeira, as videiras conduzidas verticalmente e plantadas na linha das curvas de nível, com ou sem a construção de terraços, formam ondas horizontais; por isso, se propõe a distinção, quando o tipo de condução e implementação do vinhedo formar ondas horizontais ou ondas verticais (FOTO 39, 41 e 48).



FOTOS 44, 45, 46, 47, 48 e 49 - Paisagens da viticultura moderna: ciência, tecnologia e mão-de-obra qualificada

- 44 – Posto meteorológico da Embrapa Uva e Vinho, Pinto Bandeira
- 45 – Tratamento fitossanitário somente com ar quente, Pinto Bandeira
- 46 – Colheita manual em caixas de plástico, Vale dos Vinhedos
- 47 – Transporte da colheita em caixas e em caminhões, Monte Belo
- 48 e 49 – Vinícolas modernas na paisagem vitícola, Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira





**FOTOS 50, 51, 52, 53 e 54 -
Paisagens da viticultura
moderna: tecnologia e
modernidade com tradição**

50, 51, 52 e 53 – Pequenas vinícolas
em Pinto Bandeira

54 – Avaliação sensorial de vinhos da
IPPB

A paisagem vitícola moderna eliminou outras culturas do interior e do entorno do vinhedo, tendo sido mantidos exemplares de araucárias no interior ou mesmo na margem, mais por força da lei. Desse modo, nessa paisagem, a tendência é ter poucos elementos emblemáticos. Embora, mais pela estética do que por seu efetivo uso como bioindicador, tem ocorrido o plantio de roseiras, no entorno de alguns vinhedos, nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira.

A viticultura das regiões das IP's não forma as grandes extensões que Joliet (2005) denominou de mares de videiras, independente se nas formas antigas ou se nas formas modernas; ao contrário, são vinhedos pequenos que, unidos, até podem formar áreas um pouco mais extensas, principalmente quando ocupam encostas. Desde a colonização, isso está diretamente relacionado aos processos de organização do espaço em pequenas propriedades familiares policultoras e às condições naturais de relevo intensamente irregulares.

No entanto, na moderna viticultura caracterizada pela monocultura, como já se identifica na região da IP Vale dos Vinhedos, a tendência é a formação de paisagens relativamente homogêneas, especializadas, a exemplo do que já ocorreu em antigas regiões vitivinícolas do mundo como, por exemplo, a da Borgonha (FOTOS 55, 56, 57 e 58). Do ponto de vista da ocupação do solo, as imagens revelam um espaço geográfico organizado pela viticultura em séculos de processo: do alto da encosta à planície, um mar de videiras; aqui e ali, muros que limitavam a área ou formaram terraços para a cultura; o topo da encosta ocupado pela floresta.

A Foto 57 pode, inclusive, ser enganosa, se for retirada do contexto: o uso do cavalo puxando um pequeno arado conduzido pelo trabalhador não é sinônimo de atraso agrícola, mas de preocupação com a compactação do solo, com a questão ecológica. Segundo o trabalhador, só um vinho com grande valor agregado pode pagar o custo não de tecnologia mais moderna, mas da tecnologia mais adequada a esses tempos e às condições do meio. Por outro lado, nenhum elemento visível da paisagem da Foto 58 indica que em uma pequena parcela desta imagem seja produzido um dos vinhos mais caros do mundo (*La Romanée Conti*).

FOTOS 55, 56, 57 e 58 - Paisagens vitícolas da região da Côte d'Or, Borgonha, França



- 55 – Côte d'Or, o nome diz muito! (Côte des Nuits)
- 56 – O inverno revela o uso das taipas em pedra (Côte de Beaune)
- 57 – Vinhedo na área da AOC Montrachet
- 58 – Vinhedo « La Romanée Conti » e outros do entorno



Transformações na paisagem das regiões das IP's, mesmo num curto espaço de tempo, podem ser identificadas nas Fotos 59, 60, 61 e 62, da região da IP Vale dos Vinhedos. A maior vinícola do Vale dos Vinhedos, de origem familiar, com menos de 20ha de viticultura tradicional sustentada por plátanos nos anos 1990, hoje é um grande grupo, associada a capitais de outros setores e estrangeiros, inclusive com expansão para outras regiões do Brasil. Reverteu seus vinhedos para espaladeira, plantou aproximadamente 80ha e participou na construção de um hotel, só no Vale dos Vinhedos (FOTOS 42/62). Mas o hotel e a antena de celular rompem a linha do horizonte e se constituem elementos desvalorizadores da paisagem.

As transformações na organização do espaço vitivinícola, principalmente, nas regiões da IP Vale dos Vinhedos e IP Monte Belo, promoveram o surgimento de um elemento que a análise da paisagem identificou. Nas últimas décadas, muitas áreas de vinhedos tradicionais foram eliminadas e o solo não foi mais usado. Os plátanos que sustentavam os vinhedos não foram mais podados e os galhos cresceram livremente (FOTOS 63 e 64). Esses plátanos e a área que circunscrevem formam sítios arqueológicos, que testemunham o trabalho materializado no espaço. O mapeamento desses plátanos permitiu identificar centenas de áreas nas duas IP's. A implementação da viticultura moderna tem modificado a forma de condução e de sustentação dos vinhedos. As Fotos 65, 66 e 67 testemunham as mudanças na paisagem vitícola, com a substituição da viticultura tradicional pela moderna, com a eliminação dos plátanos e o uso de postes de madeira.

Como salientaram Donadieu e Périgord (2005), a paisagem deve ser analisada em diferentes escalas geográficas. As Fotos 68, 69, 70 e 71 revelam o quanto a diferença de escala pode influir na percepção da paisagem e dos elementos paisagísticos. Analisando-se os vinhedos das Fotos 68 e 70, observa-se que, não fossem os plátanos da primeira, os vinhedos não seriam muito diferentes daqueles da segunda foto. No entanto, analisando-se as Fotos 69 e 71, na escala do vinhedo, percebem-se que a 69 mostra um vinhedo tradicional, conduzido na forma de latada aberta e sustentado por plátanos; e a 71 mostra um vinhedo moderno, conduzido em espaladeira e sustentado por postes em pedra; em ambos, devido à elevada declividade, foram construídos terraços. A análise da paisagem da foto 70 revela, ainda, dois paleoclimas distintos: as palmeiras do período geológico mais quente e seco e a araucária do período mais frio, da última glaciação.

59 - Janeiro 1998



60 - Janeiro 2005



61 - Maio 2010



FOTOS 59, 60, 61 e 62 - Paisagem vitícola em transformação:
a evolução da vitivinicultura no espaço e nas paisagens
(Vale dos Vinhedos)

62 - Agosto 2010



FOTOS 63, 64, 65, 66 e 67 - Paisagens vitícola tradicional que se transforma em moderna e os sítios arqueológicos



63 – Monte Belo

63 – Vale dos Vinhedos

64, 65 e 66 - Vale dos Vinhedos, a mesma área em 2008, 2009 e 2010



Plátanos do perímetro de antigos vinhedos



FOTOS 68, 69, 70 e 71 - A percepção de paisagens vitícolas e a relação com a escala do espaço observado



A análise das paisagens das regiões das três IP's revela seu patrimônio natural e cultural. Além da araucária, elemento natural mais emblemático, que confere à viticultura das regiões uma identidade mundial, há elementos da biodiversidade regional, que estão presentes, tanto na viticultura tradicional quanto na moderna. Algumas espécies da fauna são muito presentes na época da colheita, como a borboleta azul (*Morpho catenarius*), a cigarra e o lagarto (FOTOS 72, 73 e 74). Entre os elementos do patrimônio construído as casas se evidenciam na paisagem, algumas do primeiro período da colonização, sendo mais preservadas na região da IP Monte Belo (FOTOS 75, 76 e 77).

Não se conhece o mapa original da colonização. O que se encontra disponível, na maioria das prefeituras da região, são croquis dos lotes, nos quais foram inseridos elementos representativos atuais. O olhar e a análise detalhada da paisagem em muitas áreas das IP's permitiram identificar os lotes “desenhados” pela ação dos imigrantes italianos e seus descendentes. Os equipamentos e as técnicas do geoprocessamento possibilitaram elaborar um mapa experimental de uma área do Vale do Vinhedos¹¹⁴: primeiro, a digitalização do desenho; depois, a coleta de pontos para georreferenciamento em lotes do antigo município de Bento Gonçalves; e, por fim, a transposição sobre a cobertura aerofotogramétrica atual e a correção dos perímetros dos lotes, conforme pudessem ser identificados na tela (MAPA 37).

A análise demonstrou que as possibilidades de elaborar um mapa dessa maneira é limitada a algumas áreas. Embora não tenha sido possível o desenho em tela, para todos os lotes das regiões das IP's, a forma de parcelamento da terra no processo de colonização também teve influência nas características da paisagem, como se pode ver no exemplo. Este é outro dos elementos paisagísticos que é parte da identidade do espaço rural dessas regiões. O número do lote transformou-se inclusive em topônimo como, por exemplo, 6 da Leopoldina, 8 da Graciema ou 28 de Pinto Bandeira. As comunidades que cresceram a partir desse determinado lote e no seu entorno, hoje, são denominadas por este topônimo, que é misto do número do lote com o nome da linha.

¹¹⁴ Este mapa é uma obra coletiva: digitalização dos lotes Siclério Ahlert; campo bolsistas Jaqueline R. Schindwein, Maurício Tusset e Cláudia Ana Reczko, mapa final Rafael Torri, coordenação Ivanira Falcade e Rosemary Hoff. Agradeço a colaboração de todos para que a ideia se viabilizasse. Ao colega Siclério Alhert e à bolsista Patrícia A. Bortoncello, pelos exercícios em SIG, para analisar as possibilidades em outras áreas, e ao Jorge Tonietto, nas reflexões conjuntas sobre as potencialidades e limites do seu uso.

FOTOS 72, 73, 74, 75 e 76 - Paisagem vitícola e outros elementos do patrimônio natural e construído



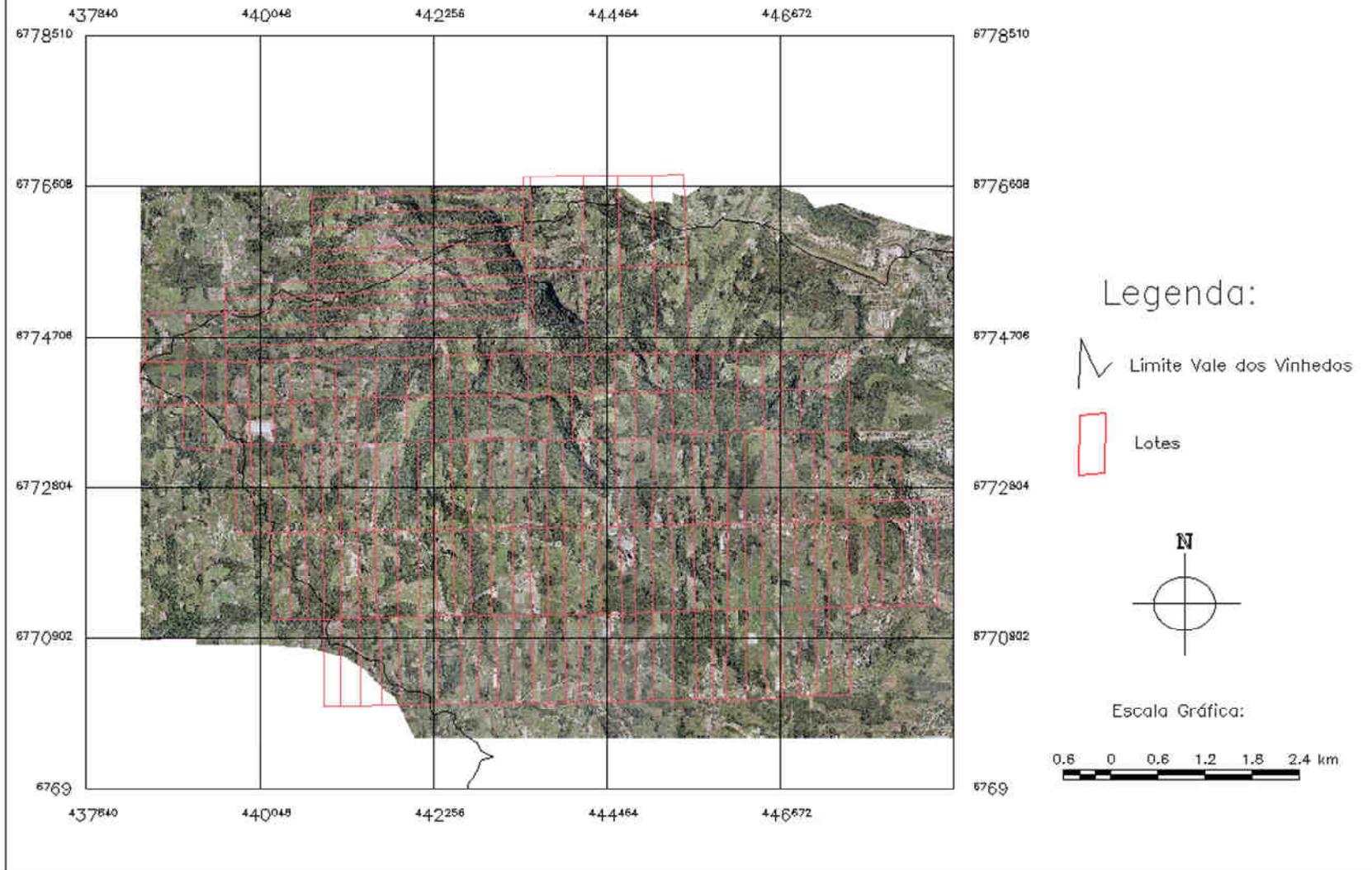
Fotos 75 e 76 - Casas construídas no primeiro período da vitivinicultura:



Fotos 72, 73 e 74 - Fauna presente, particularmente, no período do verão (borboleta azul, cigarra e lagarto)



MAPA 37 - Vale dos Vinhedos: distribuição dos lotes coloniais



A importância da vitivinicultura na identidade das regiões pode ser percebida em diferentes formas de representação simbólica existentes nas regiões como, por exemplo, na denominação de lugares, na pintura, em vitrais, em monumentos, entre outras.

A denominação do distrito de Vale dos Vinhedos revela a importância socioeconômica da cultura para a população local e para o município de Bento Gonçalves, assim como a denominação de Via dos Parreirais para uma das principais estradas municipais no Vale dos Vinhedos (FOTO 78). Quando o pórtico de acesso à cidade Bento Gonçalves, foi construído na forma de pipa, segundo relato no jornal da época, era para marcar, efetivamente, a entrada no mundo do vinho, frase que ainda se lê quando se chega, no pórtico que era em madeira e que agora é em cimento armado (FOTO 79).

Na região das IP's, a representação simbólica da vitivinicultura na forma de pintura em locais públicos existe em dois contextos: representando a colonização ou associada à religião. Embora seja externa às regiões das IP's, talvez a pintura mais significativa da colonização italiana, a qual está associada a vitivinicultura, seja o mural "*Do Itálico Berço à Nova Pátria Brasileira*" realizado por Aldo Locatelli, em 1954, na prefeitura municipal de Caxias do Sul. A reprodução de uma parte dessa pintura esteve instalada por alguns anos na parede de uma construção próxima à pipa pórtico (FOTO 80). Na área da IPPB, uma vinícola construiu uma pequena capela em cujas paredes internas foi representada a história das famílias de imigrantes da qual faz parte a vitivinicultura (FOTO 81).

Quanto à associação da vitivinicultura com a religião é difícil separar uma representação da outra, na medida em que entre os elementos simbólicos da religião católica estão justamente a videira e o vinho, sempre presentes nos vitrais das principais igrejas católicas das regiões das IP's. Na construção dessas igrejas, comunidades, empresas ou pessoas com mais recursos financeiros, participavam com horas de trabalho, doando material ou dinheiro, entre outras formas, muitos dos quais foram identificadas nos vitrais. Dessa identificação os mais significativos foram encontrados na igreja matriz da cidade de Monte Belo do Sul, onde há dois vitrais pagos pela Cooperativa Vinícola Garibaldi e pelos seus funcionários, além das portas que foram pagas pela Vinícola Dreher (FOTOS 82 e 83).

Tão significativo quanto essas representações simbólicas é a própria construção física da Capela N. Sra. das Neves com vinho¹¹⁵ (FOTO 84), transformada em ponto turístico da região da IP Vale dos Vinhedos nos últimos anos.

Mas qual o significado simbólico destas paisagens vitícolas para as IP's? Este será o tema abordado no próximo capítulo, quando se analisará, para cada uma das IP's, o uso da representação paisagística pelas associações.

¹¹⁵ Há controvérsias se a igreja foi construída com vinho, porém, de fato, na época da construção houve uma longa estiagem, que pode ter levado ao uso de vinho na elaboração da massa.

78 – Monumento na entrada da cidade de Bento Gonçalves: uma grande pipa



© Ivaíra Falcade, 2005

FOTOS 78, 79, 80, 81, 82, 83 e 84 - A vitivinicultura em representações simbólicas nas regiões das IP's

79 – Reprodução de uma pintura de Aldo Locatelli, com cenas da colonização e da viticultura, afixada na lateral de um muro ao lado do monumento (hoje não existe mais)



© Ivaíra Falcade, 2009

77 – Designação de Via dos Parreirais a uma estrada, Vale dos Vinhedos



© Ivaíra Falcade, 2008

83 - Capela Nossa Senhora das Neves, Vale dos Vinhedos



© Ivaíra Falcade, 2009



81 e 82 – Vitrais da Igreja São Francisco de Paula, Monte Belo do Sul



© Ivaíra Falcade, 2010

80 – Pintura na Capela da Vinícola Fornasier, Pinto Bandeira

6 AS PAISAGENS VITÍCOLAS COMO SÍMBOLO DAS REGIÕES E DOS VINHOS DAS INDICAÇÕES DE PROCEDÊNCIA VALE DOS VINHEDOS, PINTO BANDEIRA E MONTE BELO

6.1 AS PAISAGENS VITÍCOLAS E A CONSTRUÇÃO DE UM SÍMBOLO

Após a identificação das paisagens vitícolas das regiões das IP's, este capítulo tem como estrutura a resposta a seguinte pergunta: as imagens de paisagens, usadas pelas associações, representam a identidade da paisagem vitícola das regiões das IP's e, portanto, contribuem na construção da representação espacial identitária do vinho das IP's?

O INPI concedeu a titularidade do registro da IP Vale dos Vinhedos para a APROVALE e da IP Pinto Bandeira para a ASPROVINHO. Embora o registro da IP Monte Belo ainda não tenha sido solicitado considera-se a possibilidade de concessão para a APROBELO.

Por isso, para responder à questão, conforme explicitado na metodologia, a análise será baseada nas paisagens dos folhetos que as três associações têm utilizado, para divulgar as regiões e o vinho. As Figuras 10 a 14 são dos folhetos da APROVALE; as Figuras 15 a 19 são dos folhetos da ASPROVINHO e as Figuras 20 a 22 são do folheto da APROBELO.

Desde sua fundação, em 1995, a APROVALE criou dois folhetos, na capa dos quais foram usadas as imagens das Figuras 10 e 11, respectivamente. Na parte interna de ambos aparece um croqui (denominado de mapa), para localizar as vinícolas, que também é usado no site da associação. O primeiro folheto foi usado até 2004, quando foi substituído pelo segundo, usado até hoje.

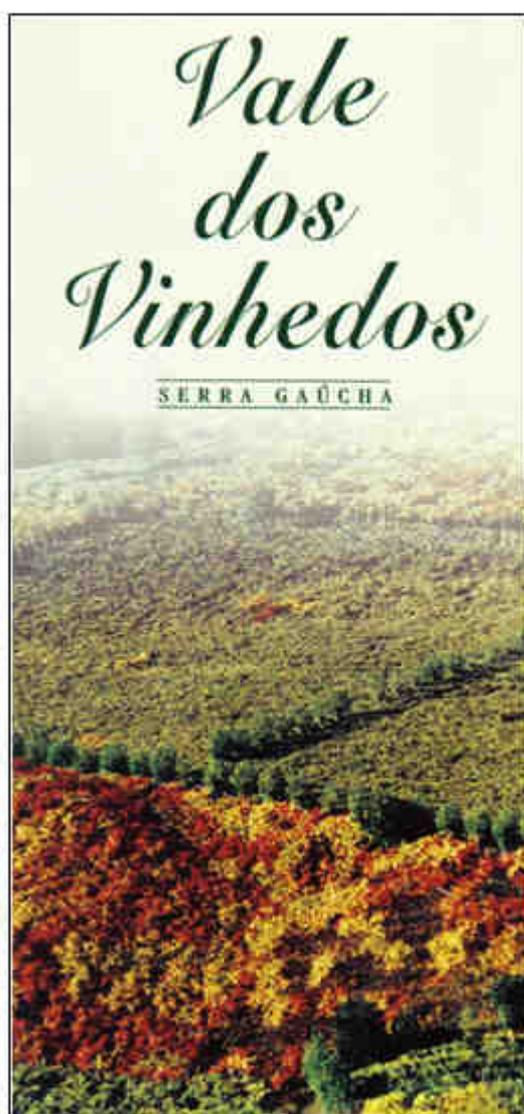


FIGURA 10 – Frente do primeiro folheto da APROVALE



FIGURA 12 – Logomarca da APROVALE



FIGURA 13 – Selo da IPVV

Indicação de Procedência
Vale dos Vinhedos

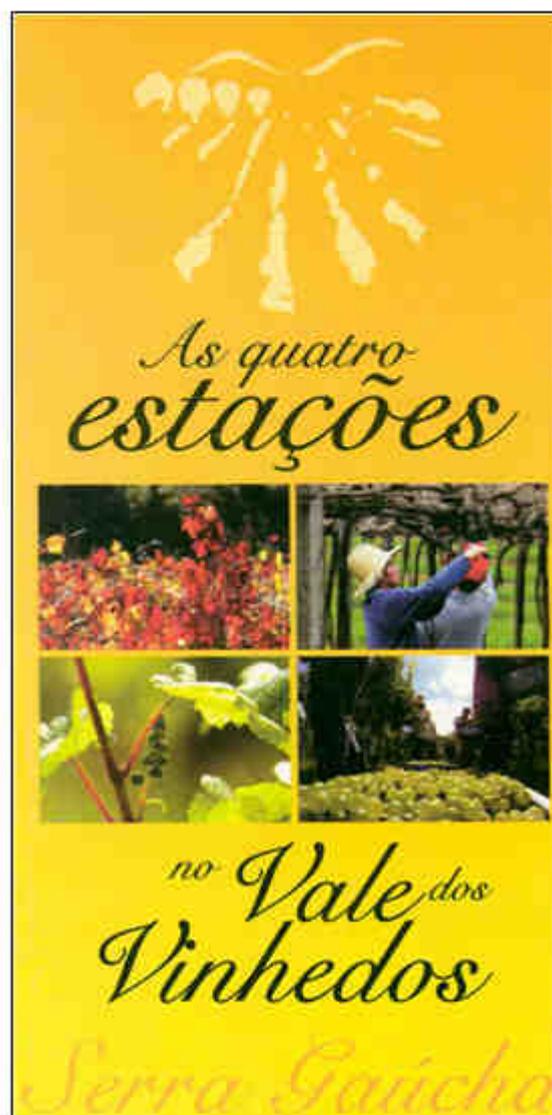


FIGURA 11 – Frente do segundo folheto da APROVALE



FIGURA 14 – Foto disponível na página web da APROVALE

No primeiro folheto, a imagem da capa é de uma paisagem vitícola tradicional e os vinhedos são sustentados por plátanos. A linguagem textual mostra o vínculo com a região da Serra Gaúcha, já conhecida nacionalmente como produtora de vinhos. O segundo mantém a estrutura do primeiro e na capa apresenta quatro imagens de paisagens vitícolas, todas em grande escala, inclusive da planta. O segundo folheto vincula a IPVV com a Serra Gaúcha, mas inova ao inserir o desenho da logomarca da associação, que é uma representação de paisagem vitícola, e criar um símbolo linguístico associado as quatro paisagens.

A paisagem vitícola do primeiro folheto pode ser classificada como a do tipo 3: paisagem aberta em encosta com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada, sustentada por plátanos, cujo elemento emblemático é o plátano. A paisagem do primeiro folheto, portanto, é uma paisagem que tem plena vinculação com a viticultura praticada na região da IP Vale dos Vinhedos. É uma paisagem do tipo que foi usada por décadas nas imagens da viticultura da Serra Gaúcha e é de uma paisagem de vinhedos indicada para a produção de uvas para vinhos da IP, conforme Regulamento de Uso. Embora o regulamento autorize essa forma de condução, estabelece o limite máximo de produção/hectare e padrões mínimos de qualidade da uva, e autoriza outras formas de condução que possam produzir uva e vinho de qualidade, o que estimulou a mudança dessa forma tradicional de condução dos vinhedos.

No primeiro folheto, Figura 10, a correlação entre as linguagens escrita e imagética faz o indivíduo que recebe a informação construir, no seu imaginário, uma informação espacial nova: na Serra Gaúcha, o Vale dos Vinhedos (Grifo da tese). Não há outra informação que desvie a atenção e o topônimo passou a ter significado para além de seus próprios limites.

Com a distribuição do folheto nos locais de visitação do Vale dos Vinhedos e nas atividades nas quais a APROVALE participou, como feiras e exposições, além dos eventos que organizou para os setores de turismo e imprensa, paulatinamente, foi construindo significado ao topônimo, no imaginário nacional. Os resultados positivos podem ser indicados pelo crescente número de turistas que visitaram a região anualmente ou pelas muitas vezes em que a região passou a ser estudada ou a ser notícia na imprensa nacional, conforme demonstrado anteriormente.

Para Joliet (2005), uma das variáveis na análise da paisagem são as cores. O segundo folheto inovou em relação ao primeiro, pois fez uma associação com a sazonalidade, que tem um efeito distintivo sobre espécies caducifólias, muito significativo na paisagem vitícola. Nas fotografias do folheto, porém, não há um elemento que seja vinculado especificamente à região do Vale dos Vinhedos, o que poderia comprometer a associação identitária. Menos mal, que o segundo folheto começou a ser usado quando a região já era um destino turístico comercializado nas principais operadoras nacionais e recebia mais de cem mil visitantes por ano, isto é, já fazia parte do imaginário de um considerável número de brasileiros e era reconhecida como região produtora de vinhos. Embora no desenho da logomarca o plátano seja um dos elementos, ele não está presente nas fotografias, dificultando sobremaneira a associação.

Neste segundo folheto, há duas fotografias que exemplificam os dois grandes conjuntos de paisagens vitícolas: uma da viticultura tradicional (à direita, superior) e outra da viticultura moderna (à direita, inferior). Esta de acordo com as indicações do Conselho Regulador para a produção de uvas para a elaboração de vinhos finos com IP. A associação das duas imagens com o topônimo Vale dos Vinhedos permite a vinculação simbólica entre o espaço regional vitivinícola tradicional com a nova viticultura para a produção de vinhos finos com IP, assim como para a DO.

Na página *web* da APROVALE, estão inseridas muitas fotografias de paisagem, entre as quais foi selecionada a da Figura 14, onde se pode identificar o plátano, elemento da viticultura tradicional, na margem de um vinhedo moderno conduzido em espaldeira. O desenho da logomarca (FIGURA 12) que se vê no segundo folder aparece completo na foto retirada da página na internet. Nesta foto, identifica-se um vínculo, pois ela apresenta uma marca da paisagem vitícola tradicional (o plátano) inserida na viticultura moderna (em espaldeira) (Grifo da tese). A paisagem vitícola desta fotografia é quase uma síntese dos elementos identitários da viticultura moderna na região da IP Vale dos Vinhedos.

Originalmente, o desenho da logomarca era aquele que aparece no selo da IPVV, mas, na época do encaminhamento do pedido de registro da IPVV ao INPI, foi definido que o desenho da garrafa integraria o selo (Figura 13) e um novo desenho seria criado para a logomarca da APROVALE. Essa logomarca, com uma

representação da paisagem vitícola, presente no segundo folheto, vigorou até 2010. Atualmente, identifica-se na página *web* da Associação uma nova logomarca, onde a representação da paisagem foi substituída por uma folha de videira estilizada, que eliminou o vínculo identitário especificamente com a região da IPVV.

A página da associação mostra também que quase todas as vinícolas têm páginas próprias e, na maioria dessas, encontram-se muitas fotografias de paisagens, geralmente, relacionadas à viticultura moderna e, em algumas, imagens relacionadas à história da família ou da vitivinicultura familiar.

Outra forma de representação que pode contribuir na construção do vínculo do vinho com a região e que poderia ter sido usada é o mapa da IPVV. Contudo, o mapa da área delimitada, incluindo a localização das vinícolas, não foi usado em nenhum dos dois folhetos nem se encontra no site da associação. Em ambos os folhetos e na página *web*, encontra-se um croqui indicativo, mas sem que seja possível estabelecer a localização, nem fazer qualquer cálculo de distância.

Desde sua fundação, em 2001, a APROVINHO criou três folhetos, sendo analisados aqui o segundo e o terceiro (atual)¹¹⁶. O segundo folheto mede 30x21cm, dobrado em três partes. Tanto no lado interno quanto no lado externo, possui somente o desenho de uma folha de parreira e, na logomarca da associação, uma representação de paisagem (FIGURAS 15 e 16). O terceiro folheto, lançado em 2008, mede, aproximadamente, 30x60cm e está dobrado em três partes; tem 18 fotografias (capa e três páginas internas), das quais seis (6) são fotografias de paisagens vitícolas (FIGURA 17). Na parte interna dos dois folhetos há um croqui com a localização das vinícolas, incluindo a logomarca da associação.

A capa do segundo folheto, que constitui o impacto inicial, não faz nenhuma menção ao topônimo Pinto Bandeira, nem tem uma representação imagética que poderia criar um vínculo dos vinhos com seu espaço de produção. Na parte interna ou no verso, também não apresenta nenhuma fotografia de paisagem e a imagem que está na logomarca é de uma cadeia de montanhas. Segundo a associação, o desenho da logomarca representa o relevo da região.

¹¹⁶ A equipe de pesquisa sobre IG's criou o folheto "Indicação de Procedência Pinto Bandeira – Vinhos Finos e Espumantes", que foi distribuído a partir da data de entrega do registro pelo INPI, em 7 de outubro de 2010. Como é uma publicação da pesquisa e por ter participado da sua elaboração, por questões éticas, ele não será analisado nesta tese.

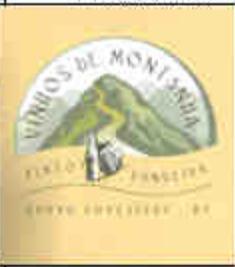
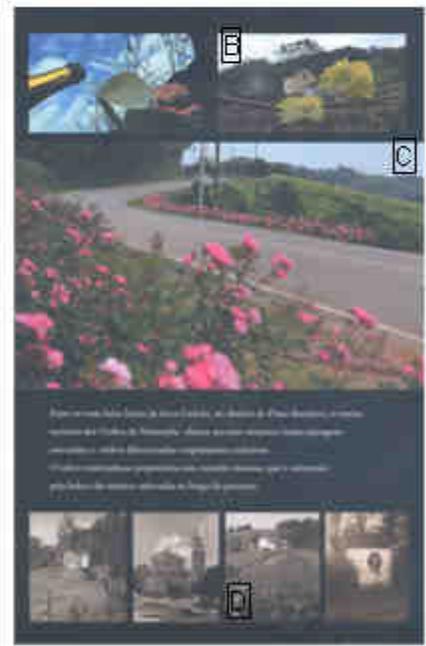
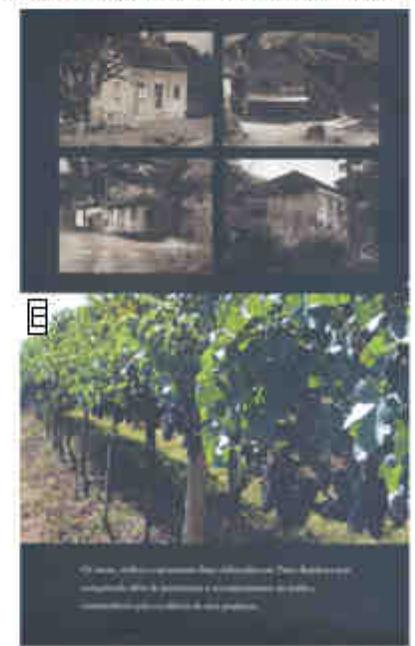
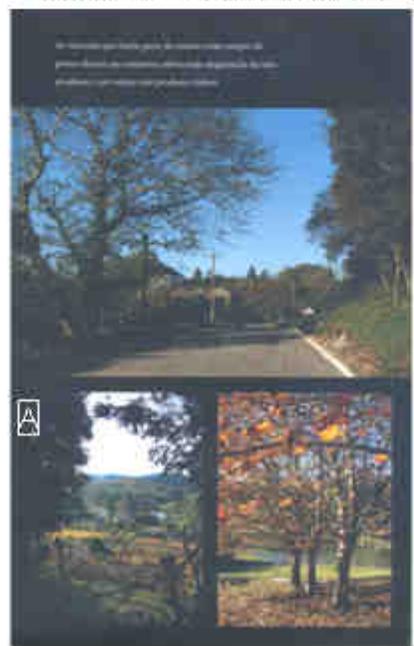
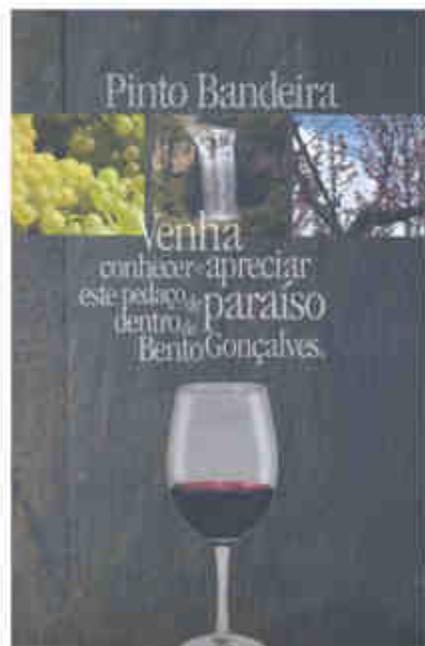


FIGURA 17 – Frente e páginas internas do terceiro folheto da ASPROVINHO



Conforme pesquisa realizada anteriormente por Tonietto et al. (2006), com base nas cartas topográficas na escala 1:50.000, com equidistância de 20m entre as curvas de nível, 9% da área da IPPB possui declividades superiores a 45%. Uma análise da região da IP Pinto Bandeira, com uma base cartográfica mais detalhada, na escala 1:5.000, com equidistância de 5m entre as curvas de nível, revelou que a região tem, aproximadamente, 11% da superfície com relevo montanhoso (45 a 75% de declividade) e 1% escarpado (superior a 75% de declividade). Essa área é protegida, isto é, segundo o Código Florestal brasileiro nessas declividades, as atividades agrícolas estão interditas.

Os critérios definidos pelo CERVIM para classificar uma área vitícola como viticultura de montanha e que podem ser aplicados a esta região são: declividade superior a 30%, altitude superior a 500m e viticultura em terraços. Na região da IPPB, as encostas de relevo forte ondulado com declividade entre 30 a 45%, que atente, portanto, as disposições legais brasileiras e aos critérios do CERVIM, representam 19% da área total. A Foto 39 (e outras da região) mostra como o nível superior da superfície de erosão é quase plano e que a declividade se acentua intensamente nas encostas dos vales dos tributários do Rio das Antas, onde a viticultura moderna em terraços já existe (FOTO 41).

O terceiro e atual folheto da ASPROVINHO apresenta inúmeras fotografias de paisagens, porém sem um direcionamento específico. Não formam um conjunto no sentido de construir uma identidade espacial da viticultura que dá origem ao vinho com IPPB. Das 18 fotografias, seis são relacionadas à uva e ao vinho, sendo quatro de paisagens vitícolas e uma de videiras sem seu contexto, sem o vinhedo (FIGURA 17, letras A, B, C, D. Em meio à profusão de imagens, alguma dessas paisagens vitícolas poderia representar simbolicamente o vinho da IP?

Das quatro paisagens vitícolas deste folheto, aquela que mais identifica um vinhedo tradicional, na região da IP Pinto Bandeira, é a da foto "D", porém está mesclada com outras fotos, não está em destaque. Como foi analisado, na paisagem vitícola tradicional da região da IP Pinto Bandeira, o vinhedo é conduzido na forma de latada, sustentado por postes em madeira e, geralmente, forma um mosaico com outras culturas. Nenhuma das duas coisas é identificada com clareza, nas fotografias deste folheto, que também não tem nenhuma imagem de paisagem

da viticultura moderna ou de vinhedos conduzidos na forma de latada aberta, formas aprovadas no Regulamento de Uso (ASPROVINHO, 2008).

Na capa do segundo folheto, não há referência ao topônimo Pinto Bandeira e, internamente, este não tem nenhum destaque. Na capa do terceiro folheto, o topônimo está associado, primeiro, a imagens de uva, água (cascata) e flores (de pessegueiro), só mais distante está a taça, plenamente associada ao topônimo Bento Gonçalves. Internamente, o folheto associa Pinto Bandeira com a Serra Gaúcha e com vinhos de montanha (Grifo da tese). A associação modificou a logomarca em 2010 (FIGURA 18), porém a representação de paisagem que ela contém manteve a inspiração em formas montanhosas que, como foi visto, não têm relação com o relevo identificado na região da IP Pinto Banderia.

Embora façam apenas cinco meses que o INPI concedeu o registro da IP Pinto Bandeira, a associação tem quase 10 anos. Considerando o fluxo de visitantes, informado por três das quatro vinícolas da ASPROVINHO (TABELA 23), como indicador da construção no imaginário brasileiro do vínculo vinho-região da IP Pinto Bandeira, o número de visitantes revela que isso é insignificante, mesmo que Pinto Banderia ou as vinícolas individualmente possam ter sido notícia na imprensa regional, estadual e nacional e alguns de seus vinhos tenham conquistado projeção em concursos internacionais (TABELA 22).

Na página da ASPROVINHO na internet, há diversas imagens de paisagens vitícolas, que são representativas dos tipos de paisagens vitícolas da região da IPPB, porém essas imagens não possuem identificação nem explicação alguma sobre a viticultura e estão misturadas com outras, que não contribuem para a criação da imagem da região onde o vinho Pinto Bandeira é produzido, e não há nenhuma imagem no outono, quando os vinhedos se distinguem completamente da Floresta Ombrófila Mista. Também não há fotografia da paisagem da viticultura em terraços, que se constitui no elemento emblemático da viticultura de montanha, facilmente identificável por quem entende e por quem não entende de viticultura. Muito embora o INPI tenha concedido o registro da indicação de procedência em julho de 2010 e entregue em outubro de 2010, fato que foi notícia em jornais e revistas de circulação nacional, em março de 2011 ainda não foi noticiado na página da associação.

Existe uma identidade do espaço geográfico, da vitivinicultura e da paisagem vitícola da região da IP Pinto Banderia, mas essa identidade não foi usada nas paisagens dos folhetos, nem na representação inserida na logomarca da Associação, nem está identificada na página na internet, o que dificulta o vínculo espaço/região-paisagem-vinho da IPPB.

A APROBELO foi criada em 2003, cujos objetivos podem ser sintetizados na busca da melhoria da vitivinicultura e na estruturação de uma indicação geográfica para vinhos Monte Belo. Embora grande parte dos vinhedos na área proposta para a IP Monte Belo seja de variedades viníferas, até meados desta década as vinícolas que elaboravam vinhos finos eram poucas e pequenas. Até há pouco tempo Monte Belo era distrito de Bento Gonçalves e, como foi explicado anteriormente, o processo histórico do segundo período da vitivinicultura regional não proporcionou as condições de elaboração local, tendo se constituído, por isso, em importante fornecedor de uvas para vinícolas, localizadas em outras cidades.

Concomitantemente ao processo de reestruturação produtiva, a Associação começou a implementar ações, no sentido de tornar a região conhecida como produtora de vinhos finos. Entre outras medidas criou, em 2005, um folheto (FIGURAS 20 e 21) e a logomarca (FIGURA 22), em uso até hoje. Em março de 2011, a APROBELO ainda não possuía página na *internet*, nem as vinícolas associadas.

Diferente das outras associações, a APROBELO inovou, ao definir um desenho de paisagem na capa do folheto (FIGURA 20). Analisando-a, verifica-se que a representação está vinculada à viticultura moderna da região da IP Monte Belo, inclusive com um dos seus elementos construtivos mais emblemáticos – a igreja da cidade de Monte Belo do Sul, muito embora a fotografia interna (superior) mostre que essa viticultura não está próxima a ela (FIGURA 21). A outra fotografia de vinhedos, na parte interna do folheto, é uma fotografia de paisagem, com os vinhedos conduzidos na forma de latada aberta, que é um dos tipos de condução aprovada para integrar o Regulamento de Uso da IP Monte Belo, assim como a condução na forma de espaldeira.

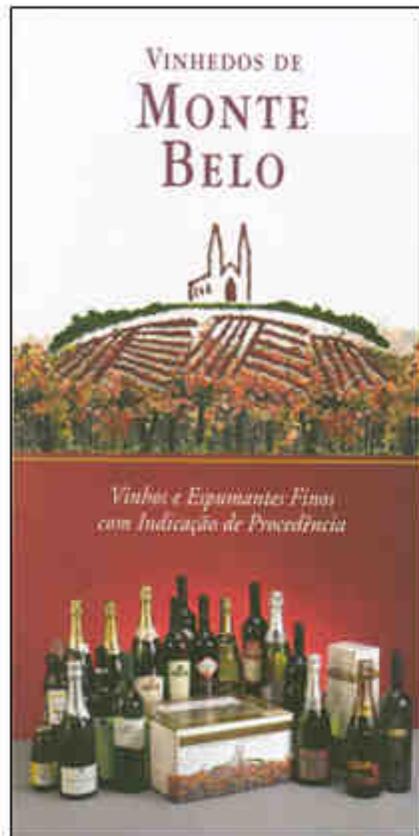


FIGURA 20 – Frente do folheto da APROBELO

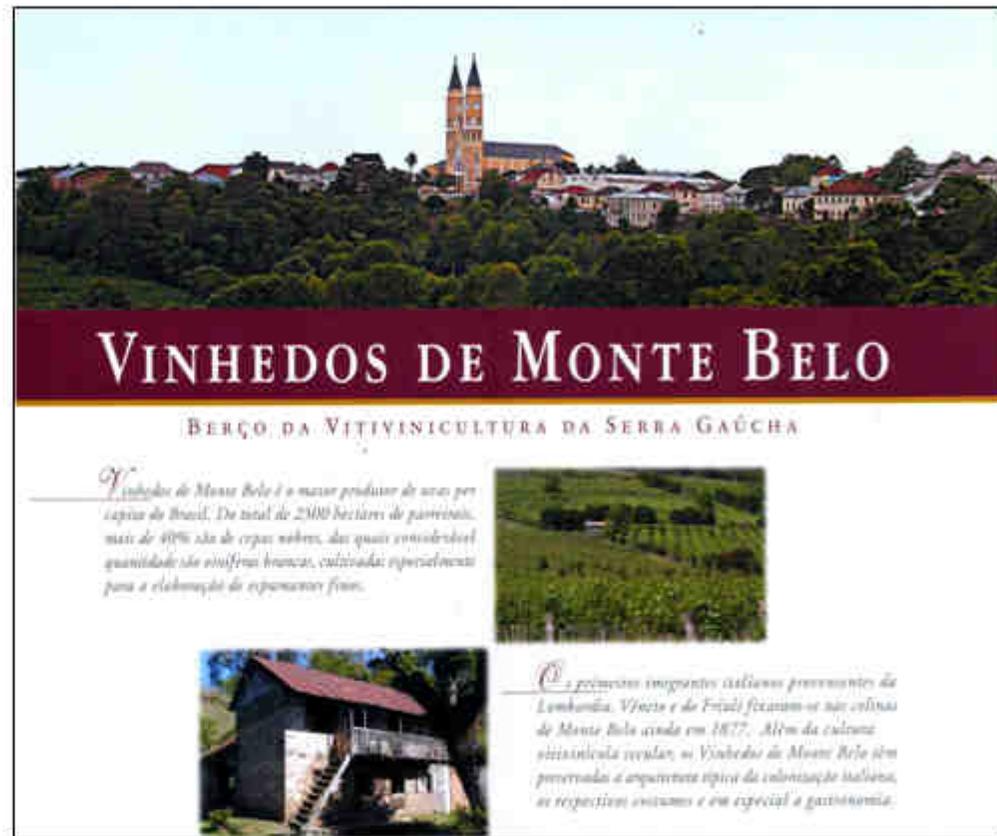


FIGURA 21 – Parte interna do folheto da APROBELO



APROBELO
ASSOCIAÇÃO DOS VITIVINICULTORES
DE MONTE BELO DO SUL

FIGURA 22 – Logomarca e selo utilizados pelas vinícolas e pela APROBELO

**Indicação de Procedência
Monte Belo**

Contudo, em nenhuma das fotografias, nem no desenho da logomarca, aparecem os plátanos usados na sustentação dos vinhedos, que são elementos emblemáticos mais tradicionais da vitivinicultura dessa região.

O desenho da logomarca repete o desenho da capa do folheto, só que mais simplificado (FIGURA 22). Foi retirada a representação de vinhedo do primeiro plano, que parece em área plana, deixando aquela na encosta, o que está de acordo com os dados identificados na cartografia da região da IP Monte Belo, com mais da metade da área com relevo ondulado e forte ondulado (declividade entre 20 e 45%).

O folheto criou um vínculo entre duas formas representacionais: a linguística e a imagética. O topônimo, incluindo uma das palavras que o constituem (monte), e a paisagem vitícola do desenho da capa possuem mensagens semelhantes, que convergem para a criação de uma identidade. Desde esse ponto de vista, no entanto, as fotografias da parte interna não se completam integralmente.

O topônimo Monte Belo foi associado com ao topônimo Serra Gaúcha, o que localiza a região da IPMB no contexto vitivinícola já reconhecido nacionalmente. Das três regiões, essa, que ainda não tem o registro da IP, é a única que tem, no seu folheto, a expressão “Indicação de Procedência”. Se, de um lado, isso é um descumprimento da legislação, induzindo o consumidor à falsa informação; de outro lado, nesta forma de comunicação, é a única associação que assumiu, publicamente, desde esse o primeiro folheto, a vinculação topônimo-vinho-origem e, acrescentando-se, paisagem, conforme a normas do Regulamento de Uso ainda em elaboração.

Outra inovação, nas ações da APROBELO foi a criação de embalagens para a comercialização de vinhos - caixa para seis (6) garrafas e sacola para uma (1) garrafa - onde está estampado o desenho da paisagem vitícola da capa do folheto, estabelecendo, assim, um vínculo entre região-vinho-paisagem (FIGURA 20).

6.2 O ENOTURISMO, A PAISAGEM VITÍCOLA E A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DAS IP'S

O enoturismo pode ser abordado por diferentes enfoques. Como Hall et al afirmam “[...] *visitar vinhedos, vinícolas, festivais do vinho e exposição de uva para vinho com degustação e/ou experimentação de atributos da uva para vinho de uma região, estes são os primeiros fatores de motivação para os visitantes* (2000, p.3)”. Em síntese, o enoturismo pode ser definido como o deslocamento de pessoas, cuja motivação esteja relacionada ao setor da uva e do vinho (FALCADE, 2001).

Na região da Serra Gaúcha, o enoturismo ocorre há mais de 100 anos. Inicialmente, na sua maioria imigrantes ou descendentes que viajavam na época da vindima para “comer a uva no pé”, beber vinho e visitar parentes. Mas havia também os turistas que viajavam para visitar as feiras e exposições de uva e vinho e outros produtos. Isto não quer dizer que o primeiro grupo não visitasse as feiras e exposições, significa apenas que a motivação inicial era diferente.

Como abordado no capítulo 3, as feiras iniciaram em Caxias do Sul, em 1881, apenas seis anos após a chegada dos primeiros imigrantes (ADAMI, 1965). Desde então, o setor vitivinícola da Serra Gaúcha realizou muitas feiras, festas e exposições, em vários municípios; diversificou as formas de atrair turistas e realizou ações para qualificar o enoturismo. O número de enoturistas tem crescido constantemente, chegando à centena de milhares. Nas últimas duas décadas, a mudança da vitivinicultura regional, com o surgimento de dezenas de vinícolas no meio rural, mudou a direção do fluxo enoturístico que foi usando, inclusive, como estratégia na construção da identidade para as regiões e vinhos com IP. Atualmente, há dezenas de vinícolas nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo que recebem visitantes, embora nem sempre este seja um turista¹¹⁷ ou um grande consumidor. A ação é, quase sempre, semelhante àquela de grandes vinícolas urbanas, com recepção e percurso pelo vinícola, degustação e comercialização de produtos (FOTOS 85, 86, 87 e 88).

¹¹⁷ A Organização Internacional do Turismo considera turista aquela pessoa que permaneceu, pelo menos, uma noite fora da unidade político-administrativa de residência. Mas há muita controvérsia sobre esse conceito entre especialistas em turismo tanto no Brasil e como no exterior. Por este conceito, como a grande maioria dos visitantes das três regiões das IP's são turistas, na tese, todos que responderam o questionário serão referidos como turistas.

FOTOS 85, 86, 87 e 88 - Enoturismo nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo



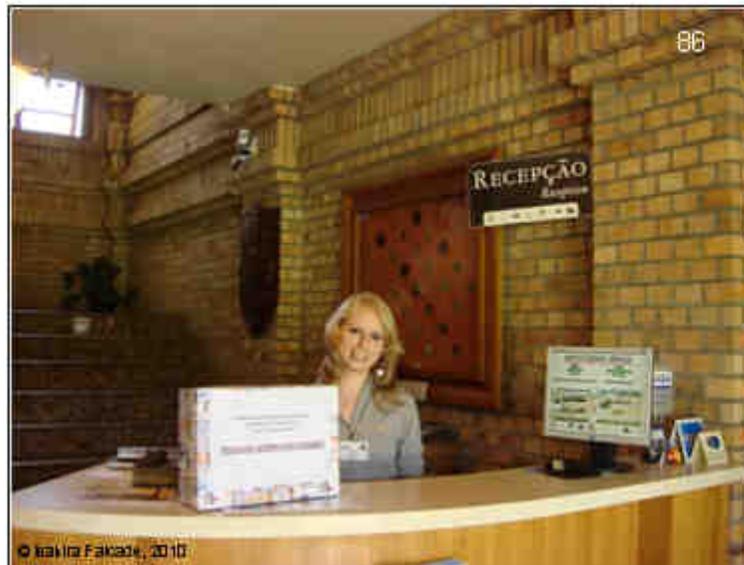
85

85 – Hotel e vinhedos,
Vale dos Vinhedos

88 – Proprietário e
enólogo de vinícola
explicando a
viticultura a turistas,
Vale dos Vinhedos



88



86

86 - O setor de serviços
para os turistas em uma
vinícola, Vale dos
Vinhedos



87

87 – Vinícola e
pousada, Pinto
Bandeira

© Izabela Falkade, 2009

© Izabela Falkade, 2009

© Izabela Falkade, 2010

© Izabela Falkade, 2008

Em geral, nas pequenas vinícolas, é alguém da família e formado em Enologia que faz essa visita, mas o crescimento do fluxo em algumas vinícolas exigiu a profissionalização, com a organização do setor enoturístico e a contratação de profissionais especializados. Outra ação de algumas vinícolas do Vale dos Vinhedos e de Pinto Bandeira foi a realização de cursos de degustação, geralmente nos finais de semana. A importância do enoturismo pode ser avaliada, por exemplo, pelo comércio de vinhos e derivados realizado diretamente no varejo das vinícolas: de 1% até 70% da produção, segundo Falcade (2001) e informações verbais de donos de vinícolas.

O enoturismo está permitindo a expansão e o surgimento de outras atividades inclusive a verticalização: da produção ao consumo. Há vinícolas com pousada para hospedagem; outras estruturaram espaços para refeições¹¹⁸; um consórcio de uma vinícola na construção do Spa do vinho; outro grande hotel, inclusive com museu e infra-estrutura e capacidade para sediar eventos. Além de outras atividades, como queijaria, agroindústria de geleias, massas e biscoitos, lojas de lembranças, postos de combustíveis, entre outras. Há o revigoramento do artesanato de crochê, de cestas em vime e em palha de trigo (*l'sporte*). O que antes era para consumo familiar, feito geralmente pelas mulheres em sua terceira ou quarta jornada de trabalho, cresce e se torna uma atividade rentável. A comercialização da produção ocorre nos varejos das vinícolas, em quitandas ou em lojas especializadas em comércio de artesanato, no vale e nas cidades da região.

No Vale dos Vinhedos, o enoturismo tem incorporado outra característica comum em regiões vinícolas européias: a criação de condições para que o enoturista consuma não só o vinho, mas também a paisagem e a cultura da região. A APROVALE iniciou, em 2002, a organização de um calendário de atrações e eventos. O objetivo não é mais apenas atrair o turista, mas aumentar a permanência do mesmo na região e o consumo de bens, que depende diretamente dos atrativos e mercadorias oferecidas, da diversidade de produtos, da infra-estrutura, entre outros fatores. Individualmente, entre as ações de uma vinícola da IP Vale dos Vinhedos e uma da IP Pinto Bandeira que possuem estrutura de hospedagem, está a

¹¹⁸ Há nas regiões da IP Vale dos Vinhedos e IP Pinto Bandeira mais de duas dezenas de vinícolas que oferecem refeições por encomenda para grupos em qualquer dia da semana. Outras funcionam todos os dias, inclusive fins de semana. Podem ser mencionadas, ainda, quatro outros restaurantes, sendo um deles no hotel.

organização de visitas de dia inteiro ou final de semana, onde o enoturista desenvolve atividades do vinhedo até a cantina, convivendo com o viticultor e sua família, suas tradições, sua cultura, enfim, usufruem do “produto” com identidade.

Isso evidencia o entendimento que esta é uma das formas que a empresa e as associações definiram como estratégia para tornarem-se conhecidas e para que o vinho alcance o consumidor. Fazendo uma comparação da trajetória dos resultados alcançados para as regiões do Vale dos Vinhedos e Pinto Bandeira pode-se afirmar que há diferenças significativas: no início, igualmente, as duas regiões recebiam poucos visitantes; mas sete (7) anos depois da criação da APROVALE a região do Vale dos Vinhedos recebeu 60.000 turistas; enquanto, quase 10 anos depois da criação da ASPROVINHO, a região de Pinto Bandeira recebeu em torno de 7.000 turistas. A análise anterior indicou que as ações das associações foram diferentes e os resultados também o foram.

Para identificar se os visitantes das regiões relacionam o vinho com a paisagem vitícola, conforme já descrito na introdução, foi proposto a visitantes das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo que respondessem um questionário, cujos resultados são analisados a seguir. Algumas pessoas não responderam a todas as questões, outras respostas foram nulas, porém sempre em percentuais muito baixos (2 a 3%).

Os dados a seguir referem-se às respostas em 415 questionários. Foram 284 questionários respondidos por visitantes na região das IP Vale dos Vinhedos na Casa Valduga (pousada e varejo), Vinícola Cavalleri, Vinícola Chandon, Vinícola Don Laurindo, Vinícola Miolo e Cada de Madeira; 107 respondidos na região da IP Pinto Bandeira por visitantes na Vinícola Don Giovanni, Vinícola Geisse e Vinícola Valmarino; e 24 respondidos na região da IP Monte Belo na Vinícola Calza.

Os questionários revelaram que, em média, 81% dos visitantes são turistas. Na grande maioria das três regiões, esse visitante é adulto, casado, viaja de automóvel (e avião, quando não é do Estado), em família ou pequenos grupos. Ele se hospeda em hotéis e pousadas; trabalha, principalmente, como professor, engenheiro, administrador, médico, advogado, comerciante/empresário, entre outras dezenas de funções, além de muitos estudantes, especialmente, na região da IPVV.

Há algumas diferenças entre os turistas das regiões: a origem dos turistas na região da IPVV é o estado do RS (27%), SP (25%), além de diversos outros estados, como SC, PR, RJ, MG (34%), entre outros; enquanto na região da IPPB e da IPMB os turistas são principalmente do RS (48 e 46%, respectivamente) e de São Paulo (21 e 29%, respectivamente). O grau de escolaridade dos turistas na IPVV e na IPPB é semelhante: 83 e 84% possuem curso superior ou pós-graduação, enquanto esse índice é de 54% na IPMB.

Analisando os municípios/estados de origem dos turistas, como referido anteriormente, é possível afirmar que a região da IP Vale dos Vinhedos tem um reconhecimento nacional e se constitui em um destino turístico consolidado no Brasil. Porém, as regiões da IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo ainda estão em processo de reconhecimento, sendo seus turistas oriundos, fora do RS, na sua maioria de São Paulo, Estado que é o principal mercado consumidor dos vinhos. Isso é importante, mas a extensão do reconhecimento é ainda restrita.

Os questionários revelaram que os turistas das regiões têm um padrão de renda elevado (GRÁFICO 6), em média entre 10 e 20 salários-mínimos, e na IPPB maior ainda, o que indica poder aquisitivo para vinhos de maior preço, como aqueles com indicação de procedência que, em média, no Brasil, é alto¹¹⁹.

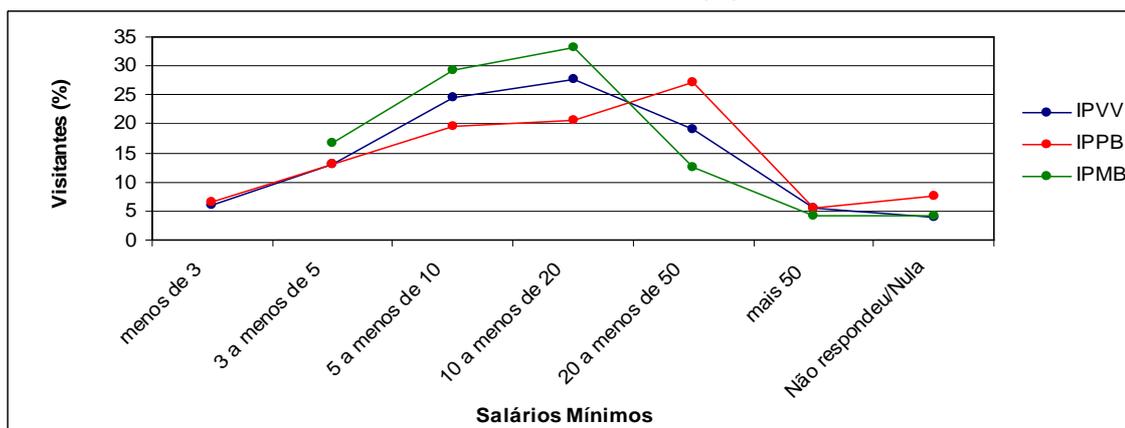
São muitos os meios nos quais os turistas souberam da possibilidade de visitar as regiões e as vinícolas das IP's (GRÁFICO 7). Individualmente, os folhetos foram fonte para 10% dos turistas na IPVV, 7% na IPPB e 17% na IPMB. A internet sozinha não foi muito diferente do folheto, mas, quando associados a outras fontes, ambos aumentam, destacando-se mais para a região da IPVV. No entanto, a maior fonte de informações, individualmente, é a indicação de quem já conhece: a partir de uma pessoa que conheceu a região, foram 25% de turistas a mais na IPVV, 36% na IPPB e 37% na IPMB. Donde se conclui que a qualidade do atendimento ao enoturista é fundamental para a manutenção/ampliação da atividade.

A análise dos dados permite afirmar que, no período da pesquisa, a divulgação através de folhetos teve efeito sobre a decisão do turista em conhecer as

¹¹⁹ Um levantamento (qualitativo) em três redes de supermercados e três lojas especializadas em Porto Alegre revelou preços entre R\$22,00 até mais de R\$100,00 a garrafa. Nos restaurantes os preços iniciam em torno de R\$40,00.

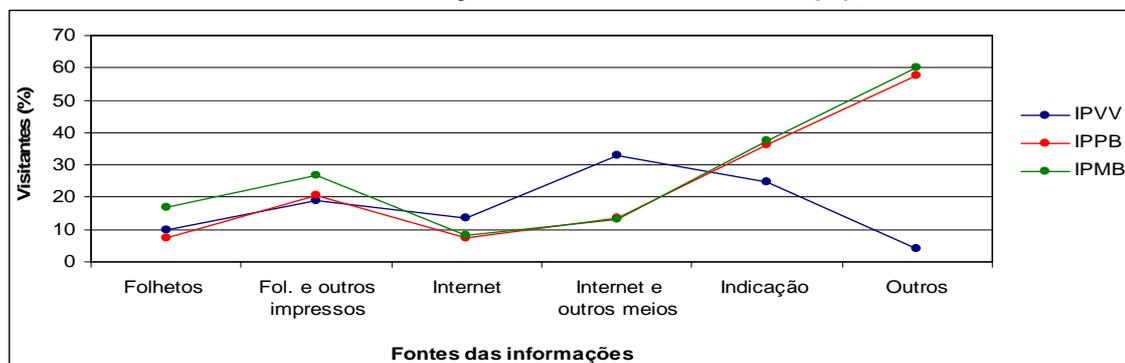
regiões, embora o mais significativo tenha sido a indicação de amigos e familiares, enquanto que a decisão de conhecer uma ou outra vinícola foi decisão do momento. Individualmente, a internet tem mais importância que o folheto na região da IPVV, é igual na IPPB e menor na IPMB, o que é coerente com a análise, no capítulo anterior, a partir de outras variáveis e com o fato de que a APROBELO e muitas vinícolas da região da IP Monte Belo não têm páginas na internet.

GRÁFICO 6 – Entourismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: renda familiar mensal dos visitantes (%), 2010



FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

GRÁFICO 7 – Entourismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: fonte das informações sobre o local de visita (%), 2010



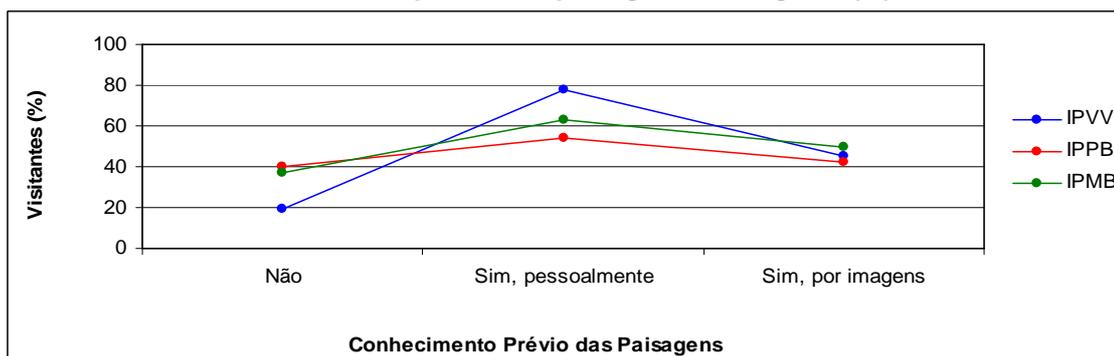
FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

A maioria dos turistas que responderam o questionário conhecia paisagens vitícolas das regiões das IP's, inclusive pessoalmente, sendo as mais conhecidas aquelas da região da IP Vale dos Vinhedos e as menos conhecidas aquelas da região da IP Pinto Bandeira (GRÁFICO 8). Isso significa que, entre os turistas que responderam o questionário, havia muitos que estavam retornando. Quando questionados sobre a importância da paisagem, na escolha do seu destino, 87% dos turistas na região da IP Vale dos Vinhedos responderam que foi importante,

enquanto essa importância diminuiu para 71%, entre os turistas na IP Pinto Bandeira, mas são 92% entre os turistas da IP Monte Belo.

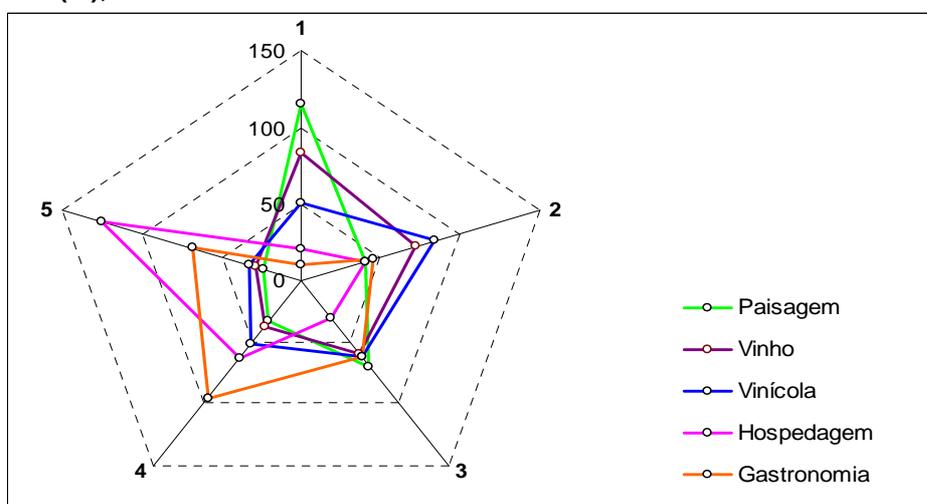
Quando comparados a aspectos intrínsecos do enoturismo, como o vinho e a própria vinícola, e a aspectos considerados básicos no turismo, como a hospedagem e a gastronomia, a maioria dos visitantes respondeu que a paisagem é o aspecto mais importante, na tomada de decisão, sobre conhecer uma região, seguida pelo vinho e vinícola, que ficaram empatados em segundo lugar, e, por fim, a gastronomia e a hospedagem (GRÁFICO 9). Entre diferentes símbolos relacionados ao vinho, a paisagem é o símbolo a que mais da metade dos turistas associam ao vinho (GRÁFICO 10). Em síntese, a paisagem vitícola é fundamental para o enoturismo e para o vinho nas/das três regiões das IP's.

GRÁFICO 8 – Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: conhecimento prévio das paisagens das regiões (%), 2010



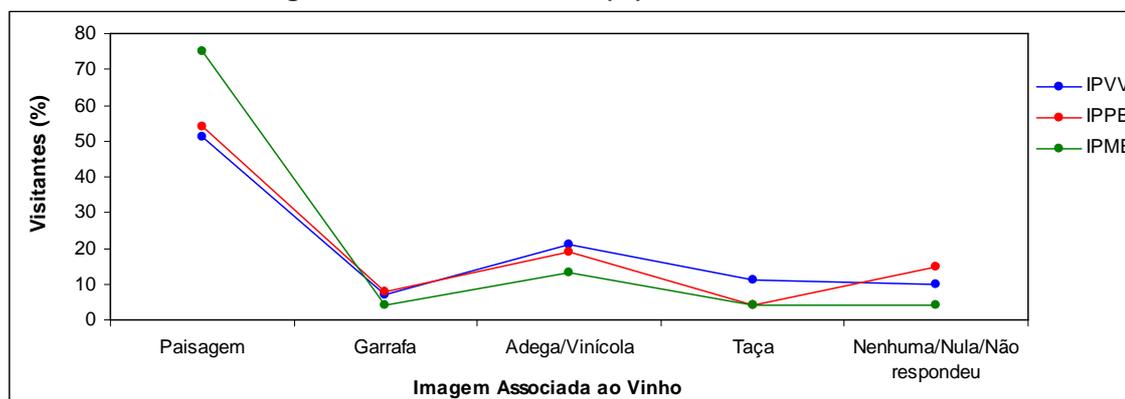
FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

GRÁFICO 9 – Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: ordem de importância de alguns fatores na escolha do destino turístico (%), 2010



FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

GRÁFICO 10 – Enoturismo nas regiões da IP Vale dos Vinhedos, IP Pinto Bandeira e IP Monte Belo: imagem associada ao vinho (%), 2010



FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

É possível fazer aqui uma associação com o poder simbólico que a paisagem vitícola tem, no sentido de evocar, em suas características, para muitos apreciadores, o vinho, como, por exemplo, no delicado verde primaveril, o frescor e aromas finos; no forte verde e doce ar das uvas maduras do verão, o veludo e aromas intensos; nos vivos amarelos, vermelhos e marrons do outono, a robustez do corpo; na mistura de cinzas dos galhos nus das videiras e dos intensos verdes/marrons do solo no inverno, o equilíbrio da maturidade.

Conforme Maby (1998), quando bem cuidada, a paisagem vitícola é uma potente metáfora de equilíbrio, estabilidade e respeito, que condiciona, cada vez mais, o consumo do vinho; mas é também metáfora de dinamismo, vitalidade e constância, que conforta o espectador e o consumidor; porém, quando negligenciada, evoca a depressão humana e a incompetência, que, imprimirá ao vinho uma simbologia negativa, pejorativa, de desvalorização.

Considerando as respostas dos turistas, as paisagens vitícolas nas regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo são promotoras de metáforas positivas, são símbolos positivos para o vinho das regiões.

As últimas duas questões do questionário tinham o objetivo de saber, entre quatro paisagens vitícolas da região da IP visitada, a que tipo de paisagem o turista associava o vinho e se, promovendo alterações, as paisagens propostas ainda referenciarão o vinho. Em uma das propostas de alteração foram inseridos elementos construtivos (no sentido da expansão urbana); na outra, a modernização da viticultura. Os resultados dessas questões, incluindo as imagens das paisagens,

constituem as Tabelas 24 e 25, na IP Vale dos Vinhedos, 26 e 27 na IP Pinto Bandeira e 28 e 29 na IP Monte Belo.

Os turistas que visitaram a região da IP Vale dos Vinhedos associaram o vinho dessa região a uma paisagem com viticultura do tipo moderno, conduzida em espaldeira sustentada por postes e, em segundo plano, está associada a floresta e relevo acidentado (TABELA 24). É uma imagem de verão, que inclui trabalhadores colhendo as uvas. Em segundo lugar, os turistas escolheram uma paisagem que tem a viticultura moderna em primeiro plano e a tradicional em segundo plano, incluindo a igreja como elemento emblemático. Houve 8% que não responderam a questão. Os resultados da questão sobre a alteração da paisagem (TABELA 25) mostram que, para os turistas da IPVV, a paisagem alterada com as construções deixaria de referenciar o vinho, recebendo rejeição de 22% a mais que a aprovação. A paisagem alterada no tipo de viticultura, mantendo a moderna onde já é e mudando de tradicional para moderna onde não é, foi rejeitada em 7% a mais que a aprovação.

Os turistas que visitaram a região da IP Pinto Bandeira associaram o vinho dessa região a uma paisagem com viticultura do tipo moderno, conduzida em espaldeira sustentada por postes, mesclada com outras culturas (TABELA 26). Em segundo lugar, os turistas escolheram, tanto uma paisagem com viticultura moderna conduzida em espaldeira e sustentada por postes em madeira, como uma paisagem com viticultura tradicional, em ambas com a araucária como elemento emblemático. Houve 16% que não responderam a questão. Os resultados da questão sobre a alteração da paisagem (TABELA 27) mostram que, para os turistas na IPPB, a paisagem alterada com as construções deixaria de referenciar o vinho, recebendo rejeição de 42% a mais que a aprovação. A paisagem alterada no tipo de viticultura, de tradicional para moderna, manteria a referência ao vinho, recebendo 26% de aprovação a mais que a rejeição.

Os turistas que visitaram a região da IP Monte Belo, na sua grande maioria, associaram o vinho dessa região a uma paisagem com viticultura tradicional, conduzida na forma de latada e sustentada por plátanos (TABELA 28). Nenhuma das outras paisagens apresentadas recebeu escolha significativa. Os resultados da questão sobre a alteração da paisagem (TABELA 29) mostram que, para os turistas

na IPMB, a paisagem alterada com as construções deixaria de referenciar o vinho completamente, recebendo uma rejeição de 62% a mais que a aprovação. A paisagem alterada no tipo de viticultura, de tradicional para moderna, manteria a referência ao vinho, recebendo 8% de aprovação a mais que a rejeição.

O fluxo de turistas não é o único indicador de reconhecimento, nem a paisagem vitícola a única forma de representação para construir a idéia de região, de indicação geográfica, para construir a associação entre o vinho e seu espaço de produção, isto é, para identificar, como diz a lei, que determinada região se tornou conhecida como centro produtor do referido vinho. Entretanto, como foi analisado, são formas de grande potencialidade de repercussão.

A paisagem vitícola das regiões das IP's é um patrimônio imaterial e material e os resultados evidenciam que é um símbolo que representa o vinho. Percebê-la como tal é valorizar o que tem valor em si mesma e usá-la como símbolo imagético do vinho das IP's é aproveitar de um dos grandes recursos para a comunicação e o conhecimento.

TABELA 24 – Região da IP Vale dos Vinhedos: imagem associada à identidade do vinho pelos turistas, 2010



Total = 27%



Total = 36%



Total = 18%



Total = 11%

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 25 – Região da IP Vale dos Vinhedos: paisagens, mudanças e a referência espacial do vinho pelos turistas, 2010



A - Hoje



A – Alterada

Não referenciaria o vinho: 58%

Referenciaria o vinho: 36%

Não Respondeu: 6%



B - Hoje



B – Alterada

Não referenciaria o vinho: 49%

Referenciaria o vinho: 42%

Não Respondeu/
Nula: 9%

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 26 - Região da IP Pinto Bandeira : paisagem associada à identidade do vinho pelos turistas, 2010



Total = 31%



Total = 21%



Total = 12%



Total = 20%

TABELA 27 – Região da IP Pinto Bandeira: paisagens, mudanças e a referência espacial do vinho pelos turistas, 2010



A - Hoje



A - Alterada Não referencia o vinho: 62% Referencia o vinho: 20% Não respondeu: 19%



B - Hoje



B - Alterada - Não referencia o vinho: 28% Referencia o vinho: 54% Não respondeu: 18%

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 28 – Região da IP Monte Belo do Sul: imagem associada à identidade do vinho pelos turistas, 2010



Total = 75%



Total = 8%



Total =4%



Total = 8%

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

TABELA 29 – Região da IP Monte Belo: paisagens, mudanças e referência espacial do vinho pelos turistas, 2010



A - Hoje



A - Alterada

Não referencia o vinho: 79%

Referenciaria o vinho: 17%

Não respondeu: 4%



B - Hoje



B - Alterada

Não referencia o vinho: 46%

Referenciaria o vinho: 54%

FONTE: Ivanira Falcade, 2010.

7 CONCLUSÕES, PERSPECTIVAS, RECOMENDAÇÕES

O objeto de pesquisa da tese foi a paisagem como representação espacial, analisada no processo de construção do espaço geográfico da vitivinicultura das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, Brasil, e no uso da paisagem vitícola como imagem espacial dos seus vinhos.

No desenvolvimento do trabalho, foi possível explicar a evolução da vitivinicultura da Serra Gaúcha, contextualizando-a no cenário da produção de vinho fino nacional, bem como analisar sua contribuição na organização do espaço regional. A viticultura na Serra Gaúcha e nas IP's apresentou quatro períodos: da policultura, da monoculturização, da especialização e da espacialização da produção. A região da IPVV passou por todos os períodos, inclusive o da referenciação espacial da produção vinícola. A região da IPPB encontra-se na fase de construção da espacialização dos vinhos, mas até hoje mantém a policultura, embora especializada em frutas. E a região da IPVV ainda está na fase da especialização, em processo de expansão da indústria vinícola no meio rural e de estruturação do processo de espacialização do vinho.

A identificação das paisagens das regiões das Indicações de Procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, em macro-escala, e a caracterização ambiental, em escala detalhada, foi realizada através da análise da cartografia das regiões. Foram identificados três grandes conjuntos de paisagens: 1) paisagens abruptas e fechadas de fundos de vale; 2) paisagens de topos planos e 3) paisagens de encostas, nos quais se desenvolve a viticultura. A cartografia permitiu caracterizar as regiões das IP's do ponto de vista dos fatores naturais e do uso e cobertura do solo, particularmente a distribuição ds vitivultura.

A análise das transformações espaciais e da viticultura com a implementação das IP's das regiões, através da análise do mercado consumidor, dos prêmios conquistados pelos vinhos, do reconhecimento internacional da IPVV, do fluxo de turistas e das pesquisas acadêmicas sobre as regiões. A análise da implementação

das IP's evidenciou que a região da IPVV se tornou conhecida como produtora de vinhos e permitiu explicar como a IP influenciou e promoveu mudanças significativas na organização do espaço e na vitivinicultura dessa região. Quanto a região da IPMB, ainda não foi implementada, pois a pesquisa ainda está em desenvolvimento.

A metodologia utilizada permitiu identificar, classificar e analisar as paisagens vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, assim como explicar sua relação com a identidade espacial das IP's. O desenvolvimento do trabalho evidenciou que as paisagens vitícolas das IP's Vale dos Vinhedos, de Pinto Bandeira e de Monte Belo são representações da identidade espacial e cultural das regiões, relacionada à imigração italiana, mas também expressam os diferentes estágios de implementação das IP's e as transformações na organização do espaço geográfico e na vitivinicultura.

A classificação e análise das paisagens vitícolas das regiões das IP's evidenciou dois conjuntos de paisagens vitícolas: um conjunto relativo a viticultura tradicional formado por seis tipos de paisagens vitícolas, um subtipo com duas formas, onde foram identificados quatro elementos emblemáticos naturais e/ou construídos relacionados ao espaço e à identidade cultural regionais; e o conjunto relativo à viticultura moderna formado por cinco tipos de paisagens vitícolas onde foi identificado um elemento emblemático natural e um construído. Estas paisagens vitícolas são visualizadas em imagens apresentadas junto com os croquis correspondentes. Foram identificados, também, elementos construtivos que são prejudiciais à imagem das regiões das IP's, como a instalação de equipamentos públicos e privados, que rompem a linha do horizonte, que descaracterizam e desqualificam a paisagem.

Na viticultura tradicional, principalmente da região da IPVV e da IPMB, evidenciou-se a prática agrícola de usar plátanos (*Platanus acerifolia*) como tutores vivos para a sustentação dos vinhedos, uma herança da civilização etrusca. Uma das consequências das mudanças na viticultura, de tradicional para moderna, nessas regiões é a formação de sítios arqueológicos: locais que materializam/representam o trabalho e o hábito de uma sociedade.

A análise do uso de imagens de paisagens vitícolas pelas associações das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo identificou que há diferenças. As imagens de paisagens usadas pela APROVALE são paisagens vitícolas da região e seu uso, associando o topônimo Vale dos Vinhedos com o da Serra Gaúcha, já reconhecido, criou um vínculo entre o espaço regional e o vinho Vale dos Vinhedos. Os estudos para a IP Monte Belo ainda estão em elaboração e a IP não foi implementada, mas foram identificadas paisagens vitícolas e indicadores que mostram um processo semelhante ao da IPVV e outros inovadores. Na IP Pinto Bandeira não há um foco nas imagens de paisagens vitícolas identificadas na tipologia, nem as logomarcas e formas de uso da toponímia mostram correlação com a região, além do uso equivocado do conceito de montanha.

A pesquisa revelou que os turistas que visitaram as regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, em janeiro de 2010, tinham elevado grau de escolaridade e renda. A procedência dos mesmos evidenciou que a IPVV é reconhecida nacionalmente e que a IPPB e IPMB tem reconhecimento apenas em parte do país. Os resultados mostraram que, a maioria dos turistas, já conhecia paisagens vitícolas das regiões, inclusive pessoalmente, sendo consideradas o fator mais importante na escolha do destino de uma viagem e a imagem mais associada ao vinho. Portanto, podem ser consideradas símbolos representacionais das IP's e de seus vinhos e, por isso, transformações espaciais que levem à descaracterização da paisagem vitícola ocasionarão a perda dessa representação simbólica.

Analisando a paisagem vitícola, foi possível entender como este signo representa a região e o vinho da IP. No caso das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, a paisagem representa história (viticultura tradicional), representa presente e futuro (viticultura moderna), representa poder (do proprietário da vitivinicultura).

Uma indicação geográfica é uma metonímia - o lugar de origem é usado para se referir o objeto original/o emblema, no lugar do objeto emblematizado - e o uso da paisagem vitícola, pelas associações, também pode ser considerada uma metonímia: *Vale dos Vinhedos* não é somente a região, não é somente um topônimo que refere um espaço. *Vale dos Vinhedos* é um vinho; portanto, a imagem da

paisagem vitícola, que representa a viticultura da região IP Vale dos Vinhedos simboliza o vinho Vale dos Vinhedos.

A implementação da IP Vale dos Vinhedos expandiu as transformações espaciais para além daquelas relacionadas exclusivamente à vitivinicultura, promoveu a construção e a difusão do (re)conhecimento da região e de seus vinhos, em escalas espaciais variadas, inclusive, usando imagens de paisagens vitícolas associadas ao topônimo. Contudo, a específica associação da indicação de procedência à paisagem vitícola é mais recente e ocorreu na página da internet e não no folheto.

O registro da IP Pinto Bandeira foi concedida há poucos meses. A análise revelou que as ações da ASPROVINHO ainda não criaram o reconhecimento da região como centro produtor de vinhos finos em escala nacional e que não há um foco direcionado no uso das imagens de paisagens vitícolas, como símbolo espacial da região da IP Pinto Bandeira. As características da viticultura dessa região, principalmente a tradicional, que forma paisagens vitícolas em mosaico com outras culturas, de modo particular, as frutíferas, pode ser uma explicação que contribui com a falta de comunicação direcionada, muito embora particularidade das paisagens possa vir a se tornar um ativo, valorizando a diversidade e a sustentabilidade.

A região de Monte Belo ainda não tem o registro oficial de IP. A análise das ações da APROBELO indicou, preliminarmente, que podem ocorrer transformações significativas na vitivinicultura da região, aproveitando-se, inclusive, da vizinhança com a IP Vale dos Vinhedos. Em seu folheto a APROBLEO fez a associação direta entre espaço/topônimo-IP-vinho/paisagem. É importante ressaltar que, nas variáveis e no enfoque analisados, não foi possível definir as consequências disso, na construção da ideia de região com IP e na imagem espacial do vinho, mas, pelos dados da pesquisa em uma única vinícola, é possível inferir que os turistas estão apreendendo a associação.

Esta pesquisa tem limites decorrentes das variáveis, do alcance dos levantamentos e dos enfoques nas análises realizadas, que poderão ser superados, em outras pesquisas, pela inclusão de novas variáveis ou de novos enfoques sobre estes levantamentos ou de aprofundamento nas relações entre os aspectos

analisados. Os impactos ambientais na paisagem vitícola, embora merecedores da atenção, não foram pesquisados e poderão se constituir em tema de futuros trabalhos.

Entretanto, os resultados desta pesquisa poderão contribuir com o planejamento, a promoção e divulgação das IP's, a gestão das IP's e dos municípios, para a sensibilização sobre a fragilidade de um patrimônio (i)material. Há um potencial imenso para o crescimento do consumo de vinho no Brasil; entretanto, é necessário também torná-lo conhecido, como um elemento que é a expressão da cultura de uma sociedade e, para tanto, como foi demonstrado, a paisagem pode ser um importante recurso, nesse processo de reconhecimento.

A internet e as redes sociais têm se revelado um extraordinário meio para difusão de ideias, que podem ser usados na construção dos vínculos região-IP-vinho. Seu conteúdo, porém, assim como aquele dos folhetos, deve ser convidativo e verdadeiro, para o alcance dos objetivos pretendidos. É preciso lembrar que há outras regiões e outros produtores, no Brasil e no exterior, que se mobilizam para que seus vinhos sejam conhecidos e consumidos; portanto, a construção da identidade deve ser eficiente e bem planejada.

Em algumas regiões do Brasil, boa parte da vitivinicultura para vinhos finos se desenvolve a partir de iniciativas que não estão relacionadas à tradição de um grupo social, mas em iniciativas de investidores, cujos capitais têm origem em outros setores da economia. A avaliação do uso da paisagem vitícola para o reconhecimento dos vinhos produzidos nessas regiões, como, por exemplo, no Planalto Catarinense e na Campanha, abre perspectivas de pesquisas que poderão ser realizadas, utilizando a metodologia e a análise aqui desenvolvidas, com a possibilidade de parceria com outros pesquisadores.

Outra perspectiva, a partir desta pesquisa, é a realização de estudos comparativos das paisagens vitícolas analisadas com aquelas das regiões dos Vinhos Verdes (Portugal) e Asprinio de Aversa (Itália), nas quais existe a tradição herdada dos etruscos de usar tutores vivos na sustentação dos vinhedos. Também é possível aplicar a metodologia usada para estudos da paisagem em regiões com outros cultivos como a maçã, por exemplo.

A importância e o valor simbólico das paisagem vitícolas das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo e de seus elementos emblemáticos foram confirmados nessa pesquisa. Por isso, é importante que o poder público, ciente dessas conclusões, venha a definir políticas públicas no contexto da Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO (adotada em 1972 e modificada posteriormente), da qual o Brasil é signatário, para salvaguardar o patrimônio coletivo, a exemplo da Convenção Europeia da Paisagem (2000). Será necessário que as diferentes instâncias do poder público e da iniciativa privada nos municípios estejam de acordo e as intenções se concretizem em ações concretas.

Sugere-se, particularmente, ao município de Monte Belo do Sul e à APROBELO, a criação de um museu da paisagem vitícola, de modo a preservar as diferentes formas de sustentação dos vinhedos e sítios arqueológicos relacionados à vitivinicultura. A paisagem vitícola dessa região se enquadra nas definições da Convenção da UNESCO para paisagem cultural, categoria 2, subcategoria segunda

paisagem viva que mantém um papel social ativo na sociedade contemporânea, estreitamente ligada a um modo de vida tradicional no qual o processo evolutivo prossegue. Ao mesmo tempo, permite ver provas evidentes da sua evolução no tempo (DURIGUELLO, 1999, p.11)¹²⁰.

Na IP Monte Belo, a pesquisa evidenciou a evolução da viticultura sem descaracterização paisagística, com a manutenção de diferentes formas de sustentação dos vinhedos, incluindo os plátanos sustentando vinhedos modernos, elemento emblemático faz a vinculação entre o passado e o presente, entre o antigo e o moderno.

Para a ASPROVINHO e Pinto Bandeira (distrito ou município), sugere-se a organização de um museu do cotidiano da vitivinicultura, envolvendo toda comunidade da região, especialmente as escolas. Deste modo, podem ser preservados os usos e costumes, utensílios e equipamentos, as imagens do passado e do presente, que podem contextualizar a região em grandes painéis de paisagens vitícolas. A realização coletiva de um equipamento dessa natureza

¹²⁰ Tradução livre de "paesaggio vivente che mantiene un ruolo sociale attivo nella società contemporanea, strettamente legato ad un modo di vita tradizionale nel quale il processo evolutivo prosegue. Nel medesimo tempo lascia vedere delle prove evidenti della sua evoluzione nel tempo."

poderá promover a internalização da IP Pinto Bandeira e conscientizar a todos sobre a importância da vitivinicultura regional e da sua paisagem vitícola.

Na região da IP Vale dos Vinhedos, considerando as intensas pressões especulativas e o intenso e crescente fluxo de turistas, sugere-se à APROVALE e às vinícolas, assim como às prefeituras de Bento Gonçalves, de Garibaldi e de Monte Belo do Sul, a busca de parcerias e apoios de organismos culturais, em âmbito nacional e internacional, na construção de locais especiais para observar a paisagem vitícola. Estes locais devem ser selecionados pela representatividade e pela sua beleza cênica, como forma de organizar e de proporcionar a visualização do patrimônio coletivo que são as paisagens vitícolas.

As regiões constituem e são constituídas por uma sociedade paisagística. E a tese mostrou que a natureza e a sociedade, inscritas na paisagem vitícola das regiões das IP's Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo, produzem o vinho com o qual se pode celebrar cotidianamente a vida.

A tese é também uma paisagem, que permitiu a organização do espaço pessoal, através da conexão das raízes com a seiva do trabalho, e a reconstrução do arquétipo próprio da beleza da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A

ABRAMOVAY, R. Desenvolvimento rural territorial e capital social. In: SABOURIN, E; TEIXEIRA, O. A. (Org.) **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais**: conceitos, controvérsias e experiências. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2002.

AB'SABER, A. N. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. In: SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO, 3, 1971, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971, p.1-14.

AB'SABER, A.N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia**, São Paulo, n. 20, p.1-26, 1970.

AB'SABER, A.N. Conhecimentos sobre as flutuações climáticas do quaternário no Brasil. **Boletim da Sociedade Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 6, p.41-48, 1957.

ADAMI, J.S. **História de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.

ADAMI, J.S. **Festas da uva**: 1881-1965. Caxias do Sul: São Miguel, 1965.

AGOSTINI, É. La denomination du vin. In: CERHIR. **Le vin à travers les âges**: produit de qualité, agent économique. Bordeaux: Féret, 2001, p.19-24.

AGUIAR, M. **Elos de dioniso na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/geral3/miriam2.html#topo>. Acesso em: 15 mar. 2010.

ALBERT, J.-P. La nouvelle culture du vin. **Terrain**, Besançon, n.13, 1989, p.117-124. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index2961.html>. Acesso em: 20 fev. 2010.

ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (BERTASO, H.A.; LIMA, M.A. Org). Porto Alegre: Globo, 1950.

ALMEIDA, J.A.; FROEHLICH, J.M.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

ANDERSEN, T. Criteri per la difinizione dei paesaggi viticoli. **Viticultura di Montagna**, Vale d'Aosta, a.VII, n.8, 1997, p.13-16.

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANTOINE, A. Paysages et structures agraires. **Enquêtes Rurales**, Caen, a.XII, v.3, p.5-7, 1997.

APROBELO. **Estatutos da associação vitivinicultores de Monte Belo do Sul**. Monte Belo do Sul, 2003. Impresso de computador.

APROVALE. **Relatório do conselho regulador de indicação geográfica 2001**. Bento Gonçalves: APROVALE, 2001. Impresso de computador.

APROVALE. **Estatutos da associação de produtores de vinhos finos do Vale dos Vinhedos**. Bento Gonçalves: APROVALE, 1995/2009. Impresso de computador.

ARDILLIER-CARRAS, F. Espace rural et tourisme: mirage ou opportunité? Réflexion autour d'un ensemble régional entre Poitou et Limousin. In: VIOLIER, P. (Direction). **L'espace local et les acteurs du tourisme**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999, p.33-39.

ARNOULD, P. Biodiversité: la confusion des chiffres et des territoires. **Annales de Géographie**, Paris, n.631, p.528-549, 2006.

ASPROVINHO. **Estatutos da associação de produtores de vinhos finos de Pinto Bandeira**. Bento Gonçalves, 2001, 2009. Impresso de computador.

AZEVEDO, T. de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1975.

B

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAILLY, A.; RAFFESTAIN, C.; REYMOND, H. Les concepts du paysage: problématique et représentations. **L'espace géographique**, Paris, v.9, n.4, p.277-280, 1980.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BARIDON, M. **Naissance et renaissance du paysage**. Arles: Actes Sud, 2006.

BARRIOS, S. A produção do espaço. In: SOUZA, M.A.; SANTOS, M. (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986, p.1-24.

BARTHES, R. O vinho e o leite. **Mitologias**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.51-53.

BARTHES, R. A imagem. In: BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p.13-59.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Nota sobre A Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASSAND, M. Algumas observações para uma abordagem interdisciplinar do espaço. In: REYNAUD, A. et al. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986, p.133-139.

BATISTELLA, M.; TONIETTO, J.; FALCADE, I. Geração de modelo numérico de terreno como subsídio à planificação da vitivinicultura na Serra Gaúcha In: CONGRESSO E FEIRA PARA USUÁRIOS DE GEOPROCESSAMENTO, II, 1996, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sagres, 1996, p.324-330.

BAUD, P.; BOURGEAT, S.; BRAS, C. **Dictionnaire de géographie**. Paris: HATIER, 2003.

BAZCKO, B. Imaginação social. **EINAUDI**. n.5. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

BAZIN, J.-F. **Histoire du vin de Bourgogne**. Dijon: Jean-Paul Gisserot, 2002.

BECKER, N. Propositions pour une uniformisation des critères topographiques et climatiques utilisés pour la caractérisation des sites viticoles. **Bulletin de l'OIV**, Paris, v.57, n.639, mai 1984, p.383-393.

BENOIT, C. Le paysage historique de la Caraïbe, ou ... le territoire apprivoisé. In: BONNEMAISON, J.; CAMBREZY, L.; QUINTY-BOURGEOIS, L. **Les territoires de l'identité**. Le territoire, lien ou frontière? Tomo 1. Paris: L'Harmattan, 1999, p.23-32.

BÉRARD, L.; MARCHENAY, P. **Produits de terroirs**. Comprendre et agir. Bourg-en-Bresse: CNRS, 2007.

BÉRARD, L.; MARCHENAY, P. Lieux, temps et preuves. La construction sociale des produits de terroir. **Terrain**, Besançon, n.24, 1995, p.153-164. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index3128.html>. Acesso em: 20 fev. 2010.

BERGAMASCHI, H. D. E. Propriedade: identidade e cultura regional. In: GIRON, L.S., RADUNZ, R. (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007, p.17-36.

BÉRINGUIER, P.; DÉRIOZ, P.; LAQUES, A.E. **Les paysages français**. Paris: Armand Colin, 1999.

BERNUS, E. Nomades sans frontières ou territoires sans frontières? In: BONNEMAISON, J.; CAMBREZY, L.; QUINTY-BOURGEOIS, L. **Les territoires de l'identité**. Le territoire, lien ou frontière? Tomo 1. Paris: L'Harmattan, 1999, p.33-41.

BERQUE, A. (Direc.). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Seyssel: Champ Vallon, 1994.

BERQUE, A. Comment parler du paysage. In: **Les raisons du paysage, de la Chine antique aux environnements de synthèse**. Paris: Hazans, 1995, p.11-38.

BERQUE, A. Espace, milieu, paysage, environnement. In: BALLY, A.; FERRAS, R.; PUMAIN, D. (Direction). **Encyclopédie de géographie**. Paris: Economica, 1992, p.351-369.

BERQUE, A. **Médiance**: de milieux en paysages. Montpellier: Reclus, 1990.

BERQUE, A. Milieu et identité humaine. **Annales de Géographie**, Paris, n.638-639, p.385-399, 2004.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-91.

BERTHO, C. L'invention de la Bretagne. Genèse sociale d'un stéréotype. **Actes de la Recherche en Sciences sociales**, Paris, n.35, p.45-62, 1980.

BERTRAND, G. La science du paysage, une science diagonale. **Revue Géographique des Pyrénées et du SO**, Toulouse, v.43. n.2. p.127-133, 1972.

BERTRAND, G. Le paysage entre la nature et la société. **Revue Géographique des Pyrénées et du SO**, Toulouse, v.49, n.2, p.239-258, 1978.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Revista RA'E GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.

BERTRAND, G. Le paysage, une géographie traversière. Disponível em: http://www.cafe-geo.net/article.php3?id_article=152. 2003. Acesso em: 26 dez.2011.

BESSE, J. M. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLUME, R. **Explorando os recursos estratégicos do terroir para a vitivinicultura brasileira**. 2008. 362f. Tese (Doutorado em Agronegócios). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BOISSINOT, P. L'archeologie des vignobles antiques en france meridionale. In: CIACCI, A.; RENDINI, P.; ZIFFERERO, A. **Archeologia della vite e del vino in Etruria**. Siena: Università di Siena/Associazione Nazionale Città del Vino, 2005, p.35-41.

BOLÓS, Maria de (Org.). **Manual de ciência del paisaje: teoria, método y aplicaciones**. Barcelona: Masson, 1999.

BOLSON, J.H.G. **A importância da paisagem na atividade turística**. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>. Acesso em: 11 mar. 2009.

BONNIEL, J. La sapience et la sagacité. **Terrain**, Besançon, n.6, 1986, p.25-35. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index2893.html>. Acesso em: 20 dez. 2010.

BONNARDOT, V. **Le climat et la vigne en Bourgogne orientale**. 1996. 236f. Thèse (Doctorat en Géographie). Université de Bourgogne/Centre de Recherche de Climatologie. Dijon, 1996.

BONTRON, J-C.; AMOREL-BROCHET, A. Tourisme et fontions: quelles perspectives pour les espaces ruraux? In: PERRIER-CORNET, P. (Direc.). **Repenser les campagnes**. Gémenos: De l'Aube SECPB, 2002, p.173-193.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BOULLÓN, R.C. **Planificación del espacio turístico**. 3. ed. México: Trillas, 1999.

BOYER, J-C. et al. Bourgogne. In: **La France**. Le 26 régions. Paris: Armand Colin, 2005, p.61-72.

BRACON, P. In vineis arbustisque. Il concetto di vigneto in età romana. In: CIACCI, A.; RENDINI, P.; ZIFFERERO, A. **Archeologia della Vite e del Vino in Etruria**. Siena: Università di Siena / Associazione Nazionale Città del Vino, 2005, p.161-166.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. **Cadastro vitícola do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: MAPA/SDR-DENACOOP/EMBRAPA-CNPUV/SAA-EMATER-RS/FECOVINHO, 1996/2007.

BRASIL. Decreto-lei n.º.066, de 8 de março de 1990. Regulamenta a Lei nº 7.678, de 8 de março de 1988, que dispõe sobre a produção, circulação e comercialização do vinho e da uva. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção 1, p.4755-4763, 9 mar. 1990.

BRASIL. Decreto-lei nº.4.062, de 21 de dezembro de 2001. Define as expressões "cachaça", "Brasil" e "cachaça do Brasil" como indicações geográficas e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 21 dez. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/D4062.htm. Acesso em: 25 jun. 2006.

BRASIL. Instrução Normativa, n.1, 2 de fevereiro de 2006. Estabelece a Zona de Produção Vale do São Francisco. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção 1, p.19, 2006a. Disponível em: http://www.anp.gov.br/brasil-rounds/round8/round8/Diario_oficial/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNPE%2003%2018mai06.pdf. Acesso em: 5 set. 2006.

BRASIL. Instrução Normativa, n. 22, 31 de julho de 2006. Estabelece a Zona de Produção Fronteira. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção 1, p. 6, 2006b. Disponível em: http://www.anp.gov.br/brasil-rounds/round8/round8/Diario_oficial/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNPE%2003%2018mai06.pdf. Acesso em: 5 set. 2006.

BRASIL. Instrução Normativa, n. 23, de 31 de julho de 2006. Estabelece a Zona de Produção Serra gaúcha. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção 1, p.6, 2006c. Disponível em: http://www.anp.gov.br/brasil-rounds/round8/round8/Diario_oficial/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNPE%2003%2018mai06.pdf. Acesso: em 5 set. 2006.

BRASIL. Lei nº.9.279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos a propriedade industrial. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1996. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.279-1996?OpenDocument. Acesso em: 21 mar. 2009.

BRIGUENTI, E.; TONIETTO, J. **O clima de São Joaquim para a viticultura de vinhos finos. Classificação pelo sistema CCM geovitícola**. Disponível em: http://www.cnpv.embrapa.br/publica/artigos/brighenti_tonietto_2004.pdf. Acesso em: 03 abr. 2010.

BRIQUEL, D. Les etrusques et le vin. In: PERARD, J.; PERROT, M. **Vigne, vin et aventures humaines**. Col. Les Rencontres du Clos Vougeot. Dijon: Université de Bourgogne, 2009, p.13-35.

BRUNCH, K. Evolução das indicações geográficas no direito brasileiro antes do TRIPS e da lei 9.279/1996: uma análise acerca da internalização dos acordos internacionais concernentes. **II ENCONTRO ACADÊMICO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO – ENAPID**. Rio de Janeiro: INPI, 2010.

BRUNET, R. ; FERRAS R. ; THERY, H. (Dir.). **Les mots de la géographie, dictionnaire critique**. Paris : Reclus-La Documentation française, 1992.

BUNSE, H. **O vinhateiro**. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

C

CABANEL, J. **Pays et paysages de France**. Paris: Editions du Rouergue, 2006.

CALDAS, A.D.S.; CERQUEIRA, P.D.S.; PERIN, T.D.F. Mais além dos arranjos produtivos locais: as indicações geográficas protegidas como unidades de desenvolvimento local. **Revista de desenvolvimento Econômico**, Salvador, n.11, p.5-15, 2005.

CAMILLA, V. Factores naturales y humanos en el las denominaciones de origen de Italia. In: SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987, p.45-51.

CAMPAGNOLO, I. et al. **Monte Belo do Sul constrói a sua história**. Porto Alegre: Evangraf, 1996.

CAPRARA, B.S.; LUCHESE, T.A. **Bento Gonçalves: história e memória distrito de Pinto Bandeira**. Bento Gonçalves: Fundação Casa das Artes, 2001.

CAPRARA, B.S.; LUCHESE, T.A. **Bento Gonçalves: história e memória distrito do Vale dos Vinhedos**. Bento Gonçalves: Fundação Casa das Artes, 2001.

CAPRARA, B.S.; LUCHESE, T.A. **Da colônia Dona Isabel ao município de Bento Gonçalves, 1875 a 1930**. Bento Gonçalves/Porto Alegre: VISOGRAF/ CORAG – Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2005.

CARBONNEAU, A. Architecture de la vigne et paysage. In: CONSEIL INTERNATIONAL DES MONUMENTS ET DES SITES (ICOMOS). **Les paysages culturels viticoles dans le cadre de la convention du patrimoine mondial de l'UNESCO**. 2005, p.31-40. Disponível em: www.icomos.org. Acesso em: 15 maio 2006.

CARBONNEAU, A.; CARGNELLO, G. **Architectures de la vigne et systèmes des conduite**. Paris: Dunot, 2003.

CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R.C.A.; YAZIGI, E. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

CAROLINO, J. Agricultura, paisagem e identidade local. **Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)**, Faro, 1-3 Nov. 2007 - SPER/UAlg, 2008.

CARVALHO, I.C.M.; GRUN, M.; AVANZI, M.R. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. **Caderno CEDES**, v.29, n.77. CAMPINAS, 2009. Disponível em: <http://submission.scielo.br/index.php/ccedes/issue/view/156>. Acesso em: 28 jan. 2011.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. **Geografia: conceitos e temas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CASTRO, I.E. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YAZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.121-140.

CAUQUELIN, A. **L'invention du paysage**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

CAVAGNOLLI, A. **Os parceiros do vinho: a vitivinicultura em Caxias do Sul (1911-1936)**. 1989. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1989.

CAVALCANTI, A.; VIADANA, A. G. **Organização do espaço e análise da paisagem**. Rio Claro: UNESP/IGCE/DEPLAN, 2007.

CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA: 1875-1975. Porto Alegre: Edel, 1975.

CERVIN. Disponível em: <http://www.cervim.org>. Acesso em: 3 fev. 2006.

CHAMBOREDON, J.-C. Les usages urbains de l'espace rural: du moyen de production au lieu de récréation. **Revue Française de Sociologie**, Paris, a.XXI, n.1, p.97-119, 1980.

CHAMBOREDON J.-C.; et al. L'appartenance territoriale comme principe de classement et d'identification. **Sociologie du Sud-Est**, Nyce/Aux-en-Provence, a.41, n.4, p.61-68, 1985.

CHEVALLIER, D.; MOREL, A. Identité culturelle et appartenance régionale. **Terrain**, Besançon, n.5, 1985, p.3-5. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index2878.html>. Acesso em: 20 dez. 2009.

CHABIN, J.-P. L'excellence aux limites... ou le paradoxe des vignobles septentrionaux français d'après l'exemple Côte-d'Orien. **Revue Géographie de L'est**, Tome XLIV, n.1-2, 2004, p.9-16.

CHABOT, G. **Géographie regionale de la France**. Paris: Massont et Cie, 1966, p.221-238.

CHAIRE UNESCO CULTURE ET TRADITIONS DU VIN. Disponível em: <http://chaireunesco-vinetculture.u-bourgogne.fr>. Acesso em: 25 maio 2007 (e posteriores).

CHAPUIS, R. La géographie agraire et la géographie rurale. In: BAILLY, A. (Direc). **Les concepts de la géographie humaine**. 5.ed. Paris: Armand Colin, 2004, p.149-164.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990, p.13-28.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, a.5, n.11, p.173-191, 1991.

CHOUQUER, G. Introduction et comment etudie-t-on un paysage? In: **Histoire d'un paysage de l'époque galoise a nous jours**. Entre Bourgogne et Franche-Compte. Paris: Errance, 1993, p.17-27.

CHOUQUER, G. **L'étude des paysages**. Essais sur leurs formes et leur histoire. Paris: Errance, 2000.

CHOUQUER, G. La place de l'analyse des systemes spatiaux dans l'étude des paysages du passé. In: CHOUCHER, G. (Direc.). **Les formes des paysages**. L'analyse des systemes spatiaux. n.3. Paris: Errance, 1997, p.14-24.

CIACCI, A.; RENDINI, P.; ZIFFERERO, A. **Archeologia della vite e del vino in Etruria**. Siena: Università di Siena/ Ci.Vin./Associazione Nazionale Città del Vino, 2005.

CIC/BENTO GONÇALVES. **Bento em dados**. Pesquisas sócio-econômicas. 36.ed. Bento Gonçalves: CARVI/Cenecista, 2008.

CINQUENTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NELL RIO GRANDE DEL SUD: 1875-1925. Roma/Porto Alegre: Ministero Degli Affari Esteri/Livraria do Globo, 1925.

CLARKE, Oz. **Atlas del vino**. London: Hardcover/Blume, 2004.

CLARKE, Oz. **Atlas hachette des vins du monde**. Paris : Hachette, 1995.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.13-74.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 1999.

CLAVAL, P. **Géographie régionale**. De la région au territoire. Paris: Armand Colin, 2006.

CLAVAL, P. Lieux de memoire. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.19-20, p.89-106, 2005.

COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES. **A região demarcada dos Vinhos Verdes**. Um século de história. Porto, 2002. Disponível em: <http://www.vinhoverde.pt/pt/vinhoverde/historia/default.asp>. Acesso em: 19 jan. 2010.

CONCEIL OF EUROPE. Disponível em: http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/heritage/landscape/default_FR.asp. Acesso em: 5 fev. 2007.

COPAT, L.; MANFREDINI, S.; TONIETTO, J. La vitivinicultura en Brasil. In: HIDALGO, L. **La viticultura americana y sus raíces**. Madrid: Ministério de Agricultura/Pesca y Alimentación, 1992, p. 65-97.

CORRÊA, R.L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I.E. et al. **Geografia: conceitos e temas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.15-47.

CORRÊA, R.L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1987.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORTESÃO, J. (ed). **Manuscritos da coleção de Angelis (jesuítas e bandeirantes)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 3v, 1951-1952-1969.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.92-123.

COSTA, R.H. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.169-190.

COSTA, R.H. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

COSTA, R. **Imigração italiana: vida costume tradições**. Porto Alegre: EST, 1974.

CRUZ, R.C.A. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: YAZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.107-119.

CURBERA, J.B.; GALAZ, V.M. *Platanus caesariana*. **Habis**, 26, 1995, p.153-158. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=58034>. Acesso em: 28 abr. 2010.

D

DACANAL, J.H.; GONZAGA, S. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

D'ANCONA, R. **Vitigni autoctoni italiani**: testimoni del passato e protagonisti del futuro. Disponível em: http://italian-flavor.com/italiano/news/vitigni_autocton. Acesso em: 06 fev. 2010.

DANTAS, V. El establecimiento y la protección de las denominaciones de origen vinícolas con vistas al futuro, teniendo en cuenta las lecciones del pasado. In: SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987, p. 79-88.

DARDEL, E. **L'uomo e la Terra**. Natura della realtà geografica. Milano: UNICOPLI, 1986.

DARQUE, M.B., LUGINBUHL, Y., TERRASSON, D. **Paysages**: de la connaissance à l'action. Paris: Quae éditions, 2007.

DAUPHINE, A. Espace terrestre et espace géographique. In: BAILLY, A. (Direc). **Les concepts de la géographie humaine**. 5.ed. Paris: Armand Colin, 2004, p.51-62.

DE BONI, L.A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

DE BONI, L.A. **Bento Gonçalves era assim**: relatório de autoridades italianas sobre os primórdios de Bento Gonçalves. Porto Alegre/Caxias do Sul/ Bento Gonçalves: ESTSLB/Correio Riograndense/FERVI, 1985.

DE BONI, L.A.; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 2ª.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

DIAS, J.; SANTOS, L. **A paisagem e o geossistema como possibilidade de leitura da expressão do espaço**. Disponível em: <http://confins.revues.org/document10.html#global>. Acesso em: 02 set. 2007.

DI MEO, G. Composantes spatiales, formes et processus géographiques des identités. **Annales de Géographie**, Paris, n.638-639, p.339-362, 2004.

DI MEO, G. **Géographie sociale et territoires**. Paris: Nahatans, 1998.

DI MEO, G. La genèse du territoire local: complexité dialectique et espace-temps. **Annales de Géographie**, Paris, n.559, 1991, p.273-294.

DI MEO, G. Les sens géographique des fêtes. **Annales de Géographie**, Paris, n.622, p.624-645, 2001.

DI MEO, G.(Org). **Les territoires du quotidien**. Paris: L'Harmattan, 1996.

DI MEO, G. Que voulons-nous dire quand nous parlons d'espace? In: VÉVY, J.; LUSSAULT, M. **Logiques de l'espace, esprit des lieux**. Géographies à Cerisy. Paris: Belin, 2000, p.37-48.

DI MEO, G.; BULÉON, P. **L'espace social**. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin/VUEF, 2005.

DION, R. **Essai sur la formation du paysage rural français**. Neuilly-sur-Seine: Guy Durier, 1981, p.72-154.

DION, R. **Le paysage et la vigne**: essais de géographie historique. Paris: Payot, 1990.

DIRY, J.P. **Les espaces ruraux**. 2.ed. Paris: Armand Colin, 2006.

DOIZELET, S. «Depuis des années...» In: GRANDIN-MAURIN, C.; GIORGIUTTI, V. **Passions et raisons du paysage**. Une nature sensible. Conseil d'Architecture d'Urbanisme et de l'environnement du Rhône: Les Éd. del'Imprimeur, 2003, p.28-33.

DONADIEU, P.; PÉRIGORD, M. **Clés pour le paysage**. Versailles: ENSP/Géophrys, 2005.

DONADIEU, P.; PÉRIGORD, M. **Le paysage**. Paris: Armand Colin, 2007.

DUBOST, F.; LIZET, B. «Pour une ethnologie du paysage». In: Paysage au pluriel. Pour un approche ethnologique des paysages. MINISTERE CULTURELE. DIRECTION DU PATRIMOINE. **Cahier Ethnologie de France**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme de Paris, n. 9, 1995, p. 225-240.

DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.91-132.

DURIGUELLO, R. La convenzione del patrimonio mondiale dell'UNESCO ed i paesaggi culturali. **Viticultura di Montagna**, Vale d'Aosta, a.IX, n.10, 1999, p.5-15.

E

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva: 1983.

ECO, U. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

EGLER, C.A.G. Questão regional e gestão do território no Brasil. In: CASTRO, I.E. et al. **Geografia: conceitos e temas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.207-238.

ELECTRONIC PLANT INFORMATION CENTRE (EPIC). Disponível em: <http://epic.kew.org/index.htm>. Acesso em: 12 mar. 2010.

EMBRAPA UVA E VINHO. **Aerolevanteamento Vale dos Vinhedos/Monte Belo do Sul**. 2005. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho. (Meio digital) (convênio FINEP-FAGRO-Embrapa Uva e Vinho; projeto APL Vinhos: Desenvolvimento de Indicações Geográficas e Alerta Vitícola para o APL de Viticultura do Rio Grande do Sul), 2005.

EMILIANI, V. **Vite e ulivo**: è l'Italia. UNESCO, Associazione città e siti italiani patrimonio mondiale. Primo Piano, a.5, n.1, 2009. Disponível em: <http://www.sitiunesco.it>. Acesso em: 23 nov. 2009.

ENDERS, M. Influencia de los factores naturales y de los factores humanos en el desarrollo de las denominaciones de origen basándose en el desarrollo de la denominación champaña. In: SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987, p.73-77.

ENOLOGIA. Disponível em: <http://www.enologia.org.br>. Acesso em: 10 jan. 2010.

F

FAGGION, C.M. Bilingüismo precoce e estigma. In: GIRON, L.S.; RADUNZ, R. (Org.). **Imigração e cultura.** Caxias do Sul: EDUCS, 2007, p.133-140.

FALCADE, I. As indicações geográficas (IG's) e a reorganização do espaço rural brasileiro. In: MARAFON, G.J.; RUA, J.; RIBEIRO, M.A. **Abordagens teórico-metodológicas da geografia agrária.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p.225-253.

FALCADE, I. A organização do espaço agrário em Bento Gonçalves. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 4, 1984. Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: EDUFMS, v.2, 1984, p.207-210.

FALCADE, I. **Elementos que comprovam que o nome geográfico Vale dos Vinhedos se tornou conhecido e reconhecido na produção de vinhos.** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho/Clima Temperado/UCS/UFRGS/, 2010. (Nota Técnica para o processo da Denominação de Origem Vale dos Vinhedos).

FALCADE, I. Enoturismo nas regiões vitivinícolas Serra Gaúcha e Vale dos Vinhedos (Brasil). In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO NO VALE DO DOURO, 2, 2004, Porto/Vila Real/Régua/São João da Pesqueira. **Comunicações...** Porto: Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a.9, n.18, p.191-199, 2006a.

FALCADE, I. Geografía de la vitivinicultura brasileña. In: BERETTA Curi, A. (Org.). **La vitivinicultura uruguaya en la región (1870-2000).** Una introducción a estudios y problemas. Montevideo: Universidad de la República, 2010, p.271-297.

FALCADE, I. **Indicações geográficas, o caso da região com indicação de procedência Vale dos Vinhedos.** 2005. 189f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005b.

FALCADE, I. Influência da insolação sobre a qualidade da uva. **Boletim Gaúcho de Geografia,** Porto Alegre, n.13, p.75-88, 1985.

FALCADE, I. O espaço geográfico e o turismo na região da uva e do vinho no nordeste do Rio Grande do Sul In: ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA, XXI, 2001, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 2001, p.39-53.

FALCADE, I. O espaço rural e a vitivinicultura nas regiões Serra Gaúcha e Vale dos Vinhedos (Brasil). In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO NO VALE DO DOURO, 2º, 2004, Porto/Vila Real/Régua/São João da Pesqueira. **Comunicações...** Porto: Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a.9, n.18, 2006b, p.201-218.

FALCADE, I. Paisagens vitivinícolas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10, 2003, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2003a. p.133-136.

FALCADE, I. Paysage viticole dans la Vale dos Vinhedos (Brésil): pression et protection. In: CONGRES INTERNATIONAL DES TERROIR VITICOLES, VI, 2006, Bordeaux/Montepiler. **Comunicações...** Bordeaux/Montepiler: ENITA/Syndicat de Coteaux de Languedoc, 2006, p.450-454.

FALCADE, I. Paysages de vignes et de vins dans la région Vale dos Vinhedos (Brésil): le traditionnel dans un espace en transformation. In: COLLOQUE INTERNATIONAL PAYSAGES DE VIGNES ET DE VINS, 2003, Fontevraud. **Paysages de Vignes et de Vins:** Patrimoine, Enjeux, Valorisation. Angers: InterLoire, 2003b. P.141-145.

FALCADE, I. Paysages viticoles dans la Région de Pinto Bandeira (Brasil). In: CONGRES INTERNATIONAL VITICULTURE DE MONTAGNE ET/OU EN FORTE PENTE, I, 2006, Saint Vincent. **Poster...** Saint Vincent: CERVIN, 2006. 8p. (CD)

FALCADE, I. Reflexões sobre paisagens vitícolas no Brasil. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, II, 2006, Uberlândia. **Comunicações...** Uberlândia: UFU, 2006. 6p. (CD).

FALCADE, I. Región Vitivinícola del Vale dos Vinhedos (Brasil): una metodología para los límites y elaboración de cartografía en escala media In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ZONIFICACIÓN VITIVINÍCOLA, 3, 2000, Puerto de la Cruz. **Resúmenes...** Puerto de la Cruz (España): Ministerio de Agricultura, Pesca y Ganadería, v.2, 2000, p.1-8.

FALCADE, I., BACHI, L. C. A cartografia da ocupação do espaço platino - Séculos XVI a XVIII In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIRAS, X, 1993, Santa Rosa. **Anais....** Ijuí: Unijuí, 1993, p.401-417.

FALCADE, I.; FRIZZO, L.; BACHI, L. C. **Cidade de Caxias do Sul:** evolução urbana e poder público – 1875/1990. Caxias do Sul: UCS, 1993. (96p.; Original).

FALCADE, I.; MANDELLI, F. (Org.). **Vale dos Vinhedos:** caracterização geográfica da região. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

FALCADE, I.; MEREIROS, R.M.V. Transformações no Vale dos Vinhedos: dinâmicas urbanas no rural? In: SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL, 1, 2006, São Paulo. **Comunicações...** São Paulo: DG-FFLCH-USP/DG-UFRGS, 2006. 17p. (CD)

FALCADE, I.; TONIETTO, J. **A viticultura para vinhos finos e espumantes da Região da Serra Gaúcha:** topônimos e distribuição geográfica. Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV, 1995a.

FALCADE, I.; TONIETTO, J. Caracterização geográfica das regiões de viticultura no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 7, 1993. Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 1999, p.45-55.

FALCADE, I.; TONIETTO, J. **Serra Gaúcha, vinhos finos e espumantes:** zona de produção e topônimos. Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV, 1995b. Mapa em 1f. Escala 1:100.000.

FALCETTI, M. Le terroir: qu'est-ce qu'un terroir? pourquoi l'étudier? pourquoi l'enseigner? **Bulletin de l'OIV**, n.757-758, 1994, p.246-275.

FALCETI, M.; BERTAMINI, M.; SCIENZA, A. Criteri di definizione e di delimitazione delle aree viticole di montagna. **Viticultura di Montagna**, Vale d'Aosta, a.IV. n.5, p.35-47, 1994.

FALCETTI, M. et al. Gestire il território con la zonazione : le esperienze nel vigneto Italia. **Vignevisi**, Milano, n.1/2, p.50-61, 1997.

FANNET, J. **Les terroirs du vin**. Paris: Hachette, 2008.

FAURE, M. Un produit agricole « affiné » en objet culturel. **Terrain**, Besançon, 33, 1999, p.81-92. Disponível em <http://terrain.revues.org/index2703.html>. Acesso em: 20 dez. 2009.

FAVERO, I. **Políticas de turismo: planejamento na região Uva e Vinho**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

FERVI. **Hierarquia sócio-econômica das indústrias dos principais municípios da Encosta Superior da Serra do Nordeste**. Bento Gonçalves: FERVI, 1978.

FICK, N. L'aventure de la viticulture dans les provinces occidentales de l'empire romain. In: PÉRARD, J.; PERROT, M. **Vigne, vin et aventures humaines**. Col. Les Rencontres du Clos Vougeot. Dijon: Université de Bourgogne, 2009, p. 37-49.

FÍGOLI, L. H. A paisagem como dimensão simbólica do espaço: o mito e a obra de arte. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.10, p.29-39, 2007. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70310104.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2011.

FIGUEIREDO, S.L.; MANHI, C.A. Análise comparativa de paisagem em turismo: sistemas de referência. In: RUSCHMANN, D.M.; SOLHA, K.T. (Org.). **Planejamento turístico**. São Paulo: Manoe, 2006, p.154-174.

FIGUEIRÓ, A. Evolução do conceito de paisagem: uma breve revisão. **GEOSUL**, Florianópolis, v.13, n.26, Florianópolis, 1998, p.40-52.

FLEURY, J. **La culture**. Paris: Breal, 2002.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookmann, 2004.

FLORES, C.A. et al. **Vinhos de Pinto Bandeira: características da identidade regional para uma indicação geográfica**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2006. Circular Técnica 56.

FLORES, C.A.; PÖTTER, R; FASOLO, P.J.; HASENACK, H; WEBER, E. **Mapa semidetalhado de solos da Serra Gaúcha**. Escala 1:150.000. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio, 2007. Mapa colorido em 1f. (Original 280 x 240 cm).

FLORES, M.X. **Da solidariedade social ao individualismo**. Um estudo sobre o desenvolvimento do Vale dos Vinhedos na Serra Gaúcha. 2007. 311f. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FLORES, S.S. **Desenvolvimento territorial sustentável a partir dos territórios do vinho: o caso dos "Vinhos da Campanha"**. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FORNI, G. Quando e come sorse la viticoltura in Italia. In: CIACCI, A.; RENDINI, P.; ZIFFERERO, A. **Archeologia della vite e del vino in Etruria**. Siena: Università di Siena/Associazione Nazionale Città del Vino, 2005, p.69-81.

FREGONI, M. I paesaggi viticoli, opere d'arte e di ingegno da salvaguardare. **Il Sommelier**, n.5, 2003. p.4.

FREGONI, M. I percorsi storici della potatura della vite. In: ARCHETTI, G. **La civiltà del vino**. Brescia: Centro Culturale Artistico di Franciacorta e del Sebino, 2003, p.837- 845.

FREGONI, M. Viticoltura etrusca o greca? **Vignevini**, Milano, a.10, n.11, 1983, p.7.

FREGONI, M. **La viticoltura di qualità**. 1998. Disponível em: <http://www.angelodelvino.it/articolo.php?pag=141&dett=storiadelvino>. Acesso em: 20 jan. 2010.

FREIRE, L.M.R.; FREIRE, J.M.; LANZER, E.A. **Perfil sócio-econômico das propriedades vitícolas dos municípios de Bento Gonçalves e Flores da Cunha**. Bento Gonçalves: Embrapa/CNPUV, 1987, 44p.

FREMONT, A. **La région, espace vécu**. Paris: Flammarion, 1999.

FROLOVA, M. **Les paysages du caucase**. Paris: CTHS, 2006, p. 9-38.

FROSI, V. M. A linguagem oral da região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: MAESTRI, M. (Coord.). **Nós os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996, p.158-167.

FROSI, V.M. Bilingüismo de português e dialetos italianos: nossa história, nossa língua, nossa origem. In: GIRON, L.S.; RADUNZ, R. (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007, p.143-152.

FROSI, V.M.; MIORANZA, C. **Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

G

GATTO, D. A. **Características tecnológicas do vergamento das madeiras de *Luehea divaricata*, *Carya illinoensis* e *Platanus x acerifolia* como subsídios para o manejo florestal**. 2006. 112f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

GARRIER G. **Histoire sociale et culturelle du vin**. Paris: Bordas, 1995.

GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GAUDIN, P.; REVERCHON, C. Autour de la pierre... **Terrain**, Besançon, n.6, 1986, p.65-67. Disponível em <http://terrain.revues.org/index2896.html>. Acesso em: 02 dez. 2009.

GÉLY, Rafaël. **Identités et monde commun**. Bruxelas: P. I. E. Peter Lang S.A, 2006.

GERBER, J.-P.; RODEWALD, R.; KNOEPFELD, P. Gestion durable du paysage. Leçons que les nouveaux parcs naturels régionaux doivent tirer de l 'expérience des anciennes corporations. **Revue de Géographie Alpine**, Grenoble, n.3, Tome 95, p.53-62, 2007.

GERVAIS-LOMBONY, P. De l'usage de la notion d'identité en géographie. Réflexions à partir d'exemples sud-africains. **Annales de Géographie**, Paris, n.638-639, p.469-488, 2004.

GEERTZ, G. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIANNACE, M.I comprensori indagati nel 2005: l'alta Valle dell'Ombrone (GR), l'alta Valdelsa (SI), la Val d'Orda (SI), la bassa Val di Cornia (LI), l'alta Valle dell'Albegna (GR). In: CIACCI, A.; RENDINI, P.; ZIFFERERO, A. **Archeologia della vite e del vino in Etruria**. Siena: Università di Siena/Associazione Nazionale Città del Vino, 2005, p.206-216.

GIRON, L.S. **80 anos de lutas - 1929-2009**. A Cooperativa Forqueta e o cooperativismo vitivinícola gaúcho. Porto Alegre: SESCOOP, 2009.

GIRON, L.S. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, J.H.; GONZAGA, S. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

GIRON, L.S. **Caxias do Sul**: evolução histórica. Caxias do sul: EDUCS, 1977.

GIRON, L.S. Identidade: região e valores. In: GIRON, L.S.; RADUNZ, R. (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007, p.38-58.

GIRON, L.S.; BERGAMASCHI, H.E. **Colônia**: um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

GIRON, L.S.; BERGAMASCHI, H.E. **Terra e homens**: colônias e colonos no Brasil. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

GLASS, R.F.; CASTRO, A.M.G. **As indicações geográficas como estratégia mercadológica para vinhos**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2009.

GOBBATO, C. Il colono italiano ed il suo contributo nello sviluppo dell'industria riograndense. In: **CINQUENTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NELL RIO GRANDE DEL SUD: 1875-1925**. Roma: Ministero Degli Affari Esteri/Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925, p.195-242.

GOBBATO, C. **Manual do vitivicultor brasileiro**. Porto Alegre: Globo, 1940.

GOBBATO, C. O cultivo da vide e a industrialização da uva no Rio Grande do Sul. In: **ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RS**. Porto Alegre: Globo, 1950, p.401-424.

GOLLO, S.S. **Inovação e estratégia de cooperação competitiva**: estudo de caso da indicação de procedência Vale dos Vinhedos - Serra Gaúcha/RS. 2006. 361f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

GOMES, P.C.C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I.E. et al. **Geografia**: conceitos e temas. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.49-76.

GONÇALVES, M.F.W. **Propriedade industrial e a proteção dos nomes geográficos**. Curitiba: Juruá, 2007.

GRÉGOIRE, C. Étude de la dynamique de l'occupation du sol en zone viticole A.O.C. sur trois communes du Bas-Rhin. **Revue Géographie de L'Est**, Nancy, Tome XLIV, n.1-2, 2004, p.43-53.

GUERRA, A.T.; GUERRA, A.J.T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GUERRA, A.T.; CUNHA, S.B. **Uma atualização de base e conceitos**. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GUERRA, C.C. et all. **Conhecendo o essencial sobre uvas e vinhos**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2009. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/docu>. Acesso em: 03 abr. 2010.

GUERRA, C.C.; ZANUS, M.C. Características analíticas e sensoriais de vinhos produzidos no Vale do Submédio São Francisco. In: WOPSHOP INTERNACIONAL DE PESQUISA, 1, 2004. A produção de vinhos em regiões tropicais. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa uva e Vinho, 2007, p.185-190.

GUILLET, F. Naissance de la Normandie (1750-1850). Genèse et épanouissement d'une image régionale. **Terrain**, Besançon, n.33, 1999, p.145-156. Disponível em <http://terrain.revues.org/index2712.html>. Acesso em: 20 dez. 2009.

GUIMARÃES, A.T.R. **Empresas instaladas em clusters com orientação estratégica dual, originadas na governança de clusters e de rede de negócios: uma busca focada no negócio do vinho das regiões do Porto, em Portugal, e do Vale dos Vinhedos, no Brasil**. 2009. 167f. (Tese em Administração). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GUIMARÃES, F.M.S. Relevo do Brasil. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n.4, p.32-72, 1943.

H

HALL, C.M. et al. Wine tourism: an introduction. In: HALL, C.M. et al. **Wine tourism around the world: development, management and market**. Oxford: Hardcover, 2000, p.1-23.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 2ª.ed. São Paulo: Loyola, 1993.

HASENACK, H.; WEBER, E. (Org.). **Base cartográfica digital da região da Serra Gaúcha**. Porto Alegre: UFRGS/Centro de Ecologia, 2007. Escala 1: 50.000.

HEIDRICH, A. **Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HERBIN, C.; ROCHARD, J. **Les paysages viticoles: regards sur la vigne et le vin**. Bordeaux: Féret, 2006.

HERÉDIA, V.B.M. A economia imigrante no desenvolvimento regional. In: GIRON, L.S.; RADUNZ, R (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007, p.89-98.

HERÉDIA, V.B.M. **Processo de Industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HIDALGO, L. La influencia de los factores naturales y de los factores humanos en el desarrollo de las denominaciones de origen tradicionales en España. In: SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987, p.89-113.

HINNEWINKEL, J.-C. **Les terroirs viticoles, origines et devenirs**. Bordeaux: Féret, 2004.

HINNEWINKEL, J.-C. Les usages locaux, loyaux et constants dans les appellations viticoles du nord de l'Aquitaine: les bases des aires d'appellations d'origine. In: CERHIR. **Le vin à travers les âges: produit de qualité, agent économique**. Bordeaux: Féret, 2001, p.19-24.

HINNEWINKEL, J.-C. Vignobles et géohistoire. **Revue Géographique des Pyrénées et du SO**. Toulouse, n. 23, p.5-16, 2007.

HINNEWINKEL, J.-C.; BOIVIN, N. Entre public et privé, la difficile gouvernance des vignobles du nord de l'Aquitaine. **Territoires du Vin**, Dijon. Disponível em: http://revuesshs.u-bourgogne.fr/territoires_duvin/document.php?id=593. Acesso em: 12 jan. 2010.

HINNEWINKEL, J.-C.; LE GRAS C. (dir.). **Les territoires de la vigne et du vin**. Bordeaux: Féret, 2002.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOFF, R. **Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos**: geologia. Mapa em 1f. Escala 1:100.000. 2010. (Original).

HOFF, R. **Região da Indicação de Procedência Pinto Bandeira**: geologia. Mapa em 1f. Escala 1:100.000. 2010. (Original).

HOFF, R. **Região da Indicação de Procedência Monte Belo**: geologia. Mapa em 1f. Escala 1:100.000. 2010. (Original).

HOFF,R.; TONIETTO,J.; FALCADE,I.; MENEZES, G.C. Uso de imagens aéreas e orbitais no estudo geomorfológico, uso do solo e elaboração de uma base cartográfica para delimitação de indicação de procedência Monte Belo do Sul, Serra Gaúcha, Brasil.. In: GEONORDESTE: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOPROCESSAMENTO E SENSORIAMENTO REMOTO, IV, 2008, Aracaju. **Anais...** Aracaju: Embrapa, 2008. p.23.

HOPPE, J. M. **Biomassa e nutrientes em *Platanus x acerifolia* (Aiton) Willd estabelecido no município de Dom Feliciano – RS**. 2003. 143f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

HOPPE, J. M. et al. **Uso do bacsol e orgasol como enraizantes na produção de mudas de *Platanus x acerifolia***. Relatório de Pesquisas. Santa Maria: UFSM, 2005.

HUSSERL, E. **Problemas fundamentales de la fenomenología**. Madrid: Alianza, 1994.

I

IBGE. **Folha SH. 22 Porto Alegre e parte das Folhas SH. 22 Uruguiana e SI. 22 Lagoa Mirim:** geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

IBGE. **Atlas geográfico.** 2ª.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

IBGE. **Geografia do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

IBGE. **Malha municipal.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

IBGE. **Recursos naturais e meio ambiente.** Uma visão do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

INÁCIO, A.I. O Enoturismo: da tradição à inovação, uma forma de desenvolvimento rural. **Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)**, Faro, 1-3 Nov. 2007 - SPER / UAIG, 2008.

INDURSKY, F.; CAMPOS, M.C. **Discurso, memória, identidade.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

INGLES DE SOUSA, J. **Uvas para o Brasil.** Piracicaba: ESALQ, 1996.

INPI. **Resolução nº. 075/2000**, de 28 de novembro de 2000 – Estabelece as condições para o registro das indicações geográficas. Rio de Janeiro: INPI, 2000.

INRA/SCEES sous la direction de BRUN, A. **Le grand atlas de la France rural.** Paris: Jean Pierre de Monza, 1989.

IOTTI, L.H. **Imigração e colonização:** legislação de 1747 a 1915. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

IOTTI, L.H. **O olhar do poder:** a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

ITV FRANCE. **Le vignoble dans le paysage.** Paris: Centre Technique Interprofessionnel de la Vigne et du Vin, n.5, 2002.

J

JAKOB, M. **Paysage et temps:** comment sortir du musée du paysage. Gollionc: Infolio, 2007.

JAQUET, A.; MORLAT, R. Caractérisation de la variabilité climatique des terroirs viticoles en Val de Loire. Influence du paysage et des facteurs physiques du milieu. **Agronomie/INRA**, Angers, n.17, p.465-480, 1997.

JAQUET, O. Le négoce dans la tourmente: les AOC à l'épreuve des fraudes en Bourgogne. In: **Vignes, vins et pouvoirs.** Dijon: EUD. Territoires Contemporaines, Cahiers de L'IHC. n.6., p.25-39, 2001.

JAQUET, O. Le plan de 1860: element de normalisation du paysage viticole de la Côte-d'Or. **Actes de deuxièmes rencontres «Aujourd'hui, l'histoire des bourgognes» - La vigne et les hommes em Bourgogne et alentour. L'histoire de la mise en valeur des territoires.** Beaune, 2007. Dijon: Cahiers d'Histoire de la Vigne et du Vin. n.7, p.85-96, 2007.

JAUQUET, O.; LAFERTÉ, G. Appropriation et identification des territoires du vin: la lutte entre grands et petits propriétaires du «Corton». **Cahiers d'Économie et Sociologie Rurales**, Ivry, n.76, 2005, p.9-27.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 2000.

JOLIET, F. Typologie plastique des paysages de vigne. In: CONSEIL INTERNATIONAL DES MONUMENTS ET DES SITES (ICOMOS) **Les paysages culturels viticoles dans le cadre de la convention du patrimoine mondial de l'UNESCO**. 2005. Disponível em: www.icomos.org. Acesso em: 15 maio 2006.

JOLIVEAU, T. La gestion paysagère de l'espace rural: questions, concepts, méthodes et outils. **Revue Géographie de Lyon**, Lyon, n.69, v.4, p.325-334, 1994.

JORNAL IL CORRIERE D'ITALIA. Bento Gonçalves. Período: 1913-1926.

JORNAL BONVIVANT. Disponível em: <http://www.bonvivant.com.br/blog.php>. Acesso em: 11 set. 2011.

K

KAYSER, B. **Les sciences sociales face au monde rural – méthodes et moyens**. Toulouse: Presse Universitaires du Mirail, 1989.

KNAFOU, R. L'invention du lieu touristique: la passation d'un contrat et le surgissement simultané d'un nouveau territoire. **Revue de Géographie Alpine**, Grenoble, v.79, n.4. p.11-20, 1991.

KNAFOU, R. L'invention du tourisme. In: BAILLY, A., FERRAS, R. ; PUMAIN, D. **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1992, p.851-864.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A.A.B. (Org). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 2001, p.62-74.

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 15^a ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOCIENDA, V.; ROY, C.; VELASCO-GACIET, H. La vigne, le vin et la ville. Expériences bordelaises d'une trilogie vécue. **Revue Géographique des Pyrénées et du SO**, Toulouse, n.22, p.13-25, 2006.

KOFF, G.J.E. **Os primórdios da colonização de Garibaldi/Conde D'Eu**. Bento Gonçalves: Grafite, 1995.

KRIEGEL, A.F. **L'avenir des paysages de France**. Paris: Fayard, 2005, p.9-45.

L

LACOSTE, Y. **De la géographie aux paysage**. Dictionnaire de la géographie. Paris: Armand Colin, 2003.

LAFERTÉ, G. La production d'identités territoriales à usage commercial dans l'entre-deux guerres en Bourgogne. **Cahiers d'Économie et Sociologie Rurales**, Ivry, n.62, 2002, p.66-95.

LAFERTÉ, G. **La Bourgogne et ses vins**: image d'origine contrôlée. Paris: Belin, 2006.

LAFERTÉ, G. La mise en folklore des vins de Bourgogne: la Paulée de Meursault. **Ethnologie Française**, Paris, v.33, 2003, p.435-442.

LARAIA, R.B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: JZ, 2002.

LARROUSSE. **Larrousse de los vinos**: secretos del vino, países y regiones vinícolas. Barcelona, 2000.

LAVANDOSKI, J. **A paisagem na rota enoturística Vale dos Vinhedos (RS), na perspectiva do visitante**. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

LAVRADOR, A. Percepção das regiões vinhateiras: o papel da paisagem. **VII CIER – Cultura, Inovação e Território**. 2008, Coimbra. Disponível em: http://www.sper.pt/actas7cier/PFD/Tema%20II/2_1.pdf. Acesso em: 27 ago. 2009.

LAVRADOR, A.; ROCHA, J. A paisagem na representação das regiões vinhateiras. **Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)**, Faro, 2007. Disponível em: [http://www.sper.pt/IIICER/Comunicacoes/Ana Lavrador+JRocha_com.pdf](http://www.sper.pt/IIICER/Comunicacoes/Ana%20Lavrador+JRocha_com.pdf). Acesso em: 27 ago. 2009.

LAUTMAN, F. Fête traditionnelle et identité locale : rêve... ou recherche d'équilibre politique? **Terrain**, Besançon, n.5, 1985, p.29-36. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index2881.html>. Acesso em: 20 dez. 2010.

LE BERRE, M. Teritoires. In: BAILLY, A.; FERRAS, R.; PUMAIN, D. **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1992, p.617-637.

LE DU, L. L'analyse du paysage en géographie. Théories et méthodes. **Enquêtes Rurales**, Caen, a.XII. n.3, 1997. p.21-35.

LEITE, M.A.F.P. **Destruição ou desconstrução?** Questões da paisagem e tendências de regionalização. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1994.

LEMOS, L. **O valor turístico na economia da sustentabilidade**. São Paulo: Aleph, 2005.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LENCLUD, G. «L' ethnologie et le paysage. Questions sans réponse». In: MINISTERE CULTURELE. DIRECTION DU PATRIMOINE. Paysage au pluriel. Pour un approche ethnologique des paysages. **Cahier Ethnologie de France**, Paris, n.9, p.3-17, 1995.

LEVEAU, P. Temps, espace et structuration. In: CHOUQUER, G. (Direc.). **Les formes des paysages**. L'analyse des systemes spatiaux. Paris: Errance, n.3, 1997, p.7-13.

LÉVY, B.; GILLET, A. (Direc.). **Marche et paysage**: le chemins de la géographie. Genève: Métropolis, 2007.

LEVY, J.; LAUSSAULT, M. (Direc.). **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés**. Paris: Belin, 2003, p. 696-701 e p.904-920.

LIGNON-DARMAILLAC, Sophie. **L'oenotourisme en France**. Nouvelle valorisation des vignobles - Analyse et bilan. Paris: Editions Féret, 2009.

LIMA, M.V.D. O. et al. Características das uvas do vale do São Francisco sob o ponto de vista enológico. In: WOPSHOP INTERNACIONAL DE PESQUISA, 1, 2004. **A produção de vinhos em regiões tropicais: anais**. Bento Gonçalves: Embrapa uva e Vinho, 2007, p.177-184.

LIPPI, M.M., SECCI, M.M. L'archeobotanica, il paleoambiente e la storia della vite in toscana. In: CIACCI, A.; RENDINI, P.; ZIFFERERO, A. **Archeologia della vite e del vino in Etruria**. Siena: Università di Siena/Associazione Nazionale Città del Vino, 2005, p.82-87.

LIZET, B.; RAVIGNAN, F.D. **Comprendre un paysage**. Guide pratique de recherche. Paris: INRA, 1987.

LOCATELLI, L. **Indicações geográficas**: a proteção jurídica sob a perspectiva do desenvolvimento econômico. Curitiba: Juruá, 2008.

LÓPEZ GONZÁLEZ, G. Sobre el plátano de paseo, *Platanus orientalis* L. var. *acerifolia* dryand. (*platanaceae*), y su posible origen. **Anales Jardín Botánico de Madrid**, Madrid, a.56, n.1, 1998. p.159-162.

LORENZONI, J. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LORITE, M.S. **Geografía agraria**: introducción a los paisajes rurales. Madrid: Síntesis, 1999.

LUNGINBÜHL, Y. Le paysage rural: la couleur de l'agricole, la saveur de l'agricole, mais que reste-t-il de l'agricole?. In: ROGER, A. (Direc.). **La théorie du paysage en France (1974-1994)**. Seyssel: Champ Vallon, 1995, p.313-333.

LUGINBÜHL, Y. Quelques avatars de la recherche sur le paysage. In: MINISTERE CULTURELE. DIRECTION DU PATRIMOINE. Paysage au pluriel. Pour un approche ethnologique des paysages. **Cahier Ethnologie de France**, Paris, n.9, p.185-193, 1995.

M

MABY, J. Idée de nature, idée d'action humaine: rouages mentaux et affectifs des systèmes spatiaux. L'exemple du vignoble de qualité. **Communication à Géopoint** 1996. Disponível em: <http://www.geo.univ-avignon.fr>. Acesso em: 24 jun. 2005.

MABY, J. La composante paysagere dans l'image des A.O.C. **Actes des III^{èmes} Rencontres Rhodaniennes**, 1998, Orange/ Avignon, p.43-46. Disponível em: <http://www.geo.univ-avignon.fr>. Acesso em: 24 jun. 2005.

MABY, J. L'espace oenoculturel. Les nouveaux territoires humains du vin. **Revista UNIVERSUM**, Universidad de Talca, v.19, n.2, 2004, p.94-109. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071823762004000200006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 02 fev. 2007.

MABY, J. **Les enjeux paysagers viticoles**. Université d' Avignon/Laboratoire UMR Espace, 2005. Disponível em: <http://www.geo.univ-avignon.fr>. Acesso em: 24 jun. 2005.

MABY, J. Le vin, expression d'un terroir, expression d'un paysage. **Actes Mondiviti Bordeaux** 1998, Paris, p.23-26. Disponível em: <http://www.geo.univ-avignon.fr>. Acesso em: 24 jun. 2005.

MABY, J. Modalites de constitution d'un savoir scientifique sur les paysages viticoles. COLLOQUE INTERNATIONAL PAYSAGES DE VIGNES ET DE VINS, 2003, Fontevraud. **Paisages de Vignes et de Vins**: Patrimoine, Enjeux, Valorisation. Angers: InterLoire, 2003.

MABY, J. **Nouvelles approches géomatiques dans la géographie du vignoble**. Université d'Avignon/Laboratoire UMR Espace, 2005. Disponível em: <http://www.geo.univ-avignon.fr>. Acesso em: 24 jun. 2005.

MABY, J. Paysage et imaginaire, l'exploitation de nouvelles valeurs ajoutées dans les terroirs viticoles. **Annales de Géographie**, Paris, n.623, p.198-211, 2002. Disponível em: <http://www.geo.univ-avignon.fr>. Acesso em: 24 jun. 2005.

MABY, J. Terroirs agressés: de la nature des agressions In: **Colloque sur la Protection des Terroirs**. Banyuls-sur-Mer: Comité interprofessionnel des vins doux du Roussillon, 16 maio 1997.

MACLEAN, A.S. **La fotografía del territorio**. Barcelona: G. Gili, 2003.

MADORÉ, F. (Direc.). **Le commentaire de paysages en géographie humaine**. Paris: Armand Colin, 2006.

MAINARDI, R. Generi di vita, popolamento, paesaggi. In: BROTTA, G. (A Cura Di). **Studi geografici sul paisaggio**. Milano: Università degli Studi di Milano/Istituto di Geografia Umana, 1989, p.303-338.

MALUF, J.R.T. Nova classificação climática do Estado do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Agrometeorologia**, Santa Maria, v.8, n.1, p.141-150, 2000.

MANDELLI, F.; TONIETTO, J.; ZAT, D.A. Mesoclimas vitícolas da Serra Gaúcha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROMETEOROLOGIA, XVI, 2009. **Anais...** Sociedade Brasileira de Agrometeorologia, Belo Horizonte: 2009.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul, implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1975.

MARESCA, S. Les apparences de la vérité. Ou les rêves d'objectivité du portrait photographique. **Terrain**, Besançon, n.30, 1998, p.83-94. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index3409.html>. Acesso em: 20 dez. 2010.

MARQUES, C.B. **Economia do turismo no Vale dos Vinhedos, Bento Gonçalves, RS, 1990 a 2005**. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

MARQUET, P. La evolución de la noción de denominación de origen en Francia. SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987b.

MARQUET, P. La influencia de los factores naturales y de los factores humanos en el desarrollo de las denominaciones de origen francesas. SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987a.

MARRE, A. Existe-t-il des terroirs viticoles en Champagne? **Revue Géographie de L'Est**, Nancy, Tome XLIV, n.1-2, p.17-30, 2004.

MARTINELLI, M.; PEDROTTI, F. A cartografia das unidades de paisagem: questões metodológicas. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n.14, p.39-46, 2001.

MARTINS, J.S. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MATTOS, C.V. **A pintura de paisagem entre arte e ciência**: Goethe, Hackert, Humboldt. Disponível em <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero10/x.html>. Acesso em: 3 fev. 2010.

MATHY, A. Les paysages du vignoble des Côtes de Toul, expression des mutations récentes. **Revue Géographique de l'Est**, Nancy, Tome XXXVIII, n.1-2, 1998, p.9-16.

MELLO, L.M.R. **Viticultura brasileira**: panorama 2009. Disponível em <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/prodvit2009vf.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2010.

MELLO, L.M.R. **Atuação do Brasil no mercado vitivinícola mundial** – panorama 2009. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/prodvit2009vf.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2010.

MELLO, L.M.R. **Cadastro Vitícola do Rio Grande do Sul**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho/Ibravin, 2001.

MENESES, U.T.B. A paisagem como fato cultural. In: YAZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64.

MENEZES, G.C. et al. Integração de dados em SIG: uso do solo e morfologia do terreno obtidos por aerofotogrametria para indicação de procedência dos vinhos na região de Monte Belo, Serra Gaúcha, RS, Brasil. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, XIII, 2007, Florianópolis. **Anais...** São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), 2007, p.287-292.

MERCIER, D. (Direc.) **Le commentaire de paysages en géographie physique**. Paris: Armand Colin, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MIELE, A. Efeito do terroir na composição da uva e do vinho Cabernet Franc da Serra Gaúcha. In: SEMINÁRIO FRANCO-BRASILEIRO DE VITICULTURA, ENOLOGIA E GASTRONOMIA, 1998. Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e vinho, 1999, p.27-30.

MIOLO, A. Novas regiões: vinho de clima tropical. CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10, 2003. Bento Gonçalves, **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2003, p.141-144.

MONROUX, F. et al. **Le patrimoine viticole**. Sa valeur, sa transmission, son avenir à l'heure de l'Europe. Paris: Lavoisier, 1993, p.81-217.

MONTEIRO, K.M.N. **Um italiano irrequieto em contexto revolucionário**: um estudo sobre a atuação de Celeste Gobbato no Rio Grande do Sul - 1912-1924. 2001. 190 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MONSERRAT, J. O cooperativismo na zona de colonização italiana. In: **ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL**. Porto Alegre: Globo, 1950, p.294-316.

MORANT, P. Histoire récente d'un paysage. L'exemple de Pleine-Fougères (Ille-et-Vilaine). **Enquêtes Rurales**, Caen, a.XII, n.3, 1997, p.9-10.

MORIN, E. **O método 5**. A humanidade da humanidade: a identidade humana. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOTA, C.G. (Org.). **Brasil em perspectiva**. São Paulo: DIFEL, 1971.

MOTA, F.S. **Atlas agroclimático do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura do RS, 1974.

MOTA, F.S. Disponibilidade climática para maturação da uva destinada a produção de vinhos finos nas regiões da Serra do Nordeste e Campanha do estado do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira Agrociência**, Pelotas, v.9, n.3, p.297-299, 2003. Disponível em <http://www.ufpel.tche.br/faem/agrociencia/v9n3/artigo20.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2010.

MOTA, F.S. Identificação da região com condições climáticas para produção de vinhos finos no Rio Grande do Sul. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v.27, n.5, 1992, p.687-694.

MOTTET, G. Le vignoble du mâconnais, entre Côte d'Or et Beaujolais, approche géographique. **Revue Géographie de L'Est**, Nancy, Tome XLIV, n.2, p.31-42, 2004.

N

NICHETTI, A. **Entre o Buratti e o Antas**: Pinto Bandeira. Bento Gonçalves: Ginásio Pinto Bandeira, 1976.

NIMER, E. **Clima do Brasil**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

O

OBEREINER J.-L. Le musée de plein air du Quercy. **Terrain**, Besançon, n.6, p.78-84, 1986. Disponível em <http://terrain.revues.org/index2903.html>. Acesso em: 20 fev. 2010.

OIV. <http://www.oiv.int/es/accueil/index.php>. Acesso em: 20 mar. 2005 (e posteriores).

OIV. **Resolución VITI 4/2006**. Zonificación vitivinícola – Declaración de Aviñón. Paris: OIV, 2006.

OIV. **Resolution VITI 2/99**. Paysages viticoles historiques de montagne et/ou en forte pente. Paris: OIV, 1999.

OIV. **Resolution VITI 4/98**. Zonage viticole. Paris: OIV, 1998.

OIV. **Resolución ECO/92**. Madrid: OIV, 1992.

OLIVEIRA, C. **Dicionário cartográfico**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

OLIVEIRA JR, A.R. Paisagem na fotografia: sentidos e plasticidades. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v.6, n.12., p.97-110, jul. 2007.

OLIVEIRA, L. Percepção ambiental. In: SANTOS, D.G.; NUCCI, J.C. (Org.). **Paisagens geográficas**. Um tributo a Felisberto Cavalheiro. Campo Mourão: FECILCAM, 2009, p.152-162. Disponível em: http://www.fecilcam.br/editora/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=6&Itemid=12. Acesso em: 23 jan. 2011.

OLIVEN, R.G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, R.G. **O nacional e o regional na construção da identidade brasileira**, 2002. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_07.htm. Acesso em: 18 abr. 2010.

OLIVEN, R.G. Territoires et identités: une relation construite. In: OLIVEN, R.G. **Chez nous**: identités et territoires dans les mondes contemporains. Paris: De la Villette, 2006, p.304-314.

P

PAILLET, A. Archéologie des systèmes bocagers. **Enquêtes Rurales**, Caen, a.XII, n.3, p.11-20, 1997.

PAIVA, C.L.; SANTOS, A.C.F. Taperas e suas plantas: etnobotânica dos antigos assentamentos humanos. **Diálogos**, Maringá, DHI/PPH/UEM, v.10, n.3, p.33-53, 2006. Disponível em: http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=81&path%5B%5D=pdf_66. Acesso em: 20 dez. 2009.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2005.

PARIS, A. **Bento Gonçalves**: arquivo histórico municipal. Caxias do Sul: EST, 1996.

PARIS, A. **Bento Gonçalves, ontem e hoje**. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

PASSOS, M.M. Resenha: Rougerie, G. et Beroutchachvili, N. Ggéosystèmes et paysages. Bilan et méthodes. Paris: Armand Colin, 1991. **GEOSUL**, Florianópolis, v.13, n.25, p.143-150, 1998.

PAZ, I.N.; BALDISSEROTTO, I. **A estação do vinho**: história da estação experimental de viticultura e enologia – EEVE – (1912-1990), Caxias do Sul - RS. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

PEBAYLE, R. Os viticultores do Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v.18, n.16, p.51-57, 1973.

PEDROSA, A.; PEREIRA, A. A história dos territórios durienses inscrita na paisagem: um recurso produtivo, turístico e de geomarketing. In: **TURISMO I JORNADAS INTERNACIONAIS SOBRE ENOTURISMO E TURISMO EM ESPAÇO RURAL**. GEHVID, ISMAI, Maia, p.37-75, 2009. Disponível em: <http://www.pluridoc.com/Site/FrontOffice/default.aspx?Module=Files/FileDescription&ID=3701&lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2009.

PEDROSA, A.; PEREIRA, A. Gerir a paisagem como valor integrado nos produtos regionais certificados. **ENCONTRO APEP - PAISAGEM NO PLANEJAMENTO DO TERRITÓRIO, 2008**. Bragança, 2008. Disponível em: <http://www.pluridoc.com/Site/FrontOffice/default.aspx?module=Files/FileDescription&ID=2817&state=FD>. Acesso em 20 dez. 2009.

PELEN, J.-N. Le pays d'Arles: sentiment d'appartenance et représentations de l'identité. **Terrain**, Besançon, n.5, p.37-45, 1985. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index2882.html>. Acesso em: 20 dez. 2010.

PELLANDA, E. Aspectos gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: **ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL**. Porto Alegre: Globo, 1950, p.33-64.

PÉRARD, J. Culture et patrimoine du vin. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, XII, 2008, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2008, p.29-35.

PÉRARD, J.; PERROT, M. (Dir.). **Le vin et les rites**. Dijon : Chaire UNESCO Culture et Traditions du Vin, 2008.

PÉRARD, J.; PERROT, M. (Dir.). **Vigne, vin et aventures humaines**. Dijon : Chaire UNESCO Culture et Traditions du Vin, 2009.

PÉRARD, J.; PERROT, M. (Dir.). **Paysages et patrimoine des regions viticoles**. Dijon : Chaire UNESCO Culture et Traditions du Vin, 2010.

PESAVENTO, S.J. **A invenção da sociedade gaúcha**. Porto Alegre: FEE, v.14, n.2, p.383-396, 1993.

PESAVENTO, S.J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PESAVENTO, S.J. **História regional e transformação social**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. (Texto datilografado).

PESAVENTO, S.J. **RS: agro-pecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.7-68.

PETRONE, M.T.S. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PIERCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PIGEAT, J.P. **Les paysages de la vigne**. Paris: Solar, 2000.

PIMENTEL, F. **Aspectos gerais da vitivinicultura riograndense: histórico, fomento e progresso dessa grande riqueza nacional**. Porto Alegre, 1950.

PINA, M.H.M. **A região demarcada do Alto Douro**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/3 Congresso de Geografia Portuguesa, 1997.

PINCHEMEL, P. et al (Direc.). **La documentation photographique: lire les paysages**. Paris: La Documentation Française/Secrétariat Général du Gouvernement, n.6088, 1987.

PITTE, J.R. A propos de terroir. **Annales de Géographie**, Paris, n.605, p.86-89, 1999.

PITTE, J.R. **Histoire du paysage français**. Tome I et II. Paris: Tallandier, 1989.

PHILLIPS, R. **Uma breve história do vinho**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PLINIUS, G. S. (O VELHO). **Naturalis historia**. Liber XIV, XVII, XVII. Disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Pliny_the_Elder/14*.html. Acesso em: 13 jan. 2010.

POCHE, B. La région comme espace de référence identitaire. **Espace et Sociétés**, Paris, n.41, p.3-12, 1983.

POSENATO, J. A arquitetura residencial rural. In: DE BONI, L. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

POZENATTO, J.C. **Processos culturais**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

POZENATO, K.M.M.; GIRON, L.S. Identidade: cultura e memória. **Métis**, Caxias do Sul, v.6, n.12, p.137-151, 2007.

PROVINCIA DI LIVORNO. **PTC, statuto del territorio/strategia di piano, risorsa paesaggio**. Dipartimento Ambiente e Territorio, 2008. Disponível em: http://www.smart.toscana.it/ptc/ptc_2008/dvd_ptc_2008/Documento_sulla_risorsa_del_paesaggio/B-Statuto/relazioneSTATUTOSTRATEGIA.pdf. Acesso em: 20 dez. 2009.

Q

QUEIROZ, F.A.C. Saboreando o espaço, inventando paisagens. **Paisagens em Debate**, São Paulo, n.05, 2007. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/deprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2007Queiroz-aisagens.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2009.

R

RABUSKE, A. **Os inícios da colônia italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães**. Caxias do Sul: UCS, 1978.

RAFFESTIN, C. Entrevista com Claude Raffestin por Marcos Aurélio Saquet. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n.15, p.01-05, 2007.

RAFFESTIN, C. E se a representação fosse apenas a invenção da moeda fiduciária do real? **Revista Formação**, Presidente Prudente n.14, v.2, p.08-13, 2006. Disponível em: http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/1_raffestin.pdf. Acesso em: 10 jan. 2011.

RAFFESTIN, C. **Il paesaggio come strumento progettuale per il territorio**. 2007. Disponível em [http://www.osservatoriodelpaesaggio.org/images/2007/Premiazione%20Bando%20Paesaggio%20\(Passerano%20Marmorito%2027%2010%2007\)/Prolusione%20Prof.%20Claude%20Raffestin%202.ht](http://www.osservatoriodelpaesaggio.org/images/2007/Premiazione%20Bando%20Paesaggio%20(Passerano%20Marmorito%2027%2010%2007)/Prolusione%20Prof.%20Claude%20Raffestin%202.ht) m. Acesso em: 24 jan. 2011.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMBO, Balduino S.J. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Ensaio de monografia natural. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

RAMOS, A.; MARAVANEJO, R. Le rôle des acteurs locaux dans le développement touristique: une approche du tourisme intérieur au Portugal. In: VIOLIER, P. (Direction). **L'espace local et les acteurs du tourisme**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999, p.41-55.

RANDELLI, F.; FELICI, F. I soggetti della filiera vini a denominazione di origine in Italia. Il caso del Chianti Classico. **Territoires du Vin**, Dijon, 2010. Disponível em: <http://revuesshs.u-bourgogne.fr/territoiresduvin/document.php?id=615>. Acesso em: 12. jan. 2010.

RAZADOR, L. **Povoadores e história de Monte Belo do Sul**: de Zamith a Monte Belo do Sul. Porto Alegre: EST, 2005.

REGNAUD, H. Emboîtement d'échelles et temporalités différenciées. In: ÉCOLE RÉGIONALE DES BEAUX-ARTS DE RENNES. **Les échelles du paysage**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1993, p.27-37.

REYNARD, E. Paysage et géomorphologie: quelques réflexions sur leurs relations réciproques. DROZ, Y. et MIÉVILLE-OTT, V. **La polyphonie du paysage**. Lousanne: Presses polytechniques et universitaires romandes, 2005, p.101-124.

RIBEIRO, C.M.P.J. **Festa e identidade**: como se fez a festa da uva. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RIBEIRO, C.M.P.J. La culture du vin au sud du Brésil. In : PÉRARD, J.; PERROT, M. (Dir.). **Vigne, vin et aventures humaines**. Dijon : Chaire UNESCO Culture et Traditions du Vin, 2009.

RICQ, C. La région, espace institutionnel et espace d'identité. **Espace et Sociétés**, Paris, 1983, n.42, p.65-78.

RODRIGUES, A.A.B. (Org). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: HUCITEC, 2001.

ROGER, A. **Court traité du paysage**. Paris: Gallimard, 1997.

ROMANI, V. **Il paesaggio**: teoria e pianificazione. Milano: F. Angeli, 2003.

ROMANINI, A.; HAAS, T.M.K. **Inventário turístico do Vale dos Vinhedos**. Bento Gonçalves: UCS/CARVI, 2003.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

ROSIER, J.P. Novas regiões: vinhos de altitude no sul do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10, 2003, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e vinho, 2003, p.137-140.

S

SÁ, M. Aspectos econômicos da colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: **ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL**. Porto Alegre: Globo, 1950, p.75-104.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos, semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SANTOS, C.A.J. **A produção e o consumo de espaços turísticos**. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/9porto/crisalc.htm>. Acesso em: 14 nov. 2008.

SANTOS, C. O conceito de extenso. In: SOUZA, M.A.; SANTOS, M. (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986, p.25-31.

SANTOS, C.; RODRIGUES, P. **A antropização da Fonte da Telha como factor de desvalorização da paisagem**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Departamento de Geografia e Planeamento Regional, 2008. Disponível em: <http://www.pluridoc.com/Site/FrontOffice/default.aspx?module=Files/FileDescription&ID=2102&state=SH>. Acesso em: 19 jan. 2010.

SANTOS, J.V.T. Cantineiros e colonos - a indústria do vinho no Rio Grande do Sul. In: BARROS, E.C. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p.135-155.

SANTOS, J.V.T. **Colonos do vinho**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: HUCITEC, 1982.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SAQUET, M.A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 12-74.

SAUTTER, G. Le paysage comme connivence. **Hérodote**, Paris, v.16, p.40-67, 1979.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO/DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL. **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Disponível em <http://www.seplag.rs.gov.br/atlas/default.asp>. Acesso em: 24 out. 2005 e 13 jan. 2010.

SEGUIN, P.G. Utilisation des critères géographiques, historiques, géologiques, pédologiques et agronomiques pour la delimitation des diverses aires d'appellation d'origine contrôlée en Bordelais. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 3; CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 6; JORNADA LATINO-AMERICANA DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 4, 1990. Bento Gonçalves/Garibaldi. **Anais...** Bento Gonçalves/Garibaldi: EMBRAPA/ABTE/OIV, 1991.

SENEGAL, G. Aspects de l'image spatial: identité ou fin des territoires? **Annales de Géographie**, Paris, n.563, 1992. p.28-42.

SERENI, E. **Histoire du paysage rural italien**. Paris: René Julliard, 1964.

SERPA, A. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n.14, v.2, p.14-22, 2007.

SILVA, J.C.B.; NETTO, R.M. Fotografia: um olhar semiótico sobre uma linguagem não-verbal. **Revista Letra Magna**, Mogi das Cruzes, a.4, n.9, 2008. Disponível em: www.letramagna.com. Acesso em: 10 jan. 2011.

SIMMEL, G. A filosofia da paisagem, 2009. **Universidade da Beira Interior**, Covilhã, 2009. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_filosofia_da_paisagem.pdf. Acesso em: 28 abr. 2010.

SIMÕES, O. Enoturismo em Portugal: as rotas de vinho. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, La laguna, v.6, n.2, 2008, p.269-279. Disponível em: www.pasosonline.org. Acesso em: 27 ago. 2009.

SOJA, E.W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SOTÉZ, V.; GÓMEZ-MIGUEL, V. El suelo como factor determinante de la tipicidad de los vinos: estudios y delimitación de las zonas de producción en las denominaciones de origen en España. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, IX, 1999, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa/CNPUV, 1999, p. 91-104.

SOUSA, A.C. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. **Habitus**. Goiânia, v.3, n.2, p.291-300, 2005.

SOUSA, Gabriel S. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf. Acesso 12 jan. 2010.

SOUSA, M.T.R. As interpretações da paisagem. **Perspectiva Geográfica**, Mal. Cândido Rondon, n.3, 2007, p.103-114.

SOUZA, E.A.; PEDON, N.R. Território e identidade. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas, a.4, v.1, n.6, 2007.

SOUZA, F.A. **Mudanças promovidas no setor vitivinícola do Rio Grande do Sul pela inserção de profissionais especializados nas áreas de viticultura e enologia**. 2005. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, M.J. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E. et al. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.77-116.

SPAGNULO, S. **Storia e cultura dei vini**. Disponível em: http://www.cenacolodelrosato.org/index.php?option=com_content&task=view&id=27&Itemid=43#storia e cultura. Acesso em: 20 jan. 2010.

STEIN, E. Turismo na sociedade industrial: a função estética da paisagem. **Chronos**, Caxias do Sul, v.9, n.9, p.5-14, 1977.

T

TERRA, M.M. et al. La viticultura em el estado de São Paulo, Brasil. In: CONGRESO MUNDIAL DE LA VINA Y EL VINO, 20. ASAMBLEA GENERAL DE LA O.I.V., 72, 1992, Madrid/La Rioja. **500 anos de vitivinicultura americana y sus relaciones con Europa**. Madri: OIV, v.2, s.1, 1992. p.1-28.

TILLEY, C. **A phenomenology of landscape places, paths and monuments**. Oxford/Providence: Berg, 1994, p.1-67.

TINLOT, R. La definición de la denominación de origen. In: SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987, p.129-138.

TINLOT, R. ; JUBAN, Y. Différents systèmes d'indications géographiques et appellations d'origine. Leurs relations avec l'harmonisation internationale. **Bullein de L'OIV**, Paris, 1998., p.772-797.

TOMAS, F. Du paysage aux paysages, pour une autre approche paysagère. **Revue Géographie de Lyon**, Lyon, v.69, n.4, p.277-286, 1994.

TONIETTO, J. Afinal, o que é *terroir*? **Bon Vivant**, Flores da Cunha, v.8, n.98, p.8, abr. 2007.

TONIETTO, J. Experiência de desenvolvimento de certificações: vinhos da indicação de procedência Vale dos Vinhedos. In: LAGARES, L.; LAGES, V.; BRAGA, C. (Org). **Valorização de produtos com diferencial de qualidade e identidade: indicações geográficas e certificações para competitividade nos negócios**. Brasília: SEBRAE, 2006, p.141-162.

TONIETTO, J. Indicação geográfica Vale dos Vinhedos: sinal de qualidade inovador na produção de vinhos brasileiros. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO SOBRE INVESTIGAÇÃO E EXTENSÃO EM PESQUISA AGROPECUÁRIA/V ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, V, 2002, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: IESA/SBSP, 2002, p.1-16. CD-ROM.

TONIETTO, J. O conceito de denominação de origem como agente promotor da qualidade dos vinhos. In: REGINA, M.A. et al. **Viticultura e enologia: atualizando conceitos**. Andradadas: EPAMIG, 2002, p.151-163.

TONIETTO, J. **O conceito de denominação de origem: uma opção para o desenvolvimento do setor vitivinícola brasileiro**. Bento Gonçalves: EMBRAPA, 1993.

TONIETTO, J.; CARBONNEAU, A. Análise mundial do clima das regiões vitícolas e de sua influência sobre a tipicidade dos vinhos: a posição da viticultura brasileira comparada a 100 regiões em 30 países. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 9, 1999, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 1999, p.75-90.

TONIETTO, J. et al. **Desenvolvimento de indicações geográficas e alerta vitícola para o APL de vitivinicultura do Rio Grande do Sul**. Projeto de pesquisa FINEP/FAGRO/CNPUV. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2004.

TONIETTO, J. et al. Eléments de Viticulture de Montagne dans les Indications Géographiques Vale dos Vinhedos et Pinto Bandeira dans la Serra Gaúcha, Brésil. In: CONGRES INTERNATIONAL VITICULTURE DE MONTAGNE ET/OU EN FORTE PENTE, I, 2006, Saint Vincent. **Comunicações...** Saint Vincent: CERVIN, 2006.

TONIETTO, J. et al. **Fronteira: demarcação da zona de produção vitivinícola**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2005. (Nota técnica).

TONIETTO, J. et al. **Identificação, delimitação e caracterização das regiões vitivinícolas brasileiras**. Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV/UCS, 1993. 23 mapas. (Impressão de computador).

TONIETTO, J. et al. **Monte Belo**. Características da identidade regional para uma indicação geográfica de vinhos. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2008.

TONIETTO, J. et al. **Serra Gaúcha: delimitação da zona de produção vitivinícola**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2005. (Nota técnica).

TONIETTO, J. et al. Zonage climatique viticole et cartographie numérique du Rio Grande do Sul - Brésil, par les indices du Système CCM Géoviticole. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES TERROIRS VITICOLES, VI, 2006. **Anais...** Bordeaux: ENITA 2006, p. 21-26.

TONIETTO, J.; FALCADE, I. Caracterização geográfica das regiões de vitivinicultura no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 7, 1993, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e vinho, 1993, p. 42-53.

TONIETTO, J.; FALCADE, I. Regiões vitivinícolas brasileiras In: KUHN, G. **Uva para processamento – produção**. v.34. Brasília: Embrapa, 2003, p.10-14.

TONIETTO, J.; FALCADE, I. Vinhos regionais: regulamentação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10, 2003, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e vinho, 2003, p.153-157.

TONIETTO, J.; MELLO, L.M.R. La quatrième période évolutive de la vitiviniculture brésilienne: changements dans le marché consommateur du pays. In: 26TH WORLD CONGRESS & 81ST GENERAL ASSEMBLY OF THE OFFICE INTERNATIONAL DE LA VIGNE ET DU VIN, 2001, Adelaide. **Congress Proceedings**. v.3, Adelaide: OIV, 2001, p.272-280.

TONIETTO, J.; MIOLO, A.; FALCADE, I. O uso do número do lote como elemento distintivo de vinhos com indicação geográfica na Serra Gaúcha. CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10, 2003. Bento Gonçalves, **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2003, p.227-228.

TONIETTO, J.; TEIXEIRA, A.H.C. O clima vitícola do Submédio São Francisco e o Zoneamento dos períodos de produção de uvas para elaboração de vinhos. In: WOPSHOP INTERNACIONAL DE PESQUISA, 1, 2004. A produção de vinhos em regiões tropicais. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa uva e Vinho, 2007, p.41-51.

TONINI, H. **Estado e turismo**: políticas públicas e enoturismo no Vale dos Vinhedos. 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

U

UVIBRA. Disponível em: <http://www.uvibra.com.br>. Acesso em: 25 mar.2005 (e posteriores).

UVIBRA. **Comercialização de vinhos e derivados elaborados no RS de 2004 à 2009, mercado interno e externo, em litros**. Disponível em: <http://www.uvibra.com.br>. Acesso em: 3 abr. 2010.

UVIBRA. **Importação de vinhos e espumantes, por procedência, em litros, 2003-2009**. Disponível em: <http://www.uvibra.com.br>. Acesso em: 3 abr. 2010.

UVIBRA. **Produção de uvas, elaboração de vinhos e derivados, 1998-2009**. Disponível em: <http://www.uvibra.com.br>. Acesso 3 abr. 2010.

V

VALDUGA, V. **O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos**. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

VALVERDE, O. Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.3-54, 1948.

VAUDOOUR, E. The quality of grapes and wine in relation to geography: notions of *terroir* at various scales. **Journal of Wine Research**, London, v.13. n.2, p.117-141, 2002.

VERDUM, R.; SUERTEGARAY, D.; BASSO, L. A. (Org.). **Rio Grande do Sul – paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

VIGNEAU, J-P. La zone «subtropicale» dans le monde ... et en France. Réflexion sur la classification des climats. Paris. **Annales de Géographie**, Paris, n.619, p.227-242, 2001.

VIOLANTE, A. Suolo e paesaggio agrario nell'Italia Romana: l'apporto delle sistemazioni idrauliche. In: BROTTA, G. (a cura di). **Studi geografici sul paesaggio**. Milano: Università degli Studi di Milano/Istituto di Geografia Umana, 1989, p.109-126.

VIOLER, P. Introduction: l'espace local et les acteurs du tourisme. In: VIOLER, P. (Direction). **L'espace local et les acteurs du tourisme**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999, p.9-13.

VOLKMER, J.A. Memória cultural e o patrimônio intangível. **Vitruvius**, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq009/arq009_02.asp. Acesso em: 9 jul. 2009.

W

WACKERMANN, G. (Direc.). **Dictionnaire de géographie**. Paris: Ellipses, 2005, p.45; 292-293.

WACKERMANN, G. Introduction. Le nord-est français, un espace viticole paradoxalmet dynamique. **Revue Géographie de L'Est**, Nancy, Tome XLIV, n.1-2, p.5-6, 2004.

WOLIKOW, S. La Champagne viticole, banc d'essai de la délimitation (1903-1927). **Territoires du Vin**, Dijon, 2010. Disponível em: <http://revueshs.u-bourgogne.fr/territoiresduvin/document.php?id=275>. Acesso em: 12 jan. 2010.

Y

YAZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: contexto, 2001.

YAZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

YRAVEDRA LLOPIS, G. Conceptos de "vino de calidad producido en región determinada" y de denominación de origen en la CEE. In: SYMPOSIUM DENOMINACIONES DE ORIGEN HISTÓRICAS, 1987, Jerez de La Frontera. **Anais...** Jerez de La Frontera: OIV, 1987. p.251-260.

YRAVEDRA LLOPIS, G. **Denominações de origem e indicações geográficas de produtos vitivinícolas**. Tradução Jorge Tonietto. Bento Gonçalves: EMBRAPA/CNPU, 1997.

YTHIER, B. Espece rural, paysage et patrimoine. Les terrasses de Blesle en Avergne. In: MINISTERE CULTURELE. DIRECTION DU PATRIMOINE. **Paysage au pluriel**. Pour un approche ethnologique des paysages. Cahier «Ethnologie de France», 9. Paris: Maison des Sciences de l'Homme de Paris, 1995, p.219-224.

Z

ZANINI, T.V. **Enoturismo no Brasil**: um estudo comparativo entre as regiões vinícolas do Vale dos Vinhedos (RS) e do Vale do São Francisco (BA/PE). 2007. 130f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ORIENTAÇÕES PARA A PESQUISA SOBRE ENOTURISMO

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Profa. Ivanira Falcade**

ORIENTAÇÕES PARA A PESQUISA SOBRE ENOTURISMO

1. A pesquisa será aplicada de 1 a 31 de janeiro de 2010.
2. O turista deverá ser convidado a responder, não obrigado. O turista deve ter no mínimo 18 anos. Aquele que aceitar deve ser orientado a responder todas as questões.
3. Aplicar um questionário de manhã e outro à tarde (dois quando for o caso). Se algum dia não houver turistas compensar nos dias seguintes, especialmente final de semana.
4. Considerando que, em geral, na visita em automóvel, van ou ônibus estão várias pessoas, falar da pesquisa ao grupo todo e deixar que decidam quem responderá. Depois essa pessoa deve responder individualmente, com leitura silenciosa e sem interferência das outras pessoas.
5. Explicar que, para responder as questões 21 e 22, o turista deverá ver/ler as imagens na folha impressa colorido.
6. Explicar que, depois de respondido, a folha do questionário deverá ser dobrada e colocada na urna.
7. Para contatos: Fones (..) e email – ifalcade@ucs.br

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA SOBRE ENOTURISMO



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROFA. IVANIRA FALCADE

UCS **PESQUISA SOBRE ENOTURISMO VALE DOS VINHEDOS** Data ___/01/2010

ou **PINTO BANDEIRA** ou **MONTE BELO**

A relação entre turismo e vinho é antiga, porém, no Brasil, é mais recente. Com o objetivo de avaliar algumas dimensões desta relação solicito sua colaboração, respondendo este questionário. Assinale a resposta (ou complete) e coloque-a na caixa coletora. Agradeço sua disponibilidade.

1. Local de residência (cidade/estado/país): _____
2. Sexo: () Masculino() Feminino
3. Idade: () 18 até 29 anos() 30 até 59 anos () 60 anos ou mais
4. Estado civil: () Solteiro() Casado () Viúvo() Divorciado
5. Grau de instrução
Fundamental () Incompleto () Completo
Médio (inclusive complementação técnica)() Incompleto () Completo
Técnico em Viticultura e Enologia () Incompleto () Completo
Superior () Incompleto () Completo
Pós-graduação (todos os níveis)() Incompleto () Completo
Pós-graduação (todos os níveis relacionado à vitivinicultura) () Incompleto () Completo
6. Profissão: _____ 7. Ocupação: _____
8. Renda mensal familiar (referência salário mínimo de R\$510,00):
() Até 3() 3 a menos de 5() 5 a menos de 10
() 10 a menos de 20 () 20 a menos de 50() Acima de 50
9. Município no qual você dormiu na noite passada: _____
10. Meio de hospedagem onde você esteve hospedado:
() Hotel () Pousada() Casa de amigos/familiares () Não usou
11. Meio (s) de transporte de sua cidade até Bento Gonçalves: () Automóvel() Avião
() Ônibus() Van() Avião e Automóvel() Avião e Van() Avião Ônibus
12. Como você está viajando? () só() com a família() com amigos
() em grupo pequeno (15p.)() em grupo grande (acima de 15 pessoas)

13. Você já visitou alguma vinícola comercial na região da Serra Gaúcha antes dessa viagem?
 Não Sim Antes de 2000 2000 a 2004 2005 a 2009
14. Você já visitou vinhedos de vinícola comercial na região da Serra Gaúcha antes dessa viagem?
 Não Sim Antes de 2000 2000 a 2004 2005 a 2009
15. Assinale os municípios onde você já visitou áreas de vinhedos e/ou vinícolas:
 Bento Gonçalves Caxias do Sul Farroupilha Flores da Cunha
 Garibaldi Monte Belo do Sul Nova Pádua Cotiporã
 Veranópolis São Marcos Antonio Prado Outros _____
16. Como você soube da possibilidade de visitar essa vinícola?
 Folhetos da Vinícola Folhetos da APROVALE / ASPROVINHO / APROBELO
 TV Jornal Revista Internet Agência de viagem Outros (especificar)...

CONSIDERE AS FRASES I e II PARA RESPONDER AS QUESTÕES SEGUINTE:

I. “A paisagem é a forma material que determinado espaço assume em determinado momento” (Milton Santos)

II. “A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas é também uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação” (Augustin Berque)

17. Você já conhecia / já havia visto paisagens de vinhedos da região do Vale dos Vinhedos / de Pinto Bandeira / de Monte Belo?
 Não conhecia Conhecia pessoalmente Conhecia por fotografias
 Conhecia por TV / Vídeo
18. Para sua escolha para visitar a região do Vale dos Vinhedos / de Pinto Bandeira / de Monte Belo a paisagem teve importância? Não Sim
19. Comparando com outros aspectos, qual a importância da paisagem na decisão de conhecer essa região? Ordene os itens a seguir de 1 a 5, sendo 1 da maior e 5 da menor importância:
 Paisagem de vinhedos Vinho Vinícola Hospedagem Gastronomia
20. Entre as alternativas a seguir a qual imagem você associaria o vinho da região do Vale dos Vinhedos / de Pinto Bandeira / de Monte Belo?
 Uma paisagem Uma garrafa Uma adega Uma taça Nenhuma

Para responder as questões 21 e 22, analise as imagens correspondentes na folha anexa.

21. A qual imagem você associaria a identidade do vinho da região do Vale dos Vinhedos / de Pinto Bandeira / de Monte Belo?
 1 2 3 4 Nenhuma

22. Agora compare as imagens das paisagens de hoje (coluna da esquerda) com algumas alterações sugeridas na segunda imagem (coluna da direita). As imagens alteradas referenciam o vinho da região?

Imagem A - Não Sim

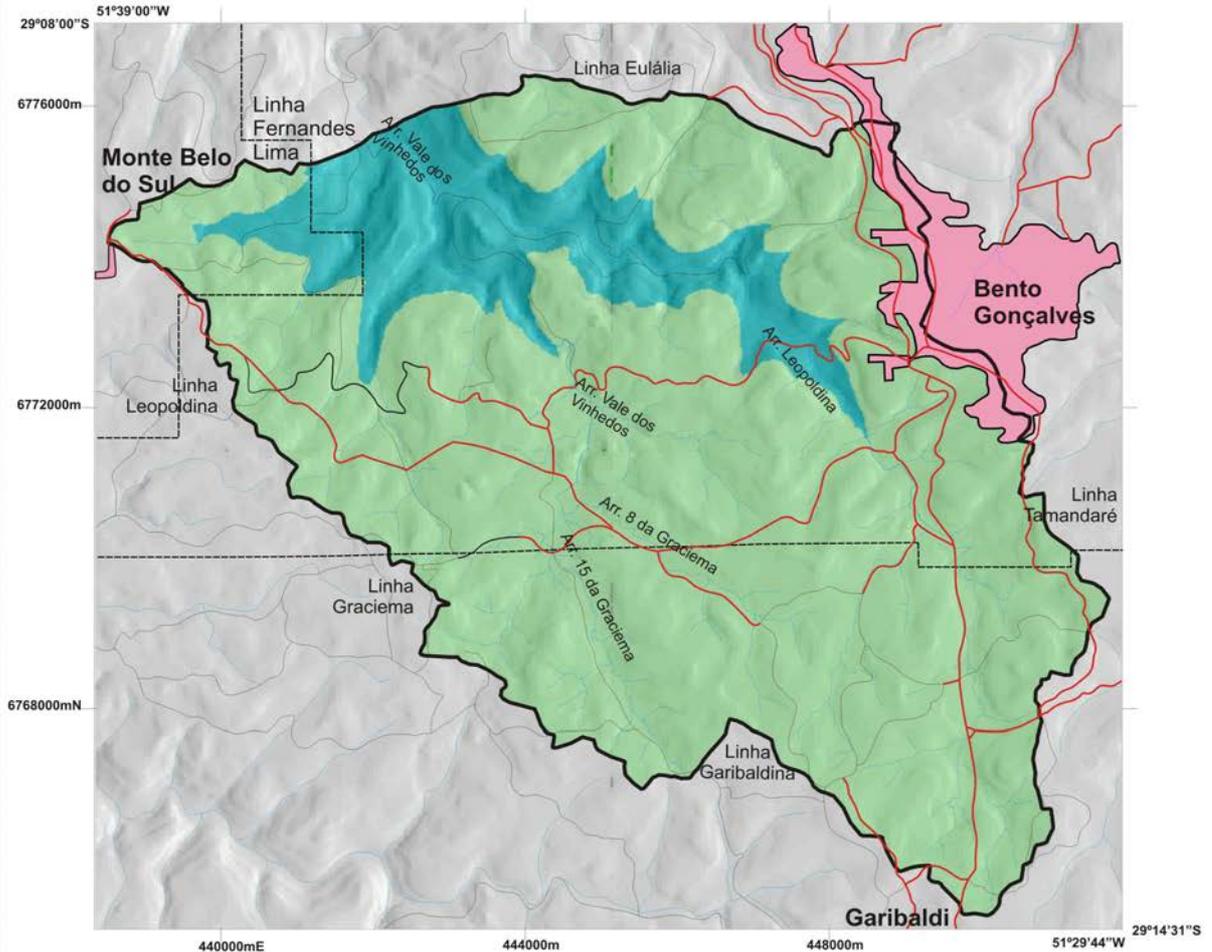
Imagem B - Não Sim

(OBS: as imagens encontram-se inseridas na análise, capítulo 6)

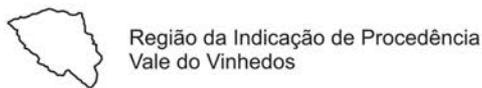
ANEXOS

ANEXO 1

MAPA 38 - Região da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos: geologia



Legenda



Escala 1 : 100.000



Geologia: Formação Serra Geral

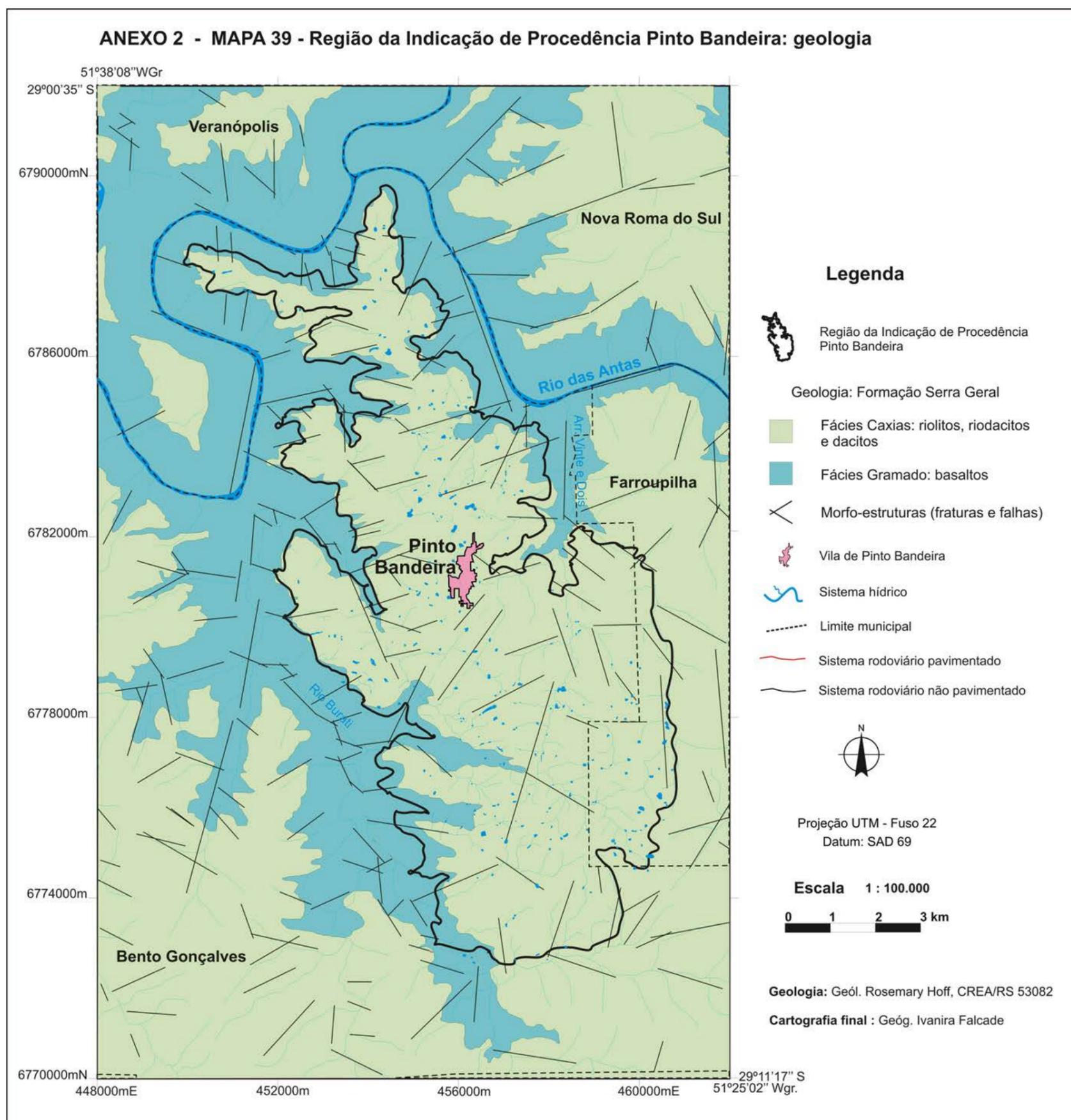
-  Fácies Caxias: riolitos, riocácitos e dacitos
-  Fácies Gramado: basaltos
-  Morfo-estruturas (fraturas e falhas)
-  Cidade
-  Sistema hídrico
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia não pavimentada
-  Limite Municipal



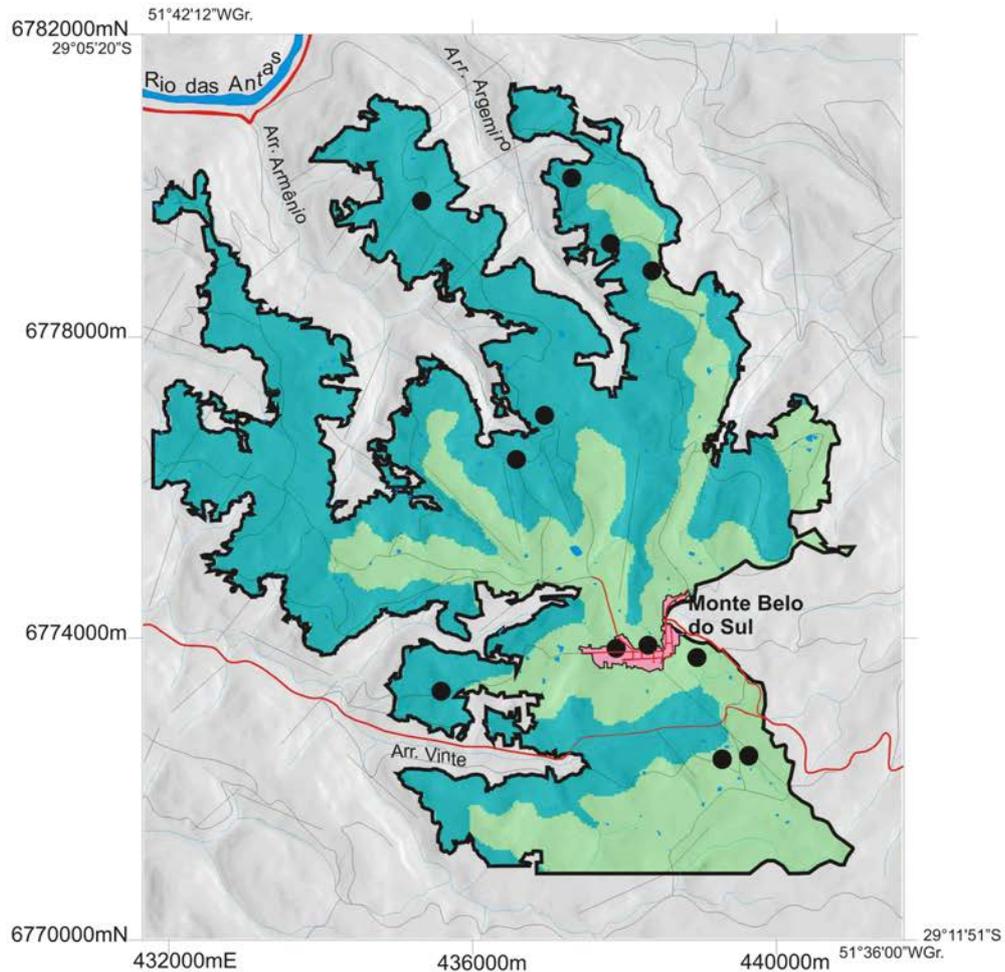
Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Geologia: Geól. Rosemary Hoff, CREA/RS 53082

Arte final : Ivanira Falcade



ANEXO 3

MAPA 40 - Região para a Indicação de Procedência Monte Belo:
geologia**Legenda**

Limite da área geográfica proposta
para a Indicação de Procedência
Monte Belo objeto deste estudo

Geologia: Formação Serra Geral

 Fácies Caxias: riolitos, riodacitos e dacitos

 Fácies Gramado: basaltos

 Morfo-estruturas (fraturas e falhas)

 Cidade

 Sistema hídrico

 Rodovia pavimentada

 Rodovia não pavimentada

 Limite Municipal

Escala 1 : 100.000

0 1 2 3 km



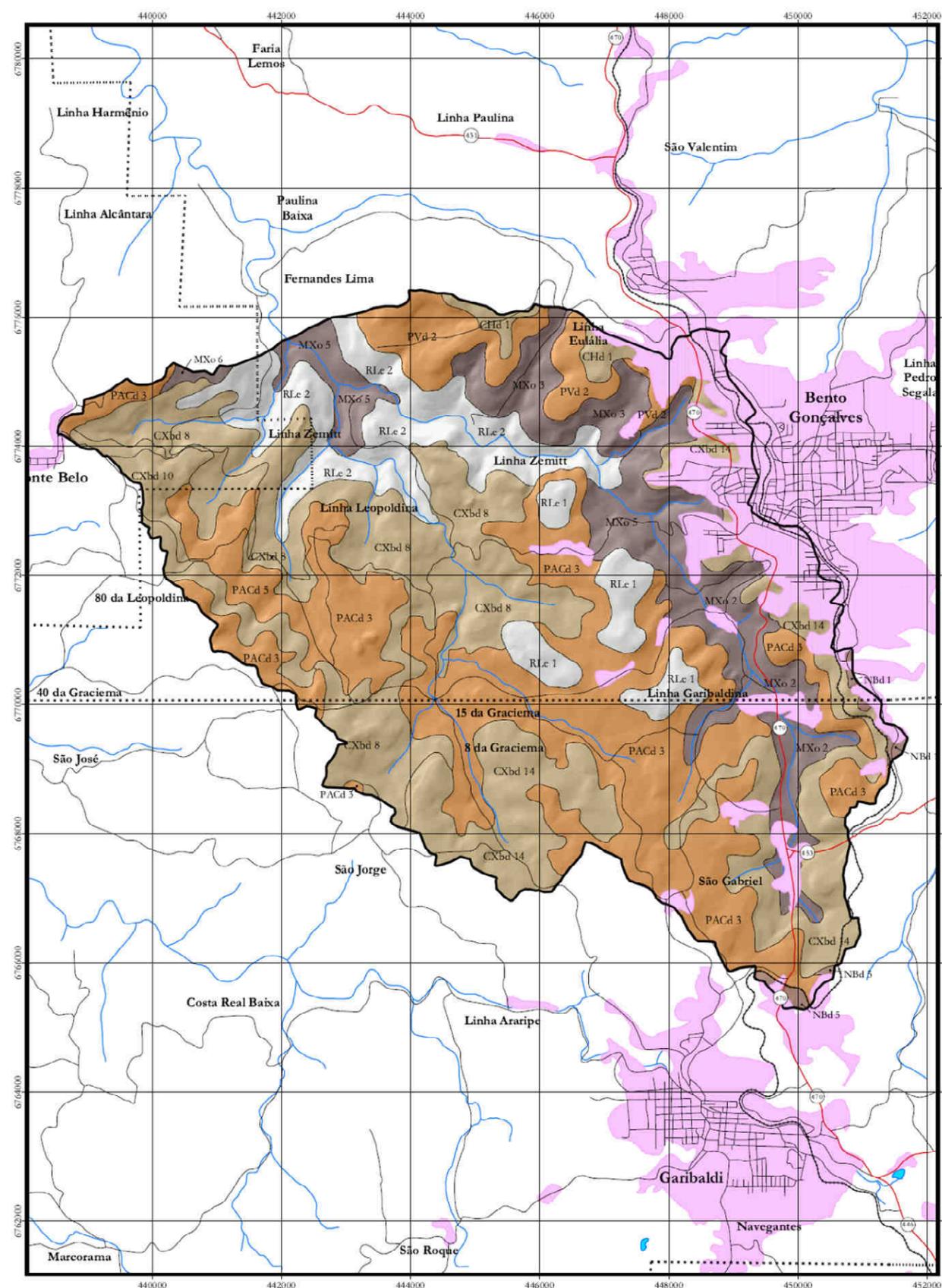

Projeção UTM - Fuso 22
Datum: SAD 69

Geologia: Geól. Rosemary Hoff, CREA/RS 53082

Cartografia final : Geóg. Ivanira Falcade

MAPA 41 - Levantamento semidetalhado de solos Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos

ANEXO 4



Unidades de mapeamento

Argissolos

- PACd 3** Associação: ARGISSOLO ACINZENTADO Distrófico típico textura muito argilosa + CAMBISSOLO HÁPLICO Ta Distrófico típico textura média + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa todos A moderado relevo ondulado
- PACd 5** Associação: ARGISSOLO ACINZENTADO Distrófico típico textura média/argilosa relevo ondulado + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa fase pedregosa relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso todos A moderado
- PVd 2** Associação: ARGISSOLO VERMELHO Tb Distrófico típico A moderado textura média/muito argilosa + CHERNOSSOLO HÁPLICO Ta Órtico típico textura média ambos fase relevo forte ondulado

Cambissolos

- CHd 1** CAMBISSOLO HÚMICO Distrófico típico textura argilosa fase relevo suave ondulado
- CXbd 8** Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa relevo ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico textura média relevo forte ondulado ambos A proeminente fase pedregosa
- CXbd 9** Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa relevo ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média relevo forte ondulado ambos A moderado fase pedregosa
- CXbd 10** Associação: CAMBISSOLO HÚMICO Tb Distrófico típico textura argilosa relevo ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico A moderado textura média relevo forte ondulado ambos fase pedregosa
- CXbd 14** Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico fase pedregosa relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso ambos A moderado textura média

Chernossolos

- MXo 2** Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico fase pedregosa + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico fase pedregosa e rochosa ambos textura média relevo forte ondulado
- MXo 3** Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico fase relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico A moderado fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso ambos textura média
- MXo 5** Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico fase pedregosa + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico fase pedregosa e rochosa ambos textura média + CHERNOSSOLO ARGILÚVICO Férrico típico textura muito argilosa fase pedregosa todos relevo forte ondulado
- MXo 6** Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico textura argilosa fase relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico chernossólico textura média fase pedregosa relevo montanhoso + NITOSSOLO VERMELHO Eutrófico típico A moderado textura muito argilosa fase relevo forte ondulado

Nitossolos

- NBd 1** NITOSSOLO BRUNO Aluminóico argissólico A proeminente textura muito argilosa fase relevo suave ondulado
- NBd 5** Associação: NITOSSOLO BRUNO Distrófico argissólico textura muito argilosa fase relevo suave ondulado + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa fase pedregosa relevo ondulado ambos A proeminente

Neossolos

- RLe 1** Associação: NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico textura média fase pedregosa e rochosa + CAMBISSOLO HÁPLICO Ta Eutrófico típico A moderado textura argilosa ambos fase relevo forte ondulado e montanhoso
- RLe 5** Associação: NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso + CAMBISSOLO HÁPLICO Ta Eutrófico típico textura argilosa fase pedregosa relevo forte ondulado ambos A moderado + AFLORAMENTOS ROCHOSOS relevo escarpado

Convenções

- Corpo d'água
- Área urbana
- Rodovia estadual
- Estrada municipal
- Ferrovia
- Limite municipal
- Limite da Indicação de Procedência

Mapeamento de solos
EMBRAPA Clima Temperado Carlos Alberto Flores
EMBRAPA Florestas Reinaldo Oscar Pötter
Pedro Jorge Fasolo

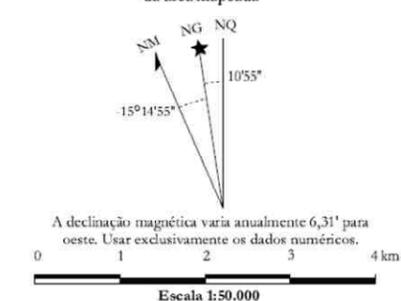
Geoprocessamento
UFRGS Centro de Ecologia Heinrich Hasenack
Eliseu Weber

Editoração
UFRGS Centro de Ecologia Eliana Casco Sarmento

Embrapa
Clima Temperado
Florestas



Declinação magnética em 20 de dezembro de 2005
e convergência meridiana no centro
da área mapeada



Notas de crédito

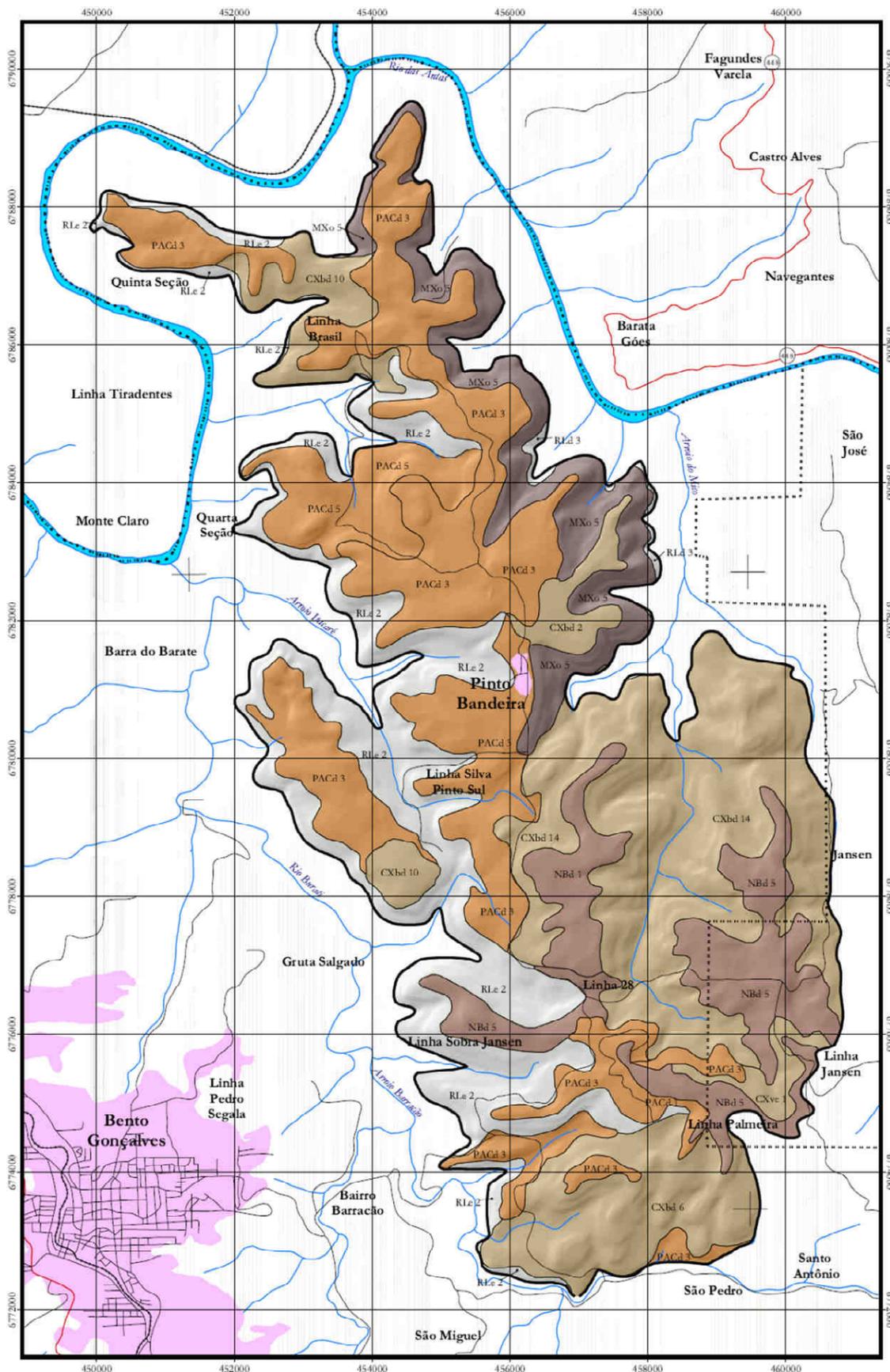
Base cartográfica: Cartas topográficas na escala 1:50.000, Diretoria de Serviço Geográfico do Exército, 1980.
Limites municipais: Malha municipal digital do Brasil: Situação em 2001. IBGE, 2003.
Área urbanizada: Secretaria Executiva do Pró-Guaíba, SIGPROGB, 1995.

Fonte:

FLORES, C.A.; PÖTTER, R.; FASOLO, P.J.; HASENACK, H.; WEBER, E. Mapa semidetalhado de solos da Serra Gaúcha. Escala 1:150.000. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio, 2007. Mapa colorido em 1f, 88 x 97 cm. (Original 280 x 240 cm).

ANEXO 5

MAPA 42 - Levantamento semidetalhado de solos
Indicação de Procedência Pinto Bandeira



Unidades de mapeamento

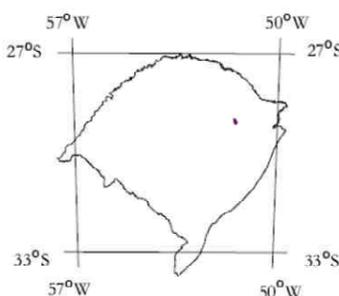
- Argissolos**
 - PACd 1 Associação: ARGISSOLO ACINZENTADO Distrófico típico textura muito argilosa relevo suave ondulado + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa relevo ondulado ambos A proeminente + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico chernossólico textura média fase pedregosa relevo ondulado
 - PACd 3 Associação: ARGISSOLO ACINZENTADO Distrófico típico textura muito argilosa + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura média + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa todos A moderado relevo ondulado
 - PACd 5 Associação: ARGISSOLO ACINZENTADO Distrófico típico textura média/argilosa relevo ondulado + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa fase pedregosa relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso todos A moderado
- Cambissolos**
 - CXbd 2 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa + NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico textura média ambos A proeminente fase pedregosa relevo ondulado
 - CXbd 6 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura média ambos A moderado fase pedregosa relevo forte ondulado
 - CXbd 10 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico A moderado textura média fase pedregosa relevo forte ondulado + NITOSSOLO BRUNO Distrófico argissólico A proeminente textura argilosa relevo ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico A moderado textura média fase pedregosa relevo forte ondulado
 - CXbd 14 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico A moderado textura média fase pedregosa relevo forte ondulado + NITOSSOLO BRUNO Distrófico argissólico A proeminente textura argilosa relevo suave ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico A moderado textura média fase pedregosa relevo forte ondulado
 - CXve 1 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Eutrófico típico fase relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico fase pedregosa relevo montanhoso ambos A moderado textura média

- Chernossolos**
 - MXo 5 Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico fase pedregosa + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico fase pedregosa e rochosa ambos textura média + CHERNOSSOLO ARGILÚVICO Férrico típico textura muito argilosa fase pedregosa todos relevo forte ondulado
- Neossolos**
 - RLe 2 Associação: NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Eutrófico típico textura argilosa fase pedregosa relevo forte ondulado ambos A moderado + AFLORAMENTOS ROCHOSOS relevo escarpado
 - RLe 3 Associação: NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico A proeminente textura média fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico A moderado textura argilosa fase pedregosa relevo forte ondulado + AFLORAMENTOS ROCHOSOS relevo escarpado
- Nitossolos**
 - NBd 1 NITOSSOLO BRUNO Aluminífero argissólico A proeminente textura muito argilosa fase relevo suave ondulado
 - NBd 5 Associação: NITOSSOLO BRUNO Distrófico argissólico textura muito argilosa fase relevo suave ondulado + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura argilosa fase pedregosa relevo ondulado ambos A proeminente

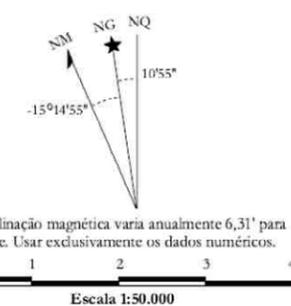
Convenções

- Corpo d'água
- Área urbana
- Rodovia estadual
- Estrada municipal
- Ferrovia
- Limite municipal
- Limite da Indicação de Procedência

Situação do mapeamento no Rio Grande do Sul



Declinação magnética em 20 de dezembro de 2005 e convergência meridiana no centro da área mapeada



A declinação magnética varia anualmente 6,31' para oeste. Usar exclusivamente os dados numéricos.
Escala 1:50.000

Projeção UTM Datum horizontal: SAD 69
Origem da quilometragem UTM: Equador e meridiano 51° W, acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente.

Mapeamento de solos

EMBRAPA Clima Temperado Carlos Alberto Flores
EMBRAPA Florestas Reinaldo Oscar Pötter
Pedro Jorge Fasolo

Geoprocessamento

UFRGS Centro de Ecologia Heinrich Hasenack
Eliseu Weber

Editoração

UFRGS Centro de Ecologia Eliana Casco Sarmento



Notas de crédito

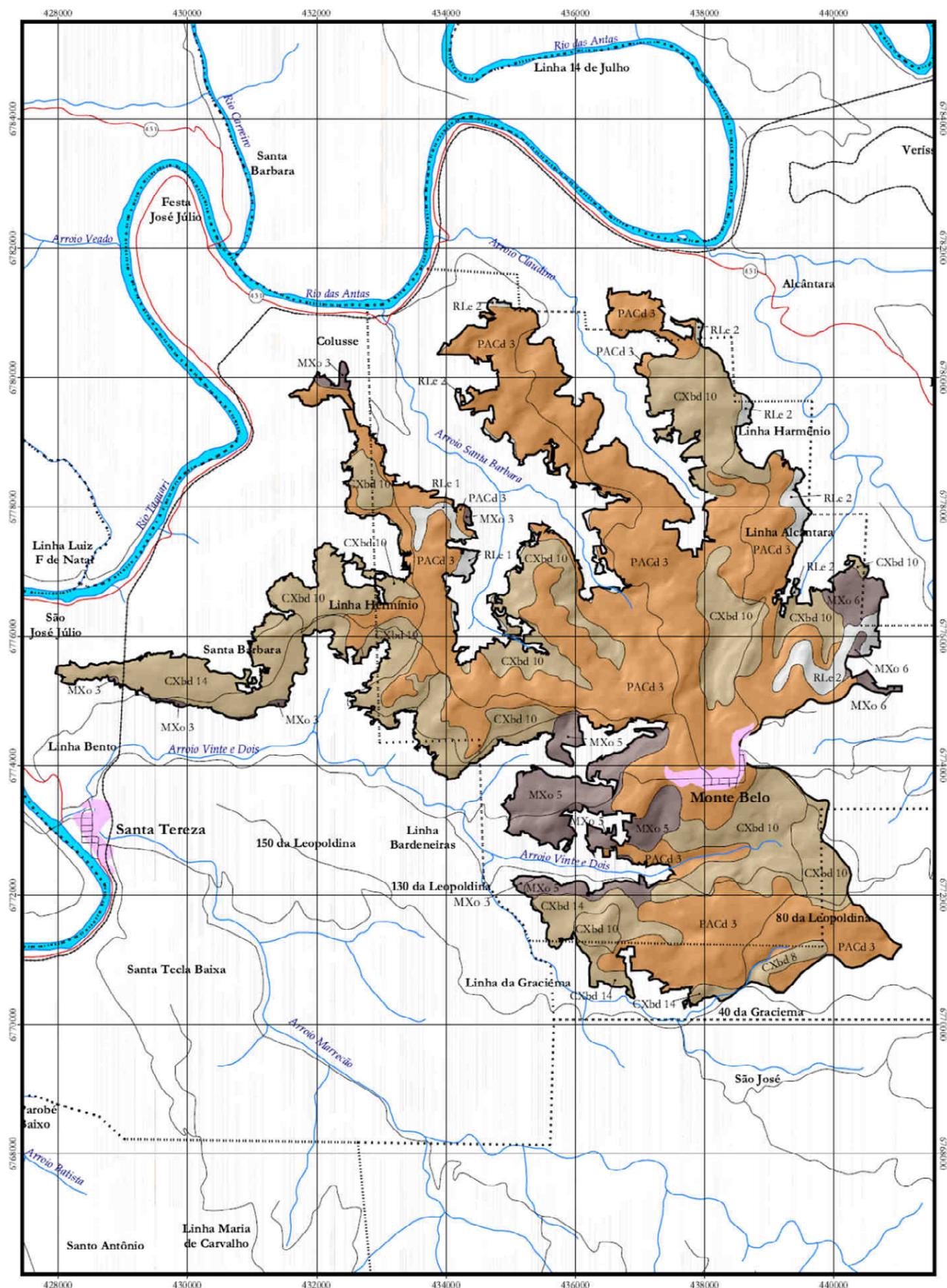
Base cartográfica: Cartas topográficas na escala 1:50.000. Diretoria de Serviço Geográfico do Exército, 1980.
Limites municipais: Malha municipal digital do Brasil: Situação em 2001. IBGE, 2003.
Área urbanizada: Secretaria Executiva do Pró-Guaíba, SIGPROGB, 1995.

Fonte:

FLORES, C.A.; PÖTTER, R.; FASOLO, P.J.; HASENACK, H.; WEBER, E. Mapa semidetalhado de solos da Serra Gaúcha. Escala 1:150.000. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio, 2007. Mapa colorido em 1f, 88 x 97 cm. (Original 280 x 240 cm)

MAPA 43 - Levantamento semidetalhado de solos Indicação de Procedência Monte Belo

ANEXO 6



Unidades de mapeamento

- Argissolos**
 - PACd 3 Associação: ARGISSOLO ACINZENTADO Distrófico típico textura muito argilosa + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico textura média + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa todos A moderado relevo ondulado
- Cambissolos**
 - CXbd 8 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico A moderado fase pedregosa + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico fase pedregosa e rochosa ambos textura média relevo forte ondulado
 - CXbd 10 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico fase pedregosa relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso ambos A moderado textura média
 - CXbd 14 Associação: CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico típico A moderado textura média fase pedregosa relevo forte ondulado + NITOSSOLO BRUNO Distrófico argissólico A proeminente textura argilosa relevo ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico A moderado textura média fase pedregosa relevo forte ondulado
- Chernossolos**
 - MXo 3 Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico fase relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico A moderado fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso ambos textura média
 - MXo 5 Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico fase pedregosa + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico fase pedregosa e rochosa ambos textura média + CHERNOSSOLO ARGILUVÍCO Pétrico típico textura muito argilosa fase pedregosa todos relevo forte ondulado
 - MXo 6 Associação: CHERNOSSOLO HÁPLICO Órtico típico textura argilosa fase relevo forte ondulado + NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico chernossólico textura média fase pedregosa relevo montanhoso + NITOSSOLO VERMELHO Eutrófico típico A moderado textura muito argilosa fase relevo forte ondulado
- Neossolos**
 - RLe 1 Associação: NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico textura média fase pedregosa e rochosa + CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Eutrófico típico A moderado textura argilosa ambos fase relevo forte ondulado e montanhoso
 - RLe 2 Associação: NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico típico textura média fase pedregosa e rochosa relevo montanhoso + CAMBISSOLO HÁPLICO Ta Eutrófico típico textura argilosa fase pedregosa relevo forte ondulado ambos A moderado + AFLORAMENTOS ROCHOSOS relevo escarpado

Convenções

- Corpo d'água
- Área urbana
- Rodovia estadual
- Estrada municipal
- Ferrovia
- Limite municipal
- Limite da Indicação de Procedência

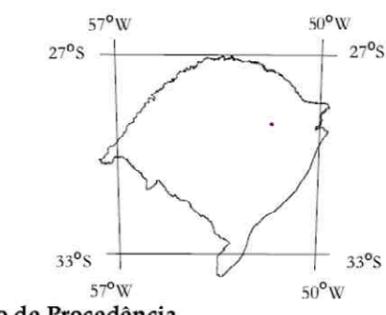
Mapeamento de solos
 EMBRAPA Clima Temperado Carlos Alberto Flores
 EMBRAPA Florestas Reinaldo Oscar Pötter
 Pedro Jorge Fasolo

Geoprocessamento
 UFRGS Centro de Ecologia Heinrich Hasenack
 Eliseu Weber

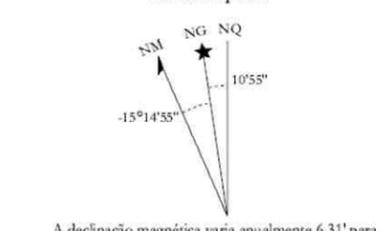
Editoração
 UFRGS Centro de Ecologia Eliana Casco Sarmiento



Situação do mapeamento no Rio Grande do Sul



Declinação magnética em 20 de dezembro de 2005 e convergência meridiana no centro da área mapeada



Escala 1:50.000
 Projeção UTM Datum horizontal: SAD 69
 Origem da quilometragem UTM: Equador e meridiano 51°W, acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente.

Notas de crédito

Base cartográfica: Cartas topográficas na escala 1:50.000. Diretoria de Serviço Geográfico do Exército, 1980.
 Limites municipais: Malha municipal digital do Brasil. Situação em 2001. IBGE, 2003.
 Área urbanizada: Secretaria Executiva do Pró-Guaíba, SIGPROGB, 1995.
 Fonte: FLORES, C.A.; PÖTTER, R.; FASOLO, P.J.; HASENACK, H.; WEBER, E. Mapa semidetalhado de solos da Serra Gaúcha. Escala 1:150.000. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio, 2007. Mapa colorido em 1f, 88 x 97 cm. (Original 280 x 240 cm)